

SERMÕES
SELETA

Padre Antônio Vieira





SERMÕES
SELETA

Padre Antônio Vieira

Prefácio: Jaqueson Luis da Silva



FUNDAÇÃO
DARCY RIBEIRO

EDITORA
UnB



Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



SUMÁRIO

Apresentação	xi
Prefácio – Jaqueson Luis da Silva	xiii
Sermão da sexagésima	
Pregado na Capela Real, no ano de 1655	3
Sermão de Santo Antônio	
Pregado em São Luís do Maranhão, três dias antes de se embarcar ocultamente para o reino	36
Sermão do mandato (1643)	71
Sermão ao enterro dos ossos dos enforcados	
Pregado na Igreja da Misericórdia da Bahia, ano de 1637, em que ardia aquele estado em guerra	106
Sermão da primeira domingo do advento (1650)	
Pregado na Capela Real, no ano de 1650	132
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda	159
Sermão de Nossa Senhora do Ó (1640)	186
Sermão das cadeias de São Pedro em Roma	
Pregado na Igreja de São Pedro. No qual sermão é obrigado, por estatuto, o pregador a tratar da providência, ano de 1674	216

Sermão das quarenta horas	
Em Lisboa, na Igreja de São Roque, ano de 1642	243
Sermão do demônio mudo	
No convento de Odivelas, religiosas do patriarca São Bernardo. Ano de 1651	275
Sermão na degolação de São João Batista, em Odivelas, ano de 1653	313
Sermão das chagas de São Francisco	
Pregado em Roma, na archi-irmandade das mesmas chagas, ano de 1672	340
Palavra do pregador empenhada e defendida: empenhada publicamente no sermão de ação de graças pelo nascimento do Príncipe D. João, primogênito de SS. Majestades, que Deus guarde; defendida depois de sua morte em um discurso apologético	360
Referências das edições para a coletânea de textos de Vieira	434
Sermões	434

A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

A ação retórica de Vieira

A obra do Padre Antônio Vieira (1608-1697) é vasta em criação, disposição e extensão, circunscrevendo-se em sermões, tratados, cartas e outros discursos. Faço aqui um breve percurso em que se apresentam alguns aspectos dessa obra e, da mesma forma, alguns nomes daqueles que dela têm cuidado nesses últimos tempos, também como forma de continuar o interesse dos que leem Vieira a partir daquilo que é mais conhecido: alguns sermões.

Os sermões encontram-se em edições que contemplam desde fac-símile dos volumes organizados pelo próprio jesuíta a partir de 1679 – continuados por André de Barros, colega de ordem, e encerrada em 1748 – até edições recentes que selecionam os sermões segundo critérios de organizadores especializados na obra vieiriana e que nessas especialidades conduzem as escolhas (uma ordem da qual não posso escapar). Do mesmo modo, a chamada obra profética de Antônio Vieira tem recebido especial atenção dos editores, apresentando a leitores este conjunto de textos de densidade diferente da obra parenética e que, a meu ver, resiste a uma organização por meio de extratos, uma vez que respondem a uma ação retórica circunscrita na defesa perante o Tribunal do Santo Ofício, em que o jesuíta sofreu processo oficialmente do ano de 1660 a 1667.

Os estudiosos, por meio de posturas críticas e interpretativas diversas, comumente compreendem e dividem no conjunto dos



papéis proféticos do jesuíta a massa textual escrita nesse período e editada como História do Futuro, Livro Antepimeiro da História do Futuro, Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício, Defesa do Livro Intitulado Quinto Império e Apologia das Coisas Profetizadas¹. Antes desses textos, a carta datada de 1659 e intitulada Esperanças de Portugal é tida por muitos como o início de todo esse processo, não só o inquisitorial, mas do plano profético do jesuíta: o Quinto Império. Outros o situam antes mesmo, em sermões do início da prática oratória de Vieira. Encerrado o processo, o jesuíta ainda compôs a considerada Carta Apologética ao Padre Jácome Iquazafigo que junto àquela se encontra nos volumes de cartas organizados e publicados por João Lúcio de Azevedo em 1925 e que receberam nova edição recentemente.

Do mesmo modo que se nota a vastidão dessa obra, também se percebe sua incompletude no sentido de que, ao se estudar os sermões, suponho não haver uma intenção ou mesmo circunstância de lhe dar um aspecto conjuntivo ou de plano profético vinculado à prática tratadística. Se há uma unidade, parece estar mais na ação de organização e de leitura de si mesmo que o jesuíta empreende a partir de 1679 com o início da publicação da edição princeps dos sermões. E tal unidade se desfaz imediatamente por meio de sua natureza retórica de que escreverei mais adiante.

Em um primeiro momento, como salienta Vieira ao leitor no início do Tomo I, a publicação dos sermões fez-se muito para resolver a dispersão de seus sermões, que circulavam em espanhol e em português, e também para desfazer dúvidas de muitas

1 Maria Leonor Carvalhão Buescu, José van den Besselaar, Hernani Cidade e Adma Fadul Muhana são alguns desses exímios editores, respectivamente. A *Clavis Prophetarum*, uma obra posterior ao processo considerada síntese e finalização desse empreendimento profético de Vieira, teve sua edição cuidada por Arnaldo Espírito Santo segundo o projeto de Margarida Vieira Mendes.



pregações que iam em folhetos e edições estrangeiras e que equivocadamente tinham a autoria atribuída ao seu nome. Salienta-se que muitos sermões editados em espanhol e em folhetos portugueses possuem a mesma lição do que se encontra na edição organizada por Vieira posteriormente ao processo na Inquisição, e outros, principalmente os que a partir das edições espanholas serviram de base para a arguição dos inquisidores, foram modificados, sem, no entanto, sofrerem mudanças drásticas em suas finalidades primeiras.²

Talvez nesse momento, o jesuíta oriente o leitor de que seus sermões precisem ser lidos pelo menos em duas perspectivas: antes e depois dos eventos de seu processo inquisitorial. É nesse sentido que este prefácio ratifica essa orientação, que evidentemente sofre a interpretação já feita a partir de uma leitura e interpretação minuciosas que empreendi e que em menor escala orienta a escolha do que vai nesta seleção.

Segundo se pode ver em uma leitura exaustiva dos sermões, vinculada e desvinculada das peças do processo, o jesuíta faz de si

² Aqui transcrevemos em grafia atualizada o que se encontra no texto dirigido ao leitor no Tomo I dos Sermões, 1679: “Outra vez, Leitor, me hás de ouvir: outra vez não só peço, mas imploro tua atenção. E se te faltar paciência, bem a podes aprender da minha, pelo que agora direi. Saberá que devo grandes obrigações aos Impressores, principalmente de Espanha. No ano de 1662 imprimiram em Madri debaixo do meu nome um livro intitulado: *Sermones Varios*: e no ano de 1664 outro, a que chamaram Segunda Parte. As mais intoleráveis injúrias são aquelas a que se deve agradecimento: e a tal foi este benefício. Muito dos ditos Sermões, como já te adverti, são totalmente alheios e supostos. E os que verdadeiramente são, ou tinham sido meus, ou por vício dos exemplares ou por outros respeitos (não ocultos), se estamparam por maior parte em tal figura, que eu mesmo os não conheço. E porque de presente ouço que ainda se continua a estampa de outros (os quais devem ser mais dignos de sair à luz, pois lhes fazem esta honra) para que eu a não logre roubada a seus verdadeiros Autores e os que os lerem se não enganem com eles, e comigo; me pareceu no princípio deste primeiro Tomo escrever-te esta como Carta de guia, pela qual sem equivocação do nome saibas a quem lês e como.”

mesmo lugar-comum quando toma os próprios textos como matéria para a elaboração de outras peças retóricas. Esta a primeira perspectiva do leitor dos sermões que acompanha a de Vieira que recolhe de suas pregações referências, autoridades, passagens, para a criação dos textos elaborados na defesa perante a mesa inquisitorial. Esse procedimento elabora a escritura de Vieira bem mais no âmbito da ação, por isso retórica, do que propriamente da projeção de uma ideia, quer dizer, é menos um todo idealista que uma organicidade de matérias que se arregimenta a finalidades específicas nas peças em que se encontram ou *a posteriori* como ficção de uma obra inteira, ou seja, é todo e partes de um todo, aristotelicamente falando.

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para a dúvida. É, porém, necessário que essa confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores dessa arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.³

Há que se salientar que essa ficção, e não esse idealismo, é elaborada pelo próprio Vieira. Esta, portanto, a segunda perspectiva, sucedida talvez por tantas outras, que fazem ver nos sermões organizados depois de terminado o processo uma profecia que antes nunca esteve lá: o Quinto Império. Entretanto, faz ver os seus

3 ARISTÓTELES. *Retórica*, L.I, 2 [1356a]. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 49.



lugares de invenção, disposição e elocução em tópicos, lugares-comuns, fragmentos.

É nesse sentido que a obra de Vieira apresenta a dificuldade em se estabelecer em uma coletânea ou em uma obra completa: sua especificidade retórica. Aqui nos eximimos de tratar a igualmente vasta preceptiva retórica presente no século XVII⁴ por questões relativas aos aspectos do texto que escrevemos, mas temos fixado em Aristóteles que é modelo desse tempo, a retórica como arte de dispor lugares-comuns de uma dada matéria.⁵ Um sermão, sendo um discurso retórico, é peça organizada em si mesma e lugar para outros discursos em uma cadeia infinita de invenção. Vista desse modo, a obra de Vieira nunca se fecha, nunca se completa, mas se organiza como uma matéria que se inventa, se dispõe e diz conforme é orientada por aquele que a lê, tendo como início o próprio Vieira que lê e escreve a si mesmo.

Os sermões, assim, avançando a disposição do Sermão da Sexagésima como exórdio do sermonário, são a própria retórica em ação. É por isso que, quando convidado a fazer a seleção de textos de Vieira para esta coleção, paradoxalmente encontro-me em lugar conservador de optar pelos sermões, mas de ao mesmo tempo tomá-los como base para orientar a leitura a outros textos mais ocultos do leitor não especializado. Portanto, os sermões que vão aqui selecionados, amparados na edição 1679-1748, ratificam uma escolha que vem celebrada desde o século XVII de início com o irrevogável e indefectível Sermão da Sexagésima, 1655, uma vez que recolhe, empenha e desempenha lugares-comuns que são o próprio Vieira, ou seja, é uma alegoria que olha para si mesma:

4 Pode-se consultar para expandir esse aspecto o tratado de Frei Luis de Granada (1504-1588), *Los seis libros de la Rhetorica Ecclesiastica*.

5 Cf. Retórica, L. I, 2 [1335b].

Mas para que possais ir desenganados com o Sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos Sermões, que vos hei de pregar e aos mais que ouvirdes esta Quaresma (Sermões, I, 13).

Passamos por outros sermões cujas matérias vão reconhecidas por seu aspecto factual, como o Sermão pelo bom sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda, 1640, e outros talvez, como modo de conhecer o jesuíta em ação retórica não menos factual ou engenhosa em textos ainda pouco lidos, suponho, como o Sermão do enterro dos ossos dos enforcados, 1637, o Sermão das quarenta horas, 1642, e o Sermão das cadeias de São Pedro em Roma, 1674.

Nota-se que a maioria dos sermões selecionados encontra-se nas décadas de 1940 e 1950. Obviamente o período de maior atuação do jesuíta e de antes das circunstâncias em que fora sentenciado a não discorrer sobre as proposições censuradas “nem de palavra, nem por escrito, sob pena de ser rigorosamente castigado”⁶ pela mesa do Santo Ofício. De outro modo, a presença de discursos como Palavra de Deus desempenhada, 1688 e Palavra do pregador empenhada e defendida estabelece-se como lição do quanto Vieira perfaz-se retórica de si mesmo, à medida que o método da interpretação da profecia molda o sermão e especifica sua finalidade, ao mesmo tempo em que espalha sua matéria. Ou seja, em Vieira mais do que ideias, há matérias que se conformam em discursos. Assim, seguindo o preceito retórico de que a persuasão se faz pelo discurso e não por uma imagem prévia do orador, o engano do auditório com o pregador do início do Sermão da

⁶ Sentença in *Os autos do processo de Vieira na Inquisição*. Edição, transcrição, glossário e notas Adma Muhana. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1995, p. 369.

Sexagésima, o Padre Antônio Vieira é um em cada sermão que proferiu e escreveu e um todo em todos eles. Fazer do jesuíta um idealista é lhe tirar o caráter de orador.

JAQUESON LUIZ DA SILVA É PROFESSOR DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVI-XVIII DA UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. É DOUTOR EM LETRAS PELA MESMA INSTITUIÇÃO.



SERMÕES
SELETA

Padre Antônio Vieira



SERMÃO DA SEXAGÉSIMA
PREGADO NA CAPELA REAL, NO ANO DE 1655

Semen est verbum Dei. São Lucas, VIII, II

I

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exiit qui seminatur, seminare. Diz Cristo que “saiu o pregador evangélico a semear” a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a sementeira e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dependeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a sementeira; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a sementeira e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

Mas daqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou



porque os pregadores evangélicos, os homens que professam pregar e propagar a Fé, é bem que saiam, mas não é bem que tornem. Aqueles animais de Ezequiel que tiravam pelo carro triunfal da glória de Deus e significavam os pregadores do Evangelho que propriedades tinham? *Nec revertebantur, cum ambularent*: “Uma vez que iam, não tornavam.” As rédeas por que se governavam eram o ímpeto do espírito, como diz o mesmo texto: mas esse espírito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer; porque sair para tornar melhor é não sair. Assim arguis com muita razão, e eu também assim o digo. Mas pergunto: E se esse sementeiro evangélico, quando saiu, achasse o campo tomado; se se armassem contra ele os espinhos; se se levantassem contra ele as pedras, e se lhe fechassem os caminhos que havia de fazer? Todos estes contrários que digo e todas estas contradições experimentou o sementeiro do nosso Evangelho. Começou ele a semear (diz Cristo), mas com pouca ventura. “Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos”: *Aliud cecidit inter spinas et simul exortae spinae suffocaverunt illud*. “Outra parte caiu sobre pedras, e secou-se nas pedras por falta de umidade”: *Aliud cecidit super petram, et natum aruit, quia non habebat humorem*. “Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves”: *Aliud cecidit secus viam, et conculcatum est, et volucres coeli comederunt illud*. Ora vede como todas as criaturas do Mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as criaturas quantas há no Mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras; e não há mais. Faltou alguma destas que se não armasse contra o sementeiro? Nenhuma. A natureza insensível o perseguiu nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notai a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, ali achou maior agravo. As pedras



secaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no; e os homens? Pisaram-no: *Conculcatum est. Ab hominibus* (diz a Glossa).

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae*: “Ide, e pregai a toda a criatura.” Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão-de pregar aos troncos?! Hão-de pregar aos animais?! Sim, diz São Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque, como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a toda a criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça!

Mas ainda a do semeador do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spiniae suffocaverunt illud*; trigo comido: *Volucres caeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcutum est*. Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande Rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na Ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Notum aruit, quia*



non habebant humorem! E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est!* Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados.

Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? – Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel com que arguistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais da carroça de Deus, “quando iam não tornavam”: *Nec revertebantur, cum ambularent*. Lede agora dois versos mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto que “aqueles animais tornavam, e semelhança de um raio ou corisco”: *Ibant et revertebantur in similitudinem fulgoris coruscantis*. Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Porque quem vai e volta como um raio, não torna. Ir e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante. Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum*.

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grandes esperanças a sementeira porque, ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, por que se perderá também? Por que não dará fruto? Por que não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Por que não terá também o seu Outono a vida? As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo. Será bem que o Mundo morra à fome? Será bem que os últimos dias se passem em flores? – Não será bem, nem Deus quer que seja, nem há-de ser. Eis aqui por que eu dizia ao princípio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei-de pregar, e aos mais que ouvirdes esta Quaresma.

Semen est verbum Dei.

II

O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas,



com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do Mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque a desatendem ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum.*

Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso, depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o Mundo fora santo. Este argumento de fé, fundado na autoridade de Cristo, se aperta ainda mais na experiência, comparando os tempos passados com os presentes. Lede as histórias eclesiásticas, e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis renunciando os cetros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e pelas covas; e hoje? – Nada disto. Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era.

Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

III

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, e necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que são o conhecimento. Ora, suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o semeador,



uma parte se logrou e três se perderam. E por que perderam estas três? – A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves. Isto é o que diz Cristo; mas notai o que não diz. Não diz que parte alguma daquele trigo se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois por que não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva? – Porque o sol e a chuva são as afluências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influências do Céu, isso nunca é nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua parte, com o sol para aquecer e com a chuva para regar; com o sol para alumiar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos*. Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que se quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não há para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineae meae, et non feci?* – disse o mesmo Deus por Isaías.

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto,



faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortae spinae suffocaverunt illud*. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit*. O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão funda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos, não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras, não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E porquê? – Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas*: O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a ele; e o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão vos picou e vós, e não é assim; vós sois os que picais o sermão. Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são piores que as pedras! A vara de Moisés abrandou as pedras, e não pôde abrandar uma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, et egressae sunt aquae largissimae. Induratum est cor Pharaonis*. E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina

palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras.

Pudéramos arguir ao lavrador do Evangelho de não cortar os espinhos e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de indústria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. É tanta a força da divina palavra que, sem cortar nem despontar espinhos, nasce entre espinhos. É tanta a força da divina palavra, que, sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras. Corações embaraçados como espinhos, corações secos e duros como pedras, ouvi a palavra de Deus e tende confiança! Tomai exemplo nessas mesmas pedras e nesses espinhos! Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do Céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem.

Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus não ficam nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se, por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa nossa.

IV

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em



todas, em qual consistirá esta culpa? – No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa.

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? – Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador são nome; o que saneia e o que prega são ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são os que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? – o conceito que de sua vida têm os ouvintes.

Antigamente convertia-se o Mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de Davi derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus*. As vozes da harpa de Davi lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão: Davi *tollebat*

citharam, et percutiebat manu sua. Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? – Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras! Quis Deus converter o Mundo, e que fez? – Mandou ao Mundo seu Filho feito homem. Notai. O Filho de Deus, enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum non factum*. O Filho de Deus, enquanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus juntamente: *Verbum caro factum est*. De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu a eficácia da salvação do Mundo. Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras veem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No Céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na Terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no Céu e na Terra? Pois como no Céu obriga e necessita a todos a o amarem, e na Terra não? A razão é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na Terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos: *Videbimus eum sicut est*; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu*; e o que entra pelos ouvidos crê-se, o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros.



Vai um pregador pregando a Paixão, chega ao pretório de Pilatos, conta como a Cristo o fizeram rei de zombaria, diz que tomaram uma púrpura e lhe puseram aos ombros; ouve aquilo o auditório muito atento. Diz que teceram uma coroa de espinhos e que lhe pregaram na cabeça; ouvem todos com a mesma atenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e lhe meteram nelas uma cana por cetro; continuam o mesmo silêncio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se neste espaço uma cortina aparece a imagem do Ecce Homo; eis todos prostrados por terra, eis todos a bater no peito, eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas. Que é isto? Que apareceu de novo nesta igreja? Tudo o que descobriu aquela cortina, tinha já dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela coroa e daqueles espinhos, já tinha dito daquele cetro e daquela cana. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? – Porque então era Ecce Homo ouvido, e agora é Ecce Homo visto; a relação do pregador entrava pelos ouvidos a representação daquela figura entra pelos olhos. Sabem, padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? – Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Porque convertia o Batista tantos pecadores? – Por que assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos. As palavras do Batista pregavam penitência: *Agite poenitentiam*. “Homens, fazei penitência” – e o exemplo clamava: Ecce Homo: “eis aqui o homem” que é o retrato da penitência e da aspereza. As palavras do Batista pregavam jejum e reprendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: Ecce Homo: eis aqui o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Batista pregavam composição e modéstia, e condenavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: Ecce Homo: eis aqui o homem vestido de peles de camelo, com as cordas e cilício à raiz da carne. As palavras do Batista pregavam

despegos e retiros do Mundo, e fugir das ocasiões e dos homens; e o exemplo clamava: Ecce Homo: eis aqui o homem que deixou as cortes e as sociedades, e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e veem outra, como se hão-de converter? Jacó punha as varas manchadas diante das ovelhas quando concebiam, e daqui procedia que os cordeiros nasciam malhados. Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas manchas, como hão-de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o sementeiro e outra o que semeia, como se há-de fazer fruto?

Muito boa e muito forte razão era esta de não fazer fruto a palavra de Deus; mas tem contra si o exemplo e experiência de Jonas. Jonas fugitivo de Deus, desobediente, contumaz, e, ainda depois de engolido e vomitado, iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso e amigo da própria estimação que da honra de Deus e salvação das almas, desejoso de ver subvertida a Nínive e de a ver subverter com seus olhos, havendo nela tantos mil inocentes; contudo este mesmo homem com um sermão converteu o maior rei, a maior corte e o maior reinado do Mundo, e não de homens fiéis senão de gentios idólatras. Outra é logo a causa que buscamos. Qual será?

V

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empeçado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há-de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é



uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na música tudo se faz por compasso, na arquitetura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte caía onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador do Evangelho. “Caía o trigo nos espinhos e nascia.” *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinae.* “Caía o trigo nas pedras e nascia”: *Aliud cecidit super petram, et ortum.* “Caía o trigo na terra boa e nascia”: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum.* Ia o trigo caindo e ia nascendo.

Assim há-de ser o pregar. Hão-de cair as coisas, não-de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio; uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm! Há tal tirania? Então no meio disto, que bem levantado está aquilo! Não está a coisa no levantar, está no cair: *Cecidit.* Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há-de ter três modos de cair: há-de cair com queda, há-de cair com cadência, há-de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas porque não-de vir bem trazidas e em seu lugar; não-de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não-de ser escabrosas nem dissonantes; não-de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há-de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit.*

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E qual foi ele? – O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu. *Coeli*

enarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat Firmamentum – diz Davi. Suposto que o céu é pregador, deve de ter sermões e deve de ter: palavras. Sim, tem, diz o mesmo Davi; tem palavras e tem sermões; e mais, muito bem ouvidos. *Non sunt loquellae, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum*. E quais são estes sermões e estas palavras do céu? – As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: *Stellae manentes in ordine suo*. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura e o mareante para sua navegação e o matemático para as suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler nem escrever, entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quanto nelas há. Tal



pode ser o sermão: – estrelas que todos veem, e muito poucos as medem.

Sim, Padre; porém esse estilo de pregar não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. É possível que somos portugueses e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?! Assim como há Lexicon para o grego e Calepino para o latim, assim é necessário haver um vocabulário do púlpito. Eu ao menos o tomara para os nomes próprios, porque os cultos têm desbatizados os santos, e cada autor que alegam é um enigma. Assim o disse o Cetro Penitente, assim o disse o Evangelista Apeles, assim o disseram a Águia de África, o Favo de Claraval, a Púrpura de Belém, a Boca de Ouro. Há tal modo de alegar! O Cetro Penitente dizem que é Davi, como se todos os cetros não foram penitência; o Evangelista Apeles, que é São Lucas; o Favo de Claraval, São Bernardo; a Águia de África, Santo Agostinho; a Púrpura de Belém, São Jerônimo; a Boca de Ouro, São Crisóstomo. E quem quitaria ao outro cuidar que a Púrpura de Belém é Herodes que a Águia de África é Cipião, e que a Boca de Ouro é Midas? Se houvesse um advogado que alegasse assim a Bártolo e Baldo, havíeis de fiar dele o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim falasse na conversação, não o havíeis de ter por néscio? Pois o que na conversação seria necessidade, como há-de ser discrição no púlpito?

Boa me parecia também esta razão; mas como os cultos pelo polido e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrósio, com Crisólogo, com Leão, e pelo escuro e duro com Clemente Alexandrino, com Tertuliano, com Basílio de Selêucia, com Zeno Veronense e outros, não podemos negar a reverência a

tamanhos autores posto que desejáramos nos que se prezam de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

VI

Será pela matéria ou matérias que tomam os pregadores? Usa-se hoje o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos e quem levanta muita caça e não segue nenhuma não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é também esta. O sermão há-de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há-de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há-de colher senão vento? O Batista convertia muitos em Judeia; mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam Domini*: a preparação para o Reino de Cristo. Jonas converteu os ninivitas; mas quantos assuntos tomou? Um só assunto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto; e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos



nenhum. O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão,

são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar “árvore da vida”, há-de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, não só com os preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos, mas com a prática observada do príncipe dos oradores evangélicos, São João Crisóstomo, de São Basílio Magno, São Bernardo.

São Cipriano, e com as famosíssimas orações de São Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, São Gregório e muitos outros, se acham os Evangelhos apostilados com nomes de sermão e homilias, uma coisa é expor, e outra pregar; uma ensinar e outra persuadir desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo Antônio de Pádua e São Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo que seja ainda esta a verdadeira causa que busco.

VII

Será porventura a falta de ciência que há em muitos pregadores? Muitos pregadores há que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há-de pregar o seu, e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: *Semen suum*. Semeou o seu, e



não o alheio, porque o alheio e, o furtado não são bons para semear, ainda que o furto seja de ciência. Comeu Eva o pomo da ciência, e queixava-me eu antigamente desta nossa mãe; já que comeu o pomo, por que lhe não guardou as pevides? Não seria bem que chegasse a nós a árvore, já que nos chegaram os encargos dela? Pois por que não o fez assim Eva? Porque o pomo era furtado, e o alheio é bom para comer, mas não é bom para semear: é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguém terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo, que se nasce, não há-de deitar raízes, e o que não tem raízes não pode dar fruto. Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *Semen suum*. O pregar é entrar em batalha com os vícios; e armas alheias, ainda que sejam as de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando Davi saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi. As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi; e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que pelea com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.

Fez Cristo aos Apóstolos pescadores de homens, que foi ordená-los de pregadores; e que faziam os Apóstolos? Diz o texto que estavam: *Reficientes retia sua*: “Refazendo as redes suas; eram as redes dos Apóstolos, e não eram alheias. Notai: *Retia sua*: Não diz que eram suas porque as compraram, senão que eram suas porque as faziam; não eram suas porque lhes custaram o seu dinheiro, senão porque lhes custavam o seu trabalho. Desta maneira eram as redes suas; e porque desta maneira eram suas, por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens. Com redes alheias, ou feitas por mão alheia, podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar. A razão disto é porque nesta pesca de entendimentos só quem sabe fazer a rede sabe fazer o lanço. Como se



faz uma rede? Do fio e do nó se compõe a malha; quem não enfia nem ata, como há-de fazer rede? E quem não sabe enfiar nem sabe atar, como há-de pescar homens? A rede tem chumbada que vai ao fundo, e tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiais e mais leves; e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem não faz a pregação, até o chumbo é cortiça.

As razões não hão-de ser enxertadas, hão-de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

Veio o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e quando as línguas desciam do Céu, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na boca; mas elas foram-se pôr na cabeça. Pois por que na cabeça e não na boca, que é o lugar da língua? Porque o que há-de dizer o pregador, não lhe há-de sair só da boca; há-lhe de sair pela boca, mas da cabeça. O que sai só da boca para nos ouvidos; o que nasce do juízo penetra e convence o entendimento. Ainda tem mais mistério estas línguas do Espírito Santo. Diz o texto que não se puseram todas as línguas sobre todos os Apóstolos, senão cada uma sobre cada um: *Apparuerunt dispersitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum*. E por que cada uma sobre cada um, e não todas sobre todos? Porque não servem todas as línguas a todos, senão a cada um a sua. Uma língua só sobre Pedro, porque a língua de Pedro não serve a André; outra língua só sobre André, porque a língua de André não serve a Filipe; outra língua só sobre Filipe, porque a língua de Filipe não serve a Bartolomeu, e assim dos mais. E senão vede-o no estilo de cada um dos

Apóstolos, sobre que desceu o Espírito Santo. Só de cinco temos escrituras; mas a diferença com que escreveram, como sabem os doutos, é admirável. As penas todas eram tiradas das asas



daquela pomba divina; mas o estilo tão diverso, tão particular e tão próprio de cada um, que bem mostra que era seu. Mateus fácil, João misterioso, Pedro grave, Jacó forte, Tadeu sublime, e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada cláusula um raio e cada razão um triunfo. Ajuntai a estes cinco São Lucas e São Marcos, que também ali estavam, e achareis o número daqueles sete trovões que ouviu São João no Apocalipse. *Loquuti sunt septem tonitrua* voces suas. Eram trovões que falavam e desarticulavam as vozes, mas essas vozes eram suas: *Voces suas*; “suas, e não alheias”, como notou Ansberto: *Non alienas, sed suas*. Enfim, pregar o alheio é pregar o alheio, e com o alheio nunca se fez coisa boa.

Contudo eu não me firmo de todo nesta razão, porque do grande Batista sabemos que pregou o que tinha pregado Isaías, como notou São Lucas, e não com outro nome, senão de sermões: *Praedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonun Isaiae prophetae*. Deixo o que tomou Santo Ambrósio de São Basílio; São Próspero e Beda de Santo Agostinho; Teofilato e Eutímio de São João Crisóstomo.

VIII

Será finalmente a causa, que tanto há buscamos, a voz com que hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. Boa era também esta, mas não a podemos provar com o semeador, porque já dissemos que não era ofício de boca. Porém o que nos negou o Evangelho no semeador metafórico, nos deu no semeador verdadeiro, que é Cristo. Tanto que Cristo acabou a parábola, diz o Evangelho que começou o Senhor a bradar: *Haec*



dicens clamabat. Bradou o Senhor, e não arrazoou sobre a parábola, porque era tal o auditório, que fiou mais dos brados que da razão.

Perguntaram ao Batista quem era? Respondeu ele: *Ego vox clamantis in deserto*: Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto. Desta maneira se definiu o Batista. A definição do pregador, cuidava eu que era: voz que arrazoa e não voz que brada. Pois por que se definiu o Batista pelo bradar e não pelo arrazoar; não pela razão, senão pelos brados? Porque há muita gente neste mundo com quem podem mais os brados que a razão, e tais eram aqueles a quem o Batista pregava. Vede-o claramente em Cristo. Depois que Pilatos examinou as acusações que contra ele se davam, lavou as mãos e disse: *Ego nullam causam invenio in homine isto*: Eu nenhuma causa acho neste homem. Neste tempo todo o povo e os escribas bradavam de fora, que fosse crucificado: *At illi magis clamabant, crucifigatur*. De maneira que Cristo tinha por si a razão e tinha contra si os brados. E qual pôde mais? Puderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar, os brados bastaram para o pôr na Cruz. E como os brados no Mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem. Por isso Isaías chamou aos pregadores “nuvens”: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração; com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há-de ser a voz do pregador, um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o Mundo.

Mas que diremos à oração de Moisés? *Concrescat ut pluvia doctrina mea: fluat ut ros eloquim meum*: Desça minha doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho que se destila brandamente e sem ruído. Que diremos ao exemplo ordinário de Cristo, tão celebrado por Isaías: *Non clamabit neque audietur vox ejus foris?* Não clamará, não bradará, mas falará com



uma voz tão moderada que se não possa ouvir fora. E não há dúvida que o praticar familiarmente, e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma. Em conclusão que a causa de não fazerem hoje fruto os pregadores com a palavra de Deus, nem é a circunstância da pessoa: *Qui seminat*: nem a do estilo: *Seminare*; nem a da matéria: *Semen*; nem a da ciência: *Suum*; nem a da voz: *Clamabat*. Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salamão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma destas razões que discorremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?

IX

As palavras que tomei por tema o dizem. *Semen est verbum Dei*. Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como diria) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a eficácia e os efeitos da palavra de Deus? *Ventum seminabunt, et turbinem colligent*, diz o Espírito Santo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades.” Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há a Igreja de Deus de correr tormenta, em vez de colher fruto?



Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere*, disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio. Tentou o Demônio a Cristo a que fizesse das pedras pão. Respondeu-lhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore dei*. Esta sentença era tirada do capítulo VIII do Deuteronomio. Vendo o Demônio que o Senhor se defendia da tentação com a Escritura, leva-o ao Templo, e alegando o lugar do Salmo XC, diz-lhe desta maneira: *Mille te deorsum; scriptum est enim, quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: “Deita-te daí abaixo, porque prometido está nas Sagradas Escrituras que os anjos te tomarão nos braços, para que te não faças mal.” De sorte que Cristo defendeu-se do Diabo com a Escritura, e o Diabo tentou a Cristo com a Escritura. Todas as Escrituras são palavra de Deus: pois se Cristo toma a Escritura para se defender do Diabo, como toma o Diabo a Escritura para tentar a Cristo? A razão é porque Cristo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o Diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do Diabo. As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as disse são defesa, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quis o Diabo derrubar a Cristo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pináculo do templo. O pináculo do templo é o púlpito, porque é o lugar mais alto dele. O Diabo tentou a Cristo no deserto, tentou-o no monte, tentou-o no templo: no deserto, tentou-o com

a gula; no monte, tentou-o com a ambição; no templo, tentou-o com as Escrituras mal interpretadas, e essa é a tentação de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado dela, senão a Cristo, a sua fé.

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome), dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no autor de ambos os Testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Gênesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus? Mais: nesses lugares, nesses textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus os disse? É esse o sentido em que os entendem os padres da Igreja? É esse o sentido da mesma gramática das palavras? Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos que não façam fruto as pregações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos, e não havemos de querer dizer o que elas dizem?! E então ver cabecear o auditório a estas coisas, quando devíamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vossos aplausos? Oh, que bem levantou o pregador! Assim é; mas que levantou? Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao santo, outro ao entendimento e ao sentido de ambos. Então que se converta o mundo com falsos testemunhos da palavra de Deus? Se a alguém parecer demasiada a censura, ouça-me.



Estava Cristo acusado diante de Caifás, e diz o Evangelista São Mateus que por fim vieram duas testemunhas falsas: *Novissime venerunt duo falsi testes*. Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os judeus destruíssem o templo, ele o tornaria a reedificar em três dias. Se lermos o Evangelista São João, acharemos que Cristo verdadeiramente tinha dito as palavras referidas. Pois se Cristo tinha dito que havia de reedificar o templo dentro em três dias, e isto mesmo é o que referiram as testemunhas, como lhes chama o Evangelista testemunhas falsas: *Duo falsi testes?* O mesmo São João deu a razão: *Loquebatur de templo corporis sui*. Quando Cristo disse que em três dias reedificaria o templo, falava o Senhor do templo místico de seu corpo, o qual os judeus destruíram pela morte e o Senhor o reedificou pela ressurreição; e como Cristo falava do templo místico e as testemunhas o referiram ao templo material de Jerusalém, ainda que as palavras eram verdadeiras, as testemunhas eram falsas. Eram falsas, porque Cristo as dissera em um sentido, e eles as referiram em outro; e referir as palavras de Deus em diferente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus, é levantar falso testemunho às Escrituras. Ah, Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, que me não quero excluir deste número! Que muito logo que as nossas imaginações, e as nossas vaidades, e as nossas fábulas não tenham a eficácia de palavra de Deus!

Miseráveis de nós, e miseráveis dos nossos tempos! Pois neles se veio a cumprir a profecia de São Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt*. Virá tempo, diz São Paulo, “em que os homens não sofrerão a doutrina sã. *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus*. Mas para seu apetite terão grande número de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quais não façam mais que adular-lhes as orelhas. *A veritate*



quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. “Fecharão os ouvidos à verdade, e abri-los-ão às fábulas.” Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são sutilezas e pensamentos aéreos, sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareço em chamar comédias a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Sêneca, e veríeis se não acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do Mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros, e muito mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano, e gentio, que nas pregações de um orador cristão, e muitas vezes, sobre cristão, religioso!

Pouco disse São Paulo em lhe chamar comédia, porque muitos sermões há que não são comédia, são farsa. Sobre talvez ao púlpito um pregador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em um hábito de penitência (que todos, mais ou menos ásperos, são de penitência; e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas); a vista é de horror, o nome de reverência, a matéria de compunção, a dignidade de oráculo, o lugar e a expectação de silêncio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditório estivesse um estrangeiro que nos não conhecesse e visse entrar este homem a falar em público naqueles trajos e em tal lugar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do Céu; que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com o zelo e com o fervor de um Elias, que

com a voz, com o gesto e com as ações havia de fazer em pó e em cinza os vícios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós que é o que vemos? Vemos sair da boca daquele homem, assim naqueles trajos, uma voz muito afetada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auras, a derreter cristais, a desmaiar jasmims, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não é isto farsa a mais digna de riso, se não fora tanto para chorar? Na comédia o rei veste como rei, e fala como rei; o lacaio, veste como lacaio, e fala como lacaio; o rústico veste como rústico, e fala como rústico; mas um pregador, vestir como religioso e falar como... não o quero dizer, por reverência do lugar. Já que o púlpito é teatro, e o sermão comédia se quer, não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido e com o ofício? Assim pregava São Paulo, assim pregavam aqueles patriarcas que se vestiram e nos vestiram destes hábitos? Não louvamos e não admiramos o seu pregar? Não nos prezamos de seus filhos? Pois por que não os imitamos? Por que não pregamos como eles pregavam? Neste mesmo púlpito pregou São Francisco Xavier, neste mesmo púlpito pregou São Francisco de Borja; e eu, que tenho o mesmo hábito, por que não pregarei a sua doutrina, já que me falta o seu espírito?

X

Dir-me-eis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado, que, se pregamos assim, zombam de nós os ouvintes, e não gostam de ouvir. Oh, boa razão para um servo de Jesus Cristo! Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso ofício! A doutrina de que eles zombam, a doutrina que eles desestimam, essa é a que lhes devemos pregar, e por isso mesmo, porque é mais proveitosa e a que mais hão mister. O trigo que caiu no caminho



comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Cristo, são os demônios, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit Diabolus, et tollit verbum de corde ipsorum!* Pois por que não comeu o Diabo o trigo que caiu entre os espinhos, ou o trigo que caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? Porque o trigo que caiu no caminho: *Conculcatum est ab hominibus*: Pisaram-no os homens; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens desprezam, essa é a de que o Diabo se teme. Dessoutros conceitos, dessoutros pensamentos, dessoutras sutilezas que os homens estimam e prezam, dessas não se teme nem se acautela o Diabo, porque sabe que não são essas as pregações que lhe hão-de tirar as almas das unhas. Mas daquela doutrina que cai: *Secus viam*: daquela doutrina que parece comum: *Secus viam*; daquela doutrina que parece trivial: *Secus viam*; daquela doutrina que parece trilhada: *Secus viam*; daquela doutrina que nos põe em caminho e em via da nossa salvação (que é a que os homens pisam e a que os homens desprezam), essa é a de que o Demônio se receia e se acautela, essa é a que procura comer e tirar do Mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam pregar os pregadores, e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se eles não o fizerem assim e zombarem de nós, zombemos nós tanto de suas zombarias como dos seus aplausos. *Per infamiam et bonam famam*, diz São Paulo: O pregador há-de saber pregar com fama e sem fama. Mais diz o Apóstolo: Há-de pregar com fama e com infâmia. Pregador para ser afamado, isso é mundo: mas infamado, e pregar o que convém, ainda que seja com descrédito de sua fama?, isso é ser pregador de Jesus Cristo.

Pois o gostarem ou não gostarem os ouvintes! Oh, que advertência tão digna! Que médico há que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? Sarem e não gostem; salvem-se e amarguem-lhes, que para isso somos médicos das almas. Quais vos parece que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do

Evangelho? Explicando Cristo a parábola, diz que as pedras são aqueles que ouvem a pregação com gosto: *Hi sunt, qui cum gaudio suscipiunt verbum*. Pois será bem que os ouvintes gostem e que no cabo fiquem pedras?! Não gostem e abrandem-se; não gostem e quebrem-se; não gostem e frutifiquem. Este é o modo com que frutificou o trigo que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia*, conclui Cristo. De maneira que o frutificar não se ajunta com o gostar, senão com o padecer; frutifiquemos nós, e tenham eles paciência. A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, sem saber parte de si, então é a preparação qual convém, então se pode esperar que faça fruto: *Et fructum afferunt in patientia*.

Enfim, para que os pregadores saibam como hão-de pregar e os ouvintes a quem hão-de ouvir, acabo com um exemplo do nosso Reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos; não os nomeio, porque os hei-de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade qual dos dois fosse maior pregador; e como não há juízo sem inclinação, uns diziam este, outros, aquele. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu desta maneira: “Entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo; só direi uma diferença, que sempre experimento: quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim.”

Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador; agora quisera eu desenganar-vos tanto, que saíeis muito descontentes de vós. Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes



de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christus servus non essem*, dizia o maior de todos os pregadores, São Paulo: Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh, contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que nesta mesma Igreja há tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo, Angelis et hominibus*. Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, estão a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve e nos há-de julgar. Que conta há-de dar a Deus um pregador no Dia do Juízo? O ouvinte dirá: Não mo disseram. Mas o pregador? *Vae mihi, quia tacui*: Ai de mim, que não disse o que convinha! Não seja mais assim, por amor de Deus e de nós.

Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum*.



SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO
PREGADO EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO, TRÊS DIAS
ANTES DE SE EMBARCAR OCULTAMENTE PARA O REINO

Vos estis sal terrae. São Mateus, V, 13.

I

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Suposto, pois, que ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus.* “Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe



há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos.” Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo, Senhor nosso, no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo Antônio, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum santo tomou.

Pregava Santo Antônio em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande Antônio? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas Antônio com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés a que se não pegou nada da terra não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, Antônio pregava e eles ouviam.



Se a Igreja quer que preguemos de Santo Antônio sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae*. É muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo Antônio vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo Antônio foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho medido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar como eles que pregar deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo Antônio em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e, já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, *Domina maris*: “Senhora do mar”; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria*.

II

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só coisa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não



sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

Vos estis sal terrae. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo Antônio, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. Assim o diz o grande Doutor da Igreja São Basílio: *Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, et quae prosequenda sunt imitatione.* “Não só há que notar”, diz o Santo, “e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar.” Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar, *Sagena missae in mare*, diz que os pescadores “recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus”: *Elegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt.* E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender. Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos.

Começando pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarquia e o domínio de todos os animais dos três elementos, e nas

provisões em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: *Ut praesit piscibus maris et volatilibus caeli, et bestiis, universaeque terrae*. Entre todos os animais do Mundo, os peixes são os mais e os peixes os maiores. Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia? Por isso Moisés, cronista da criação, calando os nomes de todos os animais, só a ela nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia*. E os três músicos da fornalha da Babilônia o cantaram também como singular entre todos: *Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino*. Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação, e não para o púlpito.

Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo Antônio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a Antônio, querendo-o lançar da terra e ainda do Mundo, se pudessem, porque lhes reprendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio e com sinais de admiração e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras.



Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes, o uso sem a razão.

Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu levou-o às praias de Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?! Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Mas porque nestas duas ações teve maior parte a onipotência que a natureza (como também em todas as milagrosas que obram os homens), passo às virtudes naturais e próprias vossas. Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem conosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os autores comumente condenam



esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas pioses; faça-lhes bufonarias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhes roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora dessas cortesantias, vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água. De casa e das portas a dentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há filósofos que dizem que não tendes memória.

No tempo de Noé sucedeu o dilúvio que cobriu e alagou o Mundo, e de todos os animais quais livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam, antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, por que não morreram também os peixes? Sabeis por quê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais, como mais domésticos ou mais vizinhos, tinham mais



comunicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados deles. Facilmente pudera Deus fazer que as águas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animais. Bem o experimentais na força daquelas ervas com que, infeccionados os poços e lagos, a mesma água vos mata; mas como o dilúvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao Mundo pelos pecados dos homens, foi altíssima providência da divina Justiça que nele houvesse esta diversidade ou distinção, para que o mesmo Mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal; e que por isso os animais que viviam mais perto deles foram também castigados e os que andavam longe ficaram livres.

Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntando um grande filósofo qual era a melhor terra do Mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo Antônio – e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador – bem vos pudera alegar consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais e se recolheu a uma religião, onde professasse perpétua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que ele tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens mudou o hábito, mudou o nome, e até a si mesmo se mudou, ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe sucedeu com seus próprios irmãos no capítulo geral de Assis. De ali se retirou a fazer vida solitária em um ermo, do qual nunca saíra, se Deus como por força o não manifestara, e por fim acabou a vida em outro deserto, tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

III

Este é, peixes, em comum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Autor da natureza a dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos, como tão celebrado na Escritura, é aquele santo peixe de Tobias a quem o texto sagrado não dá outro nome que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o anjo São Rafael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a boca aberta em ação de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fê-lo assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira e o coração para lançar fora os demônios: *Cordis eius particulam, si super carbones ponas, fumus eius extricat omne genus daemoniorum: et fel valet ad unguendos oculos, in quibus fuerit albugo, et sanabuntur.* Assim o disse o anjo, e assim o mostrou logo a experiência, porque, sendo o pai de Tobias cego, aplicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista; e tendo um demônio, chamado Asmodeu, morto sete maridos a Sara, casou com ela o mesmo Tobias; e queimando na casa parte do coração, fugiu dali o Demônio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquele peixe tirou a cegueira a Tobias, o velho, e lançou os demônios de casa a Tobias, o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvará mais? Certo que se a este peixe o



vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo Antônio.

Abria Santo Antônio a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da fé e glória divina. E eles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração desse homem e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas coisas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demônios fora de casa.

Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demônios persegui vós?! Só uma diferença havia entre Santo Antônio e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo Antônio abria a sua contra os que se não queriam lavar.

Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

Passando dos da Escritura aos da história natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da rêmora? No dia de um santo menor, os peixes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquele peixinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas e dos ventos, e de seu próprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover, nem ir por diante? Oh se houvera uma rêmora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida e que menos naufrágios no Mundo!



Se alguma rêmora houve na terra, foi a língua de Santo Antônio, na qual, como na rêmora, se verifica o verso de São Gregório Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit*. O Apóstolo Santiago, naquela sua eloquentíssima Epístola, compara a língua ao leme da nau e ao freio do cavalo. Uma e outra comparação juntas declaram maravilhosamente a virtude da rêmora, a qual, pegada ao leme da nau, é freio da nau e leme do leme. E tal foi a virtude e força da língua de Santo Antônio. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a língua de Antônio quanta força tinha, como rêmora, para domar a fúria das paixões humanas. Quantos, correndo fortuna na nau Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por proa, se a língua de Antônio, como rêmora, não tivesse mão no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro? Quantos, embarcados na nau Vingança, com a artilharia abocada e os botafogos acesos, corriam enfundados a dar-se batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique se a rêmora da língua de Antônio lhes não detivesse a fúria, até que, composta a ira e ódio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos, navegando na nau Cobiça, sobrecarregada até às gáveas e aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, nem se defender, dariam nas mãos dos corsários com perda do que levavam e do que iam buscar, se a língua de Antônio os não fizesse parar, como rêmora, até que, aliviados da carga injusta, escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos, na nau Sensualidade, que sempre navega com cerração, sem sol de dia, nem estrelas de noite, enganados do canto das sereias e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cegamente, ou em Sila, ou em Caribdes, onde não aparecesse navio nem navegante,



se a rêmora da língua de Antônio os não contivesse, até que esclarecesse a luz e se pusessem em vista.

Esta é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rêmora vossa, enquanto o ouvistes; e porque agora está muda (posto que ainda se conserva inteira) se veem e choram na terra tantos naufrágios.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admirável é igualmente a qualidade daquele outro peixezinho, a que os latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a água, e em lhe picando na isca o torpedo começa a lhe tremer o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que, num momento, passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.

Com muita razão disse que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhes pusera esta qualidade tremente, em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer!

Pudera-se fazer problema; onde há mais pescadores e mais modos e traças de pescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por eles, ainda que fora grande consolação para os peixes; baste fazer a comparação com a cana, pois é o instrumento do nosso caso. No mar, pescam as canas, na terra, as varas, (e tanta sorte de varas); pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões e até os cetros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possível que, pescando os homens coisas de tanto peso, lhes não tremam



a mão e o braço?! Se eu pregara aos homens e tivera a língua de Santo Antônio, eu os fizera tremer.

Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de Santo Antônio, e às palavras do Santo os fizeram tremer a todos de sorte que todos, tremendo, se lançaram a seus pés; todos, tremendo, confessaram seus furtos; todos, tremendo, restituíram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais neste pecado que nos outros); todos enfim mudaram de vida e de ofício e se emendaram.

Quero acabar este discurso dos louvores e virtudes dos peixes com um, que não sei se foi ouvinte de Santo Antônio e aprendeu dele a pregar. A verdade é que me pregou a mim, e se eu fora outro, também me convertera. Navegando de aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fora os peixes da nossa costa), vi correr pela tona da água de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia; e como me dissessem que os portugueses lhe chamavam *quatro-olhos*, quis averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade de sua divina providência para contigo; pois às águias, que são os lincos do ar, deu somente dois olhos, e aos lincos, que são as águias da terra, também dois; e a ti, peixezinho, quatro.

Mais me admirei ainda, considerando nesta maravilha a circunstância do lugar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes há tantos séculos! Oh quão altas e incompreensíveis são as razões de Deus, e quão profundo o abismo de seus juízos!

Filosofando, pois, sobre a causa natural desta providência, notei que aqueles quatro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles, unidos como os dois vidros de um relógio de areia, em tal forma que os da parte superior olham



direitamente para cima, e os da parte inferior diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitetura, é porque estes peixinhos, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naquelas praias; e como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.

Oh que bem informara estes quatro olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixezinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso da razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno. Não me alegou para isso passo da Escritura; mas então me ensinou o que quis dizer Davi em um, que eu não entendia: *Averte oculos meos, ne videant vanitatem*. “Voltai-me, Senhor, os olhos, para que não vejam a vaidade.”

Pois Davi não podia voltar os seus olhos para onde quisesse?! Do modo que ele queria, não. Ele queria voltados os seus olhos, de modo que não vissem a vaidade, e isto não o podia fazer neste Mundo, para qualquer parte que voltasse os olhos, porque neste Mundo “tudo é vaidade”: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*. Logo, para não verem os olhos de Davi a vaidade, havia-lhos de voltar Deus de modo que só vissem e olhassem para o outro Mundo em ambos seus hemisférios; ou para o de cima, olhando diretamente só para o Céu, ou para o de baixo, olhando diretamente só para o Inferno. E esta é a mercê que pedia a Deus aquele grande profeta, e esta a doutrina que me pregou aquele peixezinho tão pequeno.

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fizeram para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as



graças do muito que ajudais a ir ao Céu, e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Buçacos, e todas as santas famílias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaresmas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a Páscoa as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos! Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes, mas os que só de vós se mantêm na terra, são os que têm mais seguros os lugares do Céu. Enfim, sois criaturas daquele elemento, cuja fecundidade entre todos é própria do Espírito Santo: *Spiritus Domini foecundabat aquas.*

Deitou-vos Deus a bênção, que crescêsseis e multiplicásseis; e para que o Senhor vos confirme essa bênção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remédio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos aumentos. Tomai o exemplo nas irmãs sardinhas. Por que cuidais que as multiplica o Criador em número tão inumerável? Porque são sustento de pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem à mesa dos reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo os multiplica e aumenta. Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto, multiplicaram tanto, que deram de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentam os pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos! Crescei, peixes, crescei e multiplicaí, e Deus vos confirme a sua bênção.

IV

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, praeversisque cupiditatibus facti sunt, sicut pisces invicem se devorantes*: “Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros.” Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer e como se hão-de comer. Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável



a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores; comem-no os oficiais dos órfãos e os dos defuntos e ausentes; come-o o médico, que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue; come-a a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para a mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.

Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Jó, quando dizia: *Quare persequimini me, et carnibus meis saturamini?* “Por que me perseguis tão desumanamente, vós, que me estais comendo vivo e fartando-vos da minha carne?” Quereis ver um Jó destes?

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho, come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em júízo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorunt plebem meam, ut cibum panis?* “Cuidais”, diz Deus, “que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade?” E que maldade



é esta, à qual Deus singularmente chama maldade, como se não houvera outra no Mundo? E quem são aqueles que a cometem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtais muito outras tantas coisas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo os devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão.

A diferença que há entre o pão e os outros comerem, é que para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e disto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não, e com olhades uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que



vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Se cuidais, porventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganais-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim também por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvís e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouviríeis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseráveis remeiros delas, que os maiores que cá foram mandados, em vez de governar e aumentar o mesmo Estado, o destruíram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos.

Assim foi; mas, se entre vós se acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com eles a Portugal e tornam para os mares pátrios, bem ouviriam estes lá no Tejo que esses mesmos maiores que cá comiam os pequenos, quando lá chegam, acham outros maiores que os comam também a eles. Este é o estilo da divina justiça tão antigo e manifesto, que até os gentios o conheceram e celebraram:

*Vos quibus rector maris, atque terrae
Ius dedit magnum necis, atque vitae;
Ponite inflatos, tumidosque vultus;
Quidquid a vobis minor extimescit,
Maior hoc vobis dominus minatur.*

Notai, peixes, aquela definição de Deus: *Rector maris atque terrae*: “Governador do mar e da terra”; para que não duvideis que o mesmo estilo que Deus guarda com homens na terra, observa também convosco no mar. Necessário é logo que olheis por vós



e que não façais pouco caso da doutrina que vos deu o grande Doutor da Igreja Santo Ambrósio, quando, falando convosco, disse: *Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem*: “Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na boca do mais forte”, que o engula a ele. Nós o vemos aqui cada dia. Vai o xaréu correndo atrás do bagre, como o cão após a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes, que o há-de engolir de um bocado. E o que com maior elegância vos disse também Santo Agostinho: *Praedo minoris fit praeda maioris*. Mas não bastam, peixes, estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usais com os pequenos tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes?

Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que de aqui por diante sejais mais repúblicos e zelosos do bem comum, e que este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo.

Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos?! Não vedes que contra vós se emalham e entralham as redes, contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as físgas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas a dentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito pacíficos



e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava Santo Antônio? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Dir-me-eis (como também dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e só com o que bota às praias pode sustentar grande parte dos que vivem dentro nele. Comerem-se uns animais aos outros é voracidade e sevícia, e não estatuto da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no princípio do Mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessário para que as espécies se multiplicassem. O mesmo foi (ainda mais claramente) depois do dilúvio, porque, tendo escapado somente dois de cada espécie, mal se podiam conservar, se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo dilúvio, em que todos viveram juntos dentro na arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aqueles em que se costuma cevar; e se acaso lá tiveram essa tentação, todos lhe resistiram e se acomodaram com a ração do paiol comum que Noé lhes repartia. Pois se os animais dos outros elementos mais cálidos foram capazes desta temperança, por que o não serão os da água? Enfim, se eles em tantas ocasiões, pelo desejo natural da própria conservação e aumento, fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós também; ou fazei a virtude sem necessidade e será maior virtude.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior



ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e por quê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isco na ponta desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis. ou vermelho, que se chama de Cristo e de Santiago; e os homens, por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião, ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros.

Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não há exércitos, nem esta ambição de hábitos.

Mas nem por isso vos negarei que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignoradamente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto; e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadela e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço; e os bonitos, ou os que querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos, com dívidas de um ano para outro ano, e de uma safra para outra safra,

e lá vai a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal; e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pajens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas nem as baixelas, nem as joias; pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano.

Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim; nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura desperdiçar a vida por dois retalhos de pano, quem tem obrigação de se vestir; vós, a quem Deus vestiu do pé até à cabeça, ou de peles de tão vistosas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e doiradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas; não é maior ignorância e maior cegueira deixardes-vos enganar ou deixardes-vos tomar pelo beijo com duas tirinhas de pano? Vede o vosso Santo Antônio, que pouco o pode enganar o Mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquela idade tanto se preza, trocou-as por uma loba de sarja e uma correia de cônego regrante; e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquela mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquela corda e com aquele pano, pescou ele muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa: no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que, sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do



mar?! Se, com uma linha de coser e um alfinete torcido, vos pode pescar um aleijado, por que haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me: o espadarte por que não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer roncadores e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. São Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada que ele só avançou contra um exército inteiro de soldados romanos; e se Cristo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometo que havia de cortar mais orelhas que a de Malco. Contudo, que lhe sucedeu naquela mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro que, se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer se fosse necessário; e foi tanto pelo contrário, que só ele fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometeu tanto de si. Disse-lhe Cristo no horto que vigiasse, e, vindo de aí a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão também do que tinha blasonado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum?* Vós, Pedro, sois o valente que havíeis de morrer por mim, “e não pudestes uma hora vigiar comigo”? Pouco há, tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião é sinal de dormir nela. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blasonar, nem roncar.

Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogância segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o Rio Jordão e o mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos, bem deveis de saber que este gigante era a ronca dos



filisteus. Quarenta dias contínuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiais de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse; e no cabo, que fim teve toda aquela arrogância? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra. Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo Antônio. Duas coisas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás roncava de saber: *Vos nescitis quidquam*. Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo?* E ambos contra Cristo. Mas o fiel servo de Cristo, Antônio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais blasonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha Equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha e pegado também aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora falo, e com grande propriedade, porque, sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados que jamais os desferram. De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome.

Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto, depois que os nossos portugueses o navegaram; porque não parte vice-rei ou governador para as Conquistas, que



não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da Linha com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos; enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.

Parece-me que estou ouvindo a São Mateus, sem ser apóstolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o Evangelista, apareceu o Anjo a José no Egito, e disse-lhe que já se podia tornar para a pátria, porque “eram mortos todos aqueles que queriam tirar a vida ao Menino”: *Defuncti sunt enim qui quaerebant animam Pueri*. Os que queriam tirar a vida a Cristo menino, eram Herodes e todos os seus, toda a sua família, todos os seus aderentes, todos os que seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes?! Sim: porque, em morrendo o tubarão, morrem também com ele os pegadores: *Defuncto Herode, defuncti sunt qui quaerebant animam Pueri*.

Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolheste. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo Antônio.

Deus também tem os seus pegadores. Um destes era Davi, que dizia: *Mihi autem adhaerere Deo bonum est*. Peguem-se outros aos

grandes da terra, que “eu só me quero pegar a Deus”. Assim o fez também Santo Antônio; e senão, olhai para o mesmo Santo, e vede como está pegado com Cristo e Cristo com ele. Verdadeiramente se pode duvidar qual dos dois é ali o pegador: e parece que é Cristo, porque o menor é sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino, para se pegar a Antônio. Mas Antônio também se fez menor, para se pegar mais a Deus. Daqui se segue, que todos os que se pegam a Deus, que é imortal, seguros estão de morrer como os outros pegadores. E tão seguros, que ainda no caso em que Deus se fez homem e morreu, só morreu para que não morressem todos os que se pegassem a ele: *Si ego me quaeritis, sinite hos abire*. “Se me buscais a mim, deixai ir a estes.” E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixezinhos, não, ao menos devereis imitar aos outros animais do ar e da terra, que, quando se chegam aos grandes e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte que morram juntamente com eles. Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do céu descansavam sobre os seus ramos e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus frutos: mas também diz que, tanto que foi cortada esta árvore, as aves voaram e os outros animais fugiram. Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.

Considerai, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram àquele peixe grande, e por quê. O tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram. Pode haver maior ignorância que morrer pela fome e boca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidei que também nos peixes havia pecado original. Nós, os homens, fomos tão desgraçados que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve princípio na gulodice



de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma pouca de água, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorância com quanta água tem o mar.

Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois por que vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois aves, senão peixes, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas?! Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes, do alto mata-os o anzol ou a fiska, a vós sem fiska nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca; ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cair morto!

Grande ambição é que, sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vedes, peixes, o castigo da ambição. O voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas, laços, como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és



ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas.

À vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Ouvi o caso de um voador da terra: Simão Mago, a quem a arte mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome, fingindo-se que ele era o verdadeiro filho de Deus, sinalou o dia em que aos olhos de toda Roma havia de subir ao Céu, e com efeito começou a voar mui alto; porém a oração de São Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e caindo lá de cima o mago, não quis Deus que morresse logo, senão que aos olhos também de todos quebrasse, como quebrou, os pés.

Não quero que repareis no castigo, se não no gênero dele Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabólica o mereciam. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, se não os pés?! Sim, diz São Máximo, porque quem tem pés para andar e quer asas para voar, justo é que perca as asas e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset; et qui pennas assumpserat, plantas amitteret*. Se Simão tem pés e quer asas, pode andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as asas para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro se afogou no Danúbio não haveria tantos Ícaros no Oceano.



Oh alma de Antônio, que só vós tivestes asas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Já São João viu no *Apocalipse* aquela mulher cujo ornato gastou todas as luzes ao Firmamento, e diz que “lhe foram dadas duas grandes asas de águia”: *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae*. E para quê? *Ut volaret in desertum*: “Para voar ao deserto.” Notável coisa, que não de balde lhe chamou o mesmo Profeta grande maravilha. Esta mulher estava no Céu: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta sole*. Pois se a mulher estava no Céu e o deserto na terra, como lhe dão asas para voar ao deserto? Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas, as asas para descer muito seguras; e tais foram as de Santo Antônio. Deram-se à alma de Santo Antônio duas asas de águia, que foi aquela duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime, como sabemos. E ele que fez? Não estendeu as asas para subir, encolheu-as para descer; e tão encolhidas que, sendo a Arca do Testamento, era reputado, como já vos disse, por leigo e sem ciência. Voadores do mar (não falo com os da terra), imitai o vosso santo pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que São Basílio e Santo Ambrósio. O polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste



esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo: e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que outro peixe, inocente da traição, vai passando desacomodado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque não fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é a luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor!

Oh que excesso tão afrontoso e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro e tão cristalino como o da água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu! Lá disse o Profeta por encarecimento, que “nas nuvens do ar até a água é escura”: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*. E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à água; a qual em seu próprio elemento é sempre clara, diáfana e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano do bem público um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor!

Vejo, peixes, que, pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo,



que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois não o posso negar. Mas ponde os olhos em Antônio, vosso pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabei também que, para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terrae*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advertiais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomulgados e malditos.

Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós senão aos homens, mas tem mostrado Deus, por muitas vezes, que quando os animais cometem materialmente o que é proibido por esta lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definharem, até que acabam miseravelmente.

Mandou Cristo a São Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele e dos outros podia fazer o dinheiro com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda

de prata, e de pouco peso. Com que mistério manda logo o Senhor que se tire da boca deste peixe e que seja ele o que morra primeiro que os demais?

Ora estai atentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro; logo, a moeda que este peixe tinha engolido, era de algum navio que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as penas que São Pedro ou seus sucessores fulminam contra os homens que tomam os bens dos naufragantes, também os peixes por seu modo nelas incorrem morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta.

Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar! Para os homens não há mais miserável morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta; porque é pecado de que o mesmo São Pedro e o mesmo Sumo Pontífice não podem absolver. E posto que os homens incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, eles contudo apressam a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstêm dos bens dos naufragantes.

VI

Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o *Levítico*. Na lei eclesiástica ou ritual do *Levítico*, escolheu Deus certos animais que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconolação e sentimento para



todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluídos os peixes, foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. Também este ponto era muito importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas almas chegaram àquele altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.

Ah peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados; a mim criou-me para o servir a ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante dele muito confiadamente, porque o não ofendestes; eu espero que o hei-de ver; mas com que rosto hei-de aparecer diante do seu divino acatamento, se não cesso de o ofender? Ah que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois de um homem que tinha as mesmas obrigações, disse a Suma Verdade, que “melhor lhe fora não nascer homem”: *Si natus non fuisset homo*

ille. E pois os que nascemos homens, respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

Benedicite, cete et omnia quae moventur in aquis, Domino: “Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos”, e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários à vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este Mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção, vov-la dê também agora. Amém. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória.

*Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*¹

I

Quem entrar hoje nesta casa – todo-poderoso e todo amoroso Senhor – quem entrar hoje nesta casa – que é o refúgio último da pobreza e o remédio universal das enfermidades – quem entrar, digo, a visitar-vos nela – como faz todo este concurso da piedade cristã – com muito fundamento pode duvidar se viestes aqui por pródigo, se por enfermo. Destes o céu, destes a terra, destes-vos a vós mesmo, e quem tão prodigamente despendeu quanto era e quanto tinha, não é muito que viesse a parar em um hospital. Quase persuadido estava eu a este pensamento, mas no juízo dos males sempre conjecturou melhor quem presumiu os maiores. Diz o vosso evangelista, Senhor, que a enfermidade vos trouxe a este lugar, e não a prodigalidade. Enfermo diz que estais, e tão enfermo que a vossa mesma ciência vos promete poucas horas de vida, e que por momentos se vem chegando a última: *Sciens Jesus quia venit hora ejus* (Jo. 13, 1). Qual seja esta enfermidade, também o declara o Evangelista. Diz que é de amor, e de amor nosso, e de amor incurável. De amor: *cum dilexisset*; de amor nosso: *suos qui erant in mundo*; e de amor incurável e sem remédio: *in finem dilexit eos*. Este é, enfermo Senhor, e saúde de nossas almas, este é o mal ou o bem de que adoceastes, e o que vos há de tirar a vida. E porque quisera mostrar aos que me ouvem

¹ Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim (Jó. 31, 1).

que, devendo-vos tudo pela morte, vos devem ainda mais pela enfermidade, só falarei dela. Acomodando-me pois ao dia, ao lugar e ao Evangelho, sobre as palavras que tomei dele, tratarei quatro coisas, e uma só. Os remédios do amor e o amor sem remédio. Este será, amante divino, com licença de vosso coração, o argumento do meu discurso. Ainda não sabemos de certo se o vosso amor se distingue da vossa graça. Se se não distinguem, peço-vos o vosso amor, sem o qual se não pode falar dele, e se são coisas distintas, por amor do mesmo amor vos peço a vossa graça. *Ave Maria.*

II

Os remédios do amor e o amor sem remédio são as quatro coisas, e uma só, de que prometi falar, porque, sendo a enfermidade do amor a que tirou a vida ao Autor da vida, não se pode mostrar que foi amor sem remédio, sem se dizer juntamente quais sejam os remédios do amor. Desta matéria escreveu eruditamente o Galeno do amor humano, nos livros que intitulou *De Remedio Amoris*, cujos aforismos, porque hão de ser convencidos, entrarão sem texto e sem nome, como quem não vem a autorizar, senão a servir. Os remédios, pois, do amor mais poderosos e eficazes que até agora tem descoberto a natureza, aprovado a experiência e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausência, a ingratidão, e, sobretudo, o melhorar de objeto. Todos temos nas palavras que tomei por tema, e tão expressos que não hão mister comento: *Cum dilexisset*, eis aí o tempo; *suos qui erant in mundo*, eis aí a ingratidão; *ut transeat*, eis aí a ausência; *ex hoc mundo ad Patrem*, eis aí a melhoria do objeto. E com se aplicarem todos estes remédios à enfermidade, todos estes defensivos ao coração, e todos estes contrários ao amor do divino Amante, nem o tempo o diminuiu, nem a ingratidão o esfriou, nem a ausência o enfraqueceu, nem a

melhoria do objeto o mudou um ponto: *In finem dilexit eos*. Estas são as quatro partes do nosso discurso; vamos acreditando amor e desacreditando remédios.

III

O primeiro remédio que dizíamos é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atravesse o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que, quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não tira, embota-lhe as setas, com que já não fere, abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhes os defeitos, enfastia-lhes o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amor de Davi.

Amou Davi a Bersabé com aqueles extremos que todos sabem, e, sendo o coração deste homem feito pelos moldes do coração de Deus, e Deus tão picado de ciúmes, como ele confessa de si: *Ego Deus zelotes*², coisa é digníssima de grande reparo que o mesmo Deus o deixasse continuar naquele amor, sem lhe procurar o remédio, senão ao cabo de um ano, quando o mandou reduzir

² Eu sou Deus zeloso (Êx. 20, 5).

pelo profeta Natã. Quanto Deus sentisse este desamor de Davi, bem se vê da circunstância deste mesmo cuidado, pois ele, sendo o ofendido, foi o que solicitou a reconciliação, sem esperar que Davi a procurasse. Pois, se Deus queria e desejava tanto que Davi se apartasse do amor de Bersabé, por que dilatou esta diligência tanto tempo, e não lhe procurou o remédio senão no fim de um ano? Pois esse mesmo ano, e esse mesmo tempo foi o primeiro remédio com que o começou a curar. As outras enfermidades têm na dilação o maior perigo; a do amor tem na mesma dilação o melhor remédio. Via, o que só vê os corações dos homens, que, enquanto duravam aqueles primeiros fervores da afeição de Davi, dificultosamente se lhe havia de arrancar do coração um amor em que estava tão empenhado; pois deixe-se a cura ao tempo, que ele pouco a pouco o irá dispondo, e assim foi. Ao princípio não reparava Davi no que devia ao vassalo, nem no que se devia a si, nem no que devia a Deus: matava homens, perdia exércitos, não fazia caso da fama nem da consciência, que tanta violência trazia aquele bravo incêndio em seus princípios; mas foi andando um dia e outro dia, foi passando uma semana e outra semana, foi continuando um mês e outro mês, e, quando já chegou o fim do ano, em que estado estava o amor de Davi? Estava a chaga tão disposta, o coração tão moderado, e o calor tão remetido, que bastou uma só palavra do profeta para o sarar de todo. O que era desejo se trocou subitamente em dor; o que era cegueira, em luz; o que era gosto, em lágrimas; e o que era amor, em arrependimento. E se tanto pode um ano, que farão os muitos?

Estes são os poderes do tempo sobre o amor. Mas sobre qual amor? Sobre o amor humano, que é fraco; sobre o amor humano, que é inconstante; sobre o amor humano, que não se governa por razão, senão por apetite; sobre o amor humano, que, ainda quando parece mais fino, é grosseiro e imperfeito. O amor, a quem remediou e pôde curar o tempo, bem poderá ser que fosse doença, mas



não é amor. O amor perfeito, e que só merece o nome de amor, vive imortal sobre a esfera da mudança, e não chegam lá as jurisdições do tempo. Nem os anos o diminuem, nem os séculos o enfraquecem, nem as eternidades o cansam: *Omni tempore diligit, qui amicus est*³, disse nos seus Provérbios o Salomão da Lei Velha; e o Salomão da Nova, Santo Agostinho, comentando o mesmo texto, penetrou o fundo dele com esta admirável sentença: *Manifeste declarans amicitiam aeternam esse, si vera est; si autem desierit, nunquam vera fuit*. Quis-nos declarar Salomão – diz Agostinho – que o amor que é verdadeiro tem obrigação de ser eterno, porque, se em algum tempo deixou de ser, nunca foi amor: *Si autem desierit, nunquam vera fuit*. Notável dizer! Em todas as outras coisas o deixar de ser é sinal de que já foram; no amor o deixar de ser é sinal de nunca ter sido. Deixou de ser? Pois nunca foi. Deixastes de amar? Pois nunca amastes. O amor que não é de todo o tempo, e de todos os tempos, não é amor, nem foi, porque, se chegou a ter fim, nunca teve princípio. É como a eternidade, que se, por impossível, tivera fim, não teria sido eternidade: *Declarans amicitiam aeternam esse, si vera est*.

Tão isento da jurisdição do tempo é o verdadeiro amor. Porém um tal amor, onde se achará? Só em vós, Fênix divino, só em vós. Isso quer dizer: *Cum dilexisset*: como tivesse amado. E quando, ou desde quando? Primeiramente, desde o princípio sem princípio da eternidade, porque desde então começou o Verbo eterno a amar os homens, ou desde então os amou sem começar, como ele mesmo disse: *Et deliciae meae esse cum filiis hominum*⁴. E um amor, que teve as raízes na eternidade, vede como podia achar remédio no tempo? O tempo começou com a criação do mundo, porque antes do mundo não havia tempo. E este tempo em Cristo divide-se em duas partes: o tempo em que amou desde o princípio do

3 Aquele que é amigo é-o em todo o tempo (Prov. 17, 17).

4 Achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens (Prov. 8, 31).



mundo, com a vontade divina, e o tempo em que amou desde o princípio da vida, com a vontade divina e humana. Desde o princípio da vida passaram trinta e quatro anos; desde o princípio do mundo passaram mais de quatro mil, e em tantos anos e tantos séculos de amor, nenhum poder teve sobre ele o tempo. Oh! amor só verdadeiro! Oh! amor só constante! Oh! amor só amor! Que não desfez, que não acabou a continuação pertinaz de tantos anos, quantos correram desde o princípio do mundo até o fim da vida de Cristo? Que cidade tão forte que não arruinasse? Que mármore que não gastasse! Que bronze que não consumisse? Todas as coisas humanas, em tão comprida continuação, acabou o tempo, e o que é mais, até a memória delas; só o amor de Jesus, apesar dos anos e dos séculos, sempre inteiro, sem diminuição, sempre firme, sempre perseverante, sempre o mesmo, porque, assim como tinha amado no princípio: *Cum dilexisset*, assim amou, e com a mesma intenção, no fim: *In finem dilexit*.

Tão fora esteve o tempo – vede o que digo –, tão fora esteve o tempo de poder diminuir o amor de Cristo que antes o amor de Cristo diminuiu o tempo. No mesmo texto do nosso Evangelho o temos: *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*: Sabendo Jesus que era chegada a hora de passar deste mundo ao Padre. – Isto disse o evangelista, falando dos mistérios da última Ceia, em que Cristo, com o maior prodígio da sua humildade, e, com o maior milagre da sua onipotência, manifestou aos homens qual era o extremo com que os amava. Mas a hora em que o Senhor passou deste mundo ao Padre não foi neste dia, senão no dia de sua Ascensão, quarenta e dois dias depois deste. Pois, se ainda lhe restavam a Cristo quarenta e dois dias para estar no mundo antes de subir ao Padre, como diz o evangelista que já era chegada a hora: *Quia venit hora ejus?* Eram tantos dias, e era uma só hora? Sim, porque todos estes dias em que o Senhor se havia de deter no mundo, eram dias de estar com os seus amados:



Cum dilexisset suos, e, ainda que pela medida do tempo eram muitos dias, pela conta do seu amor era uma só hora: *Hora ejus*. Notai muito agora o cômputo destes mesmos dias, e reparai no que nunca reparastes. Desde a hora da Ceia até a hora em que Cristo subiu ao céu, passaram-se pontualmente mil horas, sem faltar nem sobejar uma só. E todos estes dias que, medidos pelas rodas do tempo, faziam cabalmente mil horas, contadas pelo relógio do amor, que Cristo tinha no peito, era uma só hora. Por isso se chama: *Hora ejus*: hora sua, porque para o mundo e para o tempo eram mil horas, e para Cristo e para o seu amor era uma. E se o amor de Cristo de mil horas fazia uma só hora, vede quão certo é o que eu dizia, que, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor diminuiu o tempo.

De Jacó dizia a Escritura que, sendo sete os anos que serviu por Raquel, lhe pareciam poucos dias, porque era grande o amor com que a amava: *Videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine* (Gên. 29, 20). Não seria Jacó tão celebrada figura de Cristo se também o seu amor não tivesse a propriedade de diminuir o tempo. Mas nesta mesma diminuição é necessário advertir que os anos que a Jacó lhe pareciam poucos dias não foram só sete, senão muitos mais, ou muito maiores. Assim como o gosto faz os dias breves, assim o trabalho os faz longos. A Abraão disse Deus que seus descendentes serviriam aos egípcios quatrocentos anos, sendo que serviram cem anos somente, porque o trabalho dobra e redobra o tempo, e cem anos de servir são quatrocentos anos de padecer. Do mesmo modo se hão de contar os anos de Jacó. Jacó serviu com tanto trabalho, de dia e de noite, como ele bem encareceu a Labão, não sendo os enganos e trapaças do mesmo Labão a menor parte do seu grande trabalho. Logo, assim como o amor de Jacó diminuía os anos por uma parte, assim o trabalho os acrescentava por outra, e, concorrendo juntamente o amor a diminuir e o trabalho a acrescentar os mesmos anos, já que eles se não multiplicassem



tanto que fossem três vezes dobrados, ao menos haviam de ficar inteiros. Como podia logo ser que a Jacó lhe não parecessem anos, senão dias, e esses poucos? Não há dúvida de que esta mesma que parece implicação é o maior encarecimento do amor de Jacó. O tempo fazia os anos, o trabalho multiplicava o tempo, mas o amor de Jacó, maior que o trabalho e maior que o tempo, não só diminuía os anos que fazia o tempo, senão também os que multiplicava o trabalho. Com o gosto de servir diminuía o amor uns anos, com o gosto de padecer diminuía os outros, e por isso, ainda que fossem anos sobre anos, e muitos sobre muitos, todos eles lhe pareciam dias, e poucos dias: *Videbantur illi pauci dies*.

Muito estimara eu que estes dias do amor de Jacó, que a Escritura chama poucos, nos dissesse também a mesma Escritura quantos eram, ou quantos seriam. Mas dado – impossivelmente – que cada ano lhe parecesse um só dia, ainda o amor do figurado excede infinitamente ao da figura, e o de Jesus ao de Jacó. No tempo que diminuiu o amor de Cristo entra também o tempo da sua Paixão; e se o trabalho acrescenta e multiplica o tempo à medida do que se padece, quem poderá medir neste caso o tempo com o trabalho, e a duração do que o Senhor padecia com o excesso do que padeceu? Padeceu Cristo em sua Paixão, como provam todos os teólogos com Santo Tomás, mais do que padeceram nem hão de padecer todos os homens, desde o princípio até o fim do mundo. Os tormentos em si mesmos eram acerbíssimos, e fazia-os incomparavelmente maiores a delicadeza do sujeito, a viveza da apreensão, a tristeza suma, bastante ela só a tirar a vida, e, sobretudo, o conhecimento compreensivo da injúria infinita cometida contra Deus naquele e em todos os pecados do gênero humano. E quantos séculos de padecer vos parece que caberiam naquelas compridíssimas horas? Foram tão compridas, que bastou a duração delas para satisfazer pela eternidade das penas do inferno, que



com a mesma duração se pagavam. E que sendo tão compridas, ou tão eternas aquelas horas, as reduzisse o amor de Cristo a uma só hora: *Hora ejus*? Oh! amor verdadeiramente imenso! Que as outras horas e dias parecessem ao amorosíssimo Senhor muito breves não é tão grande maravilha, porque eram horas de estar com os que tanto amava; mas que também as da Paixão, sendo de tão excessivas penas, as abreviasse igualmente o seu amor? Sim, e pela mesma causa. As outras eram breves, porque eram horas de estar conosco, e estas eram também breves, porque eram horas de padecer por nós. Não sofreu o amor que pudesse menos contra o tempo o gosto da paciência que o da presença: por isso, diminuiu igualmente as horas tanto o gosto do padecer pelos homens como o gosto de estar com eles.

Uma e outra coisa compreendeu e declarou São Paulo em uma só palavra, quando disse, falando da morte de Cristo: *Ut pro omnibus gustaret mortem*.⁵ Não diz que padeceu o Senhor a morte por todos, senão que a gostou: *Ut gustaret*. Esta palavra *gustaret* quer dizer gostar e provar, e por isso diz com grande energia que Cristo gostou a morte, porque o gosto com que a padeceu a abreviou de tal sorte, como se somente a provara. Excelentemente Santo Anselmo, comentando as mesmas palavras: *Ut gustaret, idest, horariam, et non longam, quasi ali quid gustando transiret*: Quer dizer o Apóstolo – diz Anselmo – que padeceu o Senhor a morte com tanto gosto, como se a não padecera toda, e somente a tocara, e passara por ela: *Quasi aliquid gustando transiret*. E por isso, sendo de tantas horas, e tão longas, lhe pareceu de uma só hora: *Horariam, et non longam*. Notai o novo adjetivo horariam, formado sem dúvida do *hora ejus* de São João. E vede que remédio podia ser o do tempo para curar o nosso divino enfermo, se a força do seu

⁵ Gostasse a morte por todos (Hebr. 2, 9).

mal, ou do seu e nosso bem era tão forte e tão aguda que, em vez de o tempo diminuir o amor, o amor foi o que diminuiu o tempo: *Cum dilexisset, dilexit.*

IV

O segundo remédio do amor é a ausência. Muitas enfermidades se curam só com a mudança do ar; o amor com a da terra. E o amor como a lua que, em havendo terra em meio, dai-o por eclipsado. À sepultura chamou Davi discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis* (Sl. 87, 13). E que terra há que não seja a terra do esquecimento, se vos passastes a outra terra? Se os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre eles e os vivos, que podem esperar, e que se pode esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causam tais efeitos, tantas léguas que farão? Em os longes, passando de tiro de seta, não chegam lá as forças do amor. Seguiu Pedro a Cristo de longe, e deste longe que se seguiu? Que aquele que na presença o defendia com a espada, na ausência o negou e jurou contra ele. Os filósofos definiram a morte pela ausência: *Mors est absentia animae a corpore.*⁶

E a ausência também se há de definir pela morte, posto que seja uma morte de que mais vezes se ressuscita. Vede-o nos efeitos naturais de uma e outra. Os dois primeiros efeitos da morte são dividir e esfriar. Morreu um homem, apartou-se a alma do corpo: se o apalpardes logo, achareis algumas relíquias de calor; se tomastes daí a um pouco, tocastes um cadáver frio, uma estátua de regelo. Estes mesmos efeitos ou poderes têm a vice-morte, a ausência. Despediram-se com grandes demonstrações de afeto os que muito se amavam, apartaram-se enfim, e, se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpitam no coração as

⁶ A morte é a ausência da alma.



saudades, que rebentam nos olhos as lágrimas, e que saem da boca alguns suspiros, que são as últimas respirações do amor. Mas, se tomardes depois destes ofícios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração sossegado: tudo esquemimento, tudo frieza. Fez a ausência seu ofício, como a morte: apartou, e depois de apartar, esfriou.

Ouvi o maior exemplo que pode haver desta verdade. Foi a Madalena ao sepulcro de Cristo na madrugada da Ressurreição, olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistiu, chorou. E qual cuidais que era a causa de todas estas diligências tão solícitas? Diz, com notável pensamento, Orígenes, que não era tanto pelo que a Madalena amava a Cristo, quanto pelo que temia de si: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigeret, si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.*⁷ Sabia a Madalena, como experimentada, que a ausência tem os efeitos da morte: apartar e depois esfriar; e como se via apartada do seu amado, que é o primeiro efeito, temia que se lhe esfriasse o amor no coração, que é o segundo: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigeret.* Pois o amor da Madalena, tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente, o amor da Madalena canonizado de grande, engrandecido de muito: *Quoniam dilexit multum,*⁸ tão pouco fiava de si mesmo, que temesse esfriar-se? Sim, que tais são os poderes da ausência contra o mais qualificado amor. E como o coração se aquece pelos olhos, por isso procurava com tanta diligência achar o corpo de seu Senhor, para que, com a sua vista, se tornasse a aquecer o amor, ou se não esfriasse sem ela: *Si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret.*

Estes costumam ser os efeitos da ausência, ainda nos corações mais finos, qual era o da Madalena, coração humano enfim. Porém, o coração de Cristo, humano e divino juntamente, ainda

7 Orig. hom. de M. Magdal.

8 Porque amou muito (Lc. 7, 47).



que, como humano, se aparta, como divino não se esfria. O fogo pode-se apartar, mas não se pode esfriar. Ao perto e ao longe, ou presente ou ausente, sempre arde igualmente, porque sempre é fogo. Poderá ser tão distante a ausência, que o tire da vista; mas nenhuma tão poderosa, que lhe mude a natureza. Tal o amor de Cristo – diz São Bernardo – *quia nunquam et nusquam potuit non amare, qui amor est*: Assim como o amor de Cristo não podia deixar de amar em nenhum tempo, porque é eterno, assim não pode deixar de amar em nenhum lugar ou distância, porque é amor. – O amor não é união de lugares, senão de vontades; se fora união de lugares, pudera-o desfazer a distância, mas como é união de vontades, não o pode esfriar a ausência. A ausência mais distante que se pode imaginar é a que hoje fez Cristo: *Ut transeat ex hoc ad Patrem*: ausência deste para o outro mundo. Todas as outras ausências, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. A ausência de Cristo era tão distante, que excedia a esfera de todos os elementos, e passava da terra até o céu. Mas com a distância e a ausência serem tão excessivas, pôde a distância apartar os corpos, mas não pôde dividir os corações; pôde a ausência impedir a vista; mas não pôde esfriar o amor.

Tão longe estive a ausência com os seus longes de ser remédio para o amor de Cristo, e tão longe de causar os seus efeitos, que antes produziu os contrários. Os efeitos da ausência, como vimos, são dividir e esfriar; e a ausência de Cristo, em vez de dividir, uniu, e em vez de esfriar, acendeu. Em vez de dividir, uniu as pessoas, e em vez de esfriar, acendeu o amor. Quando São Paulo, antes de ser santo nem Paulo, caminhava furioso para Damasco, as vozes com que Cristo o derrubou e converteu, foram: *Saule, Saule, quid me persequeris* (At. 9, 4): Saulo, Saulo, por que me persegues? – Sucedeu este grande caso no ano 20 do imperador Tibério, dois anos depois da subida de Cristo ao céu. Pois, se Cristo estava no



céu – pergunta Santo Agostinho –, se estava no céu, onde não podiam chegar as fúrias de Saulo, nem os poderes das provisões que levava da sinagoga, como se queixa o mesmo Cristo de que Saulo o perseguia? Se dissera que perseguia a seus discípulos, isso é o que refere o texto: *Saulus autem adhuc spirans minarum, et caedis in discipulos Domini*.⁹ Mas dizer que Saulo, o qual estava na terra, o perseguia a ele, estando no céu? Sim, responde o mesmo Santo Agostinho, porque, ainda que o Senhor estava tão distante dos discípulos, quanto vai do céu à terra, estava contudo tão unido com eles, que os não distinguia de si. Se os distinguira de si, dissera: Por que persegues a meus discípulos? Mas, porque os não distinguia de sua própria pessoa, por isso disse: Por que me persegues a mim: *Quid me persequeris*? Bem se encaminhava este texto a concluir o que eu pretendo provar, se não tivera contra si uma grande réplica. Quando no Horto vieram prender a Cristo os ministros dos Príncipes dos Sacerdotes, e disseram que buscavam a Jesus Nazareno, apontando o Senhor para os discípulos que o acompanhavam, disse: *Si ergo me quaeritis, sinite hos abire* (Jo. 18, 8): Se me buscais a mim, deixai ir a estes. – Agora entra o meu reparo. Pois, se Cristo no Horto faz tão grande distinção de si aos seus discípulos, quando está no céu, por que se não distingue deles? Porque no Horto estava ainda presente, no céu estava já ausente, e o primeiro efeito que causou a ausência em Cristo foi uni-lo mais com os mesmos de quem se ausentara. Quando estava presente, Cristo e os discípulos eram eu e estes: *Si me quaeritis, sinite hos abire*; porém, depois que esteve ausente, já não havia eu e estes, senão eu; já não havia: Por que os persegues a eles, senão a mim: *Quid me persequeris*? E se a ausência com efeito tão contrário

⁹ Saulo, pois respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor (At. 9, 1).



a si mesma, em vez de dividir, uniu as pessoas, também em vez de esfriar, acendeu o amor.

Depois da Ceia deste dia despediu-se o divino Mestre amorosamente dos mesmos discípulos, e, vendo-os tristes por sua partida, consolou-os com estas palavras: *Expedit vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos* (Jo. 16, 7): Discípulos meus, não vos desconsolle a minha partida: ausento-me de vós, mas adverti que a vós vos convém e importa muito esta mesma ausência, porque, se eu não for para o céu, não virá o Espírito Santo; porém se for, como vou, eu vo-lo mandarei de lá. – Todos os teólogos concordam, e é sem dúvida, que tanto podia vir o Espírito Santo ausentando-se Cristo da terra, como não se ausentando; que consequência tem logo haver de vir se Cristo se ausentasse e se fosse para o céu, e não haver de vir se se não ausentasse? Ninguém ignora que o Espírito Santo essencialmente é amor; mas em que amor se viu jamais tal consequência? Ir-se o amor quando se vai o amante, esta é a consequência ordinária do que cá chamamos amor; mas haver-se de ir o amante para que venha o amor, e não haver de vir o amor, se não se for e se não se ausentar o amante? Só na ausência e no amor de Cristo se acha tal consequência. Assim o prometeu o Senhor, e assim o cumpriu. Partiu-se, foi para o céu, e dentro em poucos dias, ficando lá a pessoa do amante, veio cá em pessoa o seu amor. Mas como veio? Não menos intenso, não menos ardente, não menos abrasado que em forma de fogo. Bem dizia eu logo que, em vez de a ausência lhe esfriar o amor, o havia de acender mais.

O mesmo Cristo o tinha já dito muito tempo antes. Falava deste fogo de seu amor, e disse que ele viera pôr fogo à terra, e que nenhuma coisa mais desejava senão que se acendesse: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo, nisi ut accendatur?*¹⁰ Pois, se o Senhor

10 Eu vim trazer fogo à terra, e que quero eu, senão que ele se acenda (Lc. 12, 49)?



desejava tanto que o fogo de seu amor se acendesse na terra, por que o não acendeu enquanto esteve nela? Porque é propriedade maravilhosa deste fogo divino aguardar pela ausência para se acender. As mesmas palavras, se bem se consideram, o dizem: *Ignem veni mittere in terram*. Não diz que veio para trazer o fogo à terra, senão para o mandar; logo sinal era que se havia de ausentar primeiro, e tornar para o céu, donde o mandasse. E isto é o que disse aos discípulos em próprios termos: *Si autem abiero, mittam eum ad vos*: Se eu me for, se eu me ausentar de vós, então vos mandarei o fogo do meu amor, ou o meu amor em fogo, para que vejais quanto vos convém esta minha ausência, e para que não receeis que ela, como costuma, me haja de esfriar o amor, porque antes o há de intender e acender mais.

O amor da Madalena, que ainda era imperfeito, buscava o remédio da vista para se não esfriar: *Quo viso recalesceret*; porém, o amor perfeitíssimo, qual era o do coração de Cristo, não depende do ver para amar, antes, quando a ausência e distância lhe impedem a vista, então se reconcentra e arde mais. Os olhos são as frestas do coração, por onde respira, e daqui vem que o coração na presença, em que tem abertos os olhos, por eles evapora e exala os afetos; porém, na ausência, em que os têm tapados pela distância, que lhe sucede? Assim como o vaso sobre o fogo, que, tapado e não tendo por onde respirar, concebe maior calor e o reconcentra todo em si, e talvez rebenta, assim o coração ausente, faltando-lhe a respiração da vista, e não tendo por onde dar saída ao incêndio, recolhe dentro em si toda a força e ímpeto do amor, o qual cresce naturalmente, e se acende e adelgaça, de sorte que, não cabendo no mesmo coração, rebenta em maiores e mais extraordinários efeitos.

Tudo o que acabo de dizer é filosofia não minha, senão do mesmo Cristo, e nesta mesma hora, declarando aos mesmos discípulos quais haviam de ser os efeitos da sua ausência. Na presença



de seu soberano Mestre obravam os discípulos aquelas prodigiosas maravilhas com que assombravam o mundo, e cuidavam agora, entristecidos, que com a ausência do sol ficariam destituídos de todas estas influências. – Mas não há de ser assim, diz o Senhor; cada um de vós não só há de fazer as mesmas obras que dantes fazia, nem só tão grandes como as minhas, senão ainda maiores, e isto não por outra razão, senão porque me ausento: *Opera quae ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet: quia ego ad Patrem vado.*¹¹ Esta última cláusula: *Quia ego ad Patrem vado*, é digna de sumo reparo. – De maneira, Senhor, que porque ides para o Padre, e porque vos ausentais de vossos discípulos, por isso hão eles de fazer maiores obras que as suas, e maiores também que as vossas? Porventura haveis de ser mais poderoso no céu, do que éreis na terra? Não, responde o divino Amante. Não hão de experimentar esta diferença meus discípulos, porque lá hajam de ser maiores as jurisdições do meu poder, senão porque hão de ser maiores os efeitos do meu amor. Porque me vou: *Quia vado*, por isso hão de ver o que pode comigo a ausência; e porque vou para tão longe, *ad Patrem*, por isso hão de ver o que obram em mim as distâncias. Os longes só hão de servir de mais os favorecer, de mais os honrar, de mais os estimar, porque o meu amor todo é estimação, e o preço da estimação são os longes: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus.*¹²

Com razão chamei sol a Cristo nesta ocasião. O profeta chamou-lhe Sol de Justiça, e eu chamo-lhe Sol da Ausência. Quando a lua se mostra oposta ao sol no seu ocaso, então está maior e mais cheia, e faz em sua ausência outro novo dia. Mas donde lhe vêm à lua estas enchentes de luz e de resplendores? Sábria e discretamente Apuleio: *Quanto longius abit a sole, tanto largius illuminatur;*

11 Esse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai (Jo. 14, 12).

12 De remontadas distâncias e dos últimos confins da terra (Prov. 31, 10).



pari incremento itineris et luminis. Quando a lua está mais longe do sol, então se vê mais alumiada, porque tão longe estão os longes do sol de lhe diminuir a luz, que, antes, à medida da distância lhas comunica maiores. – E se estes são os efeitos, ou os primores do sol quando se ausenta, quais serão os daquele Senhor que criou o sol? Já ele o tinha dito de si pelo profeta Jeremias: *Putasne Deus e vicino ego sum, et non Deus de longe* (Jer. 23, 23)? Cuidais que eu só sou Deus de perto, e não Deus de longe? – Enganai-vos. De perto sou Deus, e de longe Deus; antes, do modo que pode ser, mais Deus ainda de longe do que de perto, porque de perto mostro a minha presença, e de longe a minha imensidade. Tal o amor do nosso Deus, ou o nosso Deus do amor. Aparta-se e ausenta-se de nós nesta hora: *Ut transeat*; a distância é tão grande quanto vai da terra ao céu: *Ex hoc mundo ad Patrem*; mas as gages da sua presença não se diminuem, antes crescem: *Pari incremento itineris et luminis*, porque, quanto são mais remotas as distâncias da sua ausência, tanto são maiores e mais intensos os afetos e efeitos de seu amor: *Ut transeat ex hoc mundo, in finem dilexit eos*.

V

O terceiro remédio do amor é a ingratidão. Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é o remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. A virtude que lhe dá tamanha eficácia, se eu bem o considero, é ter este remédio da sua parte a razão. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor a ausência, é sem-razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o aprova, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? O tempo é natureza, a ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. Se ponderarmos os efeitos de cada um destes



contrários, acharemos que a ingratidão é o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. De sorte que o amigo, por ser antigo, ou por estar ausente, não perde o merecimento de ser amado; se o deixamos de amar não é culpa sua, é injustiça nossa; porém, se foi ingrato, não só ficou indigno do mais túbio amor, mas merecedor de todo o ódio. Finalmente o tempo e a ausência combatem o amor pela memória, a ingratidão pelo entendimento e pela vontade. E ferido o amor no cérebro, e ferido no coração, como pode viver? O exemplo que temos para justificar esta razão ainda é maior que os passados.

O primeiro ingrato depois de Adão foi Caim: ingrato a Deus, ingrato aos pais, ingrato ao irmão, e a toda a natureza ingrato. Matou a Abel, e, morto ele, parece que ficava segura a ingratidão de ter a correspondência que merecia no coração ofendido; mas vede o que diz Deus ao mesmo Caim: *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra* (Gên. 4, 10): A voz do sangue de teu irmão desde a terra, onde o derramaste, está clamando a mim e pedindo vingança. – Notável caso! Três razões acho em Abel, que desafinam muito nos meus ouvidos estas suas vozes. Ser irmão, ser santo e ser morto. Se era morto, como brada? Onde está a insensibilidade da morte? Se era santo, como não perdoa? Onde está o sofrimento da virtude? Se era irmão, como pede vingança? Onde está o afeto da natureza? Aqui vereis quão poderosa é a ingratidão, para trocar em aborrecimento ainda o mais bem fundado amor. Onde achará amor um ingrato, se nem em um irmão achou piedade, nem em um santo perdão, nem em um morto silêncio? É tão justa e tão certa paga da ingratidão o aborrecimento que, porque houve um ingrato homicida, houve logo um aborrecimento ressuscitado. E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amor nos vivos?



A natureza e a arte curam contrários com contrários. Sendo, pois, a ingratidão o maior contrário do amor, quem duvida que este terceiro remédio seria também o último, e o mais presente e eficaz, ou para extinguir de todo, ou, quando menos, para mitigar o amor de Cristo? Assim o ensinam os aforismos da arte, assim o confirmam as experiências da natureza, mas não foi assim. É a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, acende-o mais. Mais ofendido foi Cristo que Abel, maiores ingratidões usaram com ele os homens que a de Caim, mas nenhuma, nem todas juntas foram bastantes para lhe remitirem um ponto o amor, nem vivo, nem morto: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos*. Aquelas palavras: *qui erant in mundo*: os seus que estavam no mundo – parecem supérfluas, e que antes limitam do que encarecem o amor. Cristo, Senhor e Redentor nosso, como Senhor e Redentor de todos os homens, não só amou aos que estavam no mundo, senão também aos que não estavam. Não só amou os presentes, senão os passados e os futuros, porque, por todos os que eram, foram e haviam de ser, deu o preço de seu sangue. Fez, porém, expressa menção o evangelista só dos presentes e dos que estavam no mundo: *Suos qui erant in mundo*, porque estes foram os mais ingratos. Os futuros ainda não eram, os passados, pela maior parte, não conheceram a Cristo; os presentes conheceram-no, ouviram sua doutrina, viram seus milagres, receberam seus benefícios, e como lhe pagaram? Deixando-o, negando-o, vendendo-o, crucificando-o. Pode haver correspondências mais desiguais, mais contrárias, mais ingratas? Não pode. Mas não podendo as ingratidões ser maiores, tiveram tão pouco poder contra o amor de Cristo que – assim como dissemos dos outros remédios –, em vez de as ingratidões o diminuir, o acrescentaram, e, em vez de serem remédio para aborrecer, foram motivo para mais amar.



Quando os filhos de Israel caminhavam pelo deserto para a Terra de Promissão, acompanhava-os milagrosamente uma pedra, da qual saíam ribeiras de água também sucessiva, com que o povo matava a sede. Fala deste milagre São Paulo, e diz assim: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat Christus* (1 Cor. 10, 4): Bebiam da pedra que os seguiam, e esta pedra era Cristo. – Se fora no passo em que estamos, não era muito que Cristo se convertesse em pedra, porque não há coisa que tanto seque e endureça como a ingratidão. Mas que achou São Paulo nesta pedra milagrosa, para dizer que era Cristo? O mesmo texto que conta a história no-lo dirá: *Percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae*.¹³ Aquela pedra era pederneira: *silicem*; feriu-a Moisés duas vezes com a vara: *Percutiens virga bis silicem*; e o que a pedra ferida brotou de si foi grande cópia de água: *Egressae sunt aquae largissimae*. Daqui tirou a sua consequência o apóstolo. O natural da pederneira, quando lhe dão golpes, é lançar de si faíscas de fogo; e pedra – diz São Paulo – que ferida uma e outra vez, em vez de responder com fogo, se desfaz em água, esta pedra não era pedra, era Cristo: *Petra autem erat Christus*. Ponhamo-nos agora com o pensamento no Cenáculo de Jerusalém, e veremos este mesmo milagre, não só repetido, mas verificado. Dois golpes deram hoje naquela pedra divina; com dois golpes feriram hoje o coração de Cristo dois homens, de quem ele devera esperar, e a quem merecia bem diferente tratamento. Um golpe lhe deu Judas, que o vendeu, outro golpe lhe deu Pedro, que o negou. E que aconteceu? Oh! milagre de amor verdadeiramente divino! Em lugar de sair da pedra fogo, saiu água: *Egressae sunt aquae largissimae*; em lugar de sair fogo – castigo próprio de infieis – com que os abrasasse, o que saiu

¹³ Ferindo duas vezes com a vara a pederneira, saíram dela águas copiosíssimas (Núm. 20, 11).



foi água, com que, por suas próprias mãos, lhes lavou os pés: *Misit aquam in pelvim, et caepit lavare pedes discipulorum*.¹⁴

Notai agora, e notai muito, que, lavando o Senhor os pés a todos os discípulos, só de Judas e de Pedro faz menção neste ato o evangelista. De Judas: *Cum diabolus jam misisset in cor; ut traderet e um Judas, surgit a caena, et ponit vestimenta sua*¹⁵; de Pedro: *Misit aquam in pelvim, et caepit lavare pedes discipulorum: venit ergo ad Simon Petrum*.¹⁶ – Pois, Senhor, vós que tudo sabeis e estais vendo, vós os pés de Judas? Vós os pés de Pedro? Não são os pés de Pedro aqueles pés covardes que vos hão de seguir de longe? Não são os pés de Pedro aqueles pés desleais que o hão de levar ao paço, onde vos há de negar três vezes? Os pés de Judas não são aqueles pés infieis que deste mesmo lugar hão de partir a vender-vos? Os pés de Judas não são aqueles pés traidores que hão de guiar vossos inimigos a vos prender no Horto? Pois, diante de pés tão indignos, estais vós prostrado de joelhos? Estes pés lavais com vossas próprias mãos e com a água que sobre essa água estão derramando vossos olhos? Sim, que não fôreis vós, Deus e Senhor meu, quem sois, nem o vosso amor fora amor, nem fora vosso, se o puderam mudar ingratidões ou diminuir agravos. Porque nesses dois homens andou a ingratidão mais refinada, por isso com eles se mostra o vosso amor mais fino. E não só mais fino no ato do lavatório dos pés, que foi comum a todos os discípulos, senão mais fino também nos favores particulares com que a estes dois mais ingratos singularizou entre todos vosso amor.

Se bem repararmos antes e depois da morte de Cristo, acharemos que o mais favorecido na Ceia foi Judas, e o mais favorecido

14 Lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos (Jo. 13, 5).

15 Como já o diabo tinha metido no coração a Judas a determinação de o entregar, levantou-se da ceia e depôs suas vestiduras (Jo. 13, 2. 4).

16 Lançou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos. Veio pois a Simão Pedro (Jo. 13, 5s).



na Ressurreição foi Pedro. Na Ceia todos os discípulos comeram igualmente, e só a Judas fez o Senhor um mimo particular: *Et cum intinxisset panem, dedit Judae*.¹⁷ Na Ressurreição a todos igualmente mandou a nova, e só a Pedro nomeou em particular: *Dicite discipulis ejus, et Petro*.¹⁸ E por que só a Judas e só a Pedro estes favores particulares? Porque só Judas e só Pedro tiveram particularidade na ingratidão. Na Ceia o que mais ofendeu a Cristo foi Judas; na Paixão o que mais o ofendeu foi Pedro. E como o amor de Cristo das maiores ingratidões faz motivos de mais amar, foram estes dois os mais favorecidos, porque foram estes dois os mais ingratos. Se o amor de Cristo fora como o nosso, haviam de ser as ingratidões motivos de aborrecer; mas como o seu amor era o seu, foram incentivos de mais amar, e razões sobre toda a razão de mais bem fazer.

Ora, eu buscando a causa destes contrários efeitos – que todos, creio, desejam saber – e filosofando sobre a diferença deles, acho que toda procedia da qualidade singular do coração de Cristo. Era tal a qualidade daquele soberaníssimo coração que, metidas nele as ingratidões dos homens, e estiladas com o fogo do seu amor, o estilado das mesmas ingratidões vinha a ser favores e benefícios. O mesmo Cristo se queixava por boca de Davi de que, semeando benefícios nos corações dos homens, de grandes benefícios colhia maiores ingratidões: porém o seu amor – que é o que agora digo –, estilando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandíssimas ingratidões, tirava maiores benefícios. Já o vimos nos exemplos de Cristo vivo e de Cristo ressuscitado: vejamo-lo agora, com maior assombro, no de Cristo morto.

Morto o Redentor na Cruz, abriram-lhe com uma lança o peito, e saíram dele sangue e água: *Exivit sanguis et aqua* (Jo. 19, 34). Mas

17 E tendo molhado o pão, deu-o a Judas (Jo. 13, 26).

18 Dizei a seus discípulos, e a Pedro (Mc. 16, 7).

que sangue foi este em um corpo que o tinha derramado todo, e que água em um morto, morto a sede? Nem a água, nem o sangue eram o que tinham sido. São Cirilo Jerosolimitano diz que o sangue fora o sangue que tomaram sobre si os que procuraram a morte do Senhor: *Sanguis ejus super nos*,¹⁹ e que a água fora a água com que Pilatos lavou as mãos quando o condenou ou entregou à morte: *Aqua lavit manus coram populo*.²⁰ As palavras do santo são breves, mas expressas: *Erant haec duo de latere, judicanti aqua, clamantibus vero sanguis*. E como esta injustiça foi tão ímpia e bárbara, e a ingratidão tão desumana e tão atroz, não é muito que o Senhor a sentisse como merecia, e que – ao modo que se diz da água do dilúvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus*²¹ – a mesma água e o mesmo sangue lhe chegassem ao coração, e se conservassem nele até a morte. Isto é o que tinham sido aquele sangue e aquela água, quando entraram no coração de Cristo. E quando saíram, que foram? Tertuliano, São Crisóstomo, Santo Agostinho, e o comum sentir dos Padres concordam em que o sangue era o Sacramento da Eucaristia, e a água, o Sacramento do Batismo, dos quais se formou a Igreja, saindo do lado de Cristo como Eva do lado de Adão. Deixo as autoridades, porque são sabidas. Pois se este sangue e esta água, quando entraram no coração de Cristo, foram os dois instrumentos de sua morte, como agora, quando saem do mesmo coração, são os dois elementos de nossa vida? Porque esta é a qualidade soberana do coração de Cristo, e assim se mudam e trocam nele as ingratidões dos homens. Os agravos se trocam em benefícios, as injustiças em misericórdias, os sacrilégios em sacramentos, e o consumado da ingratidão no estilado do amor: *Contumelia invertitur*, disse Teofilato.

19 O seu sangue caia sobre nós (Mt. 27, 25).

20 Mandando vir água, lavou as mãos à vista do povo (Mt. 27, 24).

21 Tocando interiormente de dor (Gên. 6, 6).

Mas qual foi o motivo que teve o mesmo amor para sair com este prodígio? Foi, porventura, a fé do centurião, que, reconhecendo a divindade do crucificado, confessou publicamente que era Filho de Deus: *Vere Filius Dei erat iste?*²² Foi, porventura, a contrição e penitência dos que tornavam do Calvário para Jerusalém batendo nos peitos: *Percutientes pectora sua, revertebantur?*²³ Não. O motivo que tomou o amor para converter nos dois maiores benefícios as duas maiores ingratidões foi outra ingratidão maior que todas. A maior de todas as ingratidões que os homens usaram com Cristo, é, sem controvérsia, que foi a lançada. Porque as outras foram cometidas contra Cristo vivo, e a lançada, não só contra Cristo morto, mas morto pela salvação dos mesmos homens, que assim lhe pagaram o morrer por eles. Por isso o mesmo Senhor, naquele salmo em que se referem todos os tormentos da Paixão, só da lançada pediu a Deus o livrasse: *Erue a framea, Deus, animam meam,*²⁴ não pela dor que houvesse de sentir o corpo, que já estava morto, mas pelo horror que já lhe feria e penetrava a alma, na apreensão de uma atrocidade tão feia e tão ingrata. E essa foi a razão por que não disse que lhe livrasse da lança o seu corpo, senão nomeadamente a sua alma: *Erue a framea animam meam, Deus.* Sendo, pois, esta a mais cruel e desumana ingratidão que jamais se cometeu nem podia cometer no mundo, que não só a convertesse o coração de Cristo no maior e mais consumado benefício, mas que esperasse com o peito fechado até que a lança, como diz São Crisóstomo, fosse a chave que lho abrisse, por que pela mesma ferida nos comunicasse sem nenhuma reserva os últimos tesouros de sua graça? Não há dúvida de que, assim como da parte da ingratidão foi o maior excesso a que podia chegar a

22 Na verdade este homem era filho de Deus (Mt. 27, 54).

23 Retiravam-se batendo nos peitos (Lc. 23, 48).

24 Livra, ó Deus, a minha alma da espada (Sl. 21, 21).



fereza humana, assim da parte do amor foi o maior extremo com que a podia corresponder a benignidade divina. E se este é o modo com que Cristo vinga os agravos, e esta a moeda com que paga as ingratidões, como podia sarar o seu amor com este remédio, ou deixar de amar os seus, por mais que lhe fossem ingratos: *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos?*

VI

Não havendo aproveitado até agora nem o remédio natural do tempo, nem o artificial da ausência, nem o violento da ingratidão, antes, tendo mostrado a experiência que com os remédios cresce a enfermidade, e com os contrários se aumenta, como já disse Ricardo Vitorino: *Quia amoris incendium ex alterutra contradicitione magis exaestuat*,²⁵ também eu parara aqui, e deixara de aplicar ou explicar o quarto remédio, se ele não fora tão poderoso e superior na eficácia a todos, que sobre a maior desconfiança pode dar esperanças da melhoria.

É pois o quarto e último remédio do amor, e com o qual ninguém deixou de sarar: o melhorar de objeto. Dizem que um amor com outro se paga, e mais certo é que um amor com outro se apaga. Assim como dois contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dois amores, porque o amor que não é intenso não é amor. Ora, grande coisa deve de ser o amor, pois, sendo assim, que não bastam a encher um coração mil mundos, não cabem em um coração dois amores. Daqui vem que, se acaso se encontram e pleiteiam sobre o lugar, sempre fica a vitória pelo melhor objeto. É o amor entre os afetos como a luz entre as qualidades. Comumente se diz que o maior contrário da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrário de uma luz é outra luz maior. As estrelas no meio das

²⁵ Rich. Victor. tract. de 4 grad. viol. charit.



trevas luzem e resplandecem mais, mas em aparecendo o sol, que é luz maior, desaparecem as estrelas. Grande luz era o Batista antes de vir Cristo ao mundo; apareceu Cristo, que era a verdadeira luz: *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem*,²⁶ e que lhe sucedeu ao Batista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux*.²⁷ O mesmo lhe sucede ao amor, por grande e extremado que seja. Em aparecendo o maior e melhor objeto, logo se desamou o menor.

Entre as injustiças que El-Rei Saul cometeu contra Davi, a mais sensível e a mais sentida dele foi negar-lhe a princesa Micol, que era o preço da vitória do gigante, e não só negar-lha, que fora menor injúria, senão dá-la a seu despeito a Faltiel. Dissimulou esta dor Davi, até que se viu com a coroa de Israel na cabeça, e a primeira coisa que fez, ou a primeira condição com que aceitou a mesma coroa, foi que Micol lhe fosse logo restituída. – Sofriam-se estes câmbios na moeda corrente de cada dia.

– Conta o caso a Escritura, e refere uma circunstância muito digna de reparo: *Misit ergo Isboeth, et tulit eam a viro suo Phaltiel: sequebaturque eam vir suus, plorans usque Bahurim* (2 Rs. 3, 15 s). Quer dizer que mandou Isboet, filho de Saul, tirar a Faltiel sua mulher Micol, e que ele a acompanhou chorando até o lugar onde se havia de entregar, e não diz mais. O que agora noto é que neste apartamento chorasse Faltiel, e não chorasse Micol. Para Micol chorar, bastava ver chorar a Faltiel; e quando não bastasse, concorriam nela outras duas razões naturais, não só para chorar, senão para chorar mais. A primeira, porque nas despedidas costumam enternecer-se mais os que vão que os que ficam. Assim o temos por exemplo em Davi, quando se apartou de Jônatas: *Fleverunt pariter, David autem amplius*.²⁸ A segunda, por ser Micol mulher, e mulher que se apartava de seu marido, segundo aquela regra da natureza:

26 Era a luz verdadeira que alumia a todo o homem (Jó 1, 9).

27 Ela não era a luz (Jo. 1, 8).

28 Choraram ambos, mas Davi mais (1Rs. 20, 41).



*Uxor amans flen tem, flens acrius ipsa tenebat.*²⁹ Pois, se Micol nesta ocasião tinha tantas razões de chorar, e se apartava de Faltiel, e se apartava para sempre – que era outra nova razão – por que não chorou nem uma só lágrima? Não chorou, porque já não amava, e não amava, porque melhorou de objeto. Faltiel chorava, porque perdia a Micol, e Micol não chorava, porque trocava a Faltiel por Davi. Enquanto Micol vivia com Faltiel, não podemos duvidar que o amasse, porque Micol era princesa, e o amor era obrigação; porém, tanto que lhe falaram nas bodas de El-Rei Davi, mudou logo de afeição, porque melhorou de objeto.

E se a melhoria do objeto é tão poderoso e eficaz remédio para mudar de amor, não digo eu quão poderoso seria, senão quão onipotente no nosso caso, em que a diferença ou a competência não era de homem a homem, senão de homens a Deus, nem de Faltiel a Davi, senão de Pedro e João ao Eterno Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Comparai-me o Criador do céu e da terra com os pescadores de Tiberíades; o adorado dos anjos com os desprezados do mundo; o infinito, o imenso, o incompreensível, o que só é, e dá o ser a tudo, com os que verdadeiramente eram nada, como somos todos, e vereis quão temerária esperança seria, e quão louco pensamento o de quem cuidasse que à vista de tal objeto podia ter lugar, não digo o amor, mas nem a memória dos homens. Contudo o evangelista, depois de referir esta diferença e de ponderar a mesma desigualdade, dizendo: *Ex hoc mundo ad Patrem*, ainda persiste em afirmar que os homens foram não só amantes, senão os amados: *In finem dilexit eos*. Cuidava eu, e tinha infinita razão para cuidar e para crer que, quando o evangelista disse que Cristo se partia para o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, o que havia de continuar a dizer, em boa consequência,

²⁹ Ovid.



era: *In finem dilexit eum*. Enquanto esteve no mundo, amou aos homens: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo*; porém no fim, em que se partiu do mundo para o Padre: *Ex hoc mundo ad Patrem*, então, com a mudança e melhoria do objeto, e tal objeto, também mudou e melhorou de amor, e não os amou a eles, senão a ele: *In finem dilexit eum*. Assim o cuidava eu, e sem injúria nem agravo do amor dos homens; mas o evangelista, falando da despedida dos homens e da partida para o Padre, o que diz, com assombro da razão e pasmo do nosso mesmo juízo, é que o Padre foi o fim da jornada, porém os homens, o fim do amor. O Padre, o fim da jornada: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e os homens o fim do amor: *In finem dilexit eos*.

Assim o disse São João, e assim o dizem todas as palavras e ações do amorosíssimo Senhor nesta mesma hora da sua partida. Viu tristes o divino Mestre aos discípulos, como era justo que estivessem em tal ocasião e tão precisa, estranhando-lhes a tristeza, disse: *Si diligeritis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem, quia Pater major me est* (Jo. 14, 28): Se vós, discípulos meus, me amáreis, havíeis-vos de alegrar com a minha ida, porque vou para meu Padre, que é maior que eu. Parece que da tristeza neste caso não se inferia bem o não amar. Antes, Senhor, porque os discípulos vos amam, por isso sentem vossa partida, e os entristece vossa ausência. Não – diz o divino Mestre – já eu lhes disse, e dei por razão, que o Padre para onde vou é maior que eu: *Quia Pater major me est*. E sendo a minha partida para melhorar tanto de estado e de objeto, se eles me amaram verdadeira e desinteressadamente, haviam de poder mais as minhas melhoras para os alegrar, que a minha ausência para os entristecer. Assim é em lei do perfeito amor. Mas, pouco depois de o mesmo Senhor ensinar e seguir este alto ditame, chega ao Horto, despede-se ultimamente dos mesmos discípulos, e foi tal o extremo da sua tristeza que sem



encarecimento lhes disse que era bastante a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem*.³⁰ Pois, se os discípulos se haviam de alegrar nesta despedida, porque seu Mestre e Senhor vai para o Padre, por que se não alegra também o mesmo Senhor, antes se entristece com tal extremo? Não vai para o Padre, que é maior? Sim. Não vai para melhorar tanto de estado e de objeto? Sim. Pois, por que não são bastantes estas melhoras para o alegrar, e basta a ausência dos homens para o entristecer? Por isso mesmo e pela mesma regra do verdadeiro amor. Poder mais a minha ausência para entristecer os discípulos, do que as minhas melhoras para os alegrar, é amarem-se eles a si; mas poderem menos as minhas melhoras para me alegrar, do que a sua ausência para me entristecer, é amá-los eu a eles. O que neles é tristeza, para ser amor havia de ser alegria, e o que em mim parece que havia de ser alegria, porque é amor, é tristeza. E, sendo estes dois afetos, de alegria e tristeza, tão contrários entre si, e os objetos de um e outro tão infinitamente desproporcionados quanto vai do Padre aos homens, que à vista de uma razão tão imensa de alegria tenha ainda lugar e peso a tristeza, e que no gosto e alvoroços de ir ao Padre, se não afogue, como em um mar ou dilúvio, o sentimento de deixar os homens? Só no coração imudável de um Homem-Deus se podia achar tal constância, e só no seu amor tal firmeza.

Mas apertemos bem o ponto e o texto em todo o rigor de Teologia. A alma de Cristo, Senhor nosso, nesta vida, e desde o instante de sua Encarnação, sempre viu a Deus, e sempre foi sumamente bem-aventurada, sem haver momento algum em que deixasse de o ser. Como podia logo a mesma alma, e no mesmo tempo, estar triste, e com tanto extremo triste: *Tristis est anima mea usque ad mortem*? Os teólogos, com Santo Tomás, declarando como isto podia ser, distinguem na alma, posto que não tenha

30 A minha alma está numa tristeza mortal (Mt. 26, 38).



partes, uma como parte superior, que é a intelectual, e outra inferior, que é a sensitiva. E deste modo, dividida de si para consigo mesma, a alma de Cristo, no mesmo tempo podia estar – e estava – alegre e triste juntamente: alegre na parte superior, e sumamente alegre, como bem-aventurada, e triste, na parte inferior, e sumamente triste, como tão desconsolada e afligida. Vistes o ar coberto e cerrado de nuvens grossas e espessas que rebatem os raios do sol totalmente, e não deixam lugar à luz a que se nos comunique? Neste caso a parte superior do mesmo ar, e que olha para o céu, está toda clara e alegre, e a parte inferior, que cerca a terra, toda escura e triste, e não em diversos tempos, senão no mesmo. Pois, da mesma maneira, e no mesmo tempo, a alma de Cristo, pela parte superior, como gloriosa, estava sumamente alegre, e pela parte inferior, como afligida e tão afligida, sumamente triste.

Estes são os afetos e efeitos contrários que couberam na alma de Cristo, Senhor nosso, enquanto compreensor e viador juntamente; e os mesmos ajuntou o amor na mesma alma de Cristo só enquanto viador, não sei se com maior milagre. O partir para o Padre, e o apartar-se dos homens, ambos foram atos de viador; e sendo os objetos tão infinitamente diversos e desiguais, para que a melhoria do primeiro não eclipsasse os efeitos do segundo, que fez o amor? Ou partiu a alma do amante que se partia, dando uma parte ao Padre e outra aos homens, ou a deu toda aos homens e toda ao Padre, sem a partir, toda alegre, porque ia para ele, e toda triste, porque nos deixava a nós. Lá disse a sutileza saudosa de Santo Agostinho, no apartamento de um seu amigo, que só lhe ficara metade da alma, e a outra metade se partira com ele, e que, vendo-se assim meio vivo e meio morto, tinha horror de si mesmo. Mas deste dito ou encarecimento se retratou depois o mesmo Santo Agostinho, e com razão, porque só do amor de Cristo, e de quando se apartou dos seus amados se podia dizer ou considerar com verdade. Assim o mostrou a experiência na mesma hora em que declarou aos discípulos a tristeza da sua alma.



Apartou-se o Senhor deles para orar ao Padre, sempre com o mesmo nome do Padre na boca: *Abba, Pater* (Mc. 14, 36), e notam os evangelistas que três vezes orou, e três vezes veio buscar os discípulos:

Iterum abiit, et oravit tertio,³¹ diz São Mateus; *Et venit tertio, et ait illis*,³² diz São Marcos. De sorte que andava o Senhor, no mesmo tempo da oração, vindo do Padre para os discípulos, e indo dos discípulos para o Padre, e tantas vezes dos discípulos para o Padre, como do Padre para os discípulos. Agora conheço, Amante divino, com quanta razão duvidei se o vosso amor vos dividira a alma entre o Padre e os homens, ou a dera toda a ele, e toda a eles. Quando vos vejo ir para o Padre três vezes, e tornar para os homens três vezes, não só me parece que está dividida a vossa alma, mas dividida, que é mais, em partes iguais. Porém, quando ouço o sentimento do que dizeis em uma parte, e a dor do que estranhais na outra, não posso duvidar que falais com toda a alma, e que toda a leva o vosso amor quando ides, e toda a traz quando tornais. Mas, como pode ser que seja toda e a mesma, sendo os caminhos tão diversos e os termos tão opostos? Quando vos apartastes dos discípulos para orar ao Padre, diz São Lucas que a distância foi um tiro de pedra: *Quantum jactus est lapidis* (Lc. 22, 41). E se víssemos que uma pedra por si mesma já subia para cima, e já tornava para baixo, que diríamos? Fundamento tínhamos para dizer que esta pedra tinha dois centros. Quereis logo, Amante divino, ou dai-nos licença para que cuidemos e digamos o mesmo de vós? Quando ides para o Padre, diremos que um centro vosso é o Padre: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*; e quando vindes para os homens, diremos que outro centro também vosso são os homens: *In finem dilexit eos*.

31 E deixando-os de novo, foi orar terceira vez (Mt. 26, 44).

32 E veio terceira vez, e disse-lhes (Mc. 14, 41).

Não sei se me atreva a dizer tanto; só digo que tão pouco como isto obrou, e tão pouco pôde a melhoria do objeto para mudar ou diminuir o amor de Cristo. E para que concluamos este discurso, como os outros, com efeito contrário, acrescento que, sem embargo de ser o Padre tão infinitamente maior e melhor objeto, tão fora esteve o objeto de render e levar a si o amor, que antes o amor rendeu e levou a si o objeto. E de que modo? Fazendo que o mesmo Padre, que havia de ser o objeto, só amado, fosse ele também amante dos homens. E quando os homens parece que haviam de perder o amor do Filho que se partia, não só conservaram inteiro o amor do mesmo Filho, mas adquiriram de novo o amor do Padre. Ouve e pasmai. O amor com que o Padre e o Filho se amam é de tal qualidade que, assim como são a mesma coisa por natureza, são também a mesma coisa por amor. E quando o Filho se partiu dos homens para o Padre, que sucedeu? Cresceu esta mesma união de amor, e se multiplicou de tal sorte, que não só Cristo e o Padre entre si, senão Cristo, o Padre e os homens todos ficaram a mesma coisa. Nem crer, nem imaginar se pudera tal extremo de união se o mesmo Cristo o não declarara, como declarou na mesma hora. Despedindo-se o Senhor dos discípulos, estando ainda à mesa depois da Sagrada Ceia, fez esta oração a seu Padre: *Non pro eis rogo tantum, sed et pro eis, qui credituri sunt per verbum eorum in me, ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint* (Jo. 17, 20 s). Quer dizer: Não só vos rogo, Pai meu, por estes poucos discípulos que tenho presentes, senão por todos aqueles que, por meio da sua doutrina, hão de crer em mim – que são todos os cristãos –, e o que vos peço é que, assim como nós, por união de amor, somos uma mesma coisa, vós em mim e eu em vós, assim eles em vós e em mim sejam também uma coisa, pela mesma união. – Quem não pasma tendo ouvido tais palavras, ou não tem juízo, ou não tem fé. E por que não parecesse que esta união de amor era só pedida por Cristo em dúvida de o Padre a conceder ou não, o mesmo Senhor testificou logo que



ele, em nome seu e no do Padre, a tinha já concedido aos homens: *Et ego claritatem quam dedisti mihi, dedi eis, ut sint unum, sicut et nos unum sumus. Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum.*³³ Um e outro texto são tão claros, que não hão mister comentários; mas, para maior satisfação de todos, quero que ouçais o do doutíssimo Maldonado, cuja autoridade sabem quão singular é todos os que leem as Escrituras: *Sensus est – diz ele – ea ratione fieri, ut cum Pater in Christo unum sit, et Christus unum cum discipulis, et discipuli unum cum Patre, idest, cum Deo sint, qua unitate nulla potest esse major.*

Oh! se alcançássemos a compreender quão alto, quão divino, quão inestimável foi este último e supremo invento do amor de Cristo, o qual, antes de se obrar, excedia toda a imaginação, e, depois de obrado, excede toda a capacidade humana. O Padre no Filho, o Filho no Padre, o Padre e o Filho no homem, e o homem no Padre e no Filho, com uma trindade de pessoas e uma unidade de amor tão perfeito que o mesmo Cristo lhe chamou consumada: *Ego in eis, et tu in me, ut sint consummati in unum.* Mas até os mesmos apóstolos então não puderam compreender tal extremo de união e amor, e por isso lhes disse o mesmo Cristo que, depois de alumiados pelo Espírito Santo, o conheceriam: *In illo die vos cognoscetis quia ego sum in Patre meo, et vos in me, et ego in vobis.*³⁴ Fique logo, por última conclusão, que mal podia a melhoria do objeto mudar o amor de Cristo para com os homens, pois, em vez de o mudar nesta mesma partida para o Padre, o melhorou de maneira que até o mesmo amor com que Cristo ama ao Padre, e o amor com que o Padre ama a Cristo, se uniram em um amor, para mais e mais os amar: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, in finem dilexit eos.*

33 E eu lhes dei a glória que tu me havias dado, para que eles sejam um, como também nós somos um. E eu estou neles, e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade (Jo. 17, 22 s).

34 Naquele dia conhecereis vós que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós (Jó 14, 20).

VII

Eis aqui, fiéis, como nenhum dos remédios que costumam acabar ou diminuir o amor, nenhum dos contrários, que o costumam contrastar e vencer, foram bastantes para que o intensíssimo amor com que Jesus nos amou e ama, não digo se esfriasse ou enfraquecesse, mas se remitisse um ponto, servindo só o poder dos remédios para mais o acender, e a força dos contrários para mais fortemente os triunfar. Venceu o seu amor o tempo, venceu a ausência, venceu a ingratidão, e até da melhoria de um tão incomparável objeto não pôde ser vencido. Julgue agora a nossa obrigação, se quando se rendem ao mesmo amor todos os contrários, será justo que lhe resistam os seus, e se na hora em que morre de amor sem remédio o mesmo amante, será bem que lhe faltem os corações daqueles por quem morre? Amemos a quem tanto nos amou, e não haja contrário tão poderoso que nos vença, para que não perseveremos em seu amor. Se ele nos amou por toda uma eternidade, por que o não amaremos nós por tão poucos dias, e tão breves, como são os da nossa vida? Aprenda a fraqueza da nossa virtude ao menos da constância de nossos vícios; e pois não basta o tempo a nos mudar dos pecados, não baste tão facilmente a nos mudar do arrependimento deles. Não tem o nosso amor o contrário da ausência que vencer, porque sempre temos ao mesmo Cristo, enquanto Deus e enquanto homem, presente; e se a sua presença se não deixa ver de nossos olhos, não seja motivo de diminuir o amor o que foi traça de acrescentar as saudades. Lembremo-nos todas as horas de quem hoje a esta hora se nos deu todo a si mesmo, e amanhã, antes desta hora, estará morrendo por nós em uma cruz. Ele, de tantas ingratidões, fez motivos de mais nos amar, e nós por que o não faremos de tantos e tão imensos benefícios? Que nos fez um tão bom Senhor para o ofendermos? Oh! que ingratidão tão desumana! Oh! que ingratidão tão indigna de feras, quanto mais de criaturas com uso de razão! A quem te

criou, a quem te remiu, a quem tanto te amou, não amas? A quem te comprou com o sangue o céu, e te tirou do inferno quantas vezes o ofendeste, tens ainda coração para o tornar a ofender? Que amamos, cristãos, se não amamos a Jesus? Que objeto mais digno de ser amado? Que objeto que compita com ele, não digo na igualdade, senão na semelhança? Toda a outra formosura, em comparação da sua, não é fealdade? Toda a outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem não é mentira? Indignamo-nos dos que trocaram a Cristo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço, e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e afrontosamente?

Ah! Senhor, que só o vosso amor, que não teve remédio, pode ser o remédio das loucuras do nosso. Remediai tantas cegueiras, remediai tantos desatinos, remediai tantas perdições. E, pelo amor com que nos amastes no fim, tenha hoje fim todo o amor que não é vosso. Esta é, amoroso Jesus, esta é só a mercê que por despedida vos pedimos nesta última hora vossa. Lembrai-vos, enfermo divino, que estais nos últimos transes da vida. Não vos esqueçais de nós em vosso testamento. O legado que esperamos de vossa liberalidade, como criados, e a esmola que pedimos a vossa misericórdia, como pobres, é que nos deixeis, pois nos deixais, alguma parte do vosso amor. Amanhã vos hão de partir o coração: reparti dele conosco, para que de todo o coração vos amemos. Oh! quanto nos pesa nesta hora, e para sempre, de vos não ter amado como devíamos! Nunca mais, Senhor, nunca mais! Só a vós havemos de amar de hoje em diante, e posto que em vós concorram tantos motivos de amor, e tão soberanos, só a vós, e por serdes quem sois. Assim o prometemos firmemente a vosso amor, e assim o confiamos de vossa graça, e só para que vos amemos eternamente na glória.

SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS
PREGADO NA IGREJA DA MISERICÓRDIA DA BAHIA, ANO
DE 1637, EM QUE ARDIA AQUELE ESTADO EM GUERRA

*Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia,
et pax osculatae sunt.*³⁵

§I

Os despojos da justiça e os troféus da misericórdia. A paz, fruto da justiça. Absalão, paz de seu pai. A pomba e o corvo da Arca de Noé. A justiça e a paz se abraçaram.

Esta dobrada união de virtudes, que Davi prometeu ao mundo, quando nele se vissem também unidas a natureza divina com a humana, são as duas partes de que religiosamente se compõe todo este aparato fúnebre, que, entre horror e piedade, temos presente. Despojos da justiça, troféus da misericórdia. Vede com que diferentes procissões, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens, vivos, foram levados pela justiça ao lugar infame do suplício, e, mortos, são trazidos pela misericórdia, com tanta honra ao da eclesiástica sepultura. Ali pagaram o que mereciam os delitos, aqui recebem o que se deve à humanidade. Diz pois Davi que naqueles tempos ditosos, saindo a se encontrar a misericórdia e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a misericórdia com a verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia et pax osculatae sunt* (Sl. 84,11).

³⁵ A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se deram ósculo (Sl. 84, 11).



Abraçaram-se a justiça e a paz, e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço: *Justitia, et pax*, porque a justiça não é a que depende da paz – como alguns tomam por escusa – senão a paz da justiça. Faça a justiça aquela justa guerra de que estes ossos são os despojos, e deles, e dela nascerá a suspirada paz, de cuja falta padecemos há tantos anos. No nascimento de Cristo anunciaram os anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus* (Lc. 2, 14). E donde havia de vir essa paz aos homens e à terra? Não precisamente do rei pacífico que nascia, senão da justiça que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus emus justitia, et abundantia pacis* (Sl. 71, 7): Nascerá em seus dias a justiça – diz o profeta – e então haverá grande colheita de paz – porque a paz são os frutos da justiça. Toda a República, em todo o tempo, há mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro, paz exterior contra os de e uma e outra teremos, se a justiça a cultivar como deve. Vedes aqueles ossos desenterrados? Pois aquela é a semente de que nasce a paz. A justiça semeia-os no ar, e a paz colhe-se na terra. Absalão quer dizer: *Pax Patris*: Paz de seu pai; mas não foi paz de seu pai estando vivo, senão depois de morto e enforcado (2 Rs. 18). Vivo, fez-lhe cruel guerra; enforcado, deu-lhe a paz de todo o reino. Se houvera justiça que enforcara Absalões, eu vos prometo que dentro e fora não houvera tantas guerras. O maior exemplo de justiça que viu o mundo foi o do dilúvio. E que se seguiu depois dele? A paz que trouxe a pomba a Noé no ramo da oliveira. As águas do dilúvio não arrancaram nem secaram a oliveira, antes a regaram (Gên. 8, 11). Debaixo delas se conservou inteira e verde, porque, debaixo dos grandes e exemplares castigos, cresce e reverdece a paz.

Para mim, o primeiro sinal dela, não foi o da pomba, senão o do corvo. Saído o corvo da arca, pôs-se a comer e cevar nos corpos afogados do dilúvio; e quando se dá carne de justificados



aos corvos, segura está a paz do mundo. Se o cervo trouxera à Arca uma daquelas caveiras, tanto e mais se pudera assegurar dela Noé, que da oliveira da pomba. Nunca Jerusalém gozou maior paz que no tempo de El-Rei Salomão; mas essa não estava só no Olivete, senão no Calvário. Assim o profetizou ao mesmo Salomão seu pai, falando da felicidade do seu reinado: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam* (Sl. 71, 3): Os montes trarão a paz ao povo, e os outeiros a justiça. – E por que os outeiros a justiça, e os montes a paz? Porque em Jerusalém, havia um monte mais alto, coberto de oliveiras, que era o Olivete, e outro outeiro ou monte mais baixo, coberto de caveiras, que era o Calvário, onde se justificavam os delinquentes. E quando os outeiros, como o Calvário, com as suas caveiras, mostram a justiça, os montes, como o Olivete, com as suas oliveiras, anunciam a paz: *Suscipiant montes pacem, et colles justitiam*. Oh! como veríamos esses montes coroados de paz, se se vissem estes outeiros semeados de justiça! Mas nós, esquecidos desta regra – que também é militar –, todos nos ocupamos em fortificar e presidir outeiros e montes. Que importa que estejam presidiadas as fortalezas, se estão desguarnecidas as forcas? Aquelas são as que nos hão de defender da justiça divina, que só vem do céu, quando falta na terra. O imperador Maximiliano quando via uma forca tirava-lhe o chapéu, porque estas, dizia, são as que me sustentam em paz o meu império. Por isso diz Davi, como profeta, e também o pudera dizer como rei, que a justiça e a paz se abraçaram: *Justitia, et pax osculatae sunt*.

Tenho declarado uma das partes do tema que, sendo tão própria do tempo, também não foi alheia do lugar e do ato presente, pois é de misericórdia que supõe justiça; para discorrer mais largamente sobre a segunda e principal, é-nos necessária maior graça. *Ave Maria*.

§II

O terremoto da Ilha Terceira e as ruínas da Vila da Praia. A irmandade das virtudes, e a desarmonia dos vícios. A misericórdia mentirosa de Judas, e a misericórdia interesseira de Faraó a Abraão. Davi pregador da misericórdia divina.

Misericordia et veritas obviaverunt sibi.

Um dos mais prodigiosos casos com que o céu assombrou a terra, e as nossas terras, foi o memorável terremoto da Ilha Terceira, não muitos anos antes deste. Arruinou, soverteu e arrasou totalmente a vila chamada da Praia, mas foi muito mais notável pelo que deixou em pé, que pelo que derrubou. Unicamente ficaram inteiras sem lesão estas três partes, ou peças daquele povo: a cadeia pública, a Casa da Misericórdia, e o púlpito da igreja maior. Oh! providência divina, sempre vigilante, ainda nos casos que parecem e podem ser da natureza! Aquelas três exceções tão notáveis não foram sem grande mistério, e todos os que as viram o notaram e reconheceram logo. No cárcere, o reconheceram a justiça, no hospital a misericórdia, e no púlpito a verdade. Como se nos pregara Deus aos portugueses, e mais aos das cidades e praças marítimas – como esta é, e aquela era –, que por falta de justiça, de misericórdia e de verdade se veem tão destruídas e assoladas as nossas conquistas, e que só se pode defender, conservar e manter em pé sobre três colunas, com verdade, e com misericórdia, e com justiça; da justiça, basta o que fica dito; da misericórdia e verdade, diremos agora.

Misericordia et veritas obviaverunt sibi. Contêm estas palavras, senhores, um documento notável e muito digno de o notarem e advertirem todos os que nesta ilustríssima comunidade, com o nome e com as obras professam misericórdia. Profetiza e canta



Davi, como maravilha e excelência própria da lei da graça, que nos tempos dela – que são estes nossos – a misericórdia e a verdade se concordariam, se abraçariam e se uniriam entre si. Isto quer dizer *obviaverunt sibi*. E é notável dizer. As virtudes não são como os vícios. Os vícios, ainda que se ajuntem no mesmo sujeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revés, como as raposas de Sansão, sempre descontraídos e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservam tal irmandade e harmonia entre si, que sempre estão unidas e concordes; e, entre todas as virtudes, a nenhuma é mais intrínseca esta união, que à verdade, porque a virtude que não é juntamente verdade, não é virtude. Como diz logo Davi, e como celebra por maravilha própria da lei de Cristo, que a misericórdia se ajuntaria com a verdade, e a verdade com a misericórdia: *Misericordia et ventas obviaverunt*. Uma coisa diz Davi, outra supõe, e ambas certas. Diz que a misericórdia e a verdade se haviam de encontrar e unir, porque assim o manda Cristo; e supõe que a misericórdia e a verdade podiam andar descontraídas e desunidas, porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericórdia é misericórdia e verdade. Há misericórdias, que são misericórdia e mentiras: parecem misericórdias e são respeitos, parecem misericórdias e são interesses, parecem misericórdias e são outros afetos tão contrários desta virtude, como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio haec? Potuit enim istud venundari multo, et dari pauperibus* (Mt. 26, 8 s): Para que é desperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fora vendê-lo por muito dinheiro, e matar com ele a fome a muitos pobres. – Quem ouvisse isto a um apóstolo havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espírito de caridade, que era impulso e afeto de misericórdia. Mas o evangelista São João, que lhe conhecia o ânimo, vede que diferente mente no-lo pintou e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, et*



*loculos habens.*³⁶ Não dizia isto Judas porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras pareciam de um apóstolo, mas os intentos eram de um ladrão. Era cobiça em hábito de piedade, era ladroíce com rebuço de misericórdia: *Quia fur erat, et loculos habens.* Eu não quero aplicar; faça-o cada um consigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de matéria mais perigosa.

Saiu Abraão peregrino de sua pátria, fez assento em Egito com toda sua família, e não se tinham passado dias depois que chegara, quando já era um dos mais ricos e poderosos do lugar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do rei e moradores daquela terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, e a dizer comigo: Esta sim que é caridade, esta sim que é misericórdia! Remediar com tanta presteza um homem peregrino, socorrer com tanta abundância uma família desterrada: não se faz assim entre nós com os retirados de Pernambuco. Li por diante, tudo o que ouvistes, nada era menos que aquilo que aparecia. Parecia piedade, eram respeitos, parecia misericórdia, e eram interesses. Digamo-lo mais claro: parecia caridade, e era amor. Todas estas enchentes de bens corriam à casa de Abraão, não por amor de Abraão, senão por amor de Sara, e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina: *Scio quod pulchra sis, mulher; Abram bene usi sum propter illam.*³⁷

De sorte – como dizia – que nem tudo o que parece misericórdia é misericórdia e verdade, senão, muitas vezes, misericórdia e mentira. Em Judas o zelo dos pobres parecia misericórdia, e era cobiça; em Faraó o agasalho dos peregrinos parecia misericórdia,

³⁶ E disse isto, não porque ele tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão, sendo o que trazia a bolsa (Jo. 12, 6).

³⁷ Conheço que tu és uma mulher formosa; e eles se houveram bem com Abraão, por amor dela (Gên. 12, 11. 16)



e era lascívia; e se estes defeitos se acham em misericórdias coroadas, ou com a coroa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa real, como a de Faraó, menos maravilha seria que se possam achar nas misericórdias de outros sujeitos, onde os da menor condição, e os da maior, todos são inferiores. Com ser porém assim, que em muitas ações e obras de misericórdia a misericórdia e a verdade andam desencontradas – de que pode ser, que nesta mesma casa, e dentro destas santas paredes, assim nas eleições dos ofícios, como no exercício deles haja menos antigos, e mais palpáveis exemplos – deixados eles à consideração e consciência do tribunal a quem toca, e vindo ao ato presente, como próprio deste dia, digo, senhores, que, entre todas as obras de misericórdia que, ou pública ou privadamente, professa o vosso instituto, esta é singularmente aquela em que a misericórdia e a verdade se acham juntas. Nas outras obras de misericórdia pode ir a misericórdia por um caminho e a verdade por outro; nesta não é assim. Por mais desencontradas, e mais longe que andassem uma da outra, aqui se encontram, aqui se abraçam, aqui se unem: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi*.

E para que conheça a Irmandade da Misericórdia quanto digo nisto que digo, ouçamos ao mesmo Davi, não já falando da misericórdia humana, mas da divina. O maior pregador da misericórdia, entre todos os profetas, foi Davi. E todas as vezes em que ele – como eu agora – se achava em algum grande auditório, o que pregava da misericórdia de Deus é que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, et veritatem tuam a concilio multo*. Como rei, que tanto devia à misericórdia divina, e como profeta, que também a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se falava com Deus, misericórdia e verdade: *Misericordia et veritas praecedent fatiem tuam*. Domine, *in caelo misericordia tua, et veritas tua usque ad nubes*.³⁸ Se falava de

38 A misericórdia e a verdade irão diante da tua face (Sl. 88, 15).



Deus, misericórdia e verdade: *Misericordiam et veritatem diligit Deus. Universae viae Domini misericordia et veritas.*³⁹ Se nos exortava a louvar a Deus, misericórdia e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, et veritas Domini manet in aeternum. Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, et veritate tua.*⁴⁰

Mas por que insistia tanto Davi nos louvores de Deus, em ajuntar sempre a verdade com a misericórdia? Porque é tão grande prerrogativa, tão alta e tão divina a união da misericórdia com a verdade, que entre todos seus atributos, de nenhuma se preza nem gloria mais Deus que desta união. O mesmo Deus o revelou assim a Davi, e o mesmo Davi a nós: *Super misericordia tua et veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sactum tuum.*⁴¹ Quis Deus magnificar e engrandecer o seu nome, quis tomar para si um nome que fosse sobre todo o nome, e o nome que elegeu entre todos seus atributos foi misericórdia e verdade. A seu Filho deu Deus um nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen* (Flp. 2, 9), e para si tomou também um nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* E assim, como o nome de Cristo sobre todo o nome é Jesus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatu,*⁴² assim o nome de Deus sobre todo o nome é misericórdia e verdade: *In misericordia tua, et veritate tua.* Não misericórdia e justiça, não misericórdia e sabedoria, não misericórdia e onipotência, não misericórdia e imensidade, senão misericórdia e

³⁹ Deus ama a misericórdia e a verdade (Sl. 83, 12). Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade (Sl. 24, 10).

⁴⁰ Louvai todas as gentes ao Senhor, louvai-o todos os povos, porque sobre nós foi confirmada a sua misericórdia, e a verdade do Senhor permanece eternamente (Sl, 1 s). Não a nós, Senhor, não a nós, mas a teu nome dá glória (Sl.114, 1); sobre a tua misericórdia e a tua verdade (Sl.137, 2).

⁴¹ Sobre a tua misericórdia e a tua verdade, porque engrandeceste sobre tudo o teu santo nome (Sl. 137, 2).

⁴² Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho (Flp. 2, 10).



verdade. E se a união da verdade com a misericórdia é tão sobre-excelente e tão sobredivina na misericórdia de Deus, vede que será e qual será na misericórdia humana! Pois isto é, senhores, o que eu digo desta ação da misericórdia que temos presente: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

§ III

No obséquio da Madalena a Cristo, um exemplo da verdadeira misericórdia, ou de misericórdia e verdade: o obséquio prestado aos mortos. Como anunciou o Anjo a José a morte de Herodes? A amizade de Davi, e a morte de Jônatas. A sepultura dos mortos, o maior ofício de piedade, no dizer de Santo Ambrósio. Davi e as maravilhas da misericórdia de Deus para com os mortos.

E se me perguntais o fundamento desta tão gloriosa e quase divina singularidade, respondo que por duas razões, ambas também presentes, uma geral, outra particular. A primeira e geral, porque é obra de misericórdia feita a homens mortos; a segunda e particular, porque é feita a mortos justificados e tirados da força.

Começando pela primeira: então se une a misericórdia com a verdade quando a obra de misericórdia é tão verdadeira e pura, que não tem mistura de outro afeto que a vicie, nem liga de outro motivo ou respeito que a falsifique, e tais são as obras de misericórdia que se exercitam com os mortos. Quando Judas condenou a unção da Madalena, acudiu o divino Mestre a emendar a censura do mau discípulo, dizendo e ensinando a toda a sua escola que aquela obra fora boa: *Opus enim bonum operara esta in me.*⁴³

Em dizer o Senhor absolutamente que a obra fora boa, qualificou e definiu que era livre de todo e qualquer defeito que a

⁴³ No que fez, me fez uma obra boa (Mt. 26, 10).



pudesse viciar, porque *bonum ex integra causa malum ex quocumque defecto*, Agora pergunto: e por que foi absolutamente boa e pura aquela obra, e não só livre dos defeitos que lhe opunha a calúnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava que nas mesmas palavras de Cristo estava a verdadeira razão. Não só disse o Senhor: *Opus bonum operara est*, mas acrescentou: *in me*, em mim. E como aquela obra fora feita em Cristo, a Cristo e por Cristo, parece que não havia mister outra coisa nem outra prova, para ser qualificada por boa, e puramente boa: *Opus bonum*. Assim o cuidava eu, e creio que o cuidaram todos, mas não foi esta a razão com que o Senhor provou a bondade e pureza da obra, senão outra muito mais secreta, que ninguém podia imaginar, verdadeiramente admirável e profundíssima. *Mittens haec, unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me fecit*.⁴⁴ Os unguentos preciosos e aromáticos naquele tempo usavam-se para ungir os mortos, e também os vivos. Os vivos por delícia, os mortos para a sepultura. Responde pois Cristo a Judas: vês este unguento que derramou a Madalena sobre mim, e de que tu tanto te escandalizas. Pois há de saber que ela não me ungia por delícia, como vivo, senão para a sepultura, como morto: Quando o meu corpo estiver morto no sepulcro, há-me de querer ungir a Madalena, e não há de poder. E porque a sua devoção merece que eu não deixe de receber este último ofício de piedade, por isso, com moção e instinto divino me veio ungir antecipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimônia de defunto: *Praevenit ungere corpus meum*.⁴⁵ De sorte – notai agora – que para Cristo haver por provado que aquela obra era absolutamente boa, e livre de todo o respeito e defeito humano, não bastou referir que era feita a ele, como todos estavam vendo,

44 Derramar ela este bálsamo sobre o meu corpo, foi ungir-me para ser enterrado (Mt. 26, 12).

45 Embalsamou antecipadamente o meu corpo (Mc. 14, 8).



mas foi-lhe necessário revelar o mistério que só mesmo o Senhor e a Madalena entendiam, e declarar que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit*. Tanto vai nas obras de misericórdia serem feitas a mortos ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Cristo. Se fora obséquio feito a Cristo vivo, pudera arguir a especulação e suspeitar a malícia, ou murmurar e caluniar algum defeito aparente que, quando menos, o pusesse em dúvida; mas, como era obra de misericórdia exercitada com um corpo morto, e para lhe dar sepultura, irrefragavelmente ficou demonstrando que era verdadeira e pura misericórdia, ou, falando nos nossos termos, que era misericórdia e verdade: *Misericordia, et veritas*.

O fundamento sólido e claro desta filosofia é porque os motivos que podem viciar a pureza e falsificar a verdade das obras de misericórdia são outros respeitos humanos, e na dos mortos não há respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados e nos mais respeitosos do mundo, que são os reis e os que andam mais chegados a eles. Morreu El-Rei Herodes, aquele que logo em seu nascimento quis tirar a vida a Cristo e o obrigou a fugir ao Egito, e tanto que morreu, apareceu o anjo a São José, e disse-lhe que seguramente podia tornar para as terras de Israel: *Defuncti sunt enim qui quaerebant animam pueri* (Mt. 2, 20): porque já eram mortos os que perseguiram o Menino. – Este porquê do anjo, parece que foi mais largo do que havia de ser, O evangelista diz que só morreria Herodes: *Defuncto Herode*. Pois, se o que morreu foi só Herodes, perseguidor de Cristo, como diz o anjo que morreram todos os que o perseguiram? Porque com a morte dos reis morrem todos os respeitos que os acompanham na vida. Herodes perseguia a Cristo por respeito da coroa; os demais perseguiram-no por respeito de Herodes, e como morreu Herodes também morreram com ele todos esses respeitos.



E diz o anjo angelicamente, não que morreram os respeitos, senão que morreram os respeitosos ou respectivos, isto é, os familiares de Herodes, para que se desenganem todos os mortais de quão pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas nações na Índia, quando morrem os reis, matam-se juntamente com eles todos os seus criados e validos. Cá não se matam, mas também morrem. Morrem para eles, e vivem – como sempre viveram – só para si. E se isto sucede aos reis, que será ali dali abaixo? Desenganemo-nos pois, que para os mortos não há vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode, defuncti sunt enim*. Atai as palavras do evangelista com as do anjo, e notai muito aquele *enim*. Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque nem porquê, senão porque eles morreram. Não morreria muito tresvariado e fora de si quem nomeasse por seu testamenteiro um morto? Pois assim o fazem os que na morte encomendam os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morriam por vós, na morte morrem convosco. Vede-o nos filhos para com os pais, e nos irmãos para com os irmãos, e, o que é mais que tudo, nos amigos para com os amigos. O par maior de amigos que lemos nas Escrituras – que os outros são fabulosos – foram Jônatas e Davi. Morreu Jônatas, ficou Davi vivo, e tudo o que fez por ele foi tirar a fazenda a seu filho, e compor um soneto ou uma canção à sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, et amabilis super amorem molierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam*.⁴⁶ Reparai no *diligebam*: amava. Ele mesmo confessa e diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jônatas, morreu também o amor de Davi. Fiai-vos lá de amigos, e mais dos mais discretos! O que podeis esperar, quando muito, da memória

⁴⁶ Por ti me encho de mágoa, meu irmão Jônatas, o mais gentil, e o mais amável sobre as mais amáveis mulheres. Eu te amava bem como uma mãe ama a seu filho único (2 Rs. 1, 26).



ou do seu entendimento, é uma meia folha de papel com catorze versos; melhor fora uma bula dos defuntos.

Mas, tornando a Herodes e à declaração dos respeitos por que na sua morte morreram com ele todos os seus, é de saber que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foi o homem que por todas as artes e manhas soube melhor ganhar, sujeitar e unir a si os ânimos dos homens. Como era intruso na coroa, e reinou quarenta e dois anos, sempre com receio de que o privassem do reino, a uns granjeava com favores e mercês, como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como tirano. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu reino mais que uma só vontade, que era a sua. Bem se viu na entrada dos magos em Jerusalém, com voz de outro rei: *Turbatus est Herodes* (Mt. 2, 3): Turbou-se Herodes; *Et omnis Hierosolyma cum illo*: e todos por ele, e com ele. – E, assim como todos viviam com ele, quando vivo, assim todos morreram com ele, quando morto. Enquanto vivo, uns viviam com ele pelo benefício, outros pelo medo; tanto que morreu, morreram também todos com ele, porque nem uns tinham já que temer, nem outros que esperar. Esta é a maior miséria dos mortos: serem gente que não pode fazer bem nem mal. E porque com eles morrem e se acabam todos os respeitos e dependências por que se governam os afetos humanos, por isso, assim como neles aquela é a maior miséria, assim para com eles esta é a maior misericórdia. Misericórdia sem respeito, misericórdia sem dependência, misericórdia sem motivo algum que não seja pura misericórdia, e por isso, enfim, misericórdia e verdade: *Misericordia, et veritas*.

Não sou muito amigo de autoridades, porque raramente se podem ajustar com quem disser o que não está dito, Ouçamos, porém, a de Santo Ambrósio, que melhor e mais altamente que todos tocou este ponto. Naquele seu famoso livro, que intitulou *De Officiis*, falando da sepultura dos mortos, diz que, entre todos os benefícios que pode fazer a piedade humana, este é o mais



excelente: *Nihil hoc officio praestantius*. Outros diriam que maior benefício e maior obra de misericórdia é sustentar os pobres e remir os cativos, porque a uns dá-se vida, e a outros, liberdade. Contudo, este grande doutor da Igreja, e mestre de Santo Agostinho, diz que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o benefício, é o mais excelente de todos, e dá a razão: *Nihil hoc officio praestantius, ei conferre, qui tibi jam non potest redderes*. É – diz – o mais excelente de todos porque é o benefício feito a quem o não pode pagar; eu acrescentara, nem dever. É fazer bem a quem vos não pode fazer bem; eu acrescentara nem mal. É obra de que se não espera agradecimento; eu acrescentara, nem queixa. É, finalmente, compadecer-me eu e remediar a quem não padece de miséria, nem sente o benefício, que isto é ser morto. O bem que se faz aos vivos – como bem sabem os que o fazem, e não ignoram os que o recebem – pode-o negociar o interesse, pode-o solicitar a dependência; pode-o violentar o respeito, e nada disto se pode esperar de uns ossos secos, nem temer de umas cinzas frias; logo a sepultura dos mortos é o maior ofício de piedade, como diz Ambrósia; logo a sepultura dos mortos é misericórdia e verdade, como nós dizemos, porque é misericórdia pura e limpa de toda outra atenção, e nua, como a verdade, de todo o respeito. Mas, concluamos com a Escritura, que é só a que diz tudo.

Considera Davi o estado dos mortos, e, admirado de que também deles tenha providência Deus, exclama ou pergunta assim: *Nunquid mortuis faties mirabilia?* (Sl, 87, 11). É possível, Senhor, que com os mortos, que já não têm ser, há de ser tão cuidadosa a vossa providência, que faça por eles maravilhas? – Não se poderá exagerar mais, nem encarecer melhor, quão grande coisa é fazer bem aos mortos e lembrar deles, pois um profeta que sabia e conhecia de Deus mais que todos, chega a chamar a esta obra milagre da Divina Bondade, e não só o venera com tanta admiração, mas quase parece que o duvida: *Nunquid mortais faties mirabilia?* Ora,



saibamos em que topava esta admiração e dificuldade Davi, e que maior ou menor razão achava nos mortos que nos vivos, para ser mais maravilhosa neles a providência e bondade divina. O mesmo Davi se declarou respondendo a uma pergunta com outra pergunta, e amplificando um *nunquid* com outro *nunquid*: *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione* (Sl. 87, 12)? É possível que se hão de contar exemplos da vossa misericórdia na sepultura, e da vossa verdade na perdição? – Se Davi fizera de encomenda este verso, não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama à misericórdia verdade, e à sepultura perdição, e logo põe a misericórdia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro*, e a verdade na perdição: *Et veritatem in perditione*, porque, em ser a sepultura perdição, consiste o ser a misericórdia verdade. Ora vede: lá disse com alta filosofia Sêneca que a verdade do bem fazer não consiste em dar o benefício e perdê-lo, senão em o perder e dá-lo: *Beneficium est non dare et perdere, sed perdere et dare*. Dar o benefício e perdê-lo é caso que sucede muitas vezes, ou por imprudência de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avareza, ou por ingratidão de quem o recebe; e, neste caso, a boa obra não é benefício; é ignorância ou desgraça. Pois, quando é verdadeiro benefício a obra boa? Quando quem a faz sabe que a perde, e, contudo, a faz. E tais são os benefícios que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o benefício que se lhes faz, e ainda que o conheceram não o podem agradecer nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, é como se perdesse, e por isso a sepultura se chama perdição: *in sepulchro in perditione*. E, contudo, que sendo a sepultura perdição, haja contudo misericórdia tão alheia e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos, mas sepultura tão nobre e tão honrada como a que temos presente, com tão longo e tão ilustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta majestade de insígnias, com tanto aparato e riqueza de túmulos, com tanto concerto e harmonia



de cerimônias sagradas, de ministros, de sufrágios e de ofícios eclesiásticos, estas são as maravilhas da misericórdia, de que Davi parece que duvidava e se admira: *Nunquid mortais faties mirabilia?* E esta é aquela pura misericórdia que, por não ter mistura alguma de outro afeto ou respeito.

§ IV

Os mortos honrados por respeito aos vivos: o enterro do filho da viúva de Naim. As exéquias de Jacó e as exéquias de José. A maldição da forca. Isaías e a geração dos enforcados. Os judeus e o escândalo da cruz. Davi e a sepultura dos filhos de Saul. O maior interesse da misericórdia: a graça neste mundo e a glória no outro.

Está dada a primeira e geral razão, mas não basta, porque tem sua réplica. Passemos à segunda e particular, que a não tem nem pode ter. Basta absolutamente ser a obra de misericórdia feita a mortos, por ser misericórdia e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, não basta, porque muitas vezes são servidos e honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. E isto não é misericórdia e verdade, senão hipocrisia e mentira sem misericórdia. Não vedes nas mortes e funerais, principalmente dos grandes, os concursos e assistência de todas os estados que se fazem àqueles perfumados cadáveres, de cujas almas porventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que cuidamos que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras cerimônias e lisonjas com que incensais os vivos.

Ja Cristo chegando às portas de Naim, quando vinha saindo a enterrar com grande pompa e acompanhamento de toda a cidade, um moço, filho único de uma mãe viúva, a qual também, com muitas lágrimas, seguia a tumba. Descreve o evangelista São Lucas



este encontro por ocasião de um famoso milagre que o Senhor ali obrou, e diz desta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris suae: et haec vidua erat: et multitudo copiosa plebis cum illa.*⁴⁷ saía a enterrar um moço, filho único de sua mãe, a qual era viúva, e ia grande multidão do povo com ela. – Não sei se reparais nos termos. Não diz o evangelista que os que acompanhavam o defunto iam com ele, senão com ela: *cum illa*. Parece que havia de dizer que o acompanhamento ia com o filho, e não com a mãe, porque o filho era o defunto, e a mãe, viva; mas por isso mesmo disse que iam com ela, e não com ele: *cum illa*; porque ordinariamente o que parece que se faz aos defuntos, faz-se aos vivos. Se fora a defunta a mãe, o acompanhamento havia de ir com o filho; mas porque o defunto era o filho, o acompanhamento ia com a mãe. Por mais que sejam funerais os obséquios, aos vivos é que se fazem, e não aos mortos. Ouvis aqueles resposos de corpo presente, tão concertados e tão sentidos? Pois não se rezam aos defuntos: cantam-se aos vivos. Por isso os de Naim, no enterramento do filho da viúva, iam com ela, e não com ele. O filho era o defunto, e a mãe a acompanhada. Os da tumba levavam o morto, os do acompanhamento levava-os a viúva. Ele ia para a sepultura, e eles não iam com quem ia, iam com quem ficava.

Se isto é o que passa nas cidades pequenas, como a de Naim, que será nas grandes cortes, onde é tamanha a lisonja dos vivos como o esquecimento dos mortos? Ponhamo-nos na de Mênfis. Morreu Jacó, pai de José, no Egito, e depois morreu também José na mesma corte. Mas é digno de admiração e de pasmo o modo com que se portaram os egípcios em uma e outra morte. Na de Jacó, duraram os prantos e as exéquias setenta dias: *Flevit eum populus septuaginta*

⁴⁷ Na Vulgata: *Et turba civitatis multa cum illa*. – Eis que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que já era viúva; e vinha com ela muita gente da cidade (Lc. 7, 12).

dies (Gên. 50, 3). E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaã, como tinha mandado, acompanharam-no até lá todos príncipes e grandes do paço de Faraó, e todos os magistrados e senhores do Egito, com grandes tropas de cavalaria e aparato de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique majores natu Aegypti; habuitque in comitatu currus et equites* (Gên. 50, 7. 9). Assim foram caminhando até fora das raias do Egito, e, depois que passaram o Jordão e chegaram ao lugar do sepulcro, renovaram outra vez as exéquias por espaço de sete dias, com tantas lágrimas e extraordinários prantos, que, admirados os cananeus, puseram por nome àquele sítio *Planctus Aegypti*: o pranto do Egito. *Ubi celebrantes exequias planctu magno atque vehementi, impleverunt septem dies. Quod cum vidissent habitatores terrae Chanaan, vocatum est nomen loci illius: Planctus Aegypti* (Gên. 50, 10 s). Tão sentida e tão majestosamente como isto celebraram os egípcios as exéquias de Jacó, pai de José. E quais vos parece agora que seriam as do mesmo José, quando depois morreu no mesmo Egito? De indústria referi todas as palavras com que a Escritura descreve as do pai, para que a mesma Escritura nos diga também as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum et decent vitae suae annis. Et conditus aromatibus, repositus est in loculo in Aegypto* (Gên. 50, 25): Morreu José de idade de cento e dez anos, e, ungido, como era costume dos hebreus, o meteram em um lugar do tamanho do seu corpo no Egito.

E não diz mais a História Sagrada, sendo estas as últimas palavras de toda a que escreveu Moisés. E que é das exéquias? Que é das lágrimas e prantos? Que é da solenidade do enterro? Que é dos aparatos fúnebres? Que é dos mausoléus e pirâmides egipcíacas? Que é do concurso da corte? Que é do acompanhamento e assistência dos tribunais, dos ministros e senhores grandes da casa de Faraó, de que José era o maior, o mais valido, o mais respeitado e adorado, e sobretudo, o mais benemérito? Nada disto

diz Moisés, sendo sem dúvida que o havia de dizer, se houvera, assim como com tanta especialidade e miudeza descreveu as honras e exéquias de Jacó. Pois, se a Jacó, só por ser pai de José, sem outro merecimento ou serviço com que tivesse obrigado aos egípcios, lhe fazem na morte tão magníficas exéquias e tão esquisitas honras, e, o que é mais, acompanhadas de tantas lágrimas e prantos, como falta tudo isto na morte de José, na morte, outra vez, daquele mesmo José a quem os mesmos egípcios deram o nome de Redentor do mundo, porque ao rei tinha remido e conservado o reino, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vai de mortos a mortos, quando concorre ou falta o respeito dos vivos. Quando morreu Jacó era vivo José, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeram tantas honras ao pai. Pelo contrário, quando morreu José, não deixou vivo depois de si a quem os egípcios respeitassem, ou de quem dependessem, e como não havia vivos para os obséquios, não houve exéquias para o defunto. Só se podiam desculpar os egípcios com José, dizendo que lhe faltaram com as lágrimas na morte, porque já lhas tinham dado em vida. E assim foi. Nas exéquias de Jacó, o chorado não era o pai, era o filho, porque não choravam os egípcios pelo morto: choravam para o vivo. Saíam as lágrimas dos seus olhos para que as vissem os de José, e não as exprimia a dor ou a saudade, senão a dependência e lisonja, como lágrimas de figuras pintadas, que, assim como se riem sem alegria, também choram sem tristeza.

De todo este discurso tão provado com a Escritura e tão confirmado com a experiência, se conclui, sem controvérsia nem réplica, que este ato de misericórdia que temos presente é ato puramente de misericórdia e de verdade, porque é misericórdia exercitada com mortos, em quem não cabe dependência nem lisonja de vivos. Que vivo há que queira ser pai ou filho de um enforcado? É tão feio, tão infame e tão abominável o suplício da



força, que de todos estes respeitos priva e despoja aos miseráveis que nela acabam, O que hoje é a força, era antigamente a cruz – como foi até o tempo do imperador Constantino – e falando dela São Paulo, diz: *Maledictus omnis qui pendet in ligno* (Gál. 3, 13): Todo o homem que acaba a vida pendurado de um pau é maldito. – Alude o Apóstolo ao capítulo vinte e um do Deuteronômio, onde a lei divina pronuncia a mesma maldição com palavras ainda de maior horror: *Maledictus a Deo est, qui pendet a ligno* (Dt. 21, 23): O homem que morre em um pau, não só é maldito, senão maldito de Deus, – Sentença verdadeiramente horrenda, e que só se pode entender por encarecimento da infâmia e abominação de tal gênero de morte. Eram condenados a este suplício não todos os delitos, senão os mais graves e atrozes, como o latrocínio, o homicídio, a rebelião, a blasfêmia, e não diz a lei que são malditos de Deus os ladrões, os homicidas, os sediciosos, os blasfemos, senão os que morrem pendurados de um pau: *Maledictus a Deo est, qui pendet a ligno*. Como se fora mais abominável a pena que a culpa, e mais mofinos e malditos os justificados pela infâmia do suplício, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infâmia, e maldição corre pelas veias, e se difunde e estende aos parentes, qual haverá que a queira herdar, ou ter parte nela? Esta é a razão por que os vivos destes mortos não podem ser adulados nem lisonjeados neles; envergonhados e afrontados, sim. Antes, a maior honra e graça que se pode usar com os tais, é dissimular-lhes o sangue e encobri-los o parentesco. Por isso consideram alguns que, estando Cristo na Cruz, nem à Mãe chamou Mãe, nem ao primo, naquelas duas verbas do seu testamento, calando os nomes do parentesco, por lhe não publicar a afronta.

Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razão foi o profeta Isaías. Aquele texto: *Generationem ejus, quis enarrabit*,⁴⁸ a

48 Quem contará a sua geração (Is. 53, 8)?



que se tem dado tantos sentidos literais, se bem se atar, como deve, com a relação do que fica atrás e vai adiante, quer dizer: Quem tomará na boca sua geração, ou quem se prezaré e jactará de ser da geração de Cristo? E por quê? *Quia abscissus est de terra viventium*: Porque foi tirado da terra dos vivos, porque foi morto violentamente. – Pois por ser morto violentamente se haviam afrontar de sua geração? Morto violentamente foi El-Rei Josias, morto violentamente Abner, mortos violentamente os famosos macabeus, Judas e Eleazaro, e nem por isso se desprezava ninguém de ser de sua geração, antes se honravam muito. Como diz logo Isaías que se haviam de afrontar os homens de ser da geração de Cristo, por ser morto violentamente? Não diz isto Isaías pela morte nem pela violência, senão pelo gênero ignomínia dela, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto é, porque havia de morrer violentamente em uma cruz, que era o mesmo que em uma forca; e parente, e de geração de um enforcado, ninguém há que o queira ser. As palavras em que o declarou o profeta são aquelas: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*⁴⁹ como aguda e eruditamente notou aquele grande expositor, a quem Espanha tem dado modernamente o título de Beda, o Venerável Padre Gaspar Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhes cobrem o rosto quando os hão de lançar da forca, assim antigamente cobriam o rosto aos crucificados, não quando os pregavam na cruz, senão quando os condenavam a ela. Quando El-Rei Assuero mandou crucificar a seu valido Amã, diz o texto que logo lhe cobriram o rosto: *Necdum verbum de ore regis exierat, et statim opererunt fatiem ejus*.⁵⁰ E quando Caifás, e os do seu conselho condenaram a

49 Vimo-lo, e não tinha parecença do que era, e o seu rosto se achava como encoberto (Is. 53, 2 s).

50 Ainda não havia saído da boca do rei esta palavra, quando logo lhe cobriram a cara (Est. 7, 8). (17) A sentença que deram foi que era réu de morte. Então começaram alguns a cuspir nele, e a tapar lhe o rosto (Mc. 14, 64 s).



Cristo, logo também lhes cobriram o rosto: *Condemnaverunt eum esse rem mortis, et caeperunt qui dam conspuere eum, et velare fatiem ejus.*⁵¹ E isto é o que declarou Isaías, profetizando o gênero da morte de Cristo, quando disse que o viram com o rosto coberto e escondido *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* E porque tinha já dito que o gênero de morte havia de ser tão ignominioso e afrontoso, como era o da força daquele tempo, por isso acrescentou que ninguém havia de querer ser da sua geração, não por outra causa, senão pela morte com que havia de ser tirado deste mundo: *Generationem ejus quis enarrabit, quia abscissus est de terra viventium.*

Assim o disse Isaías, e assim o mostrou a experiência nos que eram de sangue e geração do mesmo Cristo, como notou São Paulo: *Praedicamus Christum crucifixum, judais quidem scandalum, gentibus autem stultitiam* (1 Cor. 1, 23): Eu prego a Cristo crucificado, assim aos judeus como aos gentios; mas, como lhes digo que foi crucificado, os judeus escandalizam-se, os gentios zombam. – Deixemos aos gentios, vamos aos judeus. Cristo era da tribo de Judá: *De tribu Juda.* Era filho de Davi e de Abraão: *Filii David, filii Abraham.* E estes mesmos pais e avós são aqueles de quem tanto se prezavam os judeus: *Nos semen Abrahae sumus.*⁵² Sobretudo, Cristo era Filho de Deus, como ele provou aos mesmos judeus com as palavras do salmo *Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis,*⁵³ a que eles não tiveram que responder. Pois, se por todos os lados lhes estava tão bem aos judeus serem parentes de Cristo, por que o não querem, por que se afrontam dele? Em que reparam os seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum*?

51 A sentença que deram foi que era réu de morte. Então começaram alguns a cuspir nele, e a tapar-lhe o rosto (Mc, 14, 64 s)

52 Nós somos descendentes de Abraão (Jo. 8, 33. 39).

53 Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita (Sl. 109, 1).

Todo o escândalo em que tropeça era a cruz; todo o reparo e toda a repugnância eram haver sido Cristo crucificado *Christum crucifixum, judaeis scandalum*. De sorte que, posta de uma parte a honra da divindade, e da outra a afronta da cruz, afrontavam-se do parentesco de Deus, só por não ser parentes de um crucificado. E como os vivos fogem e abominam tanto os parentes dos que tão afrontosamente morreram, por isso a obra de misericórdia que se exercita com estes mortos é livre de toda a consideração e respeito dos vivos, e, como tal, sem controvérsia, misericórdia e verdade: *Misericordia et ventas obviaverunt sibi*.

O mesmo Davi, que nos deu o fundamento de tudo o que temos dito, nos dará também a última cláusula e prova, pois não pode haver melhor intérprete do texto que o mesmo autor dele. Morreu El-Rei Saul na fatal batalha dos Montes Gelboé, morreram juntamente três filhos seus, o príncipe, e dois infantes. Ao outro dia vieram os filisteus a recolher os despojos e, reconhecendo entre os mortos os corpos dos quatro príncipes, insolentes com a vitória, os enforcaram barbaramente, e os deixaram pendurados das ameias, nos muros da cidade de Betsã. Assim não valem púrpuras nem coroas contra os castigos que vêm sentenciados pelo céu, e não há desgraça nem miséria tão indigna a que não estejam sujeitos os que nasceram homens, por mais que o tenha levantado a fortuna sobre toda a igualdade da natureza. Desta maneira estiveram expostos aos olhos do mundo aquelas quatro grandes figuras desta grande tragédia, até que, movidos a piedade, os moradores de Jabes Galaad, ajudados do silêncio da noite, os desceram daquele infame lugar e lhes deram sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, é que, agradecendo Davi aos de Jabes esta obra de misericórdia, o fez com esta: palavras: *Benedicti vos a Domino, qui fecistis misericordiam hanc cum domino vestro Saul, et sepelistis eum. Et nunc retribuiet vobis quidem Dominus misericordiam, et veritatem* (2 Rs. 2, 5 s): Muito vos louvo e agradeço, diz Davi, a



obra de misericórdia que usastes com Saul, vosso antigo senhor, com lhe dardes sepultura, e também vos prometo que Deus vos pagará esta misericórdia e verdade.

No primeiro lugar chamou a esta obra misericórdia, e no segundo, chamou-lhe misericórdia e verdade. E por quê? Porque enterrar os defuntos é absolutamente obra de misericórdia; mas enterrar defuntos enforcados, como estes eram, e sem outro respeito nem dependência de vivos porque também estes se tinham acabado com Saul, não só é misericórdia de qualquer modo, mas misericórdia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*. El-Rei Saul, ainda que deixou alguns filhos, assim ele como eles estavam já desertados por Deus, e ungido para a coroa Davi, como era público em todo Israel; e que, não havendo vivos a quem respeitar nem adular, tivessem aqueles mortos e enforcados quem, tirados do lugar infame, lhes desse honrada sepultura, não só foi ato de misericórdia, mas de misericórdia e verdade, e de misericórdia e verdade canonizada pelo mesmo Espírito e pelo mesmo autor do nosso texto: *Reatribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem: Misericordia, et ventas obviaverunt sibi*.

E para que acabemos um ato de misericórdia tão desinteressada com o maior interesse que pode esperar a misericórdia, saiba toda esta santa comunidade que neste mesmo desinteresse seu consiste o maior interesse. Não o terão com os homens, porque estes mortos não têm vivos, mas tê-lo-ão com aquele Senhor que sempre vive, e nenhuma obra mais estima e premia que as que os vivos exercitam com os mortos. Deus sempre premia misericórdia com misericórdia, que é uma das maiores excelências desta virtude: *Bead misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*.⁵⁴ Mas assim como esta obra tem de mais ser misericórdia e verdade,

⁵⁴ Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia (Mt. 5, 7).



assim a premia também Deus com misericórdia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem.*

Muitas obras de misericórdia premia Deus muitas vezes com misericórdia que não é misericórdia e verdade. A misericórdia que os esmoleres exercitam com os pobres, muitas vezes a premia Deus com acrescentar a fazenda que com eles se reparte: *Faeneratur Domino qui miseretur pauperi.*⁵⁵ A misericórdia que os filhos exercitam com os pais, promete-lhe Deus em prêmio a larga vida: *Ut sis longaevus super terram.*⁵⁶ A misericórdia que os capitães exercitam com os inimigos também lhe remunera Deus com vitórias e despojos: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam mento ab inimicis meis inanis.*⁵⁷ Mas todas estas misericórdias com que Deus muitas vezes paga a misericórdia, não são misericórdia e verdade, porque a fazenda, a vida, as vitórias, e todas as felicidades do mundo são tão falsas e vãs como o mesmo mundo, com o qual todas acabam. Qual é logo a misericórdia e verdade com que Deus paga nesta vida? A misericórdia e verdade de que fala Davi quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*, é só a graça de Deus. Por isso Cristo se chama cheio de graça e de verdade: *Plenum gratiae, et veritatis* (Jo, 1, 14); porque nesta vida só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus é vaidade e mentira: mentira e vaidade as riquezas; mentira e vaidade as honras; mentira e vaidade as que tão falsamente se chamam delícias; enfim, tudo o que este mundo preza, ama e busca, mentira e vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem, et quaeritis mendacium.*⁵⁸ Oh! se bem acabássemos hoje de entender esta verdade, que gran-

55 O que se compadece do pobre dá o seu dinheiro a juro ao Senhor (Prov. 19, 17).

56 Para teres uma dilatada vida sobre a terra (Êx. 20, 12).

57 Se paguei com mal aos que mo faziam, caia eu com razão debaixo de meus inimigos, sem esperança (Sl. 7, 5).

58 Por que amais a vaidade e buscais a mentira (Sl. 4, 3)?



de misericórdia de Deus seria! E como nesta vida só a graça de Deus é verdade, esta é também a verdade e misericórdia, com que Deus paga nesta vida, a misericórdia que juntamente é verdade. Isso quer dizer: *Et nunc*: agora, e nesta vida, *retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*.

Mas porque Deus nos não fez só para vivermos neste mundo que acaba, senão também no outro, que há de durar para sempre, sabei por última conclusão que assim como Deus paga a misericórdia e verdade nesta vida com a verdade desta vida, assim a há de pagar também na outra vida, com a verdade da outra. E qual é a verdade da outra vida? É a glória que responde à graça. Neste mundo, que é a terra da mentira, a única verdade é a graça; no outro mundo, que é a terra da verdade, toda a verdade é a glória. E assim como Deus nesta vida paga a misericórdia e verdade com a graça, que é a verdade desta vida, assim na outra vida a há de pagar igualmente com a glória, que é a verdade da outra. Assim o tem prometido o mesmo Deus, e não por outra boca, senão pela do mesmo Davi, que nos ensinou e exortou a ajuntar a misericórdia e a verdade: *Misericordiam et veritatem diligit Deus, gratiam et gloriam dabit Dominus*: Porque Deus ama a misericórdia e verdade, a todos os que ajuntarem a misericórdia com a verdade dará Deus nesta vida a graça, e na outra a glória.



SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO (1650) PREGADO NA CAPELA REAL, NO ANO DE 1650

*Tunc videbunt filium hominis venientem in nubibus coeli
cum potestate magna et majestate. – São Lucas, XXI.*

I

Abrasado finalmente o Mundo e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste dia edificou sobre a terra... (Dou princípio a este sermão sem princípio, porque já disse Quintiliano que as grandes ações não hão mister exórdio: elas, por si mesmas, ou supõem a atenção ou conciliam. Também passo em silêncio a narração portentosa dos sinais que precederão ao juízo, porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão-de ser vivos naquele tempo, e não a nós; e o dia de hoje é muito de tratar cada um só do que lhe pertence). Abrasado, pois, o Mundo, e consumido pela violência do fogo o que a sabedoria dos homens e o esquecimento deste dia levantou e edificou na terra; quando já não se verão nesse formoso e dilatado mapa senão umas poucas cinzas, relíquias de sua grandeza e desengano de nossa vaidade, “soará no ar uma trombeta” espantosa, não metafórica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de São Paulo: *Canet enim tuba*; e obedecendo aos impérios daquela voz o Céu, o Inferno, o Purgatório o Limbo, o mar, a terra, abrir-se-ão em um momento as sepulturas e aparecerão no Mundo os mortos vivos.

Parece-vos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediência nos mortos? Ora reparai em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrai pelos desertos do Egito, da Tebaida da Palestina; penetrai o mais interior e retirado daquelas soledades. Que é o que vedes? Naquela cova vereis metido um



Hilarião, naquela outra um Macário, na outra mais apartada um Pacômio; aqui um Paulo, ali um Jerônimo, acolá um Arsênio; da outra parte, uma Maria Egipcíaca, uma Thaís, uma Pelágia, uma Teodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses cilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos meteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos São Jerônimo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: surgite mortui, venite ad iudicium*. Sabeis quem nos vestiu destas mortalhas, sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? “A lembrança daquela trombeta temerosa que há-de soar no último dia: levantai-vos, mortos, e vinde a juízo.” Pois se a voz desta trombeta só imaginada, (pesai bem a consequência), se a voz desta trombeta só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos?

O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para ressuscitar os mortos, e que não baste para espantar os mortais! Credes, mortais, que há-de haver juízo? Uma de duas é certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remédio o que agora pudera ser com proveito. Quanto melhor fora chorar agora e arrepender agora, como faziam aqueles e aquelas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lágrimas não há-de haver misericórdia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de ressuscitar como não quiséramos.

II

Grandes coisas e lastimosamente grandes haverá que ver e considerar naquele ato da ressurreição universal! Mas entre



todas as considerações a que me parece mais própria deste lugar e mais digna de sentimento, é esta. E quanta gente bem nascida se verá naquele dia mal ressuscitada! Entre a ressurreição natural e a sobrenatural há uma grande diferença: que na ressurreição natural cada um ressuscita como nasce; na ressurreição sobrenatural, cada um ressuscita como vive; na ressurreição natural nasce Pedro e ressuscita Pedro; na ressurreição sobrenatural nasce pescador, e ressuscita príncipe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israel*. Oh que grande consolação esta para aqueles a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! Bem me parecia a mim que não podia faltar Deus a dar uma grande satisfação no dia do juízo à desigualdade com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Não se faz agravo na desigualdade do nascer, a quem se deu a eleição de ressuscitar. A ressurreição é um segundo nascimento com alvedrio.

Tanta propriedade considerou Jó neste segundo nascimento, que até outro pai, outra mãe disse que tínhamos na sepultura: *Putredini dixi: pater meus es tu; mater mea et soror mea, vermibus*. Temos outro pai e outra mãe na sepultura em que jazem nossos ossos, porque ali somos outra vez gerados, de ali saímos outra vez nascidos. Notai agora: *Statutum est hominibus semel mori*: “Quis Deus que morrêssemos uma só vez”, e que nascêssemos duas, porque, como o morrer bem dependia de nosso alvedrio, bastava uma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão, eram necessários dois nascimentos, para que pudêssemos emendar no segundo tudo o que nos faltasse no primeiro. Bem pudera Deus fazer que nascessem os homens todos iguais, mas ordenou sua providência, que houvesse no Mundo esta malsofrida desigualdade, para que a mesma dor do primeiro nascimento nos excitasse à melhoria do segundo.

Homens humildes e desprezados do povo, boa-nova! Se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no nascimento, sabeí que



ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quiserdes; então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notáveis, que se verão naquele dia! Virão naquele dia as almas do grande e do pequeno buscar seus corpos à sepultura, e talvez à mesma Igreja: e que sucederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e ressuscitará tão ilustre como as estrelas. O grande, pelo contrário, achará seu corpo embalsamado em caixas de pórfito, aos ombros de leões, ou elefantes de mármore, com soberbos e magníficos epitáfios, e ressuscitará mais vil que a mesma vileza. Oh que metamorfose tão triste, mas que verdadeira! Vede se há-de dar Deus boa satisfação aos homens da desigualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que o não pôs Deus na nossa mão; mas o ser bem ressuscitado, que é aquela nobreza que há-de durar por toda a eternidade, essa deixou Deus no alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos pais, na ressurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal ressuscitado por culpa sua quem foi bem nascido sem merecimento seu! Lástima grande. Ressuscitar bem sobre haver nascido mal, é emendar a fortuna; ressuscitar mal sobre haver nascido bem, é pior que degenerar da natureza. Que ressuscite bem Davi sobre nascer de Jessé, grande glória do filho de um pastor; mas que ressuscite mal Absalão sobre nascer de Davi, grande afronta do filho de um rei! Se os homens se prezam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem ressuscitados? Nenhuma coisa trazem na boca os grandes mais ordinariamente, que as obrigações com que nasceram. E aposto eu que mui poucos sabem quais são estas obrigações. Nascer bem é obrigação de ressuscitar melhor. Estas são as obrigações com que nascestes.

O mais bem nascido homem que houve, nem pode haver, foi Cristo; ninguém teve melhor pai, nem melhor mãe; e foi notar

Santo Agostinho que, se Cristo nasceu bem, ressuscitou melhor: *Gloriosior est ista, nativitas, quam illa: illa cortus mortale genuit, ista redidit immortale*. Cristo, diz Santo Agostinho, “nasceu mais nobremente no segundo nascimento que no primeiro: no primeiro nascimento nasceu mortal e passível; no segundo, que foi a sua ressurreição, nasceu impassível e imortal.” Eis aqui as obrigações dos bem nascidos – nascerem a segunda vez melhor do que nasceram a primeira. Se Deus pusera na mão do homem o nascer, quem houvera, por bom que fosse, que não se fizesse muito melhor? Pois este é o caso em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, por que não trabalharemos muito por nascer muito honradamente? Não nascer honrado no primeiro nascimento, tem a desculpa de que “Deus nos fez”, *Ipse fecit nos*, Não nascer honrado no segundo, nenhuma desculpa tem: tem a glória de sermos nós os que nos fizemos: *Ipsi nos*. Que glória será naquele dia para um homem poder tomar para si em melhor sentido o elogio do grande Batista: *Inter natos mulierum non surrexit major*: “Entre os nascidos das mulheres nenhum ressuscitou maior.” Ser o maior dos nascidos, enquanto nascido, é pequeno louvor e de pouca dura; ser o maior dos nascidos, enquanto ressuscitado, isso é verdadeiramente o ser maior. Na nossa mão está, se o quisermos ser. Nesta vida o mais venturoso pode nascer filho do rei; na outra vida todos os que quiserem podem nascer filhos do mesmo Deus: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*. E que não sejam isto considerações, senão verdade e Fé católica! Bendito seja aquele Senhor, que é nossa ressurreição e nossa vida: *Ego sum resurrectio et vita*.

III

Unidas as almas aos corpos e restituídos os homens à sua antiga inteireza, os bem ressuscitados alegres, os mal ressuscitados tristes, começarão a caminhar todos para o lugar do juízo.



Será aquela a vez primeira em que o gênero humano se verá a si mesmo, porque se ajuntarão ali os que são, os que foram, os que hão-de ser, e todos pararão no vale de Josafá. Se o dia não fora de tanto cuidado, muito seria para ver os homens grandes de todas as idades juntos. Mas vejo que me estão perguntando, como é possível que uma multidão tão excessiva como a de todo gênero humano, os homens que se continuaram desde o princípio até agora, e os que se irão multiplicando sucessivamente até o fim do Mundo; como é possível que aquele número inumerável, aquela multidão quase infinita de homens caiba em um vale? A dúvida é boa, queira Deus que o seja a resposta. Primeiramente digo que nisto de lugares há grande engano: cabe muito mais nos lugares do que nós cuidamos.

No primeiro dia da criação, criou Deus o Céu e a Terra e os elementos, e é certo em boa filosofia, que não ficou nenhum vácuo no Mundo, tudo estava cheio. Com isto ser assim, e parecer que não havia já lugar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as ervas, as plantas, e as árvores; e com serem tantas em número e tão grandes, couberam todas. Ao quarto dia veio o Sol, e, sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a Terra, coube também o Sol; vieram no mesmo dia as estrelas tantas mil, e cada uma de tantas mil léguas, e couberam as estrelas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves; vieram os peixes ao mar, e, com haver neles tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No sexto dia vieram os animais tantos e tão grandes à Terra, e couberam os animais: finalmente veio o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber; mas se não coube no Paraíso, coube fora dele. De sorte que, como dizia, nisto de lugares vai grande engano: cabe neles muito mais do que nos parece. E senão, passemos a um exemplo moral, e vejamo-lo em qualquer lugar da república. O dia é do juízo, seja o lugar de um julgador.

Antigamente em um lugar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de postilhas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiam os filhos honestamente vestidos; mas a pé e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joias, e as criadas, se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia naquele lugar antigamente; e feitas boas contas, parece que não podia caber mais. Andaram os anos, o lugar não cresceu, e tem mostrado a experiência que é muito mais sem comparação o que cabe no mesmo lugar. Primeiramente cabem umas casas, ou pacos, que os não tinham tão grandes os condes do outro tempo; cabe uma livraria de Estado, tamanha como a vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ela os tem; cabe um coche com quatro mulas, cabem pajens, cabem lacaios, cabem escudeiros; cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com aias e com todos os outros arremedos da fidalguia; cabem os filhos com cavalos e criados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço; cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de mais de marca, as segundas nos mosteiros com grossas tenças; cabem tapeçarias, cabem baixelas, cabem comendas, cabem benefícios, cabem moios de renda; e sobretudo cabem umas mãos muito lavadas e uma consciência muito pura, e infinitas outras coisas, que só na memória e no entendimento não cabem. Não é isto assim? Lá nessas terras por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto cabe em um lugar tão pequeno, que grande serviço fazemos nós à Fé em crer que caberemos todos no vale de Josafá? Havemos de caber todos, e, se vierem outros tantos mais, para todos há de haver vale e milagre.

De mais desta razão geral que há da parte do lugar, há outras duas da parte das pessoas; uma da parte dos bons, outra da parte dos maus. Os bons poderão caber ali em muito pouco lugar,



porque terão o dote da sutileza. Entre os quatro dotes gloriosos há um que se chama sutileza, o qual comunica tal propriedade aos corpos dos bem-aventurados, que todos quantos se hão-de achar no dia do juízo podem caber neste lugar onde eu estou, sem me tirarem dele. Cá no Mundo também há este dote da subtileza, mas com mui diferentes propriedades. A subtileza do Céu introduz a um sem afastar a outro; as sutilezas do Mundo, todo seu cuidado é afastar os outros para se introduzir a si. Por isso não há lugar que dure nem lugar que baste. Muito é que Jacó e Esaú não coubessem em uma casa; mais é que Lot e Abraão não coubessem em uma cidade; muito mais é que Saul e Davi não coubessem em um reino; mas o que excede toda a admiração é que Caim e Abel não coubessem em todo o Mundo. E por que não cabiam dois homens em tão imenso lugar? Pior é a causa que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deus. Em um homem cabendo com seu Senhor, logo os outros não cabem com ele. Alguma vez será isto soberba dos Abéis, mas ordinariamente é inveja dos Cains. Se é certo que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no Dia do Juízo. Quereis caber todos? Não acrescenteis lugares, diminuí invejas. Este é o dote da subtileza dos bons.

Da parte dos maus também não há-de haver dificuldade em caber no vale; porque, ainda que os maus são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, naquele dia hão-de estar todos muito pequeninos, que no tempo do Dilúvio coubessem na arca de Noé todos os animais do Mundo em suas espécies, crê-o a Fé, porque o diz a Escritura; mas não o compreende o entendimento porque o não alcança a razão. Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar tantos animais, tão grandes e tão feros? O leão, para quem toda a Líbia era pouca campanha; a águia, para quem todo o ar era pouca esfera; o touro, que não cabia na praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elefante, que não cabia em si mesmo. Que



todos estes animais e tantos outros de igual fereza e grandeza coubessem juntos em uma arca tão pequena?! Sim, cabiam todos, porque, ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deus naquele tempo a terra com dilúvio universal, que foi a maior calamidade de que padeceu o Mundo; e nos tempos dos grandes trabalhos e calamidades até o instinto faz encolher os animais, quanto mais a razão aos homens! Caberão os homens no vale de Josafá, assim como couberam os animais na arca de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe, sic erit in consummatione saeculi*. Diz o texto que só com os sinais do fim do Mundo hão-de andar todos os homens secos e mirrados: *Arescentibus hominibus pra timore*. Se aos homens os há de apertar tanto o receio, quanto os estreitará o juízo! Oh como nos encolheremos todos naquele dia! Oh como estarão pequenos ali os maiores gigantes! A maior maravilha do Dia do Juízo, não é haver de caber todo o Mundo em todo o vale de Josafá; a maravilha maior será que caberão então em uma pequena parte do vale muitos que não cabiam em todo o Mundo. Um Nabucodonosor, um Alexandre Magno, um Júlio César, para quem era estreita a redondeza da Terra, caberão ali em um cantinho.

Uma das coisas notáveis que diz Cristo do Dia do Juízo é que “cairão as estrelas do céu”. *Stellae cadent de caelo*. Se dermos vista aos matemáticos, hão-de achar grande dificuldade neste texto (eu lhes darei a razão natural dele, quando ma peça). Todas as estrelas, menos duas, são maiores que a Terra, e algumas há que são quarenta, oitenta e cento e dez vezes maiores. Pois se as estrelas são maiores que a Terra, como hão-de cair e caber cá em baixo? Hão-de caber, porque hão-de cair. Não sabeis que os levantados e os caídos não têm a mesma medida? Pois assim lhes há-de suceder às estrelas. Agora que estão levantadas, ocupam grandes espaços do Céu; como estiverem caídas, hão-de caber em poucos palmos



da Terra. Não há coisa que ocupe menor lugar que um caído. A Terra, em comparação do Céu, é um ponto; o centro, em comparação da Terra, é outro ponto; e Lúcifer, que levantado não cabia no Céu, caído cabe no centro da Terra. Ah Lucíferes do Mundo! Aqueles que levantados nas asas da prosperidade humana em nenhum lugar cabeis hoje, caídos e derribados naquele dia cabereis em muito pouco lugar. Estaremos todos ali encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos cuidando na conta que havemos de dar a Deus; e quando não houvera outra razão, esta só bastava para não faltar lugar a ninguém. Deem os homens em cuidar na conta que hão-de dar a Deus, e eu vos prometo que sobejem lugares. O que importa é que o lugar seja bom, que quanto é lugar, vale de Josafá haverá para todos.

IV

Presente enfim no vale todo o gênero humano, correr-se-ão as cortinas do Céu, e aparecerá o Supremo Juiz sobre um trono de resplandecentes nuvens, acompanhado de todas as jerarquias dos anjos, e muito mais de sua própria Majestade. A primeira coisa que fará será mandar apartar os maus dos bons; e os ministros desta execução serão os anjos: *Exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum*. Para se entender melhor esta separação havemos de supor com o profeta Zacarias que, antes dela, não hão-de estar os homens ali juntos confusamente; mas para maior grandeza e distinção do ato, hão-de estar repartidos todos por seus estados: *Familia et familia seorsum*. A uma parte hão-de estar os papas; a outra os imperadores; a outra os reis; a outra os bispos; a outra os religiosos; e assim dos demais estados do Mundo. Separados todos por esta ordem, conforme o lugar que tiveram nesta vida, então se começará a segunda separação, segundo o estado que hão-de ter na outra, e que há-de durar para sempre.



Sairão pois os anjos; vede que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens naquela hora! Sairão os anjos e irão primeiramente ao lugar dos papas. *Et separabunt* (faz horror só imaginar, que em uma dignidade tão divina e em homens eleitos pelo Espírito Santo há-de haver também que separar). *Et separabunt malos de medio justorum*: “E separarão os pontífices maus de entre os pontífices bons.” Eu bem creio que serão muito raros o que se hão-de condenar; mas haver de dar conta a Deus de todas as almas do Mundo, é um peso tão imenso que não será maravilha que, sendo homens, levasse alguns ao Profundo. Todos nesta vida se chamaram padres santos; mas o Dia do Juízo mostrará que a santidade não consiste no nome, senão nas obras. Nesta vida beatíssimos, na outra mal-aventurados. Oh que grande miséria!

Sairão após estes outros anjos e irão ao lugar dos bispos e arcebispos: *Et separabunt malos de medio justorum*. Lá vai aquele porque não deu esmolas; aquele porque enriqueceu os parentes com o patrimônio de Cristo; aquele porque, tendo uma esposa, procurou outra mais bem dotada; aquele porque faltou com o pasto da doutrina a suas ovelhas; aquele porque proveu as igrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus criados; aquele porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos; aquele por não residir; aquele por simonias; aquele por irregularidades; aquele por falta de exemplo da vida, e também algum por falta da ciência necessária; empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da corte e não de prelado, ou do campo e não de pastor. Valha-me Deus, que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão neste passo, um São Bernardino de Sena, um São Boaventura, um São Domingos, um São Bernardo, e muitos outros varões santos e sisudos, que, quando lhes ofereceram as mitras, não quiseram subir à alteza da dignidade, porque reconheceram a do precipício. Pelo contrário, que tais levarão os corações aqueles miseráveis condenados? Quantas vezes dirão dentro em



si mesmos e a vozes: Maldito seja o dia em que nos elegeram e maldito quem nos elegeram! Maldito seja o dia em que nos confirmaram, e maldito quem nos confirmou! Se um homem mal pode dar conta de sua alma, como a dará boa de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores atlantes da Igreja, quem não temerá e fugirá dele?

Grande desconolação é hoje para as igrejas de Portugal não terem bispos; mas pode ser que no dia do juízo seja grande consolação para os bispos de Portugal não chegarem a ter igrejas. De um sacerdote que não quis aceitar um bispado, conta São Jerônimo que, aparecendo depois da morte a um seu tio religioso que assim lho aconselhara, lhe disse estas palavras: *Gratias, Pater, tibi refero ex dissuasione episcopatus*: “Dou-vos, Padre, muitas graças porque me persuadistes que não aceitasse aquele bispado”; *nam scito quia nunc essem de numero damnatorum si fuissem de numero episcoporum*: “Porque sabereis que hoje havia eu de ser do número dos condenados, se então fora do número dos bispos.”

Oh quantos sem saberem o que fazem, debaixo do monte lustroso de uma mitra, andam feitos pretendentes de sua condenação! A este e a muitos outros que não quiseram aceitar bispados, revelou Deus que se haviam de condenar, se chegassem a ser bispos. E quem vos disse a vós que estáveis privilegiados desta condicional? De chegardes a ser bispo, pode ser que não dependa a salvação de outras almas; e de não chegardes a o ser, pode ser que dependa a salvação da vossa. O mais seguro é encolher os ombros e deixar governar a Deus.

Do lugar dos bispos passarão os anjos ao lugar dos religiosos; e entrando naquela multidão infinita das ordens regulares, sem embargo de resplandecerem nelas como sóis as maiores santidades do Mundo, contudo haverá muito que separar; começarão por Judas: *Et separabunt malos de medio justorum*. Não o digo por me tocar; mas por todas as razões me parece que será este o mais triste

espetáculo do Dia do Juízo. Que vão os homens ao Inferno pelo caminho do Inferno, desgraça é, mas não é maravilha; porém ir ao Inferno pelo caminho do Céu, é a maior de todas as misérias. Que o rico avarento, vestindo púrpuras e holandas e gastando a vida em banquetes, seja sepultado nos fogos eternos, por seu preço leva o Inferno: *Recepisti bona in vita tua*; mas que o religioso, amortalhado em um saco, com os seus jejuns, com as suas penitências, com a sua clausura, com a sua vontade sujeita a outrem, por ter os olhos nas migalhas dos do Mundo, como Lázaro, vá parar nas mesmas penas! Brava desventura! O secular distraído, que lhe não veio nunca à memória a conta que havia de dar a Deus, que a não dê boa e se perca, não podia parar noutra coisa o seu descuido; mas que o mesmo religioso que por estes púlpitos vos vem pregar o juízo possa ser e haja de ser um dos condenados daquele dia! Triste estado é o nosso, se nos não salvamos. Mas de aqui podeis vós também inferir que se isto passa no porto, que será no pego! Se nós (falo dos melhores que eu) se nós, sobre tanto meditar na outra vida, nos perdemos, o vosso descuido e o vosso esquecimento, onde vos há-de levar? Se as Cartuxas, se os Buçacos, se as Arrábidas hão-de tremer no Dia do Juízo, as cortes e vossa corte em que estado se acharão?

V

Em todos os estados da corte haverá mais que separar que em nenhuns outros. Mas deixando por agora os demais, em que cada um se pode pregar a si mesmo: chegarão finalmente os anjos ao lugar dos reis. Não se verão ali sitiais, nem outros aparatos de majestade, mas todos sós, e acompanhados somente de suas obras, estarão em pé, como réus. Conhecer-se-ão distintamente quais foram os reis de cada reino: quais os de Hungria, quais os de França, quais os de Inglaterra, quais os de Castela, quais os de Portugal.



E desta maneira irão os anjos tirando de cada coroa aqueles que foram maus reis: *Et separabum malos de medio justorum*. Espero eu em Deus que neste dia há-de ser o nosso reino singular entre os do Mundo, e que só dele não hão-de achar os anjos que apartar. Se eu estudara só pelo meu desejo e pela minha esperança, assim o havia de crer; mas quando leio as Escrituras, acho muito que temer e muito que duvidar. Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quais se salvam nem quais se perdem. Só uma nação houve antigamente, da qual nos consta do texto sagrado, quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Tremo de o dizer, mas é bem que se saiba distintamente: No povo hebreu, em tempo que era povo de Deus, houve três reinos: o primeiro foi o reino das Doze Tribos; teve três reis e durou cento e vinte anos; o segundo foi o reino de Judá; teve vinte reis e durou trezentos e noventa e quatro anos, o terceiro foi o reino de Israel; teve dezenove reis, e durou duzentos e quarenta e dois anos. Saibamos agora quantos reis foram os que se salvaram e quantos os que se perderam nestes reinos.

No reino das Doze Tribos, de três reis perdeu-se Saul, salvou-se Davi, de Salomão não se sabe. No reino de Judá, de vinte reis salvaram-se cinco, perderam-se treze, de dois é incerto. No reino de Israel, nem estas tão pequenas exceções teve a desgraça; foram os reis dezenove e todos os dezenove se condenaram. No Dia do Juízo não se poderá cumprir neste reino o *Separabunt malos de medio justorum*: chegarão os anjos ali não terão que separar, levarão a todos. Oh desgraçados cetros! Oh desgraçadas coroas! Oh desgraçados pais! Oh desgraçada descendência! Desde Jeroboão a Oseias dezenove reis coroados: dezenove reis condenados.

Pois por certo que não foi por falta de doutrina nem de auxílios: tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus; tinham um povo, que era o povo escolhido de Deus, tinham templo, tinham sacerdotes, tinham sacrifícios, viam milagres, ouviam profecias,

recebiam favores do Céu, e quando era necessário, não lhes faltavam também castigos; e nada disto bastou. Muito arriscada coisa deve ser o reinar, pois em tantos tempos e em tantos reis, se salvam, ou tão poucos, ou nenhum. Julguem lá agora os príncipes quais serão as causas disto, que Deus não é injusto. Examinem mais escrupulosamente suas consciências, e olhem a quem as comunicam; considerem muito devagar as suas obrigações, que são muito mais estreitas do que ordinariamente cuidam; inquiram muito de propósito sobre os danos públicos e particulares de seus vassallos, e vejam, pondo de parte todo o afeto, se suas orações ou suas omissões podem ser a causa; persuadam-se de que não-de parecer como qualquer outro homem diante do tribunal da Justiça Divina, onde se lhes há-de pedir rigorosíssima conta, dia por dia e hora por hora, de quanto fizeram e de quanto o deixaram de fazer. Cuide finalmente e pese, convém, cada um dos príncipes, quão grande desventura e confusão sua serão naquele cadafalso universal do Dia do Juízo, se depois de tanta majestade e adoração nesta vida, vier um anjo e o tomar pela mão, e o tirar para sempre do número dos que se não-de salvar: *Separabunt malos de medio justorum*.

Por este modo se irá continuando a separação dos maus em todos os estados do Mundo; e naqueles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento. Verdadeiramente, todas as outras circunstâncias daquele ato terão muito de rigorosas, esta parecerá cruel. Apartar-se-ão ali os pais dos filhos: irá para uma parte Abraão e para outra Ismael; apartar-se-ão os irmãos dos irmãos: irá para uma parte Jacó e para outra Esaú; apartar-se-ão as mulheres dos maridos: irá para uma parte Ester e para outra Assuero; apartar-se-ão os amigos dos amigos: (seja o exemplo incerto, já que há tão poucos de verdadeira amizade): irá para uma parte Jônatas e para outra Davi. Assim se

apartarão para nunca mais os que se amam nesta vida e os que tinham tantas razões para se amarem também na outra.

Para nunca mais! Oh! que lastimosa palavra! Se apartar-se de uma terra para outra terra, com esperança de se tornar a ver, causa tanta dor nos que se amam; se apartar-se desta vida para a outra vida, com probabilidade de se verem eternamente, é um transe tão rigoroso; que dor será apartarem-se para nunca mais, com certeza de se não verem em quanto Deus for Deus, aqueles a que a natureza e o amor tinham feito quase a mesma coisa! Certo que tem assaz duro coração quem só pelo não meter nestes apertos não ama a Deus com todo ele.

VI

Feita a separação dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último apartamento que serão tão grandes como a multidão e tão lastimosos como a causa, posto todo o juízo em silêncio e suspensão, começará a se fazer o exame das culpas. Neste passo me havia eu de descer do púlpito, e subir a ele... Quem? Não um anjo, não um profeta, não um apóstolo, mas algum dos condenados do Inferno, como queria o rico avarento que viesse pregar a seus irmãos. *Delicta quis intelligit?* Quem há neste Mundo que entenda nem conheça os pecados? Isto dizia Davi, aquele Profeta tão alumiado do Céu. Só um condenado do Inferno, só quem foi julgado por Deus, só quem assistiu ao rigor daquele tribunal tremendo, só quem viu o exame inescrutável com que ali se penetram e se apuram as consciências, só quem viu a anatomia tão miúda, tão delicada, tão esquisita, que ali se faz do menor pecado e da menor circunstância, só quem viu a subtileza não imaginada com que ali se pesam átomos, se medem instantes, se partem indivisíveis; só este, e nem ainda este bastantemente, poderá declarar o que naquele dia há-de ser.



Muitas vezes me resolvi a deixar totalmente este ponto, contentando-me com confessar que não sei nem me atrevo a falar nele; porque ninguém possa dizer no Dia do Juízo que eu o enganei. Mas como a matéria é tão importante e a principal obrigação deste dia, já que se não pode dizer tudo, nem parte, ao menos quisera que Deus me ajudasse a vos meter hoje na alma dois escrúpulos, que me parecem os mais necessários ao auditório a quem falo: pecados de omissão e pecados de consequência. Estes são os dois escrúpulos que vos quisera hoje advertir e intimar da parte de Deus.

Sabei, Cristãos, sabeis príncipes, sabeis ministros, que se vos há-de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se não-de condenar muitos; pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condenam os réus são as que se contêm nos relatórios das sentenças: lede agora o relatório da sentença do Dia do Juízo e notai o que diz: *Discedite a me, maledicti in ignem æternum*: “Ide, malditos, ao fogo eterno”. – E por que? – *Non dedistis mihi manducare non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperuistis me, non visitastis me*. Cinco cargos, e todos omissões: “porque não destes de comer, porque não destes de beber, porque não recolhestes, porque não visitastes, porque não vestistes”. Em suma, que os pecados que ultimamente não-de levar os condenados ao Inferno, são os pecados de omissão.

Não se espantem os doutos de uma proposição tão universal como esta; porque assim é verdadeira em todo o rigor da teologia. O último pecado e a última disposição por que se não-de condenar os préritos é a impenitência final; e a impenitência final é pecado de omissão. Vede que coisas são omissões, e não vos espantareis do que digo. Por uma omissão perde-se uma inspiração, por uma inspiração perde-se um auxílio, por um auxílio perde-se



uma contrição, por uma contrição perde-se uma alma; dai conta a Deus de uma alma, por uma omissão.

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se urna viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um estado. Dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino. Dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, o dai conta a Deus de tantas fazendas, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros. Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento; e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do Mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro, com uma omissão, matam de um golpe uma monarquia. Estes são os escrúpulos de que se não faz nenhum escrúpulo; por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os pecados.

A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo; e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa, ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado. Estava o profeta Elias em um deserto metido em uma cova, aparece-lhe Deus e diz-lhe: *Quid hic agis, Elia?* “E bem Elias, vós aqui?” – Aqui, Senhor! Pois aonde estou eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo? Não estou sepultado em vida? *Quid hic agis?* E que faço



eu? Não me estou disciplinando, não estou jejuando, não estou contemplando e orando a Deus? – Assim era. Pois se Elias estava fazendo penitência em uma cova, como o repreende Deus e lho estranha tanto? Porque, ainda que eram boas obras as que fazia, eram melhores as que deixava de fazer. O que fazia era devoção, o que deixava de fazer era obrigação. Tinha Deus feito a Elias profeta do povo de Israel, tinha-lhe dado ofício público; e estar Elias no deserto quando havia de andar na corte; estar metido em uma cova quando havia de aparecer na praça; estar contemplando no Céu quando havia de estar emendando a terra, era muito grande culpa.

A razão é fácil, porque no que fazia Elias salvava a sua alma; no que deixava de fazer perdiam-se muitas. Não digo bem: no que fazia Elias, parecia que salvava a sua alma; no que deixava de fazer, perdia a sua e as dos outros: as dos outros, porque faltava à doutrina; a sua, porque faltava à obrigação. É muito bom exemplo este para a corte e para os ministros que tomam a ocupação por escusa da salvação. Dizem que não tratam de suas almas, porque se não podem retirar. Retirado estava Elias e perdia se; mandam-no vir para a corte para que se salve. Não deixe o ministro de fazer o que tem de obrigação, e pode ser que se salve melhor em um conselho, que em um deserto. Tome por disciplina a diligência, tome por cilício o zelo, tome por contemplação o cuidado e tome por abstinência o não tomar, e ele se salvará.

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem; o mal é que se perdem a si e perdem a todos, mas de todos hão-de dar conta a Deus.



Uma das coisas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram no mês que vem o que se havia de fazer no passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois, o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo, o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão-de ser as consciências dos que governam, em matérias de momento. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui, o tempo não tem restituição alguma.

E a que mandamento pertencem estes pecados do tempo? Pertencem ao sétimo; porque ao sétimo mandamento pertencem os danos que se fazem ao próximo e à república, e a uma república não se lhe pode fazer maior dano que furtar-lhe instantes. Ah omissões, ah vagares, ladrões do tempo! Não haverá uma justiça exemplar para estes ladrões? Não haverá quem ponha um libelo contra os vagares? Não haverá quem enforce estes ladrões do tempo, estes salteadores da ocasião, estes destruidores da república? Mas porque na Ordenação não há pena contra estes delinquentes e porque eles às vezes se acolhem a sagrado, por isso a sentença do Dia do Juízo há-de cair principalmente sobre as omissões.

VII

Pecados de consequência são o segundo escrúpulo. Há uns pecados que acabam em si mesmos; há outros que, depois de acabados, ainda duram em suas consequências. Dizia Jó a Deus: *Vestigia pedum meorum considerasti*: “Considerastes, Senhor, as pegadas de meus pés”. Não diz que lhe considerou os passos, senão as pegadas; porque os passos passam, as pegadas ficam. O que fica dos pecados, é o que Deus mais particularmente examina. Não só se



nos há-de pedir conta dos passos, senão das pegadas. Não só se nos há-de pedir conta dos pecados, senão das consequências. Oh que terrível conta será esta! Converteu Cristo, Senhor nosso, a Zaqueu, que era um mercante rico, e as resoluções de sua conversão foram estas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum*: “Senhor, eu dou a metade de meus bens aos pobres, e da outra metade pagarei quatro vezes em dobro tudo o que houver tomado.”

Aqui reparo: as leis da justa restituição mandam que se pague o alheio em tanta quantidade como se tomou. Pois por que quer Zaqueu que da sua fazenda se paguem e se acrescentem três tantos mais: *Et si quid aliquem defraudavi reddo quadruplum*? Se para a restituição basta uma parte, as outras três a que fim se dão? Eu o direi: dá-se uma parte para satisfação do pecado, as outras três para satisfação das consequências. Entrou Zaqueu em exame escrupuloso de sua consciência sobre o que tinha roubado, e fez estas contas: Se eu não roubara a Fulano, tivera ele a sua fazenda; se a tivera, não perdera o que perdeu, adquirira o que não adquiriu, não padecera o que padeceu. Ah sim! Pois para que a minha satisfação seja igual à minha culpa, dê-se a cada um quatro vezes tanto como lhe eu houver defraudado. Com a primeira parte se pagará o que lhe tomei, com a segunda o que perdeu, com a terceira o que não adquiriu, com a quarta o que padeceu.

Eis aqui o que fez Zaqueu. E que se seguiu daqui? *Hodie salus huic domui facta est*: “Hoje se pôs em estado de salvação esta casa.” E se a casa de Zaqueu, para se pôr em estado de salvação, paga três vezes mais do que tomou, em que estado de salvação estarão tantas casas de Portugal, onde se deve tanto, e se gasta tanto, e se desperdiça tanto, e nenhuma coisa se paga? Ora o caso é que muita gente deve de se condenar. Porque na vida poucos pagam, na hora da morte os mais escrupulosos mandam pagar o capital; das consequências, nem na vida, nem na morte há quem faça caso.



E se isto passa na justiça comutativa, onde enfim há número, há peso e há medida; que será na distributiva e na vindicativa? Se isto lhe sucede à justiça na mão das balanças, que será na mão da espada? Quais serão as consequências de um voto injusto em um tribunal? Quais serão as consequências de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vo-las representar, pois é matéria tão oculta e de tanta importância.

Consulta-se em um conselho o lugar de um vice-rei, de um general, de um governador, de um prelado, de um ministro superior da fazenda ou justiça. E que sucede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente; vota no amigo, porque é amigo; vota no recomendado, porque é recomendado; os mais dignos e os mais beneméritos, porque não têm amizade, nem parentesco, nem valia, ficam de fora. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim. Agora quisera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assinou, se lhe remordeu a consciência ou se soube o que fazia? Homem cego, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que, ainda que o pecado que cometeste contra o juramento de teu cargo seja um só, as consequências que dele se seguem são infinitas e maiores que o mesmo pecado? Sabes que com essa pena te escreves réu de todos os males que fizer, que consentir, e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que deles se seguirem até o fim do Mundo? Oh grande miséria! Miserável é a república onde há tais votos, miseráveis são os povos onde se mandam ministros feitos por tais eleições; mas os conselheiros que neles votaram são os mais miseráveis de todos: os outros levam o proveito, eles ficam com os encargos. Ide comigo.

Se o que elegestes furta (não o ponhamos em condicional, porque claro está que há-de furta) furta o que elegestes, e furta por si e por todos os seus, como costumam os semelhantes; e Deus há-vos de pedir a conta a vós, porque o vosso voto foi causa de

todos aqueles roubos. Prove o que elegestes os ofícios de paz e guerra, nos que têm mais que peitar, deixando os que merecem e os que serviram; e vós haveis de dar a conta a Deus; porque o vosso voto foi causa de todas aquelas injustiças. Oprime o que elegestes os pobres choram as viúvas, padecem os órfãos, clamam os inocentes; e Deus vos há-de condenar a vós, porque o vosso voto foi causa de todas aquelas opressões, de todas aquelas tiranias. Matam-se os homens no governo dos que elegestes, arruínam-se as casas, desonram-se as famílias, vive-se como em Turquia; e vós o haveis de ir pagar ao Inferno, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles homicídios, de todas aquelas afrontas, de todos aqueles escândalos. Quebram-se as imunidades da Igreja, maltratam-se os ministros do Evangelho, impedem-se as conversões da Gentilidade para a propagação da Fé; e vós haveis de penar por isso eternamente, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles sacrilégios, de todas aquelas impiedades e da perda irreparável de tantos milhares de almas. Estas são as consequências da parte do indigno que elegestes.

E da parte dos beneméritos que deixastes de fora, quais serão? Ficarem os mesmos beneméritos sem o prêmio devido a seus serviços; ficarem seus filhos e netos sem remédio e sem honra, depois de seus pais e avós lho terem ganhado com o sangue, porque vós lha tirastes; ficar a república mal servida, os bons escandalizados, os príncipes murmurados, o governo odiado, o mesmo conselho em que assistis ou presidis, infamado, o merecimento sem esperança, o prêmio sem justiça, o descontentamento com culpa, Deus ofendido, o rei enganado, a Pátria destruída.

São pesadas e pesadíssimas consequências estas? Pois todas elas nascem daquele voto ou daquela eleição de que vós porventura ficastes sem escrúpulo e de que recebestes as graças (e talvez a propina) com muita alegria. Dir-me-eis que não advertistes tais coisas. Boa escusa para um conselheiro sábio! Se o não advertistes,



pecastes, porque o devêreis advertir. Tomara poder confirmar tudo o que tenho dito em particular com exemplos das Escrituras; mas bastara por todos um, que em matérias de pecados de consequência é verdadeiramente formidável.

Matou Caim a Abel, e diz a Escritura, conforme o texto original: *Vox sanguinum fratris tui clamantium ad me*: “Caim, a voz dos sangues de teu irmão Abel está bradando a mim.” Notável dizer! O sangue de Abel era um, como era um o mesmo Abel morto. Pois se Abel morto e o sangue de Abel derramado eram um, como diz Deus que clamaram contra Caim muitos sangues? *Vox sanguinum*? Declarou o mistério o Parafraste caldaico temerosamente: *Vox sanguinum generationum, quae futurae erant de fatre tuo, clamat ad me*. Se Caim não matara a Abel, haviam de nascer de Abel quase tantas outras gerações como nasceram de Adão, com que dobradamente se propagasse o gênero humano; e o sangue ou sangues de todos estes homens que haviam de nascer de Abel, e não nasceram, eram os que clamaram a Deus e pediam vingança contra Caim; porque, matando Caim e arrancando da terra a árvore de que eles haviam de nascer, o mesmo dano lhes fez que se os matara. De sorte que Caim parecia homicida de um só homem, e era homicida de um gênero humano; o pecado era um, as consequências, infinitas. Pois se Deus castiga nos pecados até as consequências possíveis; e os possíveis não-de aparecer e ressuscitar no dia do juízo contra vós, não porque foram, nem porque deixaram de ser, senão porque haviam de ser; se os possíveis têm sangue e vozes que clamam ao Céu, que clamores serão os do verdadeiro sangue derramado de verdadeiras veias? Que vozes serão, as de verdadeiras lágrimas, choradas de verdadeiros olhos? Que gemidos serão os de verdadeira dor, saldos de verdadeiros corações? Que serão as viuvezas, as orfandades, os desamparos? Que serão as opressões, as destruições, as tiranias? E que serão as consequências de tudo isto, multiplicadas em tantas pessoas, continuadas em tantas idades e



propagadas em tantas descendências, ou futuras ou possíveis, até o fim do mundo! Há quem faça escrúpulo disto?

Agora entenderéis com quanta razão disse São João Crisóstomo: *Miror, an fieri possit ut aliquis exrectoribus sit salvus*. É uma das mais notáveis sentenças que se acham escritas nos Santos Padres. Torno a repeti-la: *Miror, an fieri possit ut aliquis ex rectoribus sit salvus*: “Admiro-me (diz o grande Crisóstomo) e cheio de espanto considero comigo: se será possível que algum dos que governam se salve!” Esta proposição, e a suposição em que ela se funda, está julgada comumente por hipérbole e encarecimento retórico. Eu, contudo, digo que não é hipérbole nem encarecimento senão verdade moralmente universal em todo o rigor teológico. Impossível moral chamam os teólogos àquilo que muito dificultosamente pode ser e que nunca ou quase nunca sucede.

Neste sentido disse São Paulo: *Impossibile est, eos qui semel illuminati et prolapsi sunt, renovari ad poenitentiam*. E no mesmo sentido disse Cristo, Senhor nosso: *Facilius est camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in regnum coelorum*. Donde os Apóstolos tiraram a mesma admiração que São João Crisóstomo, e inferiram a mesma impossibilidade: *Auditis autem his, discipuli mirabantur valde, dicentes: quis ergo poterit salvus esse?* E o Senhor confirmou a sua ilação, dizendo que “humanamente era impossível, como eles diziam, mas que para Deus tudo é possível”: *Apud homines hoc impossibile est: apud Deum autem omniaabilia sunt*, que foi o mesmo que distinguir o impossível moral e humano, do impossível absoluto, que até em respeito da onipotência divina não é possível. E como os que governam, pelas obrigações de seus mesmos ofícios e pelas omissões que neles cometem, e pelos danos que por vários modos causam a tantos, os quais danos não param ali, mas se continuam e multiplicam em suas consequências, têm tão dificultosa a salvação, por isso São Crisóstomo, falando lisa, sincera e moralmente, sem encarecimento nem hipérbole,



disse que ele se admirava muito e não podia entender como era possível que algum dos que governam se salve: *Mirror, an fieri possit ut aliquis ex rectoribus sit salvus.*

E para que nós nos não admiremos, e os que governam ou desejam governar tenham tanto medo dos seus ofícios como dos seus desejos, reduzindo a verdade desta sentença à evidência da prática, argumento assim:

Todo homem que é causa gravemente culpável de algum dano grave, se o não restitui quando pode, não se pode salvar; todos ou quase todos os que governam, são causas gravemente culpáveis de graves danos, e nenhum ou quase nenhum restitui o que pode; logo, nenhum ou quase nenhum dos que governam se pode salvar. Colhe bem a consequência? Pois ainda mal, porque a segunda premissa, de que só se podia duvidar, está tão provada na experiência. Eu vi governar muitos, e vi morrer muitos; nenhum vi governar que não fosse causa culpável de muitos danos; nenhum vi morrer que restituísse o que podia. Sou obrigado, *secundum praesentem justitiam*, a crer que todos estão no Inferno. Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos.

VIII

Pedida e tomada a conta a todo o gênero humano, olhará o Senhor para a mão direita, e com o rosto cheio de glória e alegria, dirá aos bons: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi.* “Vinde, benditos de meu Pai, e possuí o Reino que vos está aparelhado desde o princípio do Mundo!” Quem serão os venturosos sobre que há-de cair esta ditosa sentença? Bendito seja Deus, que todos os que estamos presentes o podemos ser, se quisermos. Como se darão então por bem empregados todos os trabalhos da vida, e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a Lei de Cristo, que hoje julgamos por

difícil e pesada! Mas ainda mal, porque muitos dos que aqui estamos... Não me atrevo a o dizer; entendi-o vós. *Multi sunt vocati, pauci vero electi. Arcta via est, quae ducit ad vitam, et pauci sunt, qui inveniunt eam.* Voltando-se depois o Senhor... (não digo bem), não se voltando o Senhor para a mão esquerda, com rosto severo e não compassivo (o que me não atrevera eu a crer, se o não disseram as Escrituras), dirá desta maneira para os maus: *Discedite a me, maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabolo, et angelis ejus:* “Ide, malditos, ao fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, senão para o Demônio e seus anjos”; mas já que assim o quisestes, ide. Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade! eternidade! eternidade!



SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLANDA

*Exurge quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem.
Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis
nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.
(Salmo XLIII)*

I

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Profeta Rei ao Salmo quarenta e três. Salmo que, desde o princípio até o fim, não parece senão cortado para os tempos e ocasião presente. O Doutor Máximo São Jerônimo, e depois dele os outros expositores, diz que se entende à letra de qualquer reino ou província católica, destruída e assolada por inimigos da Fé. Mas entre todos os reinos do Mundo a nenhum lhe quadra melhor que ao nosso Reino de Portugal; e entre todas as províncias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que à miserável província do Brasil. Vamos lendo todo o Salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna: o que fomos e o que somos.

Deus, auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntiaverunt nobis, opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis. Ouvimos (começa o profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos portugueses obrou em tempos passados vossa onipotência, Senhor. *Manus tua gentes disperdit, et plantasti eos; afflixisti populos et expulisti eos.* Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indômitas, e as despojou do domínio de suas



próprias terras para nelas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raízes; e para nelas os dilatar, como dilatou e estendeu em todas as partes do Mundo, na África, na Ásia, na América. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvavit eos, sed dextera tua et brachium tuum et illuminatio vultus tui, quoniam complacuisti in eis.* Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuíram e as gentes e reis que avassalaram, senão a virtude de vossa destra onipotente e a luz e o prêmio supremo de vosso beneplácito, com que neles vos agradastes e deles vos servistes. Até aqui a relação ou memória das felicidades passadas, com que passa o Profeta aos tempos e desgraças presentes.

Nunc autem repulisti et confundisti nos; et non egredieris Deus in virtutibus nostris. Porém agora, Senhor, vemos tudo isso tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneais como dantes os nossos exércitos. *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi.* Os que tão costumados éramos a vencer e triunfar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoite de vossa justiça, justo é que lhes demos as costas), e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cobiça. *Dedisti nos tanquam oves escarum et in gentibus dispersisti nos.* Os velhos, as mulheres, os meninos, que não têm forças nem armas com que se defender, morrem como ovelhas inocentes às mãos da crueldade herética, e os que podem escapar à morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a pátria. *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem et derisum his, qui sunt in circuitu nostro.* Não fora tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvara ao menos a honra; mas também esta a passos contados se vai perdendo; e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente com as vitórias



o afronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

Com tanta propriedade como isto descreve Davi neste Salmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos enquanto Deus queria, para que na experiência presente cresça a dor por oposição com a memória do passado. Ocorre aqui ao pensamento o que não é lícito sair à língua, e não falta quem discorra tacitamente, que a causa desta diferença tão notável foi a mudança da monarquia. Não havia de ser assim (dizem) se vivera um D. Manuel, um D. João o Terceiro, ou a fatalidade de um Sebastião não sepultara com ele os reis portugueses. Mas o mesmo Profeta no mesmo Salmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse rex meus et Deus meus: qui mandas salutes Jacob*. O Reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire*, e como Deus é o rei: *Tu es ipse rex meus et Deus meus*; e este rei é o que manda e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob*, ele que não se muda é o que causa estas diferenças, e não os reis que se mudaram. À vista, pois, desta verdade certa e sem engano, estive um pouco suspenso o nosso Profeta na consideração de tantas calamidades, até que para remédio delas o mesmo Deus, que o alumia, lhe inspirou um conselho altíssimo, nas palavras que tomei por tema:

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum. Não prega Davi ao povo, não o exorta ou repreende, não faz contra ele invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinário espírito, se volta não só a Deus, mas piedosamente atrevido contra ele. Assim como Marta disse a Cristo: *Domine, non est tibi curae?*, assim estranha Davi reverentemente a Deus, e quase o acusa de descuidado. Queixa-se das desatenções



de sua misericórdia e providência, que isso é considerar a Deus dormindo: *Exurge! Quare obdormis, Domine?* Repete-lhe que acorde e que não deixe chegar os danos ao fim, permissão indigna de sua piedade: *Exurge, et ne repellas in finem.* Pede-lhe a razão por que aparta de nós os olhos e não volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis?*, e por que se esquece da nossa miséria e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae?* E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deus faz e permite, senão que insta a que lha dê, uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente, depois destas perguntas, a que supõe que não tem Deus resposta, e destes argumentos com que presume o tem convencido, protesta diante do tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar e de nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos.* E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remédio, senão por parte da sua honra e glória: *Propter nomen tuum.*

Esta é, Todo-Poderoso e Todo-Misericordioso Deus, esta é a traça de que usou para render vossa piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei eu também hoje, pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo que semelhante. Não hei de pregar hoje ao povo, não hei de falar com os homens; mais alto hão de sair as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se há de dirigir todo o sermão. É este o último de quinze dias contínuos, em que todas as igrejas desta Metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade, têm representado suas deprecações; e, pois, o dia é o último, justo será que nele se acuda tão bem ao último e único remédio. Todos estes dias se cansaram debalde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e, pois, eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho da vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido.



O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos*. Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo. Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora da Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: *Adjuva nos?* Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa e eu viera a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome – *Propter nomen tuum* – razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós e a acusar as dilatações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a eficácia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio. *Ave Maria*.

II

Exurge! Quare obdormis, Domine? Querer argumentar com Deus e convencê-lo com razões, não só dificultoso assunto parece, mas empresa declaradamente impossível, sobre arrojada temeridade.



O homo, tu quis es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei qui se finxit: Quid me fecisti sic?

“Homem atrevido”, diz São Paulo, “homem temerário, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Porventura o barro que está na roda e entre as mãos do oficial, põe-se às razões com ele e diz-lhe: por que me fazes assim?” Pois se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da matéria vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: – *Quare? Quare?* – Como te atreves a argumentar com a sabedoria divina, como pedes razão à sua Providência do que te faz ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera suas permissões, reverencia e adora seus ocultos juízos, encolhe os ombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a Fé e o que deves à criatura. Assim o fazemos, assim o confessamos, assim o protestamos diante de vossa Majestade infinita, imenso Deus, incompreensível bondade: *Justus es, Domine, et rectum iudicium tuum*. Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos próprios, temeridade fora grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso profeta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris, prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis*: os requerimentos, e razões deles, que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as apelações ou embargos que interpomos à execução e continuação dos castigos de que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presunção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericórdias: *In miserationibus tuis multis*. Argumentamos, sim, mas de vós para



vós; apelamos, mas de Deus para Deus – de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sair todas as setas, mal poderão ofender vossa bondade. Mas porque a dor quando é grande sempre arrasta o afeto, e o acerto das palavras é descrédito da mesma dor, para que o justo sentimento dos males presentes não passe os limites sagrados de quem fala diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer seguirei as pisadas sólidas dos que em semelhantes ocasiões, guiados por vosso mesmo espírito, oraram e exoraram vossa piedade.

Quando o povo de Israel no deserto cometeu aquele gravíssimo pecado de idolatria, adorando o ouro das suas joias na imagem bruta de um bezerro, revelou Deus o caso a Moisés, que com ele estava, e acrescentou irado e resoluto, que daquela vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me, ut irascitur furor meus contra eos et deleam eos*. Não lhe sofreu, porém, o coração ao bom Moisés ouvir falar em destruição e assolação do seu povo; põe-se em campo, opõe-se à ira divina e começa a arrazoar assim: *Cur, Domine, irascitur furor tuus contra populum tuum?* “E bem, Senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo?” Por que razão, Moisés?! E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus?! Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus e dando-a a uma estátua muda, que acabaram de fazer suas mãos, e atribuindo-lhe a ela a liberdade e triunfo com que os livrou do cativeiro do Egito, e sobre tudo isso ainda perguntais a Deus por que razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus?!*

– Sim, e com muito prudente zelo; porque, ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne, quaeso, – dá razão Moisés, – ne, quaeso, dicant Aegyptii: Callide eduxit eos,*



ut interficeret in montibus et deleret e terra. Olhai, Senhor, que porão mácula os egípcios em vosso ser, e, quando menos, em vossa verdade e bondade. Dirão que, cautelosamente e à falsa fé, nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada e assentada entre eles, qual será o abatimento de vosso santo nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egito, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo, para conservar o crédito, dissimular o castigo e não dar com ele ocasião àqueles gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao que dirão: *Ne, quaeso, dicant.*

Desta maneira arrazoou Moisés em favor do povo; e ficou tão convencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Et poenituit Dominum mali, quod cogitaverat facere populo suo.* E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido, pois sois o mesmo que éreis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum.* Moisés disse-vos: *Ne, quaeso, dicant:* “Olhai, Senhor, que dirão.” E eu digo e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhes dais ou permitis: já dizem que porque a sua, que eles chamam religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal, porque não faltará quem os creia.

Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra vossa Fé? É possível que se hão de ocasionar de nossos castigos blasfêmias contra vosso nome?! Que diga o herege



(o que treme de o pronunciar a língua), que diga o herege, que Deus está holandês?! Oh não permitais tal, Deus meu, não permitais tal, por quem sois! Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigásseis; não o digo pelo Brasil, que pouco ia em que o destruísseis; por vós o digo e pela honra de vosso Santíssimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasfemado: *Propter nomen tuum*. Já que o pérfido calvinista dos sucessos que só lhe merecem nossos pecados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasfemo de ser a sua verdadeira, veja ele na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompõem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas; as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exércitos, escalem as suas muralhas e despvoem os seus presídios, os conselhos que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam alumiados e neles enfiados e confusos. Mude a vitória as insígnias, desafrontem-se as cruces católicas, triunfem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfídia, que só a Fé romana, que professamos, é Fé, e só ela a verdadeira e a vossa.

Mas ainda há mais quem diga. *Ne, quaeso, dicant Aegyptii*: Olhai, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram ontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuia bárbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o índio inconstante, a quem falta a pia afeição da nossa Fé? Que dirá o etíope boçal, que apenas foi molhado com a água do batismo sem mais doutrina? Não há dúvida de que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juízos, beberão o erro pelos olhos. Dirão, pelos efeitos que veem, que a nossa Fé é falsa, e a dos holandeses a verdadeira, e crerão que são mais cristãos, sendo como eles. A seita do herege torpe e brutal concorda mais com a brutalidade do bárbaro; a largueza e soltura da vida, que foi a origem e é o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e



corrupção do gentilismo; e que pagão haverá que se converta à Fé que lhe pregamos, ou que novo cristão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros que no herege é premiada a sua lei, e no Católico se castiga a nossa? Pois se estes são os efeitos, posto que não pretendidos, de vosso rigor e castigo, justamente começado em nós, se ateia e passa com tanto dano aos que não são cúmplices das nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Por que continua sem estes reparos o que vós mesmo chamastes furor? E por que não acabais já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente ofendido do povo hebreu, por um *que dirão* dos egípcios lhe perdoastes; o que dizem os hereges, e o que dirão os gentios, não será bastante motivo para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo e perdoe também os nossos pecados, pois, ainda que grandes, são menores? Os hebreus adoraram o ídolo, faltaram à Fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro: e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito ou escrúpulo nesta parte, que muitos deixaram a pátria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em suma miséria desterrados, só por não viver nem comunicar com homens que se separaram da vossa Igreja. Pois, Senhor meu e Deus meu, se por vosso amor e por vossa Fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem tais finezas os portugueses: *Quare oblivisceris inopiae nostrae? et tribulationis nostrae?* Por que vos esqueceis de tão religiosas misérias, de tão católicas tribulações? Como é possível que se ponha Vossa Majestade irada contra estes fidelíssimos servos, e favoreça a parte dos infiéis, dos excomungados, dos ímpios?

Oh! como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Jó, quando, despojado dos sabeus e caldeus, se viu, como nós nos vemos, no extremo da opressão e miséria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me et opprimas me opus manuum tuarum et*



consilium impiorum adjuves? Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me oprimais e aflijais, e aos ímpios, aos inimigos vossos os favoreçais e ajudeis? Parece-vos bem que sejam eles os prosperados e assistidos de vossa providência, e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de vossa memória, nós o exemplo de vossos rigores, nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrar-nos por vós e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobreza e os desprezos que elas trazem consigo, por vosso amor? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se há tanta diferença entre nós, ainda que maus, e aqueles perversos, por que os ajudais a eles e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur:* “A vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?”

III

Considerai, Deus meu – e perdoai-me, se falo inconsideradamente –, considerai a quem tirais as terras do Brasil e a quem as dais. Tirais estas terras aos portugueses a quem nos princípios as destes; e bastava dizer a quem as dais, para perigar o crédito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse São Paulo, que vós, Senhor, “quando dais, não vos arrependeis”: *Sine paenitentia enim sunt dona Dei?* Mas deixado isto à parte: tirais estas terras àqueles mesmos portugueses a quem escolhestes entre todas as nações do Mundo para conquistadores da vossa Fé, e a quem destes por armas como insígnia e divisa singular vossas próprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que às sagradas quinas de Portugal e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas listas de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo?*

E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta afronta?

Tirais também o Brasil aos portugueses, que assim estas terras vastíssimas, como as remotíssimas do Oriente, as conquistaram à custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa Fé (que esse era o zelo daqueles cristianíssimos reis) que por amplificar e estender seu império. Assim fostes servido que entrássemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que saíamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade!), com tanta afronta e ignomínia! Oh! como receio que não falte quem diga o que diziam os egípcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleteret e terra*. Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e reinos não foi mercê de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora e longe de nossa Pátria nos matardes, nos destruídes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas há baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilíssimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim? Oh! quanto melhor nos fora nunca conseguir, nem intentar tais empresas!

Mais santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciência, e, contudo, em ocasião semelhante, não falou (falando convosco) por diferente linguagem. Depois de os filhos de Israel passarem às terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do



exército a dar assalto à cidade de Hai, a qual nos ecos do nome já parece que trazia o prognóstico do infeliz sucesso que os israelitas nela tiveram; porque foram rotos e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que faria Josué à vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiais, lança-se por terra, começa a clamar ao Céu: *Heu! Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi?* “Deus meu e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão e nos metestes de posse destas terras, se aqui nos haveis de entregar nas mãos dos amorreus e perder-nos?” *Utinam mansissemus trans Jordanem!* “Oh! nunca nós passáramos tal rio!”

Assim se queixava Josué a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que ele. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: “Oh! Nunca nós passáramos tal rio!”. *Utinam mansissemus trans Jordanem!* Prouvera a vossa Divina Majestade que nunca saíramos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas às ondas e aos ventos, nem conhecêramos ou puséramos os pés em terras estranhas! Ganhá-las para as não lograr, desgraça foi e não ventura; possuí-las para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade. Se determináveis dar estas mesmas terras aos piratas de Holanda, por que lhas não destes enquanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores; para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes? Assim se hão de lograr os hereges e inimigos da Fé, dos trabalhos portugueses e dos suores católicos? *En queis consevimus agros!* “Eis aqui para quem trabalhamos há tantos anos!”



Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenais assim, fazei o que fordes servido. Entregai aos holandeses o Brasil, entregai-lhes as Índias, entregai-lhes as Espanhas (que não são menos perigosas as consequências do Brasil perdido); entregai-lhes quanto temos e possuímos (como já lhes entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o Mundo; e a nós, aos portugueses e espanhóis, deixai-nos, repudiái-nos, desfazei-nos, acabai-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Majestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançais de vós, pode ser que os queirais algum dia, e que os não tenhais.

Não me atrevera a falar assim, se não tirara as palavras da boca de Jó, que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragédia. Queixava-se o exemplo da paciência a Deus (que nos quer Deus sofridos, mas não insensíveis), queixava-se do teso de suas penas demandando e altercando, por que se lhe não havia de remitir e afrouxar um pouco o rigor delas; e como a todas as réplicas e instâncias o Senhor se mostrasse inexorável, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam, et si mane me quaesieris, non subsistam*. Já que não quereis, Senhor, desistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com ele ao cabo, seja muito embora; matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam*; mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que “se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar”: *Et si mane me quaesieris, non subsistam*. Tereis aos sabeus, tereis aos caldeus, que sejam o roubo e o açoite de vossa casa; mas não achareis a um Jó que a sirva, não achareis a um Jó que a venere, não achareis a um Jó, que ainda com suas chagas a não desautorize. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos afetos, quem se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo



Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amesterdão, Meldeburgo e Flisinga e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.

IV

Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa Fé e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraão. Mas também a vossa sabedoria e a experiência de todos os séculos nos têm ensinado, que depois de Adão não criastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste Mundo, e que nunca admitis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parábola do banquete. Mandastes chamar os convidados que tínheis escolhido, e porque eles se escusaram e não quiseram vir então admitistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu lugar: *Caecos et claudos introduc huc*. E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providência divina, como a vemos agora tão trocada em nós e tão diferente conosco? Quais foram estes convidados e quais são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nelas nos pusestes a mesa, tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os luteranos e calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras, na reprovação das quais consiste o principal erro da sua heresia. Pois



se nós, que fomos os convidados, não nos escusamos nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes em que pudéramos duvidar; se viemos e nos assentamos à mesa, como nos excluís agora e lançais fora dela e introduzis violentamente os cegos e mancos, e dais os nossos lugares ao herege? Quando em tudo o mais foram eles tão bons como nós, ou nós tão maus como eles, por que nos não há de valer pelo menos o privilégio e prerrogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocáis os estilos de vossa providência e mudais as leis de vossa justiça conosco.

Aquelas dez virgens do vosso Evangelho todas se renderam ao sono, todas adormeceram, todas foram iguais no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes et dormierunt*. E, contudo, a cinco delas passou-lhes o esposo por este defeito, e só porque conservaram as lâmpadas acesas, mereceram entrar às bodas, de que as outras foram excluídas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vós sois aquele Esposo Divino), por que não nos vale a nós também conservar as lâmpadas da Fé acesas, que no herege estão tão apagadas e tão mortas? É possível que haveis de abrir as portas a quem traz as lâmpadas apagadas, e as haveis de fechar a quem as tem acesas?

Reparai, Senhor, que não é autoridade do vosso divino tribunal que saíam dele no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se às que deixaram apagar as lâmpadas se disse: *Nescio vos*; se para elas se fecharam as portas: *Clausus est janua*; quem merece ouvir de vossa boca um *Nescio vos* tremendo, senão o herege, que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao herege, que os tem tão cegos? Mas eu vejo que nem esta cegueira, nem este desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhe retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vêm chegando a nós suas armas vitoriosas, e cedo nos baterão às portas desta vossa cidade...



Desta vossa cidade disse; mas não sei se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas, acharão acesso a vosso conspecto divino, pois há tantos anos que está bradando ao Céu a nossa justa dor, sem a vossa clemência dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso for assim (o que vós não permitais), e está determinado em vosso secreto juízo que entrem os hereges na Bahia, o que só vos represento humildemente e muito deveras, é que antes da execução da sentença repareis bem, Senhor, no que vos pode suceder depois, e que o consulteis com vosso coração enquanto é tempo; porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remédio. Bem estais na intenção e alusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Também antes do dilúvio estáveis vós mui colérico e irado contra os homens, e, por mais que Noé orava em todos aqueles cem anos, nunca houve remédio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se, enfim, as cataratas do céu, cresceu o mar até os cumes dos montes, alagou-se o Mundo todo: já estaria satisfeita a vossa justiça. Senão quando, ao terceiro dia, começaram a boiar os corpos mortos, e a surgir e aparecer em multidão infinita aquelas figuras pálidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragédia que nunca viram os anjos, que homens que a vissem não os havia. Vistes vós também (como se o vísseis de novo) aquele lastimosíssimo espetáculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tínheis olhos capazes de lágrimas, enterneceram-se, porém, as entranhas de vossa Divindade, “com tão intrínseca dor”: *Tactus dolore cordis intrinsecus*, que, do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tínheis feito ao Mundo; e foi tão inteira a vossa contrição que não só tivestes pesar do passado, senão propósito firme de nunca mais o fazer: *Nequanquam ultra maledicam terrae propter homines*.

Este sois, Senhor, este sois; e pois sois este não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra ele, se o seu sentimento, e o vosso as há de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimento à vossa bondade, vede o que fazeis antes que o façais, não vos aconteça outra. E para que o vejais com cores humanas, que já vos não são estranhas, dai-me licença que eu vos represente primeiro ao vivo as lástimas e misérias deste futuro dilúvio, e se esta representação vos não enternecer e tiverdes entranhas para o ver sem grande dor, executai-o embora.

Finjamos, pois (o que até fingido e imaginado faz horror); finjamos que vêm a Bahia e o resto do Brasil a mãos dos holandeses; que é o que há de suceder em tal caso? – Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo nem a idade; com os fios dos mesmos alfanjes medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortesia à sua qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras ocasiões não perdoou), a desumanidade herética. Sei eu, Senhor, que só por amor dos inocentes dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Nínive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma inocência vos não abranda. Pois também a vós, Senhor, vos há de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade cristã), também a vós há de chegar.

Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custódia, em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes;



derrubarão dos altares os vultos e estátuas dos santos, deformá-las-ão a cutiladas, e metê-las-ão no fogo; e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas nem às imagens tremendas de Cristo crucificado, nem às da Virgem Maria.

Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes agravos e afrontas nas vossas imagens, pois já as permitistes em vosso sacratíssimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santíssima Mãe, não sei como isto pode estar com a piedade e amor de Filho. No Monte Calvário estive esta Senhora sempre ao pé da cruz, e, com serem aqueles algozes tão descortes e cruéis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tínheis vós prometido pelo Profeta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de vossa Mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem somente da mesma Virgem era a Arca do Testamento, e só porque Oza a quis tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem ofendia a imagem de Maria, por que o não há também agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos às coisas sagradas, para uma severíssima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um profeta, se lhe secou logo o braço milagrosamente, como aos hereges, depois de se atreverem a afrontar vossos santos, lhes ficam ainda braços para outros delitos? Se a Baltasar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagra vosso sangue, o privastes da vida e do reino, por que vivem os hereges, que convertem vossos cálices a usos profanos? Já não há três dedos que escrevam sentença de morte contra sacrílegos?!

Enfim, Senhor, despojados assim os templos e derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica; acabar-se-á o culto divino; nascerá erva nas igrejas, como nos campos; não haverá



quem entre nelas. Passará um dia de Natal, e não haverá memória de vosso nascimento; passarão a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-ão ermas e solitárias, e que as não pisa a devoção dos fiéis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os católicos sem confissão nem sacramentos; pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos, e em lugar de São Jerônimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos portugueses; e chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: – Menino, de que seita sois? Um responderá: – Eu sou calvinista; outro: – Eu sou luterano.

Pois isto se há de sofrer, Deus meu? Quando quisestes entregar vossas ovelhas a São Pedro, examinaste-lo três vezes se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregais desta maneira, não a pastores, senão aos lobos?! Sois o mesmo, ou sois outro? Aos hereges o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dito, e nomeei almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver tais lástimas e tais estragos. E se assim é (que assim o estão prometendo vossas entranhas piedosíssimas), se é que há de haver dor, se é que há de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos há de pesar em algum tempo.

Muito honrastes, Senhor, ao homem na criação do Mundo, formando-o com vossas próprias mãos, informando-o e animando-o com vosso próprio alento e imprimindo nele o caráter de vossa imagem e semelhança. Mas parece que logo desde aquele mesmo dia vos não contentastes dele, porque de todas as outras coisas



que criastes, diz a Escritura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quod esset bonum*; e só do homem o não diz. Na admiração desta misteriosa reticência andou desde então suspenso e vacilando o juízo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa por que, agradando-vos com tão pública demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrásseis agrado. Finalmente, passados mais de mil e setecentos anos, a mesma Escritura, que tinha calado aquele mistério, nos declarou que vós estáveis arrependido de ter criado o homem: *Paenituit eum quod hominem fecisset in terra*, e que vós mesmo dissestes que vos pesava: *Paenitet me fecisse eos*; e então ficou patente e manifesto a todos o segredo que tantos tempos tínheis ocultado. E vós, Senhor, dizeis que vos pesa e que estais arrependido de ter criado o homem; pois essa é a causa por que logo desde o princípio de sua criação vos não agradastes dele, nem quisestes que se dissesse que vos parecera bem, julgando, como era razão, por coisa muito alheia de vossa sabedoria e providência, que em nenhum tempo vos agradasse nem parecesse bem aquilo de que depois vos haveis de arrepender e ter pesar de ter feito: *Paenitet me fecisse*.

Sendo, pois, esta a condição verdadeiramente divina e a altíssima razão de estado de vossa providência – não haver jamais agrado do que há de haver arrependimento; e sendo também certo nas piedosíssimas entranhas de vossa misericórdia, que se permitirdes agora as lástimas, as misérias, os estragos que tenho representado, é força que vos há de pesar depois e vos haveis de arrepender, arrependei-vos, misericordioso Deus, enquanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide à mão à vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas de vossa ira, e não permitais tantos danos, e tão irreparáveis. Isto é o que vos pedem, tantas vezes prostradas diante de vosso divino acatamento, estas almas tão fielmente católicas, em nome seu e de todas as deste Estado. E não vos fazem esta humilde deprecação

pelas perdas temporais, de que cedem, e as podeis executar neles por outras vias; mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injúrias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrossanto sacrifício de vosso corpo e sangue, e pela ausência insofrível, pela ausência e saudades desse Santíssimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

V

Chegado a este ponto, de que não sei nem se pode passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizéreis assim facilmente, e vos deixaríeis persuadir, e convencer destas nossas razões, senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça; e como sois igualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os pecados do Brasil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandíssimos pecadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos pecados muitos e grandes são um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até agora, que no crédito, na honra e na glória de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum*. E que motivo posso eu oferecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos pecados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim*: “Por amor de vosso nome, Senhor, estou certo”, dizia Davi, “que me haveis de perdoar meus pecados, porque não são quaisquer pecados, senão muitos e grandes.” *Multum est enim*. Oh! motivo digno só do peito de Deus! Oh! consequência que só na suma bondade pode ser forçosa! De maneira que, para lhe serem perdoados seus pecados, alegou um pecador a Deus que são muitos e grandes. Sim; e não por amor do pecador,



nem por amor dos pecados, senão por amor da honra e glória do mesmo Deus, a qual quanto mais e maiores são os pecados que perdoa, tanto maior é e mais engrandece e exalta o seu santíssimo nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim*. O mesmo Davi distingue na misericórdia de Deus grandeza e multidão. A grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam*; a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum*. E como a grandeza da misericórdia divina é imensa e a multidão de suas misericórdias infinita; e o imenso não se pode medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada matéria de glória, importa à mesma grandeza da misericórdia que os pecados sejam grandes e à mesma multidão das misericórdias, que sejam muitos: *Multum est enim*. Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render à razão de serem muitos e grandes nossos pecados. E razão tenho também de instar em vos pedir a razão por que não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare oblivisceris inopiae et tribulationis nostrae?*

Esta mesma razão vos pediu Jó quando disse: *Cur non tollis peccatum meum et quare non auferis iniquitatem meam?* E, posto que não faltou um grande intérprete de vossas Escrituras que arguisse por vossa parte, enfim se deu por vencido e confessou que tinha razão Jó em vo-la pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deliquit, non miseretur?* – diz São Cirilo Alexandrino – Basta, Jó, que criminais e acusais a Deus de que castiga vossos pecados? Nas mesmas palavras confessais que cometestes pecados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deus por que as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedi-la. Os pecados e maldades, que não ocultais, são a razão do castigo: pois se dais a razão, por que a pedis? – Porque ainda que Deus, para castigar os pecados, tem a razão de sua justiça, para os perdoar e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua glória: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in*



eo gloriam habet; ob quam causam mei non miseretur? Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir (responde por ele o mesmo santo, que o arguiu), porque, se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?* Como se dissera: “Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer, como Deus, em me perdoar?” Ainda disse e quis dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* “Pequei, que mais posso fazer?” E que fizestes vós, Jó, a Deus, em pecar? – Não lhe fiz pouco; porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer; e ele dever-me-á a mim, como ocasião, a glória que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença, nem encarecimento; se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar pecados se aumenta a vossa glória, que é o fim de todas as vossas ações; não digais que nos não perdoais, porque são muitos e grandes os nossos pecados, que antes porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande glória à grandeza e multidão de vossas misericórdias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa majestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita. Vede-o neste último castigo, em que, contra toda a esperança do mundo e do tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a Equinocial. Pudestes, Senhor, derrotá-la; e que grande glória foi de vossa onipotência poder o que pode o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* Desplantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar outra, também é poder que vós cometestes a um homenzinho de Anatote: *Ecce constitui te super gentes et super regna, ut evellas et destruas et disperdas et dissipes et*



aedifices et plantes. O em que se manifestam a majestade, a grandeza e a glória de vossa infinita onipotência é em perdoar e usar de misericórdia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et miserando, manifestas*. Em castigar, venceis-nos a nós, que somos criaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta vitória é digna de vós, porque só vossa misericórdia pode pelejar com armas iguais contra vossa justiça; e sendo infinito o vencido, infinita fica a glória do vencedor. Perdoai, pois, benigníssimo Senhor, por esta grande glória vossa: *Propter magnam gloriam tuam*: perdoai por esta glória imensa de vosso santíssimo nome: *Propter nomen tuum*.

E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo, não já misericordioso, senão justíssimo Deus, que também a mesma justiça se pudera dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos anos. Não sois vós, enquanto justo, aquele justo juiz de quem canta o vosso Profeta: *Deus Judex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos, por que se não dará por satisfeita com rigores de anos e tantos anos? Sei eu, Legislador Supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santíssima Lei que não passe de um dia, e que antes de se pôr o Sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. Pois se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos agravos vossa mesma Lei, e lhe manda que perdoe e se aplaque em termo tão breve e tão preciso, vós, que sois Deus infinito e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma imensidade, e em matéria de perdão vos propondes aos homens por exemplo, como é possível que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos anos, e que se ponha e torne a nascer o Sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada e correndo sangue a espada de vossa vingança? Sol de justiça cuidei eu que vos chamavam as Escrituras, porque, ainda quando mais feroso e ardente, dentro do



breve espaço de doze horas, passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este Sol material que nos alumia e rodeia, pois há tantos dias e tantos anos que, passando duas vezes sobre nós de um trópico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não alego, Senhor, com o que dirão a Terra e os homens, mas com o que dirão o Céu e o mesmo Sol. Quando Josué mandou parar o Sol, as palavras da língua hebraica em que lhe falou, foram, não *que parasse*, senão *que se calasse: Sol tace contra Gabaon*. Calar mandou ao Sol o valente capitão, porque aqueles resplandores amortecidos com que se ia sepultar no Ocaso, eram umas línguas mudas com que o mesmo Sol o murmurava de demasiadamente vingativo; eram umas vozes altíssimas, com que desde o Céu lhe lembrava a Lei de Deus, e lhe pregava que não podia continuar a vingança, pois ele se ia meter no Ocidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. E se Deus, como autor da mesma Lei, ordenou que o Sol parasse, e aquele dia (o maior que viu o Mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas e fosse o maior, foi para que, concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo, nem por outra se dispensasse no rigor do preceito. Castigue-se o gabaonita, pois é justo castigá-lo; mas esteja o Sol parado até que se acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do vencedor, não passe os limites de um dia.

Pois se este é, Senhor, o termo prescrito de vossa Lei; se fazeis milagres e tais milagres para que ela se conserve inteira, e se Josué manda calar e emudecer o Sol, por que se não queixe e dê vozes contra a continuação de sua ira, que quereis que diga o mesmo Sol, não parado nem emudecido? Que quereis que digam a Lua e as estrelas, já cansadas de ver nossas misérias? Que quereis que digam todos esses céus criados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glórias: *Coeli enarrant gloriam Dei*?

Finalmente, benigníssimo Jesus, verdadeiro Josué e verdadeiro Sol, seja o epílogo e conclusão de todas as nossas razões o vosso mesmo nome: *Propter nomem tuum*. Se o Sol estranha a Josué rigores de mais de um dia, e Josué manda calar o Sol, porque lhos não estranhe; como pode estranhar vossa divina justiça que useis conosco de misericórdia, depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos continuados, não por um dia ou muitos dias de doze horas, senão por tantos e tão compridos anos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sede Jesus e sede Salvador nosso. Se sois Sol e Sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixai já o signo rigoroso de Leão, e dai um passo ao signo de Virgem, signo propício e benéfico. Recebei influências humanas, de quem recebestes a humanidade. Perdoai-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santíssima. Perdoai-nos por seus rogos, ou perdoai-nos por seus impérios; que, se como criatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos pode mandar e vos manda que nos perdoeis. Perdoai-nos, enfim, para que a vosso exemplo perdoemos; e perdoai-nos também a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amor: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen*.

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó (1640)

*Ecce concipies in utero, et panes Filium.*⁵⁹

I

A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo. Circular é o globo da Terra, circulares as esferas celestes, circular toda esta máquina do universo, que por isso se chama orbe, e até o mesmo Deus, se sendo espírito pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular. O certo é que as obras sempre se parecem com seu autor; e fechando Deus todas as suas dentro em um círculo, não seria esta ideia natural, se não fora parecida à sua natureza. – Daqui é que o mais alumiado de todos os teólogos, São Dionísio Areopagita, não podendo definir exatamente a suma perfeição de Deus, a declarou com a figura do círculo: *Velut circulus quidam sempiternus propter bonum, ex bono, in bono et ad bonum certa, et nusquam oberrante glomeratione circummiens*. Estes são os dois maiores círculos que até o dia da Encarnação do Verbo se conheceram; mas hoje nos descreve o Evangelho outro círculo, em seu modo maior. O primeiro círculo, que é o mundo, contém dentro em si todas as coisas criadas; o segundo, incriado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo; e este terceiro, que hoje nos revela a fé, contém dentro em si ao mesmo Deus. *Ecce concipies in utero,*

⁵⁹ Eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho (Lc. 1, 31).

*et paries Filium: hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur.*⁶⁰ Nove meses teve dentro em si este círculo a Deus, e quem poderá imaginar que, estando cheio de todo Deus, ainda ali achasse o desejo, capacidade e lugar para formar outro círculo? Assim foi, e este novo círculo, formado pelo desejo, debaixo da figura e nome de O, é o que hoje particularmente celebramos na expectativa do parto já concebido: *Ecce concipies et paries*. De um e outro círculo travados entre si, se comporá o nosso discurso, concordando – que é a maior dificuldade deste dia – o Evangelho com o título da festa, e o título com o Evangelho. O mistério do Evangelho é a conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Santíssima; o título da festa é a expectativa do parto e desejos da mesma Senhora, debaixo do nome do O. E porque o O é um círculo, e o ventre virginal outro círculo, o que pretendo mostrar em um e outro é que, assim como o círculo do ventre virginal na conceição do Verbo foi um O que compreendeu o imenso, assim o O dos desejos da Senhora na expectativa do parto foi outro círculo que compreendeu o eterno. Tudo nos dirão, com a graça do céu, as palavras que tomei por tema. *Ave Maria*.

II

Ecce concipies in utero, et paries.

Uma das maiores excelências das Escrituras divinas é não haver nelas nem palavras, nem sílaba, nem ainda uma só letra que seja supérflua ou careça de mistério. Tal é o misterioso O que hoje começa a celebrar, e todos estes dias repete a Igreja, breve na voz, grande na significação, e nos mistérios profundíssimo. Mas,

⁶⁰ Eis conceberás no teu ventre, e parirás um filho, e será chamado Filho do Altíssimo (Lc. 1, 31 s).



contra este mesmo princípio, parece que no nosso texto, com ser tão breve, não só temos uma letra, senão uma sílaba e uma palavra supérflua. E que sílaba, e que palavra?

In utero. Dizendo o anjo à Senhora: *Ecce concipies et paries*, que conceberia e pariria o Filho de Deus, bem claramente se entendia não só a substância do mistério, senão o modo e o lugar, e que este havia de ser o sacrário virginal do ventre santíssimo. Supérfluo parece logo sobre a palavra *concupies*, acrescentar *in utero*. Mas esta embaixada deu-a o anjo, mandou-a Deus, e refere-a o evangelista, e nem Deus, nem o anjo, nem o evangelista haviam de dizer palavras supérfluas. A que fim, pois, quando se anuncia este oráculo – que foi o maior que veio, nem virá jamais do céu à terra – se diz e se repete por três bocas, uma divina, outra angélica, e outra mais que humana, que o mistério da conceição do Verbo se há de obrar sinaladamente no útero ou ventre da Mãe: *Ecce concipies in utero*? Sem dúvida porque era tão grande a novidade, e tão estupenda a maravilha, que necessitava a fé de toda esta expressão. Haver-se Deus de fazer homem, novidade foi que assombrou aos profetas quando a ouviram. Porém, que esse mesmo Deus, sendo imenso, se houvesse ou pudesse encerrar em um círculo tão breve, como o ventre de uma Virgem: *In utero*? Esta foi a maravilha que excede as medidas de toda a capacidade criada.

Considerai a imensidade de Deus, e vereis até onde chega e se estende o significado desta pequena, ou desta grande palavra: *In utero*. Imensidade é uma extensão sem limite, cujo centro está em toda a parte, e a circunferência em nenhuma parte: *Cujus centrum est ubique, circumferentia nusquam*. Ponde o centro da imensidade na Terra, ponde-o no Sol, ponde-o no céu empíreo, está bem posto. Buscai agora a circunferência deste centro, e em nenhuma parte a achareis. Por quê? A razão é porque, sendo a Terra tão grande, e o Sol cento e sessenta vezes maior que a Terra, e sendo o céu muitos milhões de vezes maior que o Sol e o empíreo, com excesso

incomparável maior que os outros céus, todas essas grandezas têm medida e limite: a imensidade não. Deus, por sua imensidade, como bem declarou São Gregório Nazianzeno, está dentro no mundo e fora do mundo: *Deus in universo est, et extra universum*. Mas se fora do mundo não há lugar, porque não há nada, onde está Deus fora do mundo? Está onde estava antes de criar este mundo. Se Deus não estivera neste espaço, onde hoje está o mundo, não o pudera criar; e como Deus, fora do mundo, pode criar infinitos mundos, também está em todos esses espaços infinitos, a que chamamos imaginários. E porque outrossim os espaços imaginários, que nós podemos imaginar mas não podemos compreender, não têm limite, por isso o centro da imensidade, que se pode pôr dentro ou fora do mundo, nem dentro nem fora do mundo pode ter circunferência. Comparai-me o mar com o dilúvio. O mar tem praias, porque tem limite; o dilúvio, porque era mar sem limite, não tinha praias: *Omnia pontus erat, deerant quoque litora ponto*. Assim a imensidade de Deus – quanto a comparação o sofre. – Está a imensidade de Deus no mundo e fora do mundo; está em todo lugar e onde não há lugar; está dentro, sem se encerrar, e está fora, sem sair, porque sempre está em si mesmo. O sensível, o imaginário, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende, e até onde? Até onde não há onde, sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim, e, por isso, incapaz de circunferência: *Circumferentia nusquam*.

III

Mas, ó grandeza sobre todas as grandezas, ó milagre sobre todos os milagres, o do ventre virginal de Maria! Não se diga já que a imensidade de Deus não tem circunferência, pois o ventre de Maria, assim como Deus é imenso, o concebe todo dentro em si, assim como é imenso, o compreende, assim como é imenso, o



cerca. Aquela mesma imensidade de Deus, a que não podem fazer circunferência os orbes celestes, nem o globo inteiro do universo, nem os espaços imaginários, sempre mais e mais infinitos, essa mesma imensidade, e não outra, é a que abraça, encerra e contém dentro em si o círculo daquele ventre puríssimo. E se aquele sagrado círculo verdadeiramente cerca ao mesmo Deus, quão grande ele é em toda sua imensidade, diga-se sim que o centro da imensidade divina está em toda a parte: *Cujus centrum ubique*, mas não se diga já que em nenhuma parte tem a circunferência: *Circumferentia nusquam*, porque o círculo do ventre virginal é a parte onde tem uma circunferência tão capaz e tão cabal, que a todo Deus imenso como é, abraça e cerca. Não é pensamento meu, senão do profeta Jeremias, ou do mesmo Deus por sua boca.

Creavit Dominus novum super terram (Jer. 31, 22), diz o profeta Jeremias: Criou Deus uma coisa nova sobre a terra – e tão nova que nem na Terra se viu, nem no céu se imaginou semelhante. E que coisa nova e tão nova é esta: *Femina circumdabit virum*: Uma mulher a qual há de cercar o varão. – O varão por antonomásia neste caso é o Verbo Eterno encarnado. Todos os outros homens, quando se geram e concebem no ventre da mãe, não são homens, nem ainda meninos, porque só têm a vida vegetativa ou sensitiva, e ainda não estão informados com a alma racional; porém, o Verbo Encarnado, Cristo, desde o primeiro instante de sua conceição, foi varão perfeito e perfeitíssimo, não só com todas as potências da alma e do corpo, senão também com o uso delas. Assim como o primeiro Adão nunca foi menino, senão homem e varão perfeito, desde o instante de sua criação, assim também o segundo Adão, e com maior maravilha, porque foi varão perfeito, não em corpo e estatura varonil, como o primeiro, mas naquela quantidade mínima em que são concebidos os outros homens. Essa é a razão por que o mesmo Cristo, à diferença de todos os que nasceram de mulher, se chama em frase da Escritura, aquele que foi gerado



varão: *Vir oriens nomen ejus*.⁶¹ Deste varão, pois, nunca menino e sempre homem, porque sempre homem e Deus, deste é que fala Jeremias, quando diz que uma mulher o havia de cercar: *Femina circumdabit virum*.

Mas por que se declara este profeta pela palavra cercar, termo também novo e inaudito? Isaías, profetizando o mesmo mistério, disse: *Ecce virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel*.⁶² que uma virgem conceberia e pariria a Deus. Pois, se Jeremias se tinha empenhado em dizer uma coisa nova e nunca ouvida: *Creavit Dominus novum super terram*, por que a não pondera também pela maravilha da conceição e parto virginal, e em lugar de dizer que a mulher de que fala conceberá e parirá a Deus feito homem, não diz que o conceberá e parirá, senão que o cercará: *Femina circumdabit virum*? Sem dúvida porque a maior maravilha do mistério da Encarnação é chegar nele Deus a estar cercado. Estar Deus cercado dentro do ventre virginal, sendo imenso, foi fazer que a imensidade tivesse circunferência; e ajuntar a circunferência com a imensidade foi mais que ajuntar a virgindade com o parto. Ajuntar a virgindade com o parto foi inventar Deus um nascimento digno da sua divindade, porque, como diz São Bernardo, havendo Deus de ter mãe, não podia ser senão virgem, e, havendo uma virgem de ter filho, não podia ser senão Deus. Mas, cercando a mesma Virgem, dentro do claustro materno, a todo Deus, e ajuntando a circunferência com a imensidade, foi maior maravilha e maior obra. Por quê? Porque foi fazer outro imenso maior que o imenso. Valha-me São Boaventura: *Immensum vas non potest esse plenum, nisi immensum sit illud quo est plenum: Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui caelo*

61 Eis aqui o homem que tem por nome o Oriente (Zac. 6, 12).

62 Eis que uma virgem conceberá, e parirá um filho, e será chamado o seu nome Emanuel (Is. 7, 14).



*major est, continere potuit.*⁶³ Supõe e prova juntamente o Doutor Seráfico, que o ventre virginal foi imenso, porque a capacidade que recebe e contém dentro em si o imenso, não pode ser senão imensa. Deus é imenso: logo o ventre virginal, que concebeu e teve dentro em si a Deus, também é imenso. E basta isto? Não. *Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui caelo major est, continere potuit.* Não só diz que o ventre de Maria foi imenso, senão imensíssimo. E por que, teólogo divino? Porque cercou a Deus. Quando um imenso cerca outro imenso, ambos são imensos, mas o que cerca maior imenso que o cercado; e por isso, se Deus, que foi o cercado, é imenso, o ventre que o cercou, não só há de ser imenso, senão imensíssimo. A boa filosofia admite que pode haver um infinito maior que outro infinito, porque se houver infinitos homens, também os cabelos hão de ser infinitos; porém o infinito dos cabelos, maior que o infinito dos homens. Pois, assim como pode haver um infinito maior que outro infinito, assim pode haver um imenso maior que outro imenso. E tal foi o claustro virginal de Maria: *Ecce concipies in utero.* Deus, que foi o concebido, imenso; e o útero, que o concebeu, porque o cercou, imensíssimo: *Maria autem vas immensissimum fuit.*

Ainda temos melhor autor que São Boaventura, com ser tão grande doutor, que a Igreja o fez supernumerário aos quatro doutores da grega e aos quatro da latina. E que autor é este? A mesma Virgem, Senhora nossa. Falando a Senhora de si no capítulo vinte e quatro do Eclesiástico, diz estas palavras: *Gyrum caeli circuiui sola* (Ecl. 24, 8): O círculo que cerca o céu, eu só o cerquei. – Admiravelmente dito. O círculo criado, que cerca o mundo, é o céu; o círculo incriado e imenso, que cerca o céu, é Deus; e o círculo imensíssimo, que cercou a esse Deus imenso, é Maria: *Gyrum caeli circuiui sola.* Demos o seu a seu dono. O comento e o

63 Div. Bonavent. in Speculo



pensamento são de Ricardo de Sancto Laurentio: *Gyrum caeli, id est, illum, qui claudit omnia, Christum scilicet, qui est gyrus ingyraibilis, circuivi gremio uteri mei*. O círculo que cerca o céu é aquele que cerca e encerra em si todas as coisas, que é Deus. Este círculo, porém, por sua essência e grandeza, é tal que se não pode cercar: *Gyrus ingyraibilis*. Não se podia declarar uma coisa tão nova, sem se fazer também uma palavra nova: *gyrus*, porque Deus, por sua imensidade, cerca tudo; e juntamente *ingyraibilis*, porque essa mesma imensidade, como dizíamos, o faz incapaz de circunferência e de poder ser cercado. Mas esse impossível, que a essência e definição da imensidade não permitiam, venceu a capacidade, não só imensa, mas imensíssima, do útero e grêmio virginal de Maria: *illum, qui claudit omnia, qui est gyrus ingyraibilis, circuivi gremio uteri mei*. Isto é o que disse o Eclesiástico, quando pronunciou em nome da Senhora: *Gyrum caeli circuivi sola*; isto o que tinha profetizado Jeremias, quando disse: *Femina circumdabit virum*; e isto o que lhe anunciou o anjo, quando disse: *Ecce concipies in utero*.

IV

Já o dito até aqui bastava para que eu desse por desempenhada a promessa de que o círculo do útero virginal foi um O que compreendeu dentro em si o imenso. Mas será bem que o mesmo imenso o diga, resumindo também a um O a sua imensidade. Apareceu Cristo, Senhor nosso, ao evangelista São João na primeira visão do seu Apocalipse, e disse-lhe: *Ego sum alpha et omega, principium et finis* (Apc. 1, 8): Eu sou o Alfa e o Ômega, porque sou o princípio e o fim de tudo: o princípio, enquanto Criador do mundo, e o fim, enquanto reparador dele. Alfa e Ômega são a primeira e última letras do alfabeto grego, o qual começa em A e acaba em O. E esta foi a razão e o mistério por que, sendo Cristo hebreu e São João também hebreu, não lhe falou o Senhor em hebraico,

senão em grego, porque o alfabeto grego acaba em O, e o hebraico não. O alfabeto hebraico também começa em A, que é o seu *aleph*; e para significar, na primeira letra, as obras da criação, enquanto Cristo é princípio, tanto servia o alfabeto hebraico como o grego. Porém o Senhor usou do grego, sendo estranho, e deixou o hebraico, sendo natural e da própria língua, porque, para significar na última letra o mistério da reparação, enquanto o mesmo Cristo é fim, só o O tinha propriedade e semelhança. E esta semelhança, em que consiste? Consiste em que a figura do O é circular, e assim como o O é um círculo, assim o mistério da Encarnação foi outro círculo: *Deus humanatus dicitur esse circulus, ut circumferentia dicatur humanitas, centrum autem divinitas*.⁶⁴ O mistério da Encarnação do Verbo – diz São Boaventura – foi um círculo porque, vestindo-se Deus de nossa carne, a humanidade de Cristo cercou e encerrou em si a divindade. E por este modo inefável ficou sendo a mesma divindade o centro, e a humanidade a circunferência. Sendo, pois, o mistério da Encarnação, que foi o fim e última perfeição de todas as obras de Deus, este perfeitíssimo círculo, por isso Cristo disse a São João que, assim como ele, enquanto primeiro princípio, é a primeira letra, A, assim, enquanto último fim, é a última letra, O: *Ego sum Alpha et Omega*.

Mas todos os que tiverem qualquer notícia dos elementos da língua grega, porão aqui uma dúvida, que está muito à flor da terra, fundada no mesmo O e no mesmo alfabeto. No alfabeto grego não há um só O, senão dois; um que se chama Ômega, que quer dizer O grande, e outro que se chama ômicron, que quer dizer O pequeno. Logo, falando Cristo, como falava, do mistério de sua Encarnação, parece que se havia de comparar ao O pequeno, e não ao O grande. O nome de grande, não só em comparação do homem, mas absolutamente, e fora de toda a comparação, compete

64 Div. Bonavent. in Ps. 11, ad illud: in circuitu impii ambulat.



à divindade. Pelo contrário, a humanidade, ainda comparada com outras criaturas, é pequena, e menor que elas: *Minuisti eum paulo minus ab angelis*.⁶⁵ Pois, se Cristo falava de si enquanto homem, por que se não compara ao O pequeno, senão ao O grande, e por que não diz: *Ego sum omicron*, senão Omega? A razão é porque, falando Cristo da sua humanidade na metáfora de O e de círculo, não devia considerar nela o que era, senão o que cercava. Cercava a divindade do Verbo, cercava toda a imensidade divina, e um círculo de tão infinita capacidade, que fazia circunferência à mesma imensidade, não podia formar um O que não fosse o maior de todos: *Ego sum alpha et omega, principium et finis*. Enquanto Deus, que é o princípio, era Alfa; enquanto homem, que é o fim, era Ômega. Mas, sendo tão grande o Ômega, que encerrou dentro em si o Alfa, sendo tão grande e tão imenso o O, que encerrou dentro em si o A, como podia ser O pequeno?

Para bem vos seja, Virgem puríssima, esta grandeza da humanidade de vosso Filho, e para bem outra vez, porque não seria tão grande a capacidade daquele O, se do círculo, onde foi concebido, a não participara. Manílio, no livro quarto da sua Astronomia, diz uma coisa admirável, e é que os que nascem debaixo do signo de Virgem recebem desta influência tal graça no escrever, que uma letra sua contém uma palavra: *Hic et scriptor erit, felix cui littera verbum est*.⁶⁶ Eu não direi o fundamento que teve Manílio para sair com este axioma, nem os outros astrônomos o comentam facilmente. Mas o certo é que Cristo nasceu debaixo do signo da Virgem, o certo é que Cristo nesse mesmo mistério diz de si que é um O, e o certo é que esta letra e este O contém a primeira e maior palavra, que é o Verbo Eterno: *Cui littera Verbum est*. Grande, singular, imensa capacidade do Filho, mas participada do útero virginal

65 Pouco menor o fizeste que os anjos (Sl. 8, 6).

66 Man. Astrom. Lib. 4.



da Mãe, em que foi concebido enquanto homem: *Ecce concipies in utero*. Enquanto Deus, também Cristo foi concebido no útero do Pai: *Ex utero, ante luciferum, genui te*.⁶⁷ Notai, porém, a diferença, mais com pasmo que com admiração. O Pai-Deus de tal maneira concebeu o Filho, Deus, que encerrou nele toda a sua essência em uma palavra; e a Mãe-Virgem de tal maneira concebeu ao Filho-Homem, que encerrou nele a mesma essência em uma letra: a palavra é o Verbo, a letra é o O: *Cui littera Verbum est*.

V

Assentado, como temos visto, que o círculo do ventre virginal, na conceição do Verbo, foi um O que compreendeu o imenso, segue-se agora mostrar como o O dos desejos da mesma Senhora, na expectação do parto, foi um círculo que compreendeu o eterno. A eternidade e o desejo são duas coisas tão parecidas, que ambas se retratam com a mesma figura. Os egípcios, nos seus hieroglíficos, e antes deles os caldeus, para representar a eternidade pintaram um O, porque a figura circular não tem princípio nem fim, e isto é ser eterno. O desejo ainda teve melhor pintor, que é a natureza. Todos os que desejam, se o afeto rompeu o silêncio, e do coração passou à boca, o que pronunciam naturalmente é O. Desejou Davi água da cisterna de Belém, e antes de declarar aos soldados qual era o seu desejo, adiantou-se um O a dizer o que desejava: *Desideravit ergo David, et ait: O, si quis mihi daret potum aquae de cisterna, quae est in Bethlehem*.⁶⁸ O O foi a voz do desejo: as demais a declaração. E como a natureza em um O deu ao desejo a figura da eternidade, e a

67 Eu te gerei do seio, antes do luzeiro (Sl. 109, 3).

68 Davi pois teve desejos, e disse: Oh! se algum me dera a beber água da cisterna que há em Belém (2 Rs. 23, 15).



arte em outro O deu à eternidade a figura do desejo, não há desejo, se é grande, que na tardança e duração não tenha muito de eterno.

Os desejos da Virgem Santíssima, que todos eram: Oh! quando chegará aquele dia! Oh! quando chegará aquela ditosa hora, em que veja com meus olhos e em meus braços ao Filho de Deus e meu! Oh! quando? Oh! quando? Oh! quando? Estes desejos da Senhora começaram na concepção e acabaram no parto. Mas, desejos que começaram e acabaram? Desejos que tiveram princípio e fim? Como podiam ser eternos? Como podia igualar a duração de uma eternidade o espaço que foi somente de nove meses? Entre a concepção e o parto não meteu o anjo mais que um *et ecce concipies et paries*. Mas não é coisa nova nesta mesma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do anjo em outra. Assim como trocou o Eva em Ave, assim trocou o *et* em *o*. E reduzidos os nove meses ao círculo perfeito deste O, não é muito que fossem eternos. O mesmo *et*, sem mudança, se não diz toda a eternidade, diz parte dela, e na eternidade não há parte que não seja eterna. No *et* do anjo começaram a ser eternos os desejos, que também então começaram a ser; e no O tão continuado e repetido da Senhora, acabaram de cerrar o círculo da sua eternidade. Nem é contra a extensão natural da eternidade a limitação do tempo de nove meses, porque não devemos conceder menos à capacidade do coração da Senhora do que à do ventre santíssimo. A maior capacidade que criou a natureza é a do coração humano; e se o ventre de Maria foi capaz de encerrar o imenso, por que não seria capaz seu coração de estreitar o eterno? O eterno e o temporal são tão opostos como a eternidade e o tempo. A eternidade não conta dias nem meses; o tempo sim, que por isso contou nove desde a concepção até o parto da Virgem, a quem São João Damasceno chamou: *Officina miraculorum*. E se nesta oficina miraculosa o eterno se pode fazer temporal, o tempo por que se não poderia fazer eterno?



Naquela famosa carroça, que descreve o profeta Ezequiel, na qual ia ou era levado Deus, o artifício das rodas era admirável, porque dentro de uma roda estava ou se revolia outra roda: *Rota in medio rotae*.⁶⁹ E que duas rodas eram estas? Uma era a roda do tempo, e a outra a roda da eternidade, diz Santo Ambrósio: *Rota in medio rotae, veluti vita intra vitam, quod in hac vita corporis, vitae volvatur usus aeternae*. A roda do tempo é pequena e breve; a roda da eternidade é grandíssima e amplíssima, e, contudo, a roda do tempo encerra e revolve dentro em si a roda da eternidade, porque, qual for a vida temporal de cada um, tal será a eterna, diz o santo. De maneira que a maravilha destas duas rodas era que, sendo a eternidade tão grande e tão imensa, a roda da eternidade se encerrava dentro da roda do tempo. Agora pergunto eu: e qual era a carroça de Deus, que sobre estas rodas se movia? Não só era a Virgem Santíssima, como alegorizam os Santos Padres, mas era a mesma Virgem, sinaladamente no espaço dos nove meses que teve a Deus em suas entranhas. Assim como o que vai ou é levado em uma carroça não dá passo nem tem outro movimento senão o da carroça, assim o filho, enquanto está nas entranhas da mãe, não se move ou muda de lugar senão quando se move a mesma mãe, e deste modo se houve ou andou Cristo em todos os nove meses que se contaram desde a sua concepção até o seu nascimento. Depois de concebido partiu logo às montanhas de Judeia a santificar o seu precursor, das montanhas tornou para Nazaré, de Nazaré foi a Belém, e não só nestas jornadas mais largas, mas em todos seus movimentos, nenhum passo deu a Majestade humanada, que não fosse na mesma carroça real, que por isso se chamava sua, como própria da pessoa do Verbo. E como esta carroça de Deus representava a Mãe do mesmo Deus, em todo aquele tempo que o trouxe dentro em si, por isso as rodas sobre

69 Uma roda no meio de outra roda (Ez. 1, 16).

que se movia eram fabricadas e travadas com tal artifício, que dentro da roda do tempo se revolvia a roda da eternidade, para significar que os dias e meses que passaram desde a concepção até o parto, posto que parecessem breves na duração, eram, no desejo, eternos.

VI

E se me perguntarem os filósofos, como podia o desejo fazer eternos aqueles dias, sendo de tão poucos meses, respondo que o modo foi, e a razão é porque os desejos da Senhora e os OO dos mesmos desejos – que também são rodas – unidos e acrescentados à roda do tempo, posto que o tempo fosse finito, eles o multiplicavam infinitamente. Assim o disse Davi, falando da mesma carroça de Deus: *Currus Dei decem millibus multiplex*.⁷⁰ O caldeu lê: *centum millibus*; Santo Agostinho: *millies millibus*; São Jerônimo: *innumerabilis*; Novaciano: *infinitus, imensus*. Quer dizer que o número na carroça de Deus se multiplica a milhares, a dezenas de milhares, a centenas de milhares, a centos e milhões de milhares; em suma, que chega a ser inumerável, infinito, imenso. Não se poderá declarar o que digo nem com melhor comparação nem com mais apropriado exemplo que este da multiplicação da aritmética: *Decem, centum, millies millibus multiplex*. Sabeis como eram os OO dos desejos da Senhora nos dias, nas horas, nos momentos de todos aqueles meses da expectativa do sagrado parto, em que, depois de concebido o Filho de Deus em suas entranhas, suspirava pelo ver nascido? Eram os OO dos desejos da Senhora na multiplicação do tempo como as cifras da aritmética, que também são OO. Ajunta-se a cifra ao número, e que faz? A primeira cifra multiplica dez, a segunda cento, a terceira mil, e se chegar

⁷⁰ O carro de Deus vai rodeado com muitas dezenas de milhares (Sl. 67, 18).



a vinte e quatro cifras quantas são as horas do dia, multiplicam tantos milhares sobre milhares, e milhões sobre milhões que excedem a capacidade de toda a compreensão humana. Perguntam curiosamente os matemáticos, se desde o centro da Terra até o céu estivesse todo este mundo cheio de areia miudíssima, quanto seria o número daqueles grãos de areia? Esta questão excitou já antigamente Arquimedes, ainda mais estendida, e não é dificultosa de resolver, porque medida primeiro geométrica, mente a capacidade ou côncavo do céu da lua, logo, por demonstração aritmética, se colhe com certeza quanto seria o número das areias que o podem encher. Mas, reduzido este mesmo número inumerável a figuras aritméticas, parece coisa digna de admiração que todo ele somado se venha a resumir em uma unidade e trinta e duas cifras somente. Passemos agora dos OO destas cifras aos OO dos desejos da Senhora.

Os OO dos desejos da Virgem Santíssima, no espaço daqueles nove meses, não se hão de contar por dias, nem por horas, nem por minutos, senão por instantes, porque não houve instante em todo este tempo, nem de dia nem de noite, em que no coração da Senhora se não estivessem multiplicando os mesmos OO, suspirando e anelando sempre por aquela hora, que tanto mais tardava e se alongava quanto era mais desejada. E digo nem de dia nem de noite, porque, ainda que o brevíssimo sono dava suas tréguas aos sentidos, o coração, que não se podia apartar donde tinha o seu tesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, et cor meum vigilat*.⁷¹ Pois, se os OO de trinta e três cifras multiplicavam ou multiplicariam aquele número sem conta, os de tantos e tão continuados instantes, que em cada parte de tempo são infinitos, vede se o fariam eterno? A multiplicação artificial das cifras – sem mudarem a figura, que sempre é o mesmo O – consiste

71 Eu durmo, e o meu coração vela (Cânt. 5, 2).



em que a segunda cifra excede proporcionalmente a primeira, a terceira a segunda, a quarta, a terceira, e assim as demais. E a este mesmo medo se excederam e iam excedendo também os OO dos desejos da Senhora, sendo sempre os seguintes maiores e mais intensos que os que tinham precedido. A razão teológica e conatural deste argumento era porque a cada desejo da Mãe de Deus correspondia novo aumento de graça, a cada aumento de graça, maior amor do mesmo Filho, e ao maior amor, maior e mais intenso desejo. Assim que, sendo os círculos dos primeiros OO grandes, os que lhes iam sucedendo mais e mais sempre eram maiores. Dê-nos aqui o exemplo a natureza, assim como até agora no-lo deu a arte.

Se acaso ou de indústria lançastes uma pedra ao mar sereno e quieto, ao primeiro toque da água vistes alguma perturbação nela; mas tanto que esta perturbação se sossegou, e a pedra ficou dentro no mar, no mesmo ponto se formou nele um círculo perfeito, e logo outro círculo maior, e, após este, outro e outros, todos com a mesma proporção sucessiva, e todos mais estendidos sempre, e de mais dilatada esfera. Este efeito maravilhoso celebra muito Sêneca, no primeiro livro das suas questões naturais, e dele aprenderam os filósofos o modo com que a voz e a luz se multiplicam e dilatam por todo o ar. Mas, se a natureza, na multiplicação e extensão destes círculos teve outro intento mais alto, sem dúvida foi para nos declarar, com a propriedade desta comparação, o modo com que os OO dos desejos da Senhora, ao passo com que se multiplicavam, juntamente se estendiam. A Virgem Maria era o mar, que isto quer dizer Maria: a pedra era o Verbo encarnado; Cristo: *Petra autem erat Christus*;⁷² o primeiro toque da pedra no mar foi quando o anjo, na embaixada à Virgem, lhe tocou em que havia de ser Mãe, com bênção sobre todas as mulheres: *Benedicta tu inter*

⁷² Esta pedra era Cristo (1 Cor. 10, 4).



mulieres (Lc. 1, 19). E que sucedeu então? Duas coisas notáveis. A primeira, que a serenidade daquele mar puríssimo se turbou um pouco: *Turbata est in sermone ejus* (15);⁷³ a segunda que, sossegada esta perturbação: *Ne timeas Maria* (16),⁷⁴ no mesmo ponto em que a Senhora disse: *Fiat mihi secundum verbum tuum* (17),⁷⁵ e a pedra desceu a seu centro, logo os círculos, que eram os OO dos desejos da Senhora, se começaram a formar e crescer no seu coração de tal sorte, que sempre os que se iam sucedendo e multiplicando, à medida do amor, que também crescia, eram mais crescidos também, e de maior e mais estendida esfera.

VII

Agora vejamos estes círculos ou estes OO do desejo, unidos ao círculo ou à roda do tempo, que efeitos causaram nele? Os efeitos foram que, sendo o período da expectativa do parto tão breve como de nove meses, o fizeram eterno. E por que ou como? Porque cresceu o desejo à proporção do amor, e o tempo à proporção do desejo. Não me creiais a mim, senão aos dois maiores doutores da Igreja, Nazianzeno, entre os gregos, e Agostinho, entre os latinos. São Gregório Nazianzeno, com prefação de que afirma uma grande verdade, diz que um só dia de ardente e ansioso desejo é igual a todo o tempo a que se pode estender a vida humana: *Profecto vel unicus dies totius vitae humanae instar est desiderio laborantibus*. A duração que as Escrituras dão comumente à vida humana são cem anos; e se cada dia de desejos intensos se mede por cem anos de duração, e a cada dez dias respondem dez séculos, que são mil anos, vede quantos milhares sobre milhares se podiam encerrar

⁷³ Turbou-se do seu falar (Lc. 1, 29).

⁷⁴ Não temas, Maria (Lc. 1, 30).

⁷⁵ Faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc. 1, 38).



no círculo de nove meses? E se isto afirma com tanta asseveração Nazianzeno, por antonomásia o Teólogo, sem determinar objeto nem sujeito, que seria se supusesse que o objeto desejado era Deus, e o sujeito que desejava, o coração da Mãe de Deus? Por isso Santo Agostinho remeteu toda a questão a Deus, como Senhor dos tempos e autor dos desejos. E diz que travou Deus o tempo com o desejo reciprocamente de tal sorte que, dilatando o tempo, estende o desejo, e estendendo o desejo, dilata o tempo: Deus, dilatando, *extendit desiderium*. Sendo, pois, os OO dos desejos da Senhora uns círculos tão estendidos, como vimos, bem se infere quão dilatados seriam neles os círculos do tempo. Tão dilatados que a roda do tempo pôde compreender em si a roda da eternidade: *Et rota in medio rotarum*. Mas para que é recorrer a argumentos de doutores, se temos no próprio caso o testemunho expresso da mesma Senhora do O? E quando deu a Senhora este seu testemunho, e com que palavras? Com as mais adequadas ao seu pensamento, e as mais bem medidas com os seus desejos. Disse que os seus desejos eram como o seu desejado: *Dilectus meus totus desiderabilis; dilectus meus totus desideria* (Cânt. 5, 16): O meu amado é todo para desejar, e os meus desejos são como todo ele. – Assim o traslada e interpreta a versão caldaica. E se os desejos da Senhora se medeiam totalmente com o seu desejado, e o desejado era imenso, infinito, eterno, vede se seriam também eternos os seus desejos?

Finalmente, para que não pareça encarecimento o que digo, deixai-me abater o discurso, para melhor o provar, e ouvi como os desejos de quem desejava muito menos, só por serem do mesmo desejado, foram também eternos. Quando Jacó, despedindo-se de seus filhos na hora da morte, lhes lançou a bênção – a qual juntamente era bênção e profecia –, o último termo que sinalou a todas as felicidades que lhes prometia foi a vinda do Messias, a quem chama o desejo dos montes eternos: *Donec veniret desiderium*



collium aeternorum.⁷⁶ Grandes e misteriosas palavras! Chama Jacó ao Messias não o desejado, senão o desejo, porque havia de ser desejado tão singular e unicamente, que os desejos de todas as outras coisas, em comparação deste desejo, nem eram, nem mereciam nome de desejos. Mas por que lhe não chama desejo dos homens, senão desejo dos montes e dos outeiros: *Desiderium collium*? Porventura porque até as criaturas insensíveis, sem uso de razão, nem conhecimento de tanto bem, o haviam de desejar a seu modo e suspirar por ele. Assim explicam alguns este lugar, com a energia daquela mesma figura com que disse o poeta: *Ipsae te, Tytire, pinus, ipsi te fontes, ipsa haec arbusta vocabant*. Porém Jacó, no verdadeiro sentido em que falava, entendeu por montes e outeiros os patriarcas e profetas, assim passados como futuros, nos quais só se conservava a fé explícita de que o Messias havia de ser Filho de Deus. E por isso a esposa, falando da mesma vinda do Messias, dizia: *Ecce iste veniet saliens in montibus, transiliens colles*.⁷⁷ E chamam-se os patriarcas e profetas montes e outeiros, porque, assim como os montes e outeiros se levantam sobre os vales, e, extremado-se da outra terra, se avizinham mais ao céu, assim os patriarcas e profetas, pela eminência da dignidade, da santidade e do conhecimento de Deus, em respeito do outro povo, mal disciplinado e rude, e incapaz de tão altos mistérios, eram os montes e outeiros do mundo. Mas agora entra a dúvida, em que todos, creio, tendes já reparado, e é por que lhes chama eternos: *Desiderium collium aeternorum*? Os patriarcas e profetas, ainda que lhes demos a antiguidade, desde o primeiro de todos, que foi Adão, de Adão até a morte de Jacó se passaram dois mil anos; e se a continuarmos depois de Jacó, desde a morte de Jacó até a vinda do Messias, passaram outros dois mil. Quanto mais que nesta segunda idade

76 Até que venha o desejo dos outeiros eternos (Gên. 49, 26).

77 Ei-lo aí vem saltando sobre os montes, atravessando os outeiros (Cânt. 2, 8).



as vidas dos homens, por mais patriarcas e profetas que fossem, eram tão breves como as nossas. Pois, se estes montes e outeiros caíam, e se sepultavam, e se desfaziam em cinzas em tão breve tempo, como lhes chama Jacó eternos: *Desiderium collium aeternorum?* Na palavra desiderium disse Jacó o porquê. Não vedes que o desejo desses patriarcas e profetas, em que viveram, todo era suspirar pela vinda do Messias, todo era clamar ao céu e a Deus, que acabasse já de vir: *Donec veniret?* O mesmo Jacó dizia: *Salutare tuum expectabo;*⁷⁸ Moisés: *Mitte quem missurus est;*⁷⁹ Davi: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis;*⁸⁰ Isaías: *Rorate caeli desuper, et nubes pluant justum; aperiatur terra, et germinet salvatorem.*⁸¹ E como os desejos dos patriarcas eram tão intensos, e a tardança do bem desejado tão dilatada, ainda que o tempo das vidas fosse tão breve, a dilação dos desejos o fazia eterno. Eram grandes, eram santos, eram eminentíssimos nas pessoas, mas muito mais se estendia neles o tempo do que os levantava a dignidade: a dignidade os fazia montes, e o desejo, eternos: *Desiderium collium aeternorum.*

Nem mais nem menos tomou estas medidas Davi, a quem os desejos e o desejado tocavam de mais perto: *Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui.*⁸² Quando considero a antiguidade dos patriarcas e profetas – assim entendem este lugar os mais graves expositores –, quando considero os tempos antigos, a tradição dos patriarcas e a fé dos profetas, aqueles homens tão alumados de Deus, que desde então esperavam e desejavam o que eu hoje só desejo e espero, os dias, no meu entendimento, são anos, e os anos,

78 A tua salvação esperarei (Gên. 49, 18).

79 Rogo-te que envies aquele que deves enviar (Êx. 4, 13).

80 Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, e dá-nos o teu Salvador (Sl. 84, 8).

81 Destilai, ó céus, lá dessas alturas o vosso orvalho, e as nuvens chovam o justo; abra-se a terra, e brote o Salvador (Is. 45, 8).

82 Pensei nos dias antigos, e tive na mente os anos eternos (Sl. 76, 6).

eternidades: *Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui*. Ainda tem maior mistério a distinção e repartição destes tempos. A Adão revelou-lhe Deus que se havia de fazer homem, mas não disse como, nem de quem; a Abraão revelou-lhe que havia de ser da sua descendência e da sua nação; a Davi, que havia de ser da sua casa e da sua família. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava neles o desejo, e tanto mais crescia, com o desejo, a dilação. Na antiguidade remotíssima de Adão os momentos eram dias; na menos remota de Abraão, os dias eram anos; mas na mais próxima, e já vizinha, de Davi, os anos eram eternidades: *Et annos aeternos in mente habui*. Tudo isto sucedia segundo aquela regra natural, que quanto o bem desejado está mais vizinho, tanto é maior o desejo. Bem assim como a pedra no ar, que quanto mais se chega ao centro, tanto com maior velocidade se move: *Desiderium acuit absentis vicinitas*, disse com verdadeira sentença o Cômico.⁸³ E se esta vizinhança já em Davi fazia do tempo eternidades, só porque sabia Davi que havia de nascer em sua casa, que seria no coração da Virgem Santíssima, que já o tinha concebido em suas entranhas? Os dois que avaliaram estes desejos por eternos foram nomeadamente Davi e Jacó, os mesmos dois de que o anjo anunciou havia Cristo de ser herdeiro: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob in aeternum*.⁸⁴ E se Jacó e Davi de tão longe reconheciam esta eternidade, como a não compreenderia o coração da Senhora dentro nos OO dos seus desejos, tanto mais intensos quantos mais vizinhos, e tanto mais dilatados quanto mais intensos? Um patriarca dizia: *O Sapientia!* Outro suspirava: *O Adonay!* Outro clamava: *O Radix Jesse!* Os demais: *O Clavis David! O Oriens! O Rex Gentium!* O

⁸³ Terêncio, poeta cômico latino (190-159 a. C.).

⁸⁴ O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e reinará eternamente na casa de Jacó (Lc. 1, 32).



Emmanuel! Mas nenhum disse, nem podia dizer: Ó Filho! E se os OO daqueles desejos faziam uns círculos tão dilatados, que eram eternos: – *Desiderium collium aeternorum, et annos aeternos in mente habui*⁸⁵ – que seriam os OO daquele coração e daquela Mãe, que o tinha concebido em suas entranhas e o havia de ver nascido em seus braços: *Ecce concipies in utero, et panes Filium.*

VIII

Certo estou já que não haverá quem duvide que os desejos da Senhora foram eternos. O que só receio, pelo contrário, é que não falte quem ponha dúvida a serem desejos. O bem – replicará algum filósofo –, o bem, que é o objeto da vontade, assim como tem diferentes tempos, assim causa na mesma vontade diferentes afetos. Porque o bem, ou é presente, ou passado, ou futuro: se é presente, causa gosto; se é passado, causa saudade; se é futuro, causa desejo. E como o bem, e sumo bem, objeto dos afetos da Senhora, que era o Filho único de Deus e seu, não só o tinha presente, senão mais que presente, porque o tinha dentro em si mesma, parece que antes havia de causar em seu coração júbilos de gosto, e não ânsias nem desejos. Quem discorre desta sorte ainda não tem entendido que a presença, para ser presença, há de ter alguma coisa de ausência. O objeto da vista, para se poder ver, há de ser presente; se está pegado e unido à mesma potência, é como se estivesse ausente: há de estar apartado dos olhos para se poder ver. Assim a presença, para ser presença, não há de passar a ser íntima, nem há de estar totalmente unida, senão, de algum modo, distante. É a queixa de Narciso, com verdadeira razão, em história fabulosa: *Quod cupio mecum est: inopem me copia fecit.* O que desejo, tenho-o em mim; e porque o tenho em mim, careço do que

85 Desejo dos outeiros eternos (Gên. 49, 26). – Tive na mente os anos eternos (Sl. 76, 6).

tenho. – Pois, que remédio? *Votum in amante novum*: o remédio é um desejo novo, qual nunca desejou quem amasse. E que desejo é este? *Velle quod amamus abesse*: desejar que o que amo se ausente e se aparte de mim. – Tal era o desejo da Senhora, e tal a razão do seu desejo. Carecia do mesmo bem que tinha, porque o tinha dentro em si. Por isso suspirava e desejava com ânsia vê-lo já fora, e esta era a causa dos seus OO: *Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris*:⁸⁶ Oh! quem me dera, irmão e filho meu – irmão porque tomastes de mim a natureza humana, e filho, porque eu vo-la dei –, oh! quem me dera ver-vos já fora de minhas entranhas, porque dentro delas, posto que vos tenho e possuo, não vos posso gozar. *Ut inveniam te*; diz ainda com maior energia: Oh! quem me dera achar-vos! Como se dissera a ansiosa Mãe, falando como mesmo Filho: – No dia em que vos concebi, foi como se vos perdera e vos escondêsseis de mim, porque vos não posso ver. Se me pergunta a fé, onde estais: *Ubi est Deus tuus*?⁸⁷ respondo, com toda a certeza que dentro em mim. Mas se mo perguntam os olhos, só lhes posso responder que ainda vos busco e suspiro por vos achar: *Ut inveniam te*. E sendo esta a presença do seu bem – ausente por muito presente –, vede se tinha razão a Senhora de o desejar com ânsias, e suspirar mais e mais por ele?

Deseja a Virgem Santíssima gozar a seu Filho ao medo com que o Padre Eterno o goza, pois era Filho comum de ambos. Voai agora, se puderes tanto, os que pusestes a dúvida. Descreve o evangelista São João a geração eterna do Verbo, e diz que o Filho estava junto ao Padre, ou perto dele: *Et Verbum erat apud Deum*.⁸⁸ Aquele *apud*, assim como foi escândalo aos arianos, assim tem sido reparo altíssimo a todos os maiores teólogos. Não diz Cristo, falando

86 Quem me fará tão ditosa que te tenha a ti por irmão, para que eu te ache de fora (Cânt. 8. 1).

87 Onde está o teu Deus (Sl. 41, 11)?

88 Verbo estava com Deus (Jo. 1, 1).



da mesma geração sua enquanto Deus, que ele está no Padre, e o Padre nele: *Ego in Patre, et Pater in me est* (Jo. 14, 10)? Pois, por que não diz também São João que o Verbo estava no Padre, senão junto a ele: *Et Verbum erat apud Deum*? E se estava junto a ele, onde estava, e qual era o seu lugar: *Ubi erat hoc Verbum? Quis erat locus ejus?* – pergunta Ruperto. E responde que o lugar onde estava o Verbo, era a distinção real com que a pessoa do Padre se distingue do Filho, e a pessoa do Filho se distingue do Padre: *Verbum erat apud Deum, ut de personis non dubites, dum alteram audis esse vel fuisse ad alteram*. O mesmo tinha dito antes dele São Basílio e depois de ambos o diz Santo Tomás. Mas ouçamos discorrer altamente na matéria altíssima a Ricardo Vitorino. Deus é sumamente bom e sumamente beato: enquanto sumamente bom, é suma e infinitamente comunicável; logo, não se podia comunicar infinitamente senão a quem também fosse Deus, e este é o Filho. Enquanto sumamente beato, não podia ser ou estar só, porque não há felicidade sem companhia: logo, quem lhe fizesse companhia nesta suma felicidade, havia de ser distinto dele; e esta é a distinção real que há entre o Filho e o Padre.

Neste segundo ponto, que é o nosso, as palavras de Ricardo são: *Felicitas summa non potest esse unius solitarii sine consortio; Deus autem est sume felix, quare consortio debet habere*. E se alguém replicar que antes de haver mundo Deus estava só, porque somente havia Deus, responde Tertuliano contra Praxéias, distinguindo uma solidade da outra, tão profundamente como costuma: *Deus ante omnia solus erat, ipse sibi, et mundus, et locus, et omnia: solus autem, quia nihil extrinsecus praeter illum. Caeterum ne tum quidem solus, habebat enim secum rationem suam, hanc Graeci logon dicunt*. Deus antes do mundo estava só, porque fora de si não tinha produzido coisa alguma. Porém ainda então não estava só, porque estava acompanhado do Verbo, o qual tinha consigo. Notai muito a palavra *habebat secum*. De maneira que na natureza divina, sumamente



comunicável, não bastou que o Padre tivesse o Filho em si: *Ego in Patre*; mas, para que o mesmo Padre não estivesse só, e para que fosse sumamente beato, foi necessário que tivesse o Filho também consigo: *Habebat secum*. E porque o não podia ter consigo, senão distinguindo-se realmente uma Pessoa da outra, por isso foi juntamente necessário que o Filho se distinguisse realmente do Padre, para que deste modo, não só estivesse nele, senão junto a ele: *Et Verbum erat apud Deum*. Estava o Filho no Padre pela identidade da natureza, e estava com o Padre pela distinção das Pessoas. E esta mesma diferença, que fazia no Pai a identidade e a distinção, fazia na Mãe a conceição, e havia de fazer o parto, porque depois da conceição tinha o Filho em si, e depois do parto havia-o de ter consigo. E se na diferença daquele *in* e daquele *apud*: *Ego in Patre, et Verbum apud Deum*, consistia a razão da suma felicidade em Deus: *Deus autem est summe felix, quare consortium debet habere*, – vede se era bastante motivo na Mãe do mesmo Deus, ainda que o tivesse em si, desejar e desejar sumamente tê-lo junto a si?

Esta é a verdadeira filosofia, porque o bem presente pode causar desejos, e porque a presença, para se lograr, há de ter alguma coisa de ausência. O bem e sumo bem da Senhora, enquanto o tinha dentro em si, por muito presente, fazia-o presença invisível; porém, depois que o teve fora de si, e em seus braços, esta mesma distância, que era parte de ausência, fez que o pudesse ver e gozar. E se é propriedade do sumo bem visto, fazer as eternidades breves, que muito é que não visto, nem se podendo ver, fizesse os dias eternos? Não acabava de entender São Gregório Nazianzeno como pudesse ser que os anos que serviu Jacó por Raquel lhe parecessem poucos dias, e no cabo achou e deu a verdadeira razão, a qual não era nem podia ser outra, senão porque em todo aquele tempo gozava Jacó a vista da mesma Raquel: *Cujus rei haec fortasse causa erat, quia rei expetitae conspectu fruebatur*. Se enquanto a Senhora tinha o bendito fruto de seu ventre dentro em si o pudera ver, então os nove meses lhe pareceriam breves dias; mas



como era bem e sumo bem, por muito presente, invisível, todo o tempo em que o não via nem podia ver se lhe fazia eterno. E por isso os seus desejos, como vimos, mudaram o *et* do anjo em O, consumando a eternidade, que no mesmo *et* teve seu princípio: *Ecce concipies, et paries*.

IX

Tenho acabado o sermão, e mais depressa porventura, ou mais de repente do que imagináveis. Todos esperavam que eu me lembrasse de duas obrigações mui precisas, das quais parece me esqueci totalmente, porque, tendo presente a Majestade Sacrossanta do Diviníssimo Sacramento, e falando a um auditório tão grave e tão numeroso, como se não olhasse para o altar nem para a Igreja, nem do Sacramento disse uma só palavra, nem ao auditório dei um só documento. Este é sem dúvida o reparo que todos fizestes nos dois discursos que preguei. E eu agora acabo de entender que nem percebestes bem o primeiro, nem aplicastes, como devíeis, o segundo, porque o primeiro todo foi do Sacramento, encarecendo a sua maior excelência, e o segundo todo foi ao auditório, dando-lhe a mais importante doutrina.

No primeiro discurso, sobre as palavras: *Ecce concipies in utero*, não provei eu que o ventre virginal da Senhora, pela conceição do Verbo Encarnado, fora a circunferência da imensidade, e um círculo que compreendeu o imenso? Pois isso mesmo é o que a onipotência divina tornou a obrar por nosso amor no mistério altíssimo do Sacramento, encerrando naquele círculo breve de pão toda a imensidade de seu Ser divino e humano. Por que cuidais que instituiu a Igreja que a forma da Hóstia consagrada fosse de figura circular, como foi desde seu princípio e se continuou sempre? Alguns quiseram na Grécia que a figura da Hóstia fosse quadrada, para significar os quatro elementos de que é composto



o corpo de Cristo, e as quatro partes do mundo, sobre que tem absoluto e supremo domínio; mas prevaleceu a figura circular, não só porque no círculo se representa também a redondeza do mundo, mas, como diz São Gregório Papa, porque sendo figura que não tem princípio nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a eternidade, a infinidade e a imensidade divina, que naquele milagroso círculo está encerrada. Assim se fez e assim se havia de fazer, porque muitos séculos antes da Encarnação do Filho de Deus já era tradição dos doutores hebraicos, na exposição do Salmo setenta e um, que o sacrifício do Messias, como sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, havia de ser em pão, e esse pão formado em figura circular do tamanho da palma de uma mão: *Sacrificium Messiae fore placentam rotundam, sicut est vola manus.*

Mas, para que são tradições, onde temos o ritual de Davi? *Circuivi, et immolavi hostiam vociferationis.*⁸⁹ Fala Davi de um sacrifício que ofereceu a Deus em ação de graças – como consta de todo o salmo – e tal é o nosso sacrifício. Quando Cristo o instituiu, deu primeiro graças: *Gratias agens, fregit,*⁹⁰ e por isso se chama Sacramento da Eucaristia, que quer dizer ação de graças. E quais foram os ritos ou cerimônias deste sacrifício? Três a coisas, diz o profeta, que só como profeta as podia antever e imitar. Diz que fez um círculo à roda: *circuivi*; diz que ofereceu a Hóstia: *immolavi hostiam*; e diz que a acompanhou, não com preces e orações, senão com brados e vozes: *vociferationis*. No sacrifício, com nome de Hóstia, antevia e significava a que temos e adoramos presente; no círculo que fez em roda, a figura circular de que havia de ser formada, em representação da imensidade divina que encerra dentro em si; e nas vezes, não dearticuladas, senão a gritos, que queria

89 Dei voltas e sacrifiquei hóstia com vozes de júbilo (Sl. 26, 6).

90 Dando graças, o partiu (1 Cor. 11, 24).



significar Davi? Parece que tinha diante dos olhos a solenidade deste dia. Desde o dia de hoje por diante, até do nascimento do Senhor, na Catedral de Toledo, onde começou esta instituição, e em muitas outras igrejas da cristandade, a última clausura dos Ofícios Divinos são vozes sem concerto nem harmonia, clamando todo o clero e todo o povo a gritos oh! oh! oh! Isto é o que quer dizer propriamente *vociferationis*. E como o diviníssimo Sacramento é a segunda parte do mistério da Encarnação – por onde São João Crisóstomo lhe chamou Encarnação mais estendida – não é coisa alheia ao espírito de Davi, antes mui própria dos seus fervorosos e arrebatados afetos, que à vista daquela sagrada Hóstia, quando a sacrificava em figura, acompanhasse o mesmo círculo que fazia exclamando ele e fazendo exclamar a todos com OO de júbilos, com OO de aplausos, com OO de admirações: Oh! Hóstia, em que o sacrificado é Deus! Oh! círculo, que cercas e compreendes o incompreensível! Oh! invento maior da Sabedoria! Oh! milagre sem igual da Onipotência! Oh! firmeza! Oh! excesso! Oh! extremo do amor infinito para com os homens! Enfim, todos aqueles OO que a Igreja resumiu em um só O: *O sacrum convivium, in quo Christus sumitur!*

Esta foi a alegoria do meu primeiro discurso, toda dirigida, Senhor, à vossa divina e humana Majestade sacramentada. E a doutrina do segundo, em afetos tão sobre-humanos do primeiro exemplar das virtudes, também foi encaminhada toda à imitação dos ouvintes. Que ouvistes sobre as segundas palavras do tema: *Et paries Filium?* Ouvistes que, estando a Virgem Santíssima toda cheia de Deus, ainda se não satisfizeram seus desejos, desejando ter consigo ao que tinha em si, e acabar de ver com seus olhos ao que estava escondido em suas entranhas. Ora, aplicai isto mesmo a vós. Nada menos do que a Virgem concebeu dentro em si é o que nós recebemos dentro em nós quando comungamos: ela ao Verbo a quem deu carne, e nós ao Verbo encarnado; ela a todo Deus, tão



imenso como é, e nós a todo Deus com toda a sua imensidade. E daqui se colhe quão grande injúria fará o mesmo Deus quem depois de o ter todo em si, ainda deseja outra coisa. Qualquer outro desejo do mundo neste caso, ou é declarada heresia, ou rematada loucura: ou heresia, porque é não ter fé ou loucura, porque é não ter juízo. Condenando Sêneca a ambição monstruosa de Alexandre, disse com profunda sentença: *Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia*: Basta que se achou no mundo um homem que, depois de ter tudo, ainda desejou mais alguma coisa? O tudo que possuía e dominava Alexandre era nada: só Deus verdadeiramente é tudo. E que tendo um cristão a Deus, e a todo Deus em si, ainda haja de desejar os nada do mundo? Ó cegos, ó enganados, ó perdidos, ó infieis desejos! Uma só coisa pode desejar lícita e cristãmente quem chegou a ter a Deus em si. E qual é? Chegar também a o ter consigo, que é o que desejava a Senhora.

Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo (Flp. 1, 23): Uma só coisa desejo – diz São Paulo – que é desatar a minha alma das cadeias do corpo, para estar com Cristo. – Tornai a dizer, apóstolo sagrado, que vos não entendo. Vós não dizeis que nesta mesma vida está Cristo em vós: *Vivit vero in me Christus*?⁹¹ Pois se Cristo está em vós nesta vida, para que quereis deixar a vida para estar com Cristo? Porque vai muita diferença de estar Cristo em mim, ou estar eu com ele. Estar Cristo em mim, é possuí-lo sem o ver; estar eu com ele é vê-lo e gozá-lo. Esta é a mesma razão por que a Virgem, tendo a seu Filho e a seu Deus dentro em si, ainda desejava e suspirava, porque o desejava ter de modo que o pudesse ver e gozar. E esta é também a razão – se temos uso de razão – porque tendo a Cristo dentro em nós sacramentado e invisível, esta mesma felicidade nos deve excitar o desejo da outra maior e felicíssima, que é chegar a estar com ele, onde o vejamos e gozemos por toda

91 Mas Cristo é que vive em mim (Gal. 2, 20).



a eternidade. Para fartar a fome de todos os outros desejos, basta termos a todo Deus em nós; mas desta mesma fome, já satisfeita, há de nascer uma sede insaciável de se romperem aquelas nuvens, e o vemos descobertamente na glória: *Sitivit anima mea ad Deum fortem vivum: satiabor cum apparuerit gloria tua.*⁹² Estes hão de ser os OO dos nossos desejos, como eram os do mesmo profeta: *Quando veniam, et apparebo ante faciem Dei?*⁹³ Oh! quando virá aquele ditoso dia, em que apareça, meu Deus, diante de vós? Oh! quando chegará aquela hora em que vos veja face a face! Oh! quando se verá livre a minha alma do cárcere deste corpo mortal, que lhe impede a vossa vista. – *Quis me liberabit de corpore mortis hujus? O Domine, libera animam meam; O Domine, salvum me fac. O Domine, bene, prosperare!*⁹⁴ Estes hão de ser os OO dos nossos desejos, e não os do mundo, os da cobiça, os da ambição, os do falso amor, que não são OO, senão ais: *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.*⁹⁵ Virgem Senhora do O, esta é a graça que hoje vos devemos pedir todos, e a que eu, em nome de todos, vos peço de todo o coração. Que reformeis todos nossos desencaminhados desejos, que os aparteis de todas as coisas temporais e da terra, que os levanteis ao céu, e os encaminheis à eternidade, para que nela, por vossa intercessão, e pelos merecimentos infinitos de vosso Santíssimo Filho, consigamos, com a sua vista sem fim, o fim para que fomos criados. Amém.

92 A minha alma está ardendo de sede pelo Deus forte e vivo (Sl. 41, 3): saciar-me-ei quando aparecer a tua glória (Sl. 16. 15).

93 Quando virei e aparecerei diante da face de Deus (Sl. 41, 3)?

94 Quem me livrará do corpo desta morte (Rom. 7, 24)?

– Ó Senhor, livra a minha alma (Sl. 114, 4).

– Ó Senhor, salva-me, ó Senhor, faze que tenha prosperidade (Sl. 117, 25).

95 Ai de mim, que o meu desterro se prolongou (Sl. 119, 5)!

SERMÃO DAS CADEIAS DE SÃO PEDRO EM ROMA
PREGADO NA IGREJA DE SÃO PEDRO. NO QUAL SERMÃO
É OBRIGADO, POR ESTATUTO, O PREGADOR A TRATAR
DA PROVIDÊNCIA, ANO DE 1674

*Tibi dabo claves regni caelorum.⁹⁶
Vinctus catenis duabus.⁹⁷*

I

Lá viu São João, no seu Apocalipse, um anjo, o qual em uma mão tinha uma chave e na outra uma cadeia: *Habentem clavem abyssi, et catenam magnam in manu sua* (3).⁹⁸ E que anjo é este, ó Roma, senão o teu grande custódio, Pedro? Pedro com as chaves nas mãos: *Tibi dabo claves regni caelorum*; e Pedro com as mãos nas cadeias: *Vinctus catenis duabus*. Lá foi visto com a chave em uma mão e a cadeia na outra, porque assim devia ser; mas hoje o vemos com as chaves em ambas as mãos, e com ambas as mãos nas cadeias, porque havia de vir tempo em que assim fosse.

Este é, senhores, o maior espetáculo da sem-razão que jamais viu o mundo, e este o que eu ao longe com dor, e vós ao perto com admiração, estamos vendo: Pedro, com as chaves nas mãos, e Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Herodes, que deu Cristo ao seu Vigário as chaves para padecer juntamente com elas a servidão das cadeias? Senhor e cativo? Livre e atado? Poderoso e sem poder? Não, não. Eu bem sei que as chaves de

96 Eu te darei as chaves do reino dos céus (Mt. 16, 19).

97 Ligado com duas cadeias (At. 12, 6).

98 Que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão (Apc. 20, 11).



Pedro também são cadeias, mas cadeias para atar e desatar, e não para ser atado. Notai o texto: *Tibi dabo claves regni caelorum. Et quodcumque ligaveris, erit ligatum, quodcumque solveris, erit solutum* (Mt. 16, 19): Eu te darei – diz Cristo – as chaves do meu reino, e o que tratares, será atado, e o que desatares, desatado. – Tal quis o supremo legislador que fosse o governo do seu reino: governo que atasse e desatasse, e não governos que nem atam nem desatam. Mas se os poderes de Pedro eram chaves: *Tibi dabo claves*, parece que havia de dizer o Senhor: Tudo o que abrires será aberto, e tudo o que fechares será fechado. Por que não diz logo: o que fechares ou abrires, senão o que atares ou desatares? Para mostrar que as chaves que dava a Pedro também eram cadeias, mas cadeias para atar ou desatar a outros, quando quisesse, e não cadeias para estar ele atado, como hoje o vemos: *Vinctus catenis duabus*.

Ora, eu à vista destas chaves e destas cadeias, que farei? Se não estivera também atado, e me fora livre a eleição do discurso, de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, de razão e de ira contra os dois monstros sacrílegos, que com a primeira e segunda cadeias, em diferentes tempos e lugares, se atreveram a prender e atar a Pedro. Uma invectiva contra ti, ó Herodes, que foste o Nero de Jerusalém, e outra contra ti, ó Nero, que foste o Herodes de Roma. Mas porque é obrigação desta cadeira neste dia, que o argumento do sermão seja da providência, a mesma providência, que entregou a Pedro as chaves e o deixou atar nas cadeias, será a gloriosa soltura desta que nos parecia implicação. Com as cadeias atarei as chaves, com as chaves abrirei as cadeias, e como a matéria das cadeias e mais das chaves toda é de ferro, se a imagem que eu formarei da providência não for preciosa e de lustre, ao menos será forte e sólida. Deus, cuja é a ideia, me assista com sua graça. *Ave Maria*.

II

Tibi dabo claves regni caelorum.

A ordem hierárquica da providência divina, no governo de suas criaturas, é governar superiores e súditos, mas os súditos por meio dos superiores, e os superiores imediatamente por si mesmos. Uma e outra coisa temos nas chaves e nas cadeias de Pedro. Em todo o mundo cristão não há mais que um superior e um súdito, um Pedro e uma Igreja; e este superior e este súdito, este Pedro e esta Igreja, quem os governa? A Igreja governa-a a providência de Pedro, que tem o poder das chaves: *Tibi dabo claves regni caelorum*; a Pedro governa-o a providência de Cristo, que o livrou das cadeias de Herodes: *Ceciderunt catenae de manibus ejus*.⁹⁹ Este é o desenho altíssimo, e esta a fábrica seguríssima da suprema providência. A Igreja segura na providência de Pedro, e Pedro seguro na providência de Cristo.

Caso foi verdadeiramente admirável, e por isso notado e advertido pelo mesmo historiador sagrado, que cercado São Pedro de guardas, e atado a duas cadeias, na mesma noite daquele dia em que havia de sair a morrer, como homem sem nenhum temor nem cuidado, estivesse dormindo: *In ipsa nocte erat Petrus dormiens*.¹⁰⁰ E se passarmos da terra ao mar, não é caso menos digno de admiração que, correndo fortuna a barca de Pedro com uma terrível tempestade, Cristo, que ia na mesma barca, também estivesse dormindo: *Ipsa vero dormiebat*.¹⁰¹ Cristo e o Vigário de Cristo, ambos dormindo? Cristo dormindo no meio da tempestade, e Pedro dormindo no meio das guardas e das cadeias, e ambos com a morte à vista, sem nenhum cuidado? Sim. Na tempestade dorme

99 Caíram as cadeias das suas mãos (At. 12, 7)

100 Nessa mesma noite se achava dormindo Pedro (At 12, 6).

101 E entretanto ele dormia (Mt 8, 24).



Cristo, porque a barca está segura na providência de Pedro; e nas cadeias dorme Pedro, porque Pedro está seguro na providência de Cristo. Debaixo da providência de Cristo dorme Pedro ao som das cadeias, e debaixo da providência de Pedro dorme Cristo ao som da tempestade e das ondas.

E se isto que digo vos parece só metáfora, voltemos a cena e o teatro, e troquem-se as figuras: seja Cristo o que esteja nas cadeias, e Pedro na tempestade. Naquela escuríssima noite em que prenderam a Cristo seus inimigos, e naquele mesmo lugar em que foi preso, correu tão furiosa tormenta a mesma barca de Pedro, que a barca, o piloto e os companheiros, todos estiveram a pique de naufragar, e faltou pouco que não pervessem de todo. E que fez a providência de Cristo em tão extremo perigo, e tão universal? *Ego autem rogavi pro te* (Lc. 22, 32): Eu – diz o Senhor – roguei por ti, ó Pedro. – Por ti, Senhor meu? E pelos outros, por que não? Vós não dissestes a todos: *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte?*¹⁰² Pois, se o perigo e a borrasca ameaçam a todos, e a todos têm derrotado, por que fazeis oração e rogais só por Pedro? Porque Pedro estava à providência de Cristo; os outros ficavam à providência de Pedro. O mesmo texto o diz: *Ego autem rogavi pro te ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos.*¹⁰³ Notai muito aquele ego e aquele tu. Eu tive cuidado de ti: tu o terás dos outros. *Ego autem rogavi pro te*: eis aí a providência de Cristo para com Pedro. *Tu confirma fratres tuos*: eis aí a providência de Pedro para com os demais.

E se ainda quisermos ver uma e outra providência, a de Cristo e a de Pedro, maravilhosamente praticadas, entremos no golfo do mar, e observemos o que faz Cristo e o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma nau, que assim lhe chamam os

102 A todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo (Mt. 26, 31).

103 Mas eu roguei por ti para que a tua fé não falte: e tu, enfim, depois de convertido, conforta a teus irmãos (Lc. 22, 32).

evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis in medio mari*. Estava pois Cristo na nau de São Pedro, um pouco afastada da terra, e depois de pregar às turbas, que em confusa multidão o ouviam desde a ribeira, mandou o Senhor zarpar ou levar a âncora, e disse a Pedro que guiasse ao alto: *Duc in altum*.¹⁰⁴ Não é justo que eu passe em silêncio o que aqui advertiu São Crisóstomo, pois esta cadeira, no lugar em que está, é sua.¹⁰⁵ Quem se engolfa e se mete no alto do mar, perde a terra de vista, e por isso – diz Crisóstomo – manda Cristo a Pedro que guie ao alto: *Duc in altum*. Porque quando a nau de Pedro perder a vista da terra, então navegará felizmente. Assim o pregou o santo arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças, e também o pudera pregar eclesiasticamente em Roma. Mas, tornando ao meu intento, o que eu pondero do *duc in altum* é aquela palavrinha *duc*. Se Cristo está na mesma nau, por que manda a Pedro que guie, e não guia ele por sua própria pessoa? Assim como Cristo na oficina de José tirava com as suas próprias mãos pela serra, assim, na nau de Pedro, podia ele também pegar no leme sem perigo de indecência. Por que faz pois Cristo aqui o ofício de mandador, e não Cristo, senão Pedro, o de timoneiro? Porque esta é a ordem e esta a subordinação de uma e da outra providência. A nau subordinada à providência de Pedro, e Pedro subordinado à providência de Cristo. Pedro, o piloto da nau, e Cristo, o piloto do piloto: *Duc in altum*. Oh! admirável providência do governo universal da Igreja! A nau uma, e os mandadores dois. Os apóstolos manejavam os remos, mas debaixo do mando de Pedro, e Pedro sustentava o leme, mas debaixo do mando de Cristo. Pedro era o que governava, sim, mas governava governado. A nau governada pela direção de Pedro, mas Pedro governado pela direção de Cristo: *Duc in altum*.

104 Faze-te mais ao largo (Lc. 5, 4).

105 A capela da Igreja de São Pedro, em que se prega neste dia, é de São João Crisóstomo.



Dirá, porém, alguém, e com razão ou aparência dela, que naquele tempo Cristo e Pedro estavam ambos na mesma nau, e não é maravilha que então fosse ela bem guiada por Pedro. Mas, depois que Cristo subiu ao céu, e Pedro ficou só no mar, como haverá na nau e no piloto esta dobrada providência? As mesmas palavras o dizem: *Duc in altum*. A navegação do mar alto verdadeiramente é admirável. *Maria undique, et undique caelum*: não se vê ali mais que mar e céu. – E, contudo, naquela campanha imensa, sem rasto, sem estrada nem baliza, o piloto leva a nau como por um fio, não só aos horizontes mais remotos deste hemisfério, mas ao porto mais incógnito dos antípodas. E como faz ou pode fazer isto o piloto? Governando ele no mar, e sendo governado do céu. Toma o piloto o astrolábio na mão, mede a altura do polo, ou pesa o sol, como eles dizem, e deste modo o piloto governa a nau, e o sol governa o piloto. De sorte que o que governa a nau está no mar, e o que governa o piloto está no céu. Pois isto mesmo é o que passa no governo da Igreja. Ainda que Cristo subiu ao céu, Pedro ficou no mundo: Pedro, da popa da nau, governa o mundo, e Cristo, do zodiaco do céu, governa a Pedro.

Vede-o nas mesmas chaves e nas mesmas cadeias de Pedro. Quando deu Cristo a Pedro as chaves, e quando o livrou das cadeias? As chaves deu-lhas Cristo antes de partir deste mundo, porque a providência de Pedro para com a Igreja ficou na terra; e das cadeias livrou-o quando havia já muito tempo que estava assentado à destra do Padre, porque a providência de Cristo para com Pedro está no céu. Em suma, que esta é a dobrada providência com que o Monarca e a Monarquia da Igreja se governa no mundo e sobre o mundo. No mundo imediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas chaves: *Tibi dabo claves regni caelorum*. E sobre o mundo imediatamente por Cristo, como se prova na soltura das suas cadeias: *Ceciderunt catenae de manibus ejus*.¹⁰⁶

106 Caíram as cadeias das suas mãos (At. 12, 7).

III

Mas em um auditório tão douto e de tanta perspicácia, vejo quase vacilante a firmeza deste meu discurso, e que das mesmas chaves e das mesmas cadeias se formam dois argumentos fortísimos, um contra a providência de Cristo em respeito de Pedro, e outro contra a providência de Pedro em respeito da Igreja.

Começando pelas cadeias para acabar pelas chaves, é certo que Cristo livrou a São Pedro das cadeias de Herodes em Jerusalém, mas também é certo que o não livrou das cadeias de Nero em Roma. Logo a providência, que supomos de Cristo para com São Pedro, ao menos é duvidosa e mal segura, e tal que não parece sua, porque providência que não é de todo tempo, de todo lugar e de todo perigo, providência que uma vez se lembra, outra se esquece, uma vez acode, outra desampara, uma vez provê e outra não provê, não é providência. Assim é, mas não foi assim. Tudo concedo e tudo nego. Concedo que a providência que não é continuada nem permanente não é providência. Mas nego que a providência de Cristo, que começou e resplandeceu nas cadeias de Herodes, não se continuasse igualmente e não permanecesse a mesma nas cadeias de Nero. E por quê? Porque tanta providência foi não livrar Cristo a Pedro das cadeias de Nero, como livrá-lo das cadeias de Herodes. Vede se o provo.

José foi duas vezes preso: uma vez em Canaã, por inveja e ódio de seus irmãos, e outra vez no Egito, por castigo e ignorância de seu senhor. Destas segundas prisões o livrou Deus, mas das primeiras não o livrou, porque, preso e manietado, foi vendido e entregue aos ismaelitas. E que se segue daqui? Segue-se porventura que em umas prisões o assistiu a providência divina, e nas outras o deixou? De nenhum modo, diz o texto sagrado. E dá a razão: *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni* (Sab. 10, 14): Nunca a providência de Deus deixou nem desamparou a José nas suas cadeias, até que, por meio de umas e outras, o sublimou



ao império. – De sorte que os efeitos da providência não se hão de medir pela diversidade dos meios, senão pela unidade do fim. O fim da providência divina era levantar a José ao império do Egito, para o qual o tinha destinado, e tanto dependia a fortuna de José de ser livre de umas prisões, como de não ser livre das outras. Se Deus o livrasse das prisões de Canaã, nunca havia de ir ao Egito, e se o não livrasse das prisões do Egito, não havia de subir ao império. Necessário foi logo que José fosse livre de umas cadeias, e não fosse livre das outras. Para quê? Para que Deus e José conseguissem juntamente, José por Deus, os meios da sua fortuna, e Deus em José, os fins da sua providência. E se a mesma providência livrou e não livrou a José de umas e outras cadeias, por que não creemos outro tanto das cadeias de Pedro?

Só do fim se pode duvidar, o qual para mim é evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a São Pedro, como tinha feito a São Tiago: *Occidit autem Jacobum, fratrem Joannis, gladio.*¹⁰⁷ E não quis a providência de Cristo que morresse Pedro à espada, porque o quis exaltar consigo à morte de cruz. Na cruz estava o mesmo Senhor encravado, quando os judeus o blasfemavam, dizendo: *Confidit in Deo: liberet nunc, si vult eum* (Mt. 27, 43): Já que tem tanta confiança em Deus, por que o não livra agora Deus de nossas mãos? – Isto disse a infidelidade, e o mesmo pudera dizer ainda mais apertadamente a fé. Quando a ambição cruel de Herodes quis assegurar em si a coroa, com a morte do rei novamente nascido, andou tão vigilante a providência do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que daquele dilúvio de sangue, em que pereceram tantos mil inocentes, só a ele livrou e pôs em salvo. Pois, se o livrou então, por que o não livrou também agora? Dizer-se que o livrou porque o quis isentar da morte, não pode ser, porque desde o instante da sua Encarnação, antes, desde o princípio sem princípio da eternidade, tinha decretado o mesmo Pai que morresse. Pois, se

107 E matou a espada Tiago, irmão de João (At. 12, 2).



havia de morrer uma vez, por que o não deixa morrer em Belém às mãos de Herodes? E se o havia de livrar outra vez, por que o não livra em Jerusalém das mãos dos judeus, como eles diziam: *Liberet eum?* Porque a mesma providência que livrou a Cristo a primeira vez, não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de uma morte menos ilustre para outra morte mais gloriosa. Em Belém, como notou Santo Agostinho, havia de morrer Cristo à espada; em Jerusalém morria na cruz: e porque a providência do Padre, para mais exaltar o Filho, tinha decretado que morresse em Cruz: – *Mortem autem crucis, propter quod exaltavit illum*¹⁰⁸ – por isso o livrou em Belém das mãos de Herodes, e o não livrou em Jerusalém das mãos dos judeus.

Tal foi a providência de Cristo para com São Pedro, quando o livrou e quando o não livrou. Livrou o das cadeias de Herodes, para que não morresse à espada, como Jacó, e não o livrou das cadeias de Nero, para que morresse em cruz, como o mesmo Cristo. A espada e a cruz, ambas saíram ao teatro no mesmo dia e na mesma Roma, ambas foram os instrumentos sacrílegos da impiedade de Nero, ambas tiraram cruelmente a vida aos dois maiores Atlantes da Igreja; mas a espada a Paulo, a cruz a Pedro: Paulo degolado, para que conhecesse a heresia, ainda hoje obstinada, que em Roma e na Igreja não pode haver duas cabeças, e para que o mesmo Paulo – *capite imminutus* – pregasse e desenganasse o mundo que na terra é menor que Pedro. Quando eu agora passei a ponte do Tibre, adverti que Paulo, com a espada à mão direita, e Pedro, com as chaves, à mão esquerda; mas isso mesmo é prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor lugar, é mostrar Pedro que ele é o dono da casa. Este foi o mistério, como dizia, porque Paulo perdeu ou depôs a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre, porém, Pedro na cruz, inteiro e em nada diminuído, como aquele de

108 E morte de cruz, pelo que Deus também o exaltou (Flp. 2, 8 s).



quem estava escrito: *Os non comminuetis ex eo*,¹⁰⁹ para que a cabeça visível da Igreja se parecesse em tudo com a invisível. Cristo, porém, na cruz, com a cabeça inclinada para baixo, e Pedro na cruz, às avessas, com a cabeça levantada para cima, porque a cabeça de Cristo e a de Pedro recíproca e reflexamente se retratam e se veem uma na outra, bem assim como a mesma cabeça, vista e multiplicada no espelho, parecem duas cabeças, e é uma só. E como Cristo queria fazer a seu primeiro sucessor tão semelhante a si em tudo, essa foi a providência continuada e permanente, e não contrária ou diversa, senão a mesma com que, rotas as cadeias de Herodes, o livrou da espada, e não rotas as de Nero, o levou à cruz.

IV

Mas para que é defender ou interpretar eu a unidade desta providência em umas e outras cadeias, se as mesmas cadeias a provam, e com milagrosa demonstração a fizeram evidente aos olhos. Estavam conservadas e veneradas em Roma as cadeias de Nero, quando à imperatriz Eudóxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalém, foram apresentadas, como igual tesouro, as de Herodes; vieram estas dali a Roma, mandadas pela mesma Eudóxia a outra, também Eudóxia e também imperatriz, e não faltando quem duvidasse se verdadeiramente eram as mesmas, que sucedeu? Toma o Pontífice nas mãos umas e outras cadeias, cotejando as que certamente eram de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aqueles sagrados ferros, como se tiveram sentidos e uso de razão, por si mesmos se abraçaram entre si, e se uniram e ligaram de tal sorte, como se nunca tiveram sido duas, senão uma só cadeia, fabricada pelo mesmo artífice. Oh! admirável e portentoso testemunho da providência de Cristo para com seu Vigário! Oh!

109 Não quebrareis dele osso algum (Jo. 19, 36).



admirável e portentosa confirmação de ser uma, continuada e a mesma providência, aquela que em Jerusalém rompeu as cadeias de Herodes e livrou a Pedro, e aquela que em Roma conservou inteiras as cadeias de Nero e o não quis livrar delas. Se dividirmos esta providência em duas providências, e combinarmos uma com a outra pelos efeitos, não só parecem diversas, senão totalmente contrárias: uma de cuidado, outra de descuido; uma de estimação, outra de desprezo; uma de liberdade, outra de cativo; uma de vida, outra de morte; uma que afrontou e iludiu os intentos de Herodes, e outra que ajudou e fez triunfar os de Nero. Mas, assim como as cadeias, sendo duas e tão diversas, se uniram em uma só cadeia, assim a providência, que em Jerusalém as rompeu e livrou a Pedro, e em Roma as conservou inteiras e fortes, e o não quis livrar, foi também uma e a mesma cadeia, porque foi uma e a mesma providência.

Boécio, a quem segue Santo Tomás, e comumente os teólogos, definindo a providência, diz que a série de todas as coisas e suas causas ordenadas na mente divina, e encadeadas e ligadas entre si com uns nós maravilhosos e secretos que ninguém pode desatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quae omnia suis nectit ordinibus miris, arctisque, sed arcanis nobis*. E Cornélio, comentando o mesmo Boécio, ainda o declara com maior expressão: *Deus per congruos providentiae suae modos, quos in thesauris sapientiae suae reconditos habet, facit ut omnes rerum temporumque successus invicem apposite nectantur; ac velut ansulae sibi invicem inserantur; et catenam elegantem efficiant*: De sorte que os sucessos dos tempos e das coisas, ainda que pareçam diversos e encontrados, estão na mente e providência divina ordenados e atados entre si de tal modo que, como anéis ou fuzis enlaçados uns nos outros, compõem uma uniforme e elegante cadeia. – Tal foi em um e outro caso a do supremo artífice, Cristo, o qual, livrando em diversos tempos, e não livrando a Pedro, soltando-o em Jerusalém, e deixando-o prender



em Roma, tirando-o milagrosamente das mãos de Herodes, e consentindo que natural e cruelmente morresse a mãos de Nero, das cadeias rotas de um, e das cadeias não rotas de outro formou uma uniforme e elegantíssima cadeia de sua providência, para maior ornamento e glória do mesmo Pedro.

A Arão, que era o Pedro da lei escrita, como Pedro o Arão da lei da graça, mandou Deus fazer para ornato das vestiduras pontificais duas cadeias de ouro, as quais, porém, com dois anéis da mesma matéria, se uniam uma na outra, e sendo duas cadeias, formavam uma só: *Facies in rationali catenas sibi invicem cohaerentes ex auro purissimo: catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.*¹¹⁰ Não reparo em serem aquelas cadeias de ouro e estas de ferro, porque já disse Crisóstomo que por isso se honrava mais delas e se ornava mais com elas o nosso Pontífice: *His catenis Apostolus ornabatur; et tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat.* O que só noto é a unidade ou a união e coerência de umas e outras cadeias: *Catenas sibi invicem cohaerentes.* Moisés andou coerente nas cadeias de Arão, porque as formou pelos mesmos moldes; Cristo não andou coerente nas cadeias de Pedro, porque as traçou e dispôs com sucessos e efeitos contrários. Isso é romper umas cadeias e não romper outras; isso é livrar a Pedro e não o livrar. Mas, assim como a coerência daquelas cadeias a fazia a semelhança, assim a coerência destas a fez a contrariedade. E que, sendo tão contrários os atos da providência, saísse a providência tão uniforme, e sendo uma cadeia tão diversa da outra, saíssem ambas as cadeias entre si tão coerentes: *Catenas sibi invicem cohaerentes?* Essa foi a maravilha.

Mas, nesta mesma uniformidade e coerência da providência de Cristo, se alguma curiosidade doua perguntar qual foi

110 Farás para o racional duas pequenas cadeias de ouro o mais puro, que se unam entre si: e ajuntarás as cadeias de ouro com as argolinhas que estão nos remates deles (Êx. 28, 22, 24).



maior providência, se aquela que livrou a Pedro das cadeias em Jerusalém, ou aquela que o não livrou em Roma, não faltará quem diga que a de Jerusalém foi maior, porque lá foi miraculosa, e cá não. Lá quebrou as cadeias, cegou as guardas, abriu as portas, ou deu passo franco por elas sem as abrir – que é mais –; cá não obrou milagre algum, antes totalmente não obrou, porque foi uma mera suspensão de todo o ato e concurso. Contudo, digo que foi maior e mais alta providência não livrar Cristo a Pedro das cadeias de Nero que livrá-lo das cadeias de Herodes. E por quê? Porque nas cadeias de Herodes conseguiu a providência o seu fim contra a vontade de Herodes, e nas cadeias de Nero conseguiu também o seu fim, mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da providência divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha: é deixar livre e absoluta a minha vontade, e com a minha, e pela minha, conseguir a sua.

A maior obra da providência de Deus foi a Redenção do mundo por meio da morte de Cristo. E como conseguiu a mesma providência este altíssimo fim, tão estupendo como necessário? Não de outro modo que entregando o mesmo Cristo, por decreto do injusto juiz, à vontade de todos aqueles que lhe queriam tirar a vida: *Jesusum vero tradidit voluntati eorum*.¹¹¹ Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade Caiús, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os escribas e fariseus, fez finalmente a sua vontade o mesmo demônio que os instigava. E que por meio de tantas vontades, e todas contrárias à divina, o fim da divina se conseguisse? Esta foi a providência mais nobre, esta a mais sábia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais providência. E qual é a razão? A razão é porque a providência, que violenta a vontade e poder humanos, é providência que se ajuda da onipotência; porém a providência que deixa obrar à potência humana tudo quanto

111 E permitiu-lhes que fizessem de Jesus o que quisessem (Lc. 23, 25).



pode, e deixa executar à vontade humana tudo quanto quer, é providência sem ajuda de outro atributo, e por isso pura providência. A potência e a vontade de que se serve a providência em tal caso, não é a divina e sua, senão a humana e contrária; e quanto mais permite à contrária, tanto é mais providência; quanto mais concede à humana, tanto é mais divina. Tal foi, pois, a providência de Cristo em não livrar a Pedro das cadeias de Nero. Na prisão de Herodes, para que a providência conseguisse o seu fim, rompeu a onipotência as cadeias; porém, na prisão de Nero deixou a providência as cadeias inteiras, sem usar da onipotência, e contudo, conseguiu o seu fim. Logo, não só foi providência, senão maior e mais gloriosa providência, não livrar a Pedro das cadeias de Nero que livrá-lo das cadeias de Herodes. E, como as mesmas cadeias, temos já solto ou atado o primeiro argumento.

V

O segundo, que é contra a providência de Pedro, fundado nas suas chaves, e em respeito de todos aqueles que por elas lhe são sujeitos, parece mais dificultoso. Assim como Deus deu a São Pedro as chaves do céu, assim as tinha dado, por seu modo, antigamente a Elias, e com poder e autoridade universal e privativa, de que só ele pudesse abrir ou fechar os tesouros celestes, isto é, as chuvas e orvalhos do céu, com que se fecunda a terra e vive o mundo. Mas que fez Elias com estas chaves na mão, e como usou delas? *Vivit Dominus* – disse ele falando com El-Rei Acab – *si erit annis his ros et pluvia, nisi juxta oris mei verba* (3 Rs. 17, 1): Eu tenho na minha mão as chaves do céu, e tu, ó rei, desengana-te, que nestes anos do meu governo, nem uma só gota há de cair de água ou estilar de orvalho sobre a terra, senão pelo império da minha voz. – A terra abrasada e ardendo abrirá mil bocas, com que gemerá e gritará ao céu; mas o céu, debaixo das minhas chaves, não se moverá a brados nem a

gemidos, e se mostrará tão seco e duro, como se fosse de bronze. Parece-vos boa providência esta das chaves do céu entregues ao arbítrio de um homem? Pois ainda não ouvistes outra circunstância mais terrível, por não dizer desumana. No mesmo tempo, diz o texto, morava Elias mui descansado sobre as ribeiras do Rio Carit, e um corvo, manhã e tarde, lhe trazia pão e carnes: *Panem et carnes mane, panem et carnes vesperi* (3 Rs. 17, 6). De maneira que nos mesmos anos em que o povo encomendado à providência de Elias andava caindo e expirando à fome, Elias, com provisão sempre nova e abundante, comia e se regalava duas vezes ao dia. Nos campos não se via uma folha, nas searas não se colhia uma espiga, e a Elias sobejava-lhe o pão. As aves não tinham mais que as penas, nem os gados mais que os ossos, e a mesa de Elias abastecida de carne sobre carne. As fontes secas e mudas, sem correr ou suar delas uma só gota, e Elias com a água a rios. É boa ou será boa esta providência das chaves do céu? E mais, se as mãos que tiverem o domínio das chaves não forem as de Elias? Logo – argumenta o herege, e porventura também o político –, logo o mesmo poderá acontecer às chaves do céu entregues à providência de Pedro.

Primeiramente digo que não poderá. E por quê? Porque, se a providência de Pedro faltasse ao ofício de Vigário de Cristo, a providência de Cristo faria o ofício de Vigário de Pedro. Estava Cristo na cruz, pouco antes de render o espírito, quando o ladrão convertido lhe presentou o seu memorial, dizendo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum.*¹¹² Respondeu-lhe o Senhor incontinenti: *Hodie mecum eris in paradiso.*¹¹³ E esta foi a primeira vez que se abriram as portas do céu, até aquela hora cerradas. Mas vede como replica e acode, pela jurisdição de Pedro, Arnaldo Carrotense.

112 Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino (Lc. 23, 42).

113 Hoje serás comigo no paraíso (Lc. 23, 43).



– O ofício e jurisdição de abrir as portas do céu, vós Senhor, não a tendes dado a Pedro? Sim. Como, logo, não remeteis este memorial ao vosso Vigário? Porventura porque vos negou no átrio do pontífice, tende-lo privado do cargo? Não, que Pedro já estava arrependido, e emendado e restituído à graça. Como, logo, usa Cristo das chaves de Pedro, e abre por si mesmo a porta do céu? Agudamente o mesmo Arnaldo: *Absens eras, o Petre, et ministerii tui claves modo non profers; supplet vicem tuam – notai as palavras – supplet vicem tuam Summus Sacerdos, apertisque serias antiquis, aperiente Christo, introducitur latro in regnum caelorum*: Quando o ladrão apresentou o seu memorial, estava Pedro ausente; e como o tempo era brevíssimo, e o negócio tão urgente que não sofria dilações, fez-se Cristo substituto do seu Vigário, e supriu a ausência de Pedro com a sua presença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, e abriu as portas do paraíso ao repentino penitente. E porque Pedro não acode à obrigação de seu ofício, como Vigário de Cristo, acudiu Cristo a ela, como Vigário de Pedro: *Supplet vicem tuam, o Petre*.

Eis aqui como nunca pode faltar a providência das chaves de Pedro, ainda no caso em que ele por si mesmo faltasse. Mas, antes que desçamos em particular ao cuidado, vigilância e admirável circunspecção desta universal providência, quero eu acudir pela honra de Pedro, e não refutando a sua improvidência neste caso com a sua providência em todos, mas sarando gloriosamente uma improvidência com outra. Dai atenção ao sucesso, tão digno de ser ouvido, como imitado.

Entrou Cristo em casa de São Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis* (Lc. 4, 38), e havia muito tempo que estava na mesma casa a sogra do mesmo Pedro, tão enferma e prostrada de umas gravíssimas febres que nem para receber o Senhor se pôde levantar. Essa força tem a palavra *tenebatur* do evangelista: *Socrus autem Simonis*

*tenebatur magnis febris.*¹¹⁴ Grande febre e grande caso! Quem haverá que não repare e note aqui muito a pouca providência de São Pedro, antes o demasiado descuido e negligência de atender ao remédio de sua casa e à necessidade dos seus domésticos e parentes? A sogra de Pedro em casa de Pedro ardendo em febres, e sem cura; padecendo dores, e sem alívio; atada tanto tempo a um leito, sem saúde, nem sequer melhoria? Não é este aquele mesmo Pedro que, passando pelas ruas e pelas praças, só com a sobra sarava todos os enfermos? Como, logo, abusa de tal modo do seu poder que, curando a todos, só aos seus domésticos não cura? Tantos milagres para as casas dos outros, e só para a sua casa nenhum milagre? Sim. E este creio eu que foi o maior milagre de São Pedro. Entre todos os milagres deste grande prodígio do mundo, o maior milagre foi não ser milagroso em sua casa. Fora de casa e ao sol fazia sombra, e obrava milagres; chegado à sua casa, não obrava milagres, porque já não tinha sombra.

Mas que farão em tal caso os domésticos de Pedro, e que será deles? Vós, senhores, que servis a São Pedro nesta sua casa, sois mais propriamente os seus domésticos. E que será de tantos, que somente vivem da sua sombra? Não tenhais medo, porque, como Cristo nos casos de necessidade é Vigário do seu Vigário, se vos faltar a sombra de Pedro não vos faltará a mão de Cristo. Assim foi. Chega-se o Senhor ao leito da enferma: *Stans super illam*,¹¹⁵ dá-lhe e toma-lhe a mão: *Aprehensa manu ejus*,¹¹⁶ e no mesmo ponto não só ficou livre da febre, mas sã, e com todas as suas forças: *Surgens ministrabat illis*.¹¹⁷ Assim provê a providência de Cristo milagrosamente, onde a providência de Pedro, com maior milagre, não

114 Ora a sogra de Simão padecia grandes febres (Lc. 4, 38).

115 Inclinando-se sobre ela (Lc. 4, 39).

116 Depois de a tomar pela mão (Mc. 1, 31).

117 Levantando-se, se pôs a servi-los (Lc. 4, 39).



provê. Antes digo, que, assim como o não prover em Pedro foi milagre, porque é obrigação natural da providência de Cristo prover ele onde Pedro não provê, se Pedro, por excesso de generosidade, se descuidar dos seus domésticos, Cristo, por excesso de providência, tomará cuidado deles; e se Pedro, abusando gloriosamente do poder das suas chaves, fechar a porta da sua casa a todo o favor, Cristo, tomando-lhe as chaves, abrirá a mesma porta, e, cheio de favores e graças, entrará em casa de Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis*. Assim que seguros estão sempre os efeitos da providência de Pedro, porque quando ele, por qualquer acidente, ou como homem, ou como mais que homem, não usar dos poderes das chaves por si mesmo, fá-lo-á melhor por Cristo, ou Cristo por ele.

VI

E que se segue ou se prova disto? Segue-se e prova-se o que eu prometi dizer, posto que pareça que disse o contrário. Desta improvidência de Pedro para com a sua casa, se prova altíssimamente a providência do mesmo Pedro para com a Igreja que lhe foi encomendada. Era o espírito soberano de Pedro como o daquela excelentíssima alma, que disse por boca de Salomão: *Posuerunt me custodem in vineis: vineam meam non custodivi* (Cânt. 1, 5): Puseram-me por guarda das vinhas, e eu não guardei a minha vinha. – Pois isto diz e isto faz uma alma unicamente perfeita, que é a ideia e exemplar de todas as almas santas? Se disse: puseram-me por guarda das vinhas, parece que havia de acrescentar: e eu guardei-as com grande cuidado e vigilância; mas, em lugar de dizer que guardou as vinhas que lhe encomendaram, diz que não guardou a sua vinha: *Vineam meam non custodivi*? Sim. Porque o maior testemunho e a maior prova de guardar com todo o cuidado as vinhas que lhe encomendaram, era não ter nenhum cuidado de guardar a sua. A vinha – como Cristo lhe chamou –, composta



de tantas vinhas, é a Igreja universal; e porque a providência de Pedro se descuidou totalmente da sua vinha, por isso teve tanto cuidado da de seu Senhor.

Notável coisa é ver o zelo e providência universal com que São Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se ele fora todos ou estivera em todos, e todos nele. Mas por isso lhe entregou Cristo as chaves e o cuidado do universo. As duas maiores dificuldades ou mais dificultosas questões que se excitaram na Escola do Apostolado foram a da divindade de Cristo e a da verdade do Sacramento. Sobre a questão da divindade, depois de ouvidas várias opiniões, todas negativas, perguntou o Senhor: *Vos autem, quem me esse dicitis?*¹¹⁸ E falando a pergunta com todos, Pedro respondeu por todos, como se falara só com ele: *Tu es Christus, Filius Dei vivi.*¹¹⁹ Na questão do Sacramento pareceu tão dura a doutrina que muitos por amor ou por horror dela deixaram a escola. Então perguntou o Senhor aos demais: *Nunquid et vos vultis abire?*¹²⁰ E falando também a pergunta com todos, Pedro do mesmo modo respondeu por todos: *Domine, ad quem ibimus? Verba vitae aeternae habes.*¹²¹ E homem que toma por si o que se pergunta a todos, e responde por todos quando se não fala só com ele, este homem tem zelo e providência universal, a este homem, e não a outro, hei de dar as chaves da minha Igreja: *Tibi dabo claves regni caelorum.*

Mas não assentou a eleição de Pedro sobre estas duas experiências somente. No Monte Tabor, quando viu a glória, disse: *Bonum est nos hic esse.*¹²² E quando ouviu que para entrar na mesma glória era necessário dar esmola (Mt 17, 4), como ele tinha deixado tudo,

118 E vós, quem dizeis que sou eu (Mt. 16, 15)?

119 Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (Mt. 16, 16).

120 Quereis vós outros também retirar-vos (Jo. 6, 68)?

121 Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras da vida eterna (Jo. 6, 69).

122 Senhor, bom é que nós estejamos aqui (Mt. 17, 4).



instou dizendo: *Ecce nos reliquimus omnia. Quid ergo erit nobis?*¹²³ Não sei se reparais neste nobis e naquele nos, uma e outra vez repetido. Em tudo mostrou Pedro ser Pedro. Se alega serviços, alega por todos: *Ecce nos reliquimus*; se procura prêmios, procura por todos: *Quid erit nobis*; se deseja bens, deseja para todos: *Bonum est nos hic esse*. Uma vez fala do passado: *reliquimus*, outra vez do futuro: *quid erit*; outra vez do presente: *bonum est*, mas sempre de todos, por todos e para todos. Não se ouve da boca de Pedro nem *ego*, nem *mihi*, nem *me*, senão *nos*, no primeiro caso, *nobis* no terceiro, e *nos* no quarto: *Nos reliquimus, nobis erit, nos esse*, porque a providência de Pedro não sabe o nome a si, nem trata ou cuida de si, senão de todos. Se alguma vez se lembra Pedro só de si, é para ele só tirar a espada no Horto, e defender a seu Mestre; é para ele só o seguir até o átrio de Caifás, cercado de guardas; é para ele só se lançar vestido ao mar, ou pisando as ondas com os pés, ou rompendo-as com os braços para o ir buscar. Só para os perigos só, mas nunca só, senão com todos e como todos, para o bem e interesse de todos.

Todos, digo, uma e outra e tantas vezes, porque a providência de Pedro, sem exceção nem limite no universal e no particular, sempre se estendeu e abraçou a todos, aos grandes e aos pequenos, aos naturais e aos estranhos, aos fiéis e aos infiéis, aos presentes e aos ausentes, aos vivos e aos mortos. O primeiro ato da providência de Pedro, tanto que pela morte de Cristo lhe sucedeu no pontificado, foi confirmar os outros apóstolos na fé da Ressurreição. Enquanto o disseram outros, eram delírios: *Visa sunt sicut deliramentum*;¹²⁴ tanto que o disse Pedro foi verdade infalível: *Surrexit Dominus vere, et apparuit Simoni*.¹²⁵ Mandou-lhes Cristo que esperassem pelo Espírito Santo, mas Pedro, com providência

123 Eis aqui estamos nós que deixamos tudo. Que galardão pois será o nosso (Mt. 19, 27)?

124 Pareceu-lhes um como desvario (Lc. 24, 11).

125 Na verdade que o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão (Lc. 24, 34).



antecipada e admirável, não esperou pela vinda do Espírito Santo para refazer a quebra de Judas e inteirar o número do apostolado. Quando Cristo subiu ao céu, deixou onze apóstolos, e quando desceu o Espírito Santo, já achou doze. Com esta diligência conseguiu Pedro que viesse o Espírito Santo antes de vir, porque antes de vir em línguas visíveis, já tinha vindo na língua invisível com que declarou a Matias: *Cecidit sors super Mathiam*.¹²⁶ Cheios todos os apóstolos do Espírito Santo, Pedro foi o primeiro que no mesmo dia, e na mesma hora, e na mesma Jerusalém, onde tinha sido crucificado Cristo, pregou publicamente a fé da sua divindade. E com que efeitos? O mesmo Cristo, pregando em Judeia três anos, deixou nela só quinhentos cristãos, como consta da primeira Epístola aos Coríntios, e São Pedro, com a graça superabundante do mesmo Cristo, naquele só dia e naquela só pregação, converteu três mil judeus, e noutra dia e noutra pregação, cinco mil, cumprindo-se em Pedro o que o mesmo Senhor tinha prometido: *Majora faciet, quia ad Patrem vado*.¹²⁷

Mas como se contentaria com o fruto que colhia em Jerusalém e Judeia, quem tinha a cargo da sua providência o resto do mundo? De Jerusalém parte Pedro a Antioquia, e ali assentou a primeira vez a sua cadeira, não se desprezando, sendo príncipe e pastor do universo, de ser e se chamar bispo de uma cidade. De Antioquia passou a Roma, que, como cabeça do império, o era também da superstição e idolatria, para que, assim como tinha pregado em Jerusalém aos hebreus e em Antioquia aos gregos, pregasse também em Roma aos latinos, e com as três línguas universais em que foi escrito o título do crucificado: *Hebraice, graece et Latine* (Jo. 19, 20), levantasse o estandarte da mesma cruz nas três metrópoles mais conhecidas, e nos três castelos mais eminentes do mundo, do que o dominante era Roma. Quando Davi derrubou o gigante,

126 Caiu a sorte sobre Matias (At. 1, 26).

127 Fará outras ainda maiores, porque eu vou para o Pai (Jo. 14, 12).



diz o texto sagrado que pôs a pedra na funda, e, dando uma e outra volta, lha pregou na cabeça: *Circumducens percussit Philisthaeum, et infixus est lapis in fronte ejus.*¹²⁸ E que pedra é esta, senão Pedro? Ao redor de Jerusalém deu uma volta à Palestina, e ao redor de Antioquia deu outra volta à Grécia, e com esta dobrada força, como pedra de Davi, se veio meter e fixar na testa do gigante, que é Roma, cabeça do mundo. Aqui o derrubou e prostrou por terra, mas para daqui o subir da terra ao céu. De Roma, melhor que os Césares aos Fábios, Metelos e Cipiões, repartiu São Pedro os Pancrácios, os Berilos, os Marciais, os Apolinares, os Prodocimos, os Hermagoras, os Maternos, os Torcatos, os Tesifontes, e outros famosos discípulos de sua fé e espírito, os quais, ordenados de bispos e sacerdotes, penetrassem a Itália, as Gálias, as Espanhas, a Numídia, a Mauritânia e as demais províncias da Europa e da África – como já tinha feito na Ásia o mesmo São Pedro para que, como raios do mesmo sol, alumiassem, e como rios da mesma fonte, regassem e fecundassem aquelas terras.

Porém, a verdadeira providência, que toda é olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada somente, senão com ver. Por isso Pedro, ainda que pôs a cadeira em Roma, não a fez para si sede fixa, senão sede rodante. Lá viu Daniel a Deus assentado no seu trono, e diz que o mesmo trono era fundado sobre rodas: *Thronus ejus flammae ignis, rotae ejus ignis accensus.*¹²⁹ E por que tinha rodas o trono de Deus, sendo aquele que *immutus dat cuncta moveri?*¹³⁰ Para mostrar nesta figura visível, que assim como com sua imensidade enche todo o mundo, assim com sua providência o vê e rodeia todo. O mesmo fazia Pedro como

128 Dando-lhe a volta, feriu ao filisteu, e a pedra se encravou na sua testa (1 Rs. 17, 49).

129 O seu trono era de chamas de fogo, as rodas deste trono um fogo aceso (Dan. 7, 9).

130 Boetius.

vice-Deus na terra. Nem ele se podia apartar da sede episcopal, nem a sede dele; mas, levando-a sempre consigo, como diz São Lucas, visitava e via por si mesmo a todos: *Dum pertransiret universos*.¹³¹ Tomou outra vez a Jerusalém e outra vez a Antioquia; foi em pessoa à Galácia, à Capadócia, à Ásia, à Bitínia, a Corinto, ao Egito, e a outras partes da África, e até à barbaríssima região do Ponto, que naquele tempo era o degredo mais áspero dos romanos, e o horror, como diz Tertuliano, do mundo, não faltou a providência e presença de Pedro. Em Nápoles e Sicília há ainda hoje memórias suas, e é autor Metafrastes, que também passou à Espanha, e pregou em Inglaterra. Assim respondeu o primeiro apóstolo, sendo o príncipe de todos, à sua primeira vocação. Como Cristo o tinha chamado para pescador de homens, não só no Tiberíades, nem só no Mediterrâneo, nem só no Euxino, mas também no oceano era bem que fosse lançar as redes, para que pescasse homens em todos os mares.

Bem quisera a providência de Pedro, assim como visitava a todos, assistir sempre com todos. Mas o que não podia com a presença e com a voz, fazia com a pena. Ninguém lerá as epístolas canônicas de São Pedro, que com admiração e assombro o não veja, não só retratado, mas vivo nelas. Na majestade do estilo, no sólido da doutrina, no profundo das sentenças e no ardente do zelo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes, e se fazia presente no mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro naquelas sagradas escrituras, é o título: *Petrus apostolus, electis advenis dispersionis*.¹³² Não iam dirigidas estas letras pontifícias aos reis e monarcas do mundo, senão a uns pobres peregrinos e desterrados por todo ele. Lembrava-se São Pedro que lhe encomendara Cristo duas vezes os cordeiros, e uma só vez as ovelhas: *Pasce*

131 Saindo a visitar todos (At. 9, 32).

132 Pedro, apóstolo, aos estrangeiros que estão dispersos (1 Pdr 1, 1).



*agnos meos, pasce agnos meos, pasce oves meas.*¹³³ Nas ovelhas lhe encomendou os grandes, e nos cordeiros os pequenos; e por isso os pequenos duas vezes, e em primeiro lugar, para que tivesse deles maior cuidado. Esta foi a confiança com que Cornélio, sendo ainda gentio, não duvidou em mandar chamar a São Pedro, e que fosse à sua casa, distante sessenta milhas, como logo foi. Estava então São Pedro em Jope, e este nome traz à memória o profeta Jonas, o qual no mesmo porto se embarcou, fugindo de Deus, por não ir a Nínive, sentindo e desprezando muito de ser mandado pregar a uma gente tão vil e aborrecida, como eram todos os gentios na estimação dos hebreus. E quando Jonas não quis ir pregar à maior cidade do mundo, onde só os inocentes eram cento e vinte mil, vai o Sumo Pontífice da Igreja, e a pé, desde Jope até Cesareia, só por catequizar um gentio.

VII

Estas foram, senhores, não todas, mas uma pequena e abreviada parte das obras maravilhosas de São Pedro, e dos exemplos que deixou à Igreja de sua universal providência. Disse deixou, e disse mal, porque os não deixou. Ainda os continua depois da morte, como insistiu neles em toda a vida. Morreu Pedro, mas a sua providência não acabou, porque foi, é e será imortal. São Pedro de Ravena, em uma carta que escreveu a Eutiques, que anda junto ao Concílio Calcedonense, diz que São Pedro vive sempre em todos seus sucessores: *Hortamur te, frater; ut his, quae de beato Papa Romanae civitatis scripta sunt, obedienter attendas, quoniam Beatus Petrus, qui in propria sede et vivit et praesidet, praestat quarentibus fidei veritatem.* Mas não é isto só o que quero dizer. Digo que no céu, onde está São Pedro, vive e permanece imortal a sua

¹³³ Apascenta os meus cordeiros, apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas (Jo. 21, 15 ss).



mesma providência sobre a Igreja, não apartando jamais os olhos dela, nem faltando ou tardando em lhe acudir, todas as vezes que o há mister. Assim o prometeu o mesmo Pedro a todos os fiéis, quando se despediu deles na sua segunda Epístola, por estas palavras: *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi. Dabo autem operam, et frequenter habere vos post obitum meum.*¹³⁴ Não promete aos fiéis para depois da sua morte as suas orações, como fazem os outros santos, senão a sua manutenção: *Frequenter habere vos*: Eu vos terei, eu vos mantereí, eu vos conservarei. – E a palavra que responde a *frequenter*; no original grego, em que o santo apóstolo escreveu, quer dizer: *semper quotidie, sigillatim*: sempre, todos os dias, e a todos, não só em comum, senão em particular.

Quão exatamente cumprisse São Pedro esta sua promessa não se pode compreender nem contar, por serem ocultas e invisíveis as ordinárias e contínuas assistências da sua providência; mas bastam para superabundante prova as manifestas e visíveis. São Pedro foi o que, pouco depois da sua morte, apareceu ao mesmo Nero que o mandou matar, com um aspecto tão severo e terrível que, assombrado o tirano – como refere Suetônio, sem saber a causa –, os poucos dias que depois viveu, mais parecia já morto que vivo, com que cessou a perseguição da Igreja. São Pedro foi o que apareceu ao imperador Constantino, e, em lugar do banho de sangue dos inocentes, o exortou a que se banhasse no do sangue de Cristo, com que, batizado e feito cristão, os pontífices e sacerdotes, que viviam nas grutas dos montes, puderam aparecer publicamente nas praças de Roma, e colocar as imagens de Cristo nos templos, e pregar sua fé por todo o mundo. São Pedro foi o que, durante a perseguição em Inglaterra, e tendo fugido alguns bispos,

134 Estando certo de que logo tenho de deixar o meu tabernáculo, segundo o que também me deu a entender nosso Senhor Jesus Cristo. E terei cuidado que ainda depois do meu falecimento possais vós ter repetidas vezes memória destas coisas (2 Pdr. 1, 14 s).



para que não fugisse também o metropolitano de Cantuária, como pretendia, o repreendeu e castigou por suas próprias mãos, de tal sorte que bastou a vista das chagas que lhe ficaram em todo o corpo, para que os mesmos tiranos o deixassem viver e guardar as ovelhas do pastor que tão asperamente punira os pensamentos só de as querer deixar. São Pedro foi, finalmente, o que no século passado apareceu a Inácio em Pamplona, mortalmente ferido de uma bala, e o sarou com sua presença, e lhe infundiu o seu espírito, para que levantasse uma nova e forte companhia em defesa da Igreja militante, contra Lutero e Calvino e os outros heresiarcas de nossos tempos, como diz a mesma Igreja: *Novo per Beatum Ignatio subsidio, militantem Ecclesiam roborasti.*

Mas, glorioso defensor da fé e autoridade romana, e também da mesma Roma e desta vossa Basílica, oitava maravilha do mundo, agora que as trombetas otomanas quase se ouvem dentro de seus muros, e já as meias-luas turquescas se divisam das torres de Itália e lhe estão batendo às portas, tempo é de outros socorros e de outras armas. Lembrai-vos, ó Pedro, que não vos disse Cristo que depusésseis a espada, senão que a metésseis na bainha, para a tirar outra vez e a empunhar quando a honra de vosso Mestre, já triunfante no céu, e a vossa providência o pedisse na terra. Esta foi a espada com que assististes fulminante ao lado de vosso sucessor, Leão, e destes tanta eficácia à sua eloquência, e metestes em tanto temor a Átila, que, não se atrevendo a dar um passo adiante, voltou as costas e as bandeiras, e confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada, e vestido de armas resplandcentes, socorrestes Alexandria, cidade da Igreja romana sitiada pelo imperador Frederico, e, capitaneando os cercados no assalto, com que debaixo de falsa trégua os invadiu repentinamente, vós, com imensa mortandade de todo o seu exército, o obrigastes fugindo a levantar o sítio. E quem assim acudiu por uma cidade da Igreja romana, que fará pela mesma Roma e pela mesma Igreja? Mas, avizinhemo-nos mais à oficina capital, onde se está fabricando e dispondo o perigo,



e entremos na mesma Constantinopla. Imperadores eram daquela sempre infensa e venenosa metrópole Bardas e Micael, os quais tinham devastado com esquisitas crueldades toda a cristandade do Oriente, quando vós, aparecendo visível aos afligidos católicos, por um dos ministros de vossa justiça que vos acompanhavam armados, não só os mandastes matar, mas fazer em postas a ambos, e assim se executou. Também era imperador de Constantinopla Alexandre Impiíssimo, o qual, olhando para as estátuas dos antigos ídolos de Roma, que tinha no seu palácio, disse: *Quandiu istas colebant Romani, potentissimi et invicti perseveraverunt*. Enquanto os romanos adoraram a estas, foram poderosíssimos e perseveraram invictos. – Mas apenas o bárbaro tinha lançado da boca esta blasfêmia, quando vós, sempre vingador das injúrias de Cristo, vos presentastes diante, dizendo: *Ego sum Romanorum Princeps Petrus*. E ao trovão desta voz, vomitando todo o sangue pela mesma boca sacrílega, caiu morto Alexandre.

Assim venceis, assim triunfais, gloriosíssimo Pedro. E se um *Ego sum* da vossa boca em Constantinopla é tão poderoso como outro *Ego sum* (Jo. 18, 5), da boca de vosso Mestre e Senhor em Getsêmani, quando esta só voz derrubou os esquadrões de seus inimigos, e quando a vossa espada, como então começou, os degolara a todos, se o mesmo Senhor vo-la não mandara meter na bainha, agora, agora é tempo de a desembainhar outra vez, ou de tornar a dizer *Ego sum*, para que trema o turco, para que se acabe Mafoma, para que as suas luas se eclipse, para que os seus exércitos desmaiem e se confundam, e para que em Constantinopla, como em Roma, e no império do Oriente, como no do Ocidente, se conheçam e se venerem só as chaves de Pedro, e com ele, e por ele, e nele o nome de Cristo. Amém.

SERMÃO DAS QUARENTA HORAS EM LISBOA,
NA IGREJA DE SÃO ROQUE
ANO DE 1642

*Quis mihi det te fratrem meum, sugentem ubera matris meae,
ut inveniam te foris, et deosculer te, et jam me nemo despiciat?*¹³⁵

SI

O tema do discurso, e a interpretação dos expositores antigos. A filosofia da consonância e da dissonância. A consonância admirável do tema, e a dissonância ainda mais admirável dos tempos.

Que ocultos são os mistérios da Escritura divina, e que grande doutor é o tempo! Não há melhor intérprete das profecias que o sucesso das coisas profetizadas, nem há discurso mais certo para alcançar o que se não entende, que o discurso dos anos. As palavras que propus, são dos famosos Cânticos de Salomão, em que nenhuma há que não esteja preñe de grandes mistérios. Todos os santos padres e doutores sagrados as entendem conformemente de Cristo, Redentor nosso, e de sua esposa, a Igreja, mas em diferentes sentidos. Santo Ambrósio, Santo Atanásio e São Gregório Papa reconhecem nelas o mistério altíssimo da Encarnação do Verbo, na qual o Filho de Deus, vestindo-se da natureza humana, aparentou conosco, e se fez irmão nosso: *Quis mihi det te fratrem meum?*¹³⁶ – São João Crisóstomo, depois de encarnado o mesmo Senhor, o reconhece já nascido, e aos peitos virginais de sua

135 Quem me fará tão ditosa, que te tenha a ti por irmão, pendente já dos peitos de minha mãe, para que eu te ache de tora, e te dê o suspirado ósculo, e ninguém mais me despreze (Cânt. 8, 1)?

136 Quem me fará tão ditosa, que te tenha a ti por irmão (Cânt. 8, 1)?



Santíssima Mãe – sua e nossa: – *Sugentem ubera matris meae*.¹³⁷ – Teodoreto, Apônio e Ruperto, não com menos propriedade das mesmas palavras, depois de encarnado e nascido, o adoraram no altar sacramentado, para alimento suavíssimo das almas, pelas mesmas portas do sentido do gosto: *Et deosculer te*.¹³⁸

Aqui pararam, e não disseram mais, os expositores antigos, sendo sem dúvida que, se alcançaram a viver na nossa idade, descobririam com a experiência e com a vista o que nós estamos vendo neste grande teatro. Não só desejava a esposa – quando ainda não tinha outro ser que o profético e figurativo – não só desejava a Igreja então ver a seu Esposo, Cristo sacramentado, mas, a respeito da sua presença sacramental, como causa, considerava nela três efeitos particulares, tão maravilhosos como novos. O primeiro, ver o mesmo Sacramento exposto e manifesto, e que saísse fora dos sacrários, donde está encerrado: *Ut inveniam te foris*.¹³⁹ – O segundo, que o fim de se desencerrar e aparecer em público, fosse um novo invento: *inveniam* – por virtude do qual ninguém mais desprezasse a mesma Igreja: *Et jam me nemo despiciat*.¹⁴⁰ – O terceiro, suspirar e desejar ardentemente que acabasse já de vir ao mundo o autor dessa grande obra, e duvidar quem seria: *Quis mihi det?*

Este é o fundamento, e este, assim dividido, será o argumento do que pretendo dizer. Para prova e evidência de tantas coisas juntas, e tão maravilhosas, nem da parte do pregador eram necessários discursos, nem da parte dos ouvintes entendimento: os olhos e a memória bastavam. Lembre-se a memória do que foi e do que viu no tempo passado, abram-se os olhos ao que é e ao que veem no presente, e esta só lembrança, e esta só vista bastará para que

137 Pendente já dos peitos de minha mãe (ibid.).

138 E te dê o suspirado ósculo (ibid.).

139 Para que eu te ache de fora (ibid.).

140 E ninguém mais me despreze (ibid.).



conheçamos, e demos graças a Deus, pela diferença tão notável de tempo a tempo. Agora me pudera eu descer do púlpito, e só com esta advertência deixar à memória e aos olhos a consonância e dissonância de tudo o que melhor se pode considerar que dizer.

A filosofia da consonância e dissonância, ainda em uma só palavra ou sílaba, é tão admirável, como pouco advertida. Sendo a consonância concórdia do som, e a dissonância discórdia, e, sendo o som um movimento sucessivo, que perde umas partes quando adquire outras, é certo que, quando a parte que soa e existe no ouvido, se ouve, a parte que passou já não se ouve, porque já não existe nem soa: como pode logo ser, que do que se ouve, e do que se não ouve, se forme a consonância ou dissonância? O como, ou modo natural desta filosofia, é que a parte do som que passou, ainda que já não soa nem existe no ouvido, existe, porém, e persevera na memória; e da parte do som passado, que persevera na memória, junta com a parte do som presente, que continua no ouvido, resulta entre o ouvido e a memória a consonância ou dissonância das vozes. Troquemos agora os sentidos, e do ouvir passemos ao ver, e entre os olhos e a memória veremos no nosso caso a mesma maravilha. Ponha-se neste formoso teatro a memória defronte da vista, e a vista defronte da memória, e, na contraposição destes dois espelhos, se verá a consonância maravilhosa do tema, isto é, da profecia com o profetizado, e a dissonância ainda mais admirável dos tempos, isto é, do passado com o presente. O passado tão descomposto, o presente tão modesto; o passado tão disforme, o presente tão reformado; o passado tão abominável, o presente tão louvável; o passado tão gentílico, o presente tão cristão: o passado tão ímpio, e o presente tão santo,

Assim que a memória e a vista me desobrigavam de quanto posso dizer. Mas, porque a sensibilidade fraca da nossa natureza não percebe os discursos e consequências do silêncio nem os encarecimentos mudos da admiração, que é a mais eloquente



retórica, sendo forçoso que eu haja de falar, para que diga alguma coisa digna do que a memória admira na vista, e do que a vista quase não pode crer à memória, recorramos à fonte e à Mãe da graça, para que com ela nos assista. *Ave Maria.*

§II

O introito *ou entrada santa da quaresma* O sanctus introitus e o santo entrudo. *Que faria a Igreja Católica com a profanação de sua entrada santa da quaresma? As calúnias sofridas pela Companhia de Jesus pela invenção da solenidade das Quarenta Horas.*

*Quis mihi det?*¹⁴¹

Assim como na entrada do templo de Salomão estava edificando um pórtico do mesmo nome, lugar também sagrado, ao qual primeiro se entrava, e dele e por ele ao templo, ou – para que usemos de melhor e mais alto exemplo – assim como no sacrossanto sacrifício do Corpo de Cristo, antes de o sacerdote subir ao altar, para primeiro na entrada, e considera onde há de entrar, com as palavras de Davi: *Introibo ad altare Dei*¹⁴² – e com profunda inclinação, batendo nos peitos, confessa a própria indignidade para tão soberanos mistérios, e este rito e sagrada cerimônia se chama o introito da Missa, assim, antes de entrar no santo tempo da quaresma, que é o tempo da penitência, e o Sacrifício, em que não só se representa o da nossa Redenção, mas nós também sacrificamos os nossos corpos ao jejum e às outras mortificações e penalidades dos sentidos, assim, digo, ordenou a Igreja antigamente, para que esta entrada não fosse súbita, e sem a devida preparação, que nos dias antecedentes aos quarenta seguintes, os altares se vestissem de luto, no canto eclesiástico cessassem as aleluias, e tudo quanto

141 Quem me fará tão ditosa (Cânt. 8, 1)?

142 Entrarei ao altar de Deus (Sl. 42, 4).



se visse e ouvisse nos ofícios divinos fossem os pregões e ensaios da mesma quaresma, os quais, como tão religiosos e pios, se chamavam o introito ou entrada santa: *Sanctus Introitus*.

Durou esta observância e costume, verdadeiramente cristão, por muitos anos, em que florescia a Igreja; mas, enfim, prevaleceram contra ele e contra ela os abusos e profanidades gentílicas, com tal excesso que as intemperanças dos jogos furiosos de Baco, chamados por *isso bacchanalia*, se passaram para estes mesmos dias, e, porque Luso, filho do mesmo Baco, foi o que deu o nome à nossa Lusitânia, nela, como peste hereditária, não lançaram menores raízes. Chegou a tanto o desprezo da mesma cristandade entre os cristãos nestes dias, qual São Pedro Crisólogo, arcebispo de Ravena, o descreve dos gentios de sua diocese, no primeiro dia do ano. Diz que inventou o demônio aqueles, que ele chama portentos de impiedade e doidice, e a que fim? Ouçamos as palavras do mesmo santo, que, parece, falavam de nós e conosco: *Ut ridiculum de religione componeret, ut in sacrilegium verteret sanctitatem, ut de honore Dei Deo pararet injuriam*. – Tudo o que a Igreja tinha instituído nestes dias, era religião, era santidade, era honra de Deus. E estava tão trocado e profanado tudo, que o que era honra de Deus, se tinha convertido em injúrias do mesmo Deus: *Ut de honore Dei Deo pararet injuriam* – o que era santidade, se tinha transformado em sacrilégios: *Ut in sacrilegium verteret sanctitatem* – e do que era religião se tinha composto o ridículo: *Ut ridiculum de religione componeret*. – E que ridículo foi este, composto do que era religião? Foi o nome que todos sabemos, mas não sei se reparávamos na composição dele. Estes dias, pelas obras religiosas e pias, com que neles se preparavam os cristãos para entrar no tempo santo da quaresma, chamavam-se, como dissemos, *sanctus introitus* – e os mesmos cristãos depravados, por desprezo e por matéria de riso, tinham composto do mesmo nome outro, tão ridículo, que, em lugar de lhe chamarem *sanctus introitus*, lhe chamavam *santo*



entrudo. Não me atrevera a nomear deste lugar tal indecência, se não fora tanto do nosso caso, e do que logo hei de dizer sobre ela.

E que faria a Igreja Católica, assim desprezada e afrontada no meio de tantos escândalos, tão contínuos, tão públicos, e tão alheios da modéstia, compostura, temperança e sobriedade cristã? Chorava, gemia, e suspirava pelo remédio: *Quis mihi det?* – Mas não havia quem lho desse. Passavam uns pontífices e outros pontífices, e desprezavam-se suas censuras; passavam uns reis e outros reis, e desobedeciam-se seus decretos; nasciam e cresciam umas e outras religiões, e seus santíssimos patriarcas, e, posto que todos pregavam com celestial espírito e zelo contra estas impiedades, elas não só não admitiam cura, mas, como convertidas em natureza, se reputavam incuráveis. Porém, como a providência divina, para maior ostentação de sua onipotência, se preza de obrar as coisas maiores por meio dos instrumentos mais pequenos, assim como para derrubar o gigante filisteu escolheu entre os filhos de Jessé o último e de menor idade, que foi Davi, o qual, armado só do nome de Deus de Israel, como ele mesmo lhe disse, lhe cortou a cabeça, e a levou em triunfo, assim entre todas as sagradas religiões, escolheu Deus a de menor idade, e ainda menor que menor, a mínima Companhia de Jesus, para, em virtude do mesmo Nome Santíssimo, derrubar, degolar e triunfar deste monstro, composto de todos os vícios, tão abominável em si, como na composição ou descomposição de seu nome.

Começou a Cristandade a dar-se o parabém deste novo e admirável invento; mas, sofrendo mal a emulação que fosse autora e inventora dele uma religião tão nova, houve quem caluniasse satiricamente esta mesma solenidade das Quarenta Horas, dizendo com mordacidade discreta, se não fora ímpia, que os padres da Companhia, porque não tinham santos a quem festejar, festejavam o santo entrudo. Verdadeiramente, Senhor, que a constelação com que nascestes sacramentado neste mundo foi de que nunca

vos houvessem de faltar traidores! Sacramentou-se Cristo na mesma noite em que o estavam entregando: *In qua nocte tradebatur* (1 Cor. 11, 23) – e sacramentou-se com profecia de que o haviam de entregar: *Quod pro vobis tradetur* (ibid. 24). – Quanto à primeira parte da calúnia, já a Companhia, por mercê de Deus, tem santos, a que também festeja; já os seus altares estão bastantemente autorizados de santos confessores, e os seus mártires são tantos, que não cabem nos altares. E quanto ao ridículo da segunda parte: *Ut ridiculum de religione componeret* – saiba o juízo onde se forjou esta mal limada agudeza, que quando a Companhia não viera ao mundo mais que para lhe dar esta volta, seria bem empregado o seu instituto, e, quando o espírito e zelo, de que Deus por sua bondade a dotou, não tivera obrado outra coisa grande, bastava este só milagre, que estamos vendo, para a canonizar por santa. Mas, antes que passemos a esta demonstração, que será a coroa do nosso discurso, sigamos por sua mesma ordem as palavras do tema.

§ III

A traça, o artifício e a eficácia do invento da Companhia de Jesus para que se tornem a Deus os que, tão esquecidos da cristandade, andavam tão fora de Deus, saia Deus também, e apareça fora, Por que razão Cristo nasce em Belém, não dentro, senão fora da cidade? A aparição fabulosa de Netuno para salvação de Troia, e a aparição verdadeira de Cristo para salvação de Lisboa.

Já vimos quem foi o inventor: *Quis mihi det?* Seguem-se agora a traça, o artifício e a eficácia do invento: *Ut inveniam* – O invento foi, diz a mesma Igreja, que o mesmo Cristo Sacramentado, que nestes dias tinha razão para se ausentar de nós, aparecesse em público, e, descerrado do interior dos sacrários, onde estava oculto, saísse fora: *Ut inveniam te foris*: Diremos logo que, porque o mundo nestes dias andava tão fora de si, quis também o Senhor do mesmo



mundo sair fora? Sim, e não foi esta a vez primeira. Ouçamos ao grande doutor da Igreja, Santo Ambrósio, sobre o *foris* do nosso tema: *Foris factus est, qui erat intus*.¹⁴³ O Filho de Deus, que estava dentro, saiu fora. – E onde estava dentro, e quando saiu fora? O mesmo santo: *Vide illum intus, quando legis quod in sinu est Patris: agnosce illum foris, quando nos quaesivit, ut redimat*: Estava o Verbo Divino dentro, quando estava oculto no sacrário do seio do Padre: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*¹⁴⁴ – E saiu fora quando, vestido de nossa carne para nos salvar, nos veio buscar ao mundo: *Exivi a Patre, et veni in mundum*.¹⁴⁵ – Vai por diante o mesmo Ambrósio: *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset*: Saiu fora de si, para estar dentro em mim.

O fim das saídas foram e são as entradas: Já fora e já dentro o mesmo Cristo, mas com efeitos sempre mais maravilhosos, ou encarnado, ou comungado, ou desencerrado e exposto. Encarnado, sai de si para entrar em nós: *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset*; – comungado, sai de si para que nós entremos nele: *In me manet, et ego in illo*.¹⁴⁶ e desencerrado e exposto, sai a nós, para que nós entrássemos em nós: *Ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciat*. – Recorramos à memória, e ela nos dirá quão fora de Deus e quão fora de si andavam os homens nestes dias. Andavam tão fora de Deus, que não pareciam cristãos; e andavam tão fora de si, que não pareciam homens. Pois, para que tornem em si os que, esquecidos da humanidade andavam tão fora de si, e para que se tornem a Deus os que, tão esquecidos da cristandade andavam tão fora de Deus, saia Deus também, e apareça fora: *Ut inveniam te foris*.

143 Ambr. de Inst. Virg. cap. I.

144 O Unigênito, que está no seio do Pai (Jo. 1, 18).

145 Saí do Pai, e vim ao mundo (Jo. 16, 28).

146 Esse fica em mim, e eu nele (Jo. 6, 57).



Nasce Cristo em Belém, e não dentro, senão fora da mesma cidade: *Non erat ei locus in diversorio*.¹⁴⁷ – Mas por que razão em Belém, e não dentro, senão fora? Para inteligência do que hei de responder, é necessário supor duas coisas: uma, que sabem todos os doutos; outra que poucos têm advertido. A primeira, é que Cristo, Senhor nosso, tem dois corpos, um natural, outro místico, e ambos verdadeiros. O natural é o que nasceu no presépio e morreu na cruz; o místico é a congregação universal de todos os fiéis, por outro nome, a Igreja, cuja cabeça é o mesmo Cristo, e os fiéis somos os membros. Esta suposição é de fé expressa em muitos lugares de São Paulo: *Vos autem estis corpus Christi, et membra de membro*.¹⁴⁸ – E em outro lugar: *Quia membra sumus corporis ejus, etc.*¹⁴⁹ – A segunda coisa, também certa, e de poucos advertida, é que o corpo natural de Cristo foi figura de seu corpo místico, de tal sorte, que as ações de sua vida eram profecias dos sucessos futuros da sua Igreja.

As ações de Cristo, Senhor nosso, no tempo em que viveu neste mundo, demonstravam somente o que eram e o que obra-
vam; mas, para os tempos futuros da sua Igreja, em que entram os nossos, significavam o que então havia de ser, e o que o mesmo Senhor havia de obrar nela. Assim se colhe de outro texto do mesmo São Paulo, no qual diz que a idade do corpo místico de Cristo, que é a Igreja, se há de medir pela idade do corpo natural do mesmo Cristo, e que nela há de ter o seu complemento. Isso querem dizer aquelas palavras: *In mensuram aetatis plenitudinis Christi*.¹⁵⁰ – E neste sentido as declarou literalmente o eminentíssimo Cardeal Guzano, autor não só sapientíssimo, mas extático, em tratado particular desta matéria, escrito há perto de trezentos

147 Não havia lugar para ele na estalagem (Lc. 2, 7).

148 Vós outros, pois, sois corpo de Cristo, e membros uns dos outros (1 Cor. 12, 27).

149 Porque somos membros do seu corpo (Ef. 5, 30).

150 Segundo a medida da idade completa de Cristo (Et. 4, 13).

anos. Isto suposto, torne agora a nossa questão. Cristo nasceu em Belém, e não dentro, senão fora da cidade; e se ele, como Senhor de tudo, nasceu onde quis, e como quis, por que razão em Belém, e por que razão não dentro, senão fora?

Quanto à primeira parte, Santo Agostinho, São Gregório Papa, São Bernardo, e todos os santos comumente, dizem que quis o Senhor nascer em Belém, porque Belém quer dizer: *Domus panis*: casa de pão; em profecia, que debaixo de espécies de pão havia de tornar a nascer outra vez, como nasceu, no último dia de sua vida, e nasce todos os dias, por virtude das palavras da consagração, no Santíssimo Sacramento do altar. Este foi o mistério de nascer em Belém. E o mistério de nascer não dentro, senão fora da mesma casa de pão, era profecia também, que viria tempo em que debaixo das mesmas espécies lhe seria necessário sair fora, como desejava a Esposa: *Et inveniam te foris* – a fim – como ela também diz – porque, saindo assim em público, conseguiria a presença de sua majestade o respeito que os homens tinham perdido à sua Igreja: *Et jam me nemo despiciat*.

Digam, agora, os olhos e a memória, se é isto o que vimos, e o que vemos. Mas, porque ainda visto parece fábula, vejamos em um espelho, também fabuloso, a causa de tão estranha mudança. Naquela grande tempestade, em que segunda vez se viu perdida Troia, e também perdida Roma, antes de o ser – porque nas ruínas de uma, naufragavam os fundamentos da outra –, introduz o príncipe dos poetas latinos ao deus Netuno, que saíra em pessoa a pôr em paz a tormenta; e para representar que o mesmo foi aparecer o deus sobre as ondas, que parar subitamente a fúria dos ventos discordes, traz esta comparação:

*Ac veluti magno in populo cum saepe coorta est
Seditio saevitque animis ignobile vulgus;
Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat;*



*Tum, pietate gravem, ac meritis si forte virum quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus adstant.*¹⁵¹

Vistes o que cada dia acontece nos povos e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga, ou arruído súbito, que na campanha se pudera chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se oferece às mãos: chovem os golpes, voam as pedras; uns ferem, outros caem; todos correm e acodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa; uns, incitados do ódio e da ira, outros sem ira, nem ódio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão, No meio, porém, deste tumulto popular, se aparece uma personagem de grande autoridade e respeito, no mesmo ponto abatem todos as armas, embainham as espadas, aparta-se sem outra violência a briga, e não há quem se mova. – Tal aconteceu naquela tempestade do mar – diz o poeta – tanto que apareceu o deus Netuno, e muito melhor direi eu: tal é o que se viu nas nossas tempestades da terra tão furiosas, tanto que apareceu no meio delas o Deus verdadeiro. Que era Lisboa, que era o mundo nestes dias, senão um mar tempestuoso e uma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, desenfreava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o siso. E com estes quatro ventos tão soltos e furiosos, que ondas se não levantavam entre os homens de afrontas e injúrias malsofridas?

Que naufrágios não faziam a compostura e urbanidade política, a modéstia e a caridade cristã, e a mesma vida, sem causa nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos deste destroço a água, o fogo, o ferro, as pedras, e tudo o que podia inventar a loucura e ocorrer ao furor; enfim, propriamente e sem metáfora: *Faces et saxa volant; furor arma ministrat?* – E quem imaginara que toda esta tempestade a havia de serenar uma

151 Virg. Aen. lib.I, 148-152.



nuvem, da qual mais naturalmente se podiam esperar ou temer raios? Mas assim a serenou, com o silêncio e atenção que vemos: *Silent, arrectisque auribus adstant.* – Porque naquela nuvem branca apareceu, sem aparecer, o Senhor do mar e dos ventos: *Qualis est hic, quia venti et mare obediunt ei?*¹⁵²

§ IV

Os apóstolos da primeira Companhia de Jesus na tempestade de Tiberíades, e os apóstolos da segunda Companhia de Jesus na tempestade do mundo. Qual foi a razão, ou o mistério, por que ordenou o Senhor que, ao milagre de multiplicar pães, sucedesse imediatamente o de aplacar a tempestade? Advertência aos hereges.

Já nestas últimas palavras tenho feito cristã a comparação fabulosa. Pela travessa do mar de Tiberíades navegava Cristo com os apóstolos, quando se levantou uma tal tempestade que eles, com serem criados no mar, se deram por perdidos. O Senhor no mesmo tempo dormia: *Ipse vero dormiebat* (Mt. 8, 24). – Espertaram-no a grandes vozes, dizendo: *Salva nos, perimus.*¹⁵³ – E que faria e diria aquela vigilante providência, que ainda quando dorme não dorme? Aos apóstolos repreendeu os de pouca fé: *Modicae fidei;* – ao vento, mandou-lhe que parasse; ao mar, que se não bulisse; e no mesmo ponto, o que era furiosa tempestade, ficou a mais sossegada bonança: *Imperavit ventis, et mari, et facta est tranquillitas magna.*¹⁵⁴ – Em tudo foram semelhantes aquele caso e o nosso; porém, no nosso maior a tempestade, maior o milagre, e maior a fé. Maior a tempestade, porque a daquele dia levantaram-na os mares e os ventos, que sempre obedecem a seu criador; a destes dias

152 Quem é este, que os ventos e o mar lhe obedecem (Mt. 8, 27)?

153 Salva-nos, que perecemos (ibid. 25).

154 Pôs preceito ao mar, e aos ventos, e logo se seguiu uma grande bonança (ibid. 26).



levantava-a o apetite, a paixão e o livre alvedrio humano, cuja rebeldia só pode resistir a Deus, e dizer-lhe na cara: Não quero.

Maior o milagre, porque lá foi necessário espertar Cristo do sono, levantar-se, aparecer visível aos dois elementos, repreendê-los, como diz São Lucas: *Increpavit* (Lc, 8, 24) – e mandar-lhes, com império, que sossegassem: *Imperavit ventis* – Porém, cá, sem aparecer nem se mostrar visível, sem falar, sem repreender, sem mandar, e sem acordar do sono, sendo tantos os elementos alterados quantos são os homens, todos se sossegaram em um momento, e se puseram na paz, que vemos. E disse, sem espertar do sono, porque o sono não é outra coisa que uma doce prisão de todos os sentidos do corpo, e tal é o estado do Corpo de Cristo no Sacramento, por força do modo sacramental – a que os teólogos chamam *ubi definitivo* – e, posto que o Senhor ali nos está vendo sempre com os olhos da divindade, enquanto Deus, e com os olhos da alma, enquanto homem, os do corpo não só lhos vendou o nosso amor, mas lhe embargou juntamente de todos os outros sentidos o uso.

Finalmente, foi maior a fé, porque a fé dos apóstolos naquele tempo era muito fraca: *Modicae fidei*. – Muito fraca, porque cuidaram que Cristo podia menos dormindo que acordado; muito fraca, porque, bastando a vontade do Senhor somente para o milagre, foram necessárias todas aquelas ações exteriores e visíveis, para que eles cressem que a obediência dos ventos era efeito do seu império, e por isso lhes tornou a dizer então: *Ubi est fides vestra?*¹⁵⁵ – Em suma, muito fraca, porque, como afirma expressamente, entre os padres antigos, São Crisóstomo, e entre os expositores mais graves, Dionísio Cartusiano, os apóstolos naquele tempo ainda não criam a divindade de Cristo. E quando os apóstolos da primeira Companhia de Jesus na tempestade de Tiberíades, que era um lago, tiveram tão pouca fé, a fé dos apóstolos da segunda

155 Onde está a vossa fé (Lc. 8, 25)?



Companhia do mesmo Jesus – nome que ela deve a Portugal – foi tão grande, tão animosa, tão firme que, sendo a tempestade maior que o mar, e tão imensa como o mundo todo, creram, entenderam e supuseram com evidência que, para o mesmo Senhor a sossegar em um momento, não era necessário acordar, nem levantar-se, nem falar, nem mandar, nem mostrar-se visível, nem correr aquela cortina, que o leito da barca não tinha; mas, debaixo, e coberto dela, sair somente fora: *Ut inveniam te foris*.

Este sim, que foi o maior triunfo do Sacramento do Corpo de Cristo, e se pode dizer com razão, que permitiu Deus esta grande tempestade só para estabelecer a fé do mesmo Sacramento. Depois do famoso milagre da multiplicação dos pães no deserto, seguiu-se imediatamente o milagre de outra tempestade, que padeceu a barca de São Pedro, a qual o mesmo Cristo sossegou com sua presença. E por que não se pudesse cuidar que a consequência destes dois milagres sucederia acaso, notam os evangelistas que, obrado o primeiro milagre em terra, logo o Senhor dispôs o segundo, que havia de obrar no mar, obrigando os discípulos, por força, a que se embarcassem: *Et statim coegit discipulos suos ascendere navim* (Mc. 6, 45) – diz um evangelista. E outro: *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam* (Mt. 14, 22). – Notem-se as duas palavras, *coegit* e *compulit*, que ambas significam a resistência dos discípulos, o empenho do Mestre, e ser a viagem forçada. Qual foi logo a razão, ou mistério, por que ordenou o Senhor que ao milagre de multiplicar os pães, sucedesse imediatamente – *statim* – o de aplacar a tempestade? Admiravelmente o descobriu São Marcos: *Cessavit ventus, et plus magis intra se stupebant: non enim intellexerunt de panibus* (Mc. 6, 51 s): Tanto que viram cessar a tempestade, pasmaram muito mais todos, e pasmaram porque não tinham entendido o milagre dos pães. De sorte que ordenou o Senhor que, ao milagre da multiplicação dos pães, sucedesse imediatamente o da tempestade sossegada com sua presença, para que o testemunho do



segundo milagre confirmasse a verdade do primeiro, e a evidência da tempestade aplacada, que viam, lhes ensinasse o mistério dos pães multiplicados, que não entenderam: *Non enim intellexerunt de panibus.* – Ora, vede.

O milagre dos pães multiplicados foi o primeiro ensaio, ou a primeira prova do Sacramento, porque, assim como Cristo multiplicou o pão, e com ele multiplicado sustentou tantos mil homens, assim, debaixo das espécies de pão, havia de multiplicar o Sacramento de seu corpo, que no mesmo Sacramento está multiplicado em todas as partes do mundo. Tanto assim que, sobre aquele mesmo milagre, como consta do capítulo sexto de São João, assentou Cristo toda a fé e doutrina do que ele ensinou, e nós cremos do Santíssimo Sacramento do Altar. Sobre aquele milagre disse: *Hic est panis qui de caelo descendit*,¹⁵⁶ sobre aquele milagre disse: *Caro mea vere est cibus*,¹⁵⁷ sobre aquele milagre disse: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum*¹⁵⁸ – E, como os discípulos não entenderam os mistérios ocultos do pão multiplicado, por isso o Senhor ajuntou logo ao milagre do pão multiplicado o da tempestade sossegada só com a sua presença, para que a experiência manifesta do milagre que viam, os instruisse e confirmasse na fé do que não entenderam: *Cessavit ventus, et plus magis intra se stupebant: non enim intellexerunt de panibus*.¹⁵⁹

Mas com quem falarei eu agora? Passo da terra ao mar, e falo convosco, ó navegantes dessas naus setentrionais, que de todos os portos do norte vos achais agora no de Lisboa. Muitos de vós, enganados por Calvino, por Beza, por Zwínglio, e pelos outros hereges,

156 Aqui está o pão que desceu do céu (Jo. 6, 59).

157 A minha carne verdadeiramente é comida (ibid. 56).

158 O que come deste pão viverá eternamente (ibid. 59).

159 E cessou o vento, e eles ainda mais se espantavam no seu interior do que viam, pois ainda não tinham conhecido o milagre dos pães (Mc. 6, 51 s).

negais a fé e verdade da presença de Cristo no Sacramento. E que vos direi eu para vos convencer? Lembrai-vos do que vistes neste mesmo empório, e nestes mesmos dias, e abri os olhos ao que agora podeis ser. Lembrai-vos da tempestade que nestes dias vistes em Lisboa, maior que todas as que experimentastes no mar, e por medo da qual vos não atrevíeis a sair em terra; e, se algum saía, ou tomava ferido, ou não tornava. E vendo agora a tempestade convertida em tão estupenda bonança, toda aquela guerra em paz, todo aquele tumulto em silêncio, todas aquelas doidices em siso, e toda aquela confusão e perturbação das ruas e praças em piedade, em devoção, e em culto divino nas igrejas, com a vista defronte da memória, e os efeitos à vista da causa, deste segundo e tão evidente milagre, não podereis negar a fé e verdade do primeiro. Obrigados, pois, a conhecer e confessar, apesar da heresia e do inferno, que dentro daquele círculo breve, e debaixo daqueles acidentes, que parecem de pão, está realmente presente o verdadeiro e todo-poderoso Deus, pois só a sua onipotência podia obrar uma tão prodigiosa mudança, sem outro instrumento ou meio natural e humano, mais que abrirem-se as portas ao sacrário, onde o diviníssimo Sacramento estava encerrado, e sair fora: *Ut inveniam te foris.*

§V

A mudança súbita, e tão digna de reparo, que se seguiu à morte de Cristo na cruz depois do golpe da lança. O lado aberto de Cristo e o Sacramento da Eucaristia.

O que a Igreja Católica – deixados os hereges – se prometia deste novo e milagroso invento, era que ninguém depois dele a desprezaria: *Et jam me nemo despiciat* – e, tornando a falar conosco, mostremos aos olhos este milagre, e fechemos todo o discurso com uma chave, se eu me não engano, de ouro. Pregado Cristo



na cruz, era tão desumano o ódio de seus inimigos, que ainda ali lhe multiplicavam as dores, as injúrias, as afrontas, e, com várias ilusões e alusões ao que tinha dito em vida, as blasfêmias. Blasfemavam-no os escribas e fariseus, blasfemavam-no os príncipes dos sacerdotes, blasfemavam-no os soldados, que lhe jogaram as vestiduras, blasfemavam-no todos os que assistiam no Calvário, e até os que passavam de longe lhe não perdoavam as blasfêmias: *Praetereuntes blasphemabant eum* (Mt. 27, 39).

Expirou, enfim, o Senhor mais depressa do que se imaginava. Quis-se assegurar um soldado de que estava morto, abrindo-lhe o peito com a lança: *Unus militum lancea latus ejus aperuit* (Jo. 19, 34). – Saíram da ferida sangue e água: *Exivit sanguis et aqua* – e, desde o mesmo ponto, se trocaram as coisas, de sorte que aos opróbrios sucederam obséquios, às afrontas honras, às injúrias e blasfêmias venerações não imaginadas. Esta foi a mudança súbita, e tão digna de reparo, que o mesmo evangelista anotou, e quis que todos a advertissem. Acabava de narrar o ato cruel da lançada, e logo acrescenta, com ponderação enfática: *Post haec autem* (ibid. 38): Porém, depois disto. – E depois disto, que foi? Tudo o contrário do que dantes tinha sido.

Três vezes repete São João o *autem*, ou o porém da diferença: *Post haec autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathaea. Venit autem et Nicodemus, qui venerat ad Jesum nocte. Erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus: et in horto monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.*¹⁶⁰ – Antes dagora os discípulos públicos e conhecidos fugiram; *post haec autem* – porém agora, os discípulos, que eram ocultos, se publicaram e declararam desordenadamente pela sua parte, e em serviço de seu Mestre e Senhor. Até agora não havia

160 E depois disto José de Arimateia rogou a Pilatos. E Nicodemos, o que havia ido primeiramente de noite buscar a Jesus veio também. No lugar, porém, havia um horto, e neste horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado (Jo. 19, 38.39.41).

quem se atrevesse a falar por ele uma palavra, nem a lhe dar uma sede de água; *post haec amem*: porém, agora *audacter* (Mc. 15, 43) – animosamente, e sem temor, entraram pelo pretório de Pilatos a demandar o sagrado corpo, para lhe dar honorífica sepultura. Até agora tinha mandado Pilatos que, para morrer mais depressa, lhe quebrassem os ossos, como aos outros dois crucificados: *Ut frangerentur eorum crura, post haec amem* (Jo. 19, 31); porém agora, o mesmo Pilatos, não só concedeu liberalmente o que era vedado a todos os que morriam por justiça, mas fez doação do corpo defunto, como diz São Marcos: *Donavit corpus Joseph*¹⁶¹ para que se lhe fizessem as exéquias e honras públicas, sucedendo à desnudez as holandas, às feridas os bálsamos e aromas, e à pobreza e desamparo, o culto, a veneração e a pompa funeral: *Sicut mos est judaeis sepelire*.¹⁶² *Vir bonus et justus*,¹⁶³ concorreu a riqueza: *Quidam homo dives*,¹⁶⁴ concorreram a liberalidade, ou, mais propriamente, a prodigalidade: *Ferens mixturam myrrhae, et aloes, quasi libras centum*,¹⁶⁵ concorreu, finalmente, em tudo, o asseio, o primor, o preço, a decência, e a novidade, não havendo coisa que houvesse tido outro uso, ou servisse a outrem: a mortalha nova: *Mercatus sindonem*,¹⁶⁶ e a sepultura nova: *Monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat*.¹⁶⁷

Ao nosso ponto agora. Suposto que esta mudança tão natural de afrontas e desrezos de Cristo, em obséquios e venerações do mesmo Cristo se seguiu imediatamente ao golpe da lança:

161 Deu o corpo a José (Mc. 15, 45).

162 Da maneira que os judeus têm por costume sepultar os mortos (Jo. 19, 40).

163 Varão bom e justo (ibid. 50).

164 Um homem rico (Mt. 27, 57).

165 Trazendo uma composição de quase cem libras de mirra e de áloes (Jo. 19, 39).

166 Tendo comprado um lençol (Mc. 15, 46).

167 Um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado (Jo. 19, 41).



Post haec autem – que segredo, que mistério, ou que efeito obrou aquela lançada, para que dela resultasse uma tão prodigiosa mudança? Porventura foi a chaga do lado que se abriu no peito do Senhor? Não foi a chaga que se abriu, mas foi o que por ela logo saiu: *Continuo exivit sanguis et aqua*.¹⁶⁸ – Ora, vede. Todos os santos padres, sem exceção alguma, dizem que, assim como do lado de Adão dormindo tirou Deus a costa, de que formou a Eva, assim do lado de Cristo morto saíram os Sacramentos, de que formou sua Esposa, a Igreja. Mas entre esses mesmos sacramentos houve uma grande diferença, porque os outros sacramentos saíram do lado de Cristo simbolicamente, e só em representação; o Santíssimo Sacramento do altar saiu em realidade. O que saiu foi sangue e água: e aquele sangue é realmente o mesmo que adoramos no cálix; e o cálix usual, em que Cristo o consagrou, e nós o consagramos, também levou e leva juntamente água. E como, aberto o lado de Cristo, saiu fora o Santíssimo Sacramento: *Exivit sanguis et aqua* – por isso no mesmo ponto as afrontas e desprezos de Cristo cessaram, e se converteram em obséquios e venerações, que é o que a Esposa esperava, e dizia: *Ut inveniam te foris, et jam me nemo despiciat*.¹⁶⁹

Notou neste caso Santo Agostinho, que não disse o evangelista que o soldado feriu o lado, senão que o abriu: *Non dixit percussit, aut vulneravit, sed aperuit*. – E disse *aperuit* com grande mistério, acordo e advertência, como acrescenta o mesmo santo: *Vigilanti verbo* – porque no sacrário do peito de Cristo estava encerrado o diviníssimo Sacramento, e, tanto que as portas do mesmo sacrário se abriram com o ferro da lança, que foi a chave: *Lancea latus ejus aperuit* – assim como no mesmo ponto – *continuo* – saiu fora, não em figura, senão em realidade, e em sua própria substância o

168 Imediatamente saiu sangue e água (Jo. 19, 34).

169 Para que te ache de fora, e ninguém mais me despreze (Cânt. 8, 1).



Sacramento: *Exivit sanguis et aqua* – assim, no mesmo ponto em que ele saiu, entraram os homens em si, e se seguiram as maravilhas de tão prodigiosa mudança: *Post haec autem*. – Deste modo o tinha eu imaginado, não sem grande dor, de não ter quem me confirmasse a novidade do pensamento, quando fui achar que, há perto de seiscentos anos, o tinha escrito Ruperto Abade, o mais douto e agudo expositor do seu tempo, por estas palavras expressas: *De patefacto Christi lacere sanguinis et aquae, sacramentum productum est, et exinde statim Ecclesia reformatar.*¹⁷⁰ Todas as palavras dizem o que eu quero dizer, o que tenho dito, e o que diz o texto.

Note-se muito o *statim*, que é o *continuo*; o *exinde*, que é o *post haec*; o *productum*, que é o *exivit*; o de *patefacto latera*, que é o abrir-se o sacrário: *Lotus ejus aperuit*; o *exivit sanguis et aqua*, que é o aparecer o Sacramento em suas próprias espécies: *sacramentum productum est*; e, sobretudo, a diferença do *post haec autem*, porque a Igreja, que por este soberano invento se prometia não ser mais desprezada como dantes: *Et jam me nemo despiciat* – assim o experimentou imediatamente: *Et exinde statim Ecclesia reformata*. – A Igreja até agora, nestes dias, não só estava disforme, mas informe: disforme, porque tinha perdido a sua formosura; e informe, porque tinha perdido a sua própria forma, parecendo mais gentílica, que cristã; mas, tanto que viu fora o diviníssimo Sacramento, de que, perdido tudo o mais, não tinha perdido a fé, o vê-lo fora – *Ut inveniam te foris* – foi o mesmo que entrar ela dentro em si, e ficar tão outra, tão mudada, tão diferente do que pouco antes era, e tão reformada e transformada no que dantes tinha sido, como a vemos: *Et exinde statim Ecclesia reformata*.

170 Rupert. lib. 2, De Operibus Spirit. S. Cap. 19.

§ VI

O mistério do sangue e água do lado de Cristo. Por que razão saiu primeiro o sangue, e depois a água? O sangue do Sacramento e a água do Batismo. Por que não se havia de expor nestes dias o Santíssimo Sacramento na hóstia, senão no cálix? A semelhança da enfermidade com o remédio. O cálix gentílico da intemperança, incompostura e embriaguez, e o cálix cristão da sobriedade e contingência. As divinas embriaguezes do cálix de Cristo. Por que o mesmo Deus no seu Sacramento, e em si mesmo sacramentado, quando sai fora, se admira da mudança que faz nos homens? As cidades babilonizadas pelo cálix das abominações.

Ainda não está esgotado o mistério do sangue e água. Assim como Ruperto, e outros doutores, pela união da água elementar; que se consagra no cálix – qual foi a que saiu do lado – supõe nela, e no sangue, um só Sacramento, que é o da Eucaristia, assim outros, porque estes dois sagrados licores saíram divididos e distintos, um primeiro e outro depois, na água reconhecem o sacramento do Batismo, e no sangue o Santíssimo do Altar. *Non casu et simpliciter hi fontes scaturiunt, sed quoniam ex ambobus Ecclesia constituta est: sciunt hoc initiati, per aquam enim regenerati, per carnem et sanguinem nutriti.*¹⁷¹ Não acaso, senão com altíssimo conselho – diz São João Crisóstomo – brotaram do peito aberto de Cristo duas fontes, uma de água, outra de sangue, como sabem todos os cristãos: pela água, que é matéria do sacramento do Batismo, somos todos regenerados; e pelo sangue, que é a do Sacramento do altar, sustentados. – O mesmo diz São Jerônimo, São Cirilo Alexandrino, e Tertuliano, em mais breves palavras: *Ut qui aqua se lavassent, etiam sanguinem potassent.*¹⁷² Mas desta mesma sentença, tão recebida, resulta uma

171 Chrysostom. homil. 84, in Joan.

172 Tertul. de Bapt. cap. 16.



bem-fundada dúvida. Primeiro é o sacramento do Batismo que o do altar. Assim o acaba de dizer Tertuliano; assim o notou o mesmo São Crisóstomo: *Nam prius diluimur, postea misterio dedicamur.* – Assim o significou a figura do Velho Testamento, porque primeiro chovia o céu o orvalho, em significação do Batismo, e depois caía do mesmo céu o maná, em representação do divino Sacramento. Logo, do mesmo modo, e pela mesma ordem, primeiro havia de sair do lado de Cristo a água, e depois o sangue; pois, por que razão saiu primeiro o sangue, e depois a água: *Exivit languis et aqua?*

Em outras ocasiões tem esta dúvida outras respostas; porém, na ocasião presente, pedia a verdade do mistério, e a evidência do efeito, que primeiro saísse o Sacramento da Eucaristia no sangue, e depois o do Batismo na água. Por quê? Porque o mundo nestes dias tinha-se feito gentílico, seguindo as festas, ou as fúrias de Baco – por isso chamadas *bachanalia* –, e como não houve outro remédio para as emendar e destruir, senão o de sair fora o Santíssimo Sacramento, não só representado, mas presente no sangue: *Exivit sanguis* – por isso o Batismo, representado na água, não podia vir nem aparecer antes do mesmo Sacramento, senão depois: *Exivit sanguis et aqua.* – Esta foi a consequência do efeito, e esta a energia do mesmo batismo, mais vivamente declarada em seus próprios termos. Como o mundo, nas profanidades destes dias, se tinha desbatizado e feito gentio, e, por virtude do Santíssimo Sacramento sair fora, se havia de tornar a rebatizar e fazer outra vez cristão, que é o que estamos vendo, claro está que o efeito milagroso do mundo convertido rebatizado não havia de aparecer nem sair antes do Sacramento, senão imediatamente depois. E este depois, é o depois do evangelista, tão ponderado na diferença dos efeitos: *Post haec autem.*

Mais ainda, porque ainda falta a coroa de todo o mistério. E saiu do sacrário do lado o diviníssimo Sacramento, não na



primeira espécie e substância, que é a do corpo e da hóstia, senão na segunda, que é a do sangue e do cálix: *Exivit sanguis* – porque na primeira transubstancia-se o corpo debaixo das espécies de pão, e na segunda, o sangue debaixo das espécies de vinho. Assim o dizemos na Missa: *Per hujus aquae et vini mysterium*.¹⁷³ – E como o vinho era a matéria dos sacrifícios profanos e embriaguezes de Baco, pertencia a vitória das bacanálias mais própria e mais naturalmente àquela parte do Sacramento que se consagra debaixo da mesma matéria. Por esta propriedade e proporção tão admirável, se eu tivera autoridade para fazer a troca, não se havia de expor nestes dias o Santíssimo Sacramento na hóstia, senão no cálix. O cálix, cercado de raios, como raio que antes do dia da cinza desfez em cinzas este monstro, servindo-lhe o mesmo monstro de peanha, é o que havia de aparecer triunfante naquele trono. Funda-se a minha razão na semelhança da enfermidade com o remédio, e na da matéria vencida com a vencedora. Assim como é próprio da medicina natural curar contrários com contrários: *Contraria contrarias curantur* – assim é glória, e a mais heroica, da onipotência divina, curar semelhantes com semelhantes. Curou Deus as mordeduras das serpentes no deserto; curou o veneno universal da árvore vedada no Calvário; curou a raiz de todos os males humanos, que é a carne e sangue no mesmo Sacramento. E com quê? Semelhantes com semelhantes. As serpentes com serpente: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto*;¹⁷⁴ a árvore com árvore: *Ut qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur*;¹⁷⁵ a carne e sangue, com a carne e sangue: *Caro mea vere est cibos, et sanguis meus vere est potus*.¹⁷⁶ – Logo, não seria só maior propriedade, senão energia e

173 Por este mistério do vinho e da água.

174 Como Moisés no deserto levantou a serpente (Jo. 3, 14).

175 Para que o que venceu no lenho, fosse pelo mesmo lenho vencido.

176 A minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida (Jo. 6, 56).



elegância grande, na mesma vitória vista pelos olhos, se de semelhante a semelhante triunfasse um cálix do outro: o cálix sagrado do profano; o cálix cristão do gentílico; o cálix da sobriedade e continência – *num germinans virgines*¹⁷⁷ – que a fé adora nos altares do verdadeiro Deus, do cálix da intemperança, descompostura e embriaguez, em que a gula bebia e desbaratava o siso nas mesas de Baco.

E por que não pareça que, pela vileza da palavra embriaguez, se desprezará Cristo da vitória, como menos decente a mistério tão sagrado, o mesmo Senhor ao mesmo seu cálix atribui a mesma embriaguez, e não por outra palavra, ou frase, senão a mesma: *Calix meus inebrians quam praeclarus est* (Sl. 22, 5)! O meu cálix – diz aquele Senhor sacramentado-oh! quão insigne, oh! quão excelente, oh! quão admirável é! – Em quê? Quem se atrevera a o pronunciar, se o mesmo Cristo o não dissera? É insigne, é excelente, é admirável, e particularmente milagroso, em embriagar e fazer dar volta ao juízo dos homens: *Calix meus inebrians*.

Todos os santos padres celebram os admiráveis efeitos deste divino cálix, não com outro nome, senão o de embriaguez. São Cipriano: *Calix Dominicus bibentes inebriat, ut sobrios faciat, et mentes ad spiritualem sapientiam dirigat*¹⁷⁸ – São Cirilo: *Inebriati sunt sobria ebrietate, quae peccatum mortificat, et cor vivificat*¹⁷⁹ – Santo Ambrósio: *Haec ebrietas sobrios facit, haec ebrietas gratiae, non temulentiae est*.¹⁸⁰ – São Bernardo: *fila ebrietas vero non mero ingurgitans,*

177 Vinho que gera virgens (Zac. 9, 17).

178 O cálix do Senhor embriaga aos que o bebem, para torná-los sóbrios, e dirigir-lhes a mente para a sabedoria divina.

179 São embriagados de sóbria embriaguez, a qual mata o pecado e vivifica o coração.

180 Esta embriaguez proporciona sobriedade: é a embriaguez da graça, e não a embriaguez do vinho.



*non madens vino, sed ordens Deo.*¹⁸¹ – Querem dizer estes santos que a embriaguez do cálix divino, chamando-lhe todos embriaguez, é semelhante, mas contrária à do cálix profano. A do cálix profano, de sisudos faz loucos; a do cálix divino, de loucos faz sisudos. A do profano, de sóbrios faz intemperantes; a do divino, de intemperantes sóbrios. A do profano, de modestos, furiosos; a do divino, de furiosos, modestos. A do profano, de pacíficos, discordes e belicosos; a do divino, de discordes, e de inquietos, pacíficos. A do profano, de pios, ímpios; a do divino, de ímpios, espirituais e devotos. A do profano, de racionais, brutos; a do divino, de feras, homens. A do profano, de católicos, ateus; a do divino, de gentios, cristãos. A do profano, de livres, escravos do gosto, do apetite, da paixão; a do divino, de escravos, senhores de todas as paixões da sua alma, e de si mesmos. Enfim, o profano é causa de todas as profanidades e escândalos de que se lembra a memória; a do divino, de toda a piedade, religião, e exemplo mais celestial que da terra, mais angélico que humano, que estão vendo os olhos. Estas são as divinas embriaguezes do cálix de Cristo, que por isso se não afronta, mas preza muito de lhe chamar seu: *Calix meus inebrians*.

O que o mesmo Senhor acrescenta a estas palavras, é o que as faz não só admiráveis, mas estupendas: *Calix meus inebrians quam praeclarus est!* Este meu cálix – cuja embriaguez causa tal mudança nos entendimentos e juízos humanos – oh! quão claro é, e mais que claro: *Quam praeclarus est!* – É admiração do mesmo Cristo sacramentado, como se dissera: Sendo tanta a escuridade, não de um, nem de muitos homens, senão das cidades inteiras, e do mundo todo envolto e revolto nas trevas da ignorância, da doirdice, da confusão, da cegueira, do desatino, que, aparecendo o meu

181 Embriaguez não provocada pela bebida, ou pelo vinho, mas ardendo de amor divino.

Sacramento, como o sol na noite mais escura, mais tempestuosa, e mais horrenda, subitamente a esclarecesse, amanhecendo, aos homens convertidos em brutos e feras, o lume da razão, é maravilha e milagre que a mim mesmo me causa admiração e espanto: *Quam praeclarus est!* – Perguntam os teólogos se em Cristo cabe admiração? Respondo: Admiração, ou é filha da ignorância, ou do encarecimento. A da ignorância não cabe em Cristo, no qual estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus, como diz São Paulo; a do encarecimento sim, e tal é esta admiração: *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.*¹⁸² – Se esta obra é de Deus – argui Davi –, como é admirável nos nossos olhos? De nenhuma coisa se devem admirar os homens, por grande, rara, e estupenda que seja, quando sabem que é obra de Deus. E que o mesmo Deus no seu Sacramento, e em si mesmo sacramentado, quando sai fora, se admire da mudança que faz nos homens! Sim.

A razão é de São Paulo, porque aquilo que entre os homens, alumizados com a luz do céu, primeiro foi santo, e depois de santo se perverteu, e se fez vicioso e dissoluto, tomar outra vez a se converter, e ser santo, como dantes, por arrependimento e emenda, é caso tão dificultoso, tão árduo e digno de admiração, que não duvidou o apóstolo de lhe dar nome de impossível: *Impossibile est enim eos qui semel sunt illumi nati, quitaverunt etiam donum caeleste, et participes facti sunt Spiritus Sancti, et prolapsi sunt, rursus renovari ad poenitentiam.*¹⁸³ – E isto é o que experimentou a Igreja nestes dias, primeiro fatais, e depois prodigiosos, em duas mudanças notáveis. No princípio da sua instituição eram pios, espirituais e devotos os cristãos, e tão sagrados estes dias que, por serem a entrada

182 Pelo Senhor foi feito isto, e é coisa admirável nos nossos olhos (Sl. 117, 23).

183 Porque é impossível que os que foram uma vez iluminados, que tomaram já o gosto ao dom celestial, e que foram feitos participantes do Espírito Santo, e depois disto caíram, é impossível que eles tornem a ser renovados pela penitência (Hebr. 6, 4. 6).



daqueles quarenta, a que a mesma Igreja chama *dies salutis*,¹⁸⁴ se chamaram eles, como vimos, o introito santo: *sanctus introitus* – mas foi tal a mudança e descaimento deste tão santo e perfeito estado, que, imitando os mesmos cristãos as festas e liberdades do mais livre e insano deus dos gentios, se não distinguiam deles mais que no nome, conservando só o da fé, morta nos costumes, e no abismo de tais profanidades verdadeiramente sepultada.

A segunda mudança foi, depois de muitas centenas de anos, ressuscitar do profundo daquela miséria à felicidade da piedade cristã, e à consonância deste santo nome, a que a vemos restituída. E se alguém me perguntar qual destas duas mudanças foi mais admirável, se a da morte, ou a da ressurreição; se a da santidade ao extremo dos vícios, ou a dos vícios à antiga virtude e santidade, digo que na mesma morte e na mesma ressurreição, temos a resposta. Assim como a morte não é digna de admiração alguma, assim o degenerar a santidade em vícios não tem que admirar, porque a própria inclinação e peso da natureza corrupta leva o homem ao pior, e o precipita sem parar aos abismos mais profundos de toda a maldade. E tal foi aquela primeira e passada mudança. Porém, a segunda e presente, assim como a ressurreição à natureza é impossível, e à onipotência um dos maiores milagres, assim a virtude e santidade, depois de perdida, e por muitos tempos morta e sepultada, tornar outra vez a reviver, surgir, e restituir-se à formosura do seu primeiro e florescente estado, é uma coisa tão dificultosa, tão árdua, e digna de toda a admiração e espanto, que até os gentios conheceram a diferença de uma e outra quando disseram: *Facilis descensus Averni: sed revocare gradum, superas que evadere ad auras, hoc opus, hic labor est.*¹⁸⁵

184 Dia de salvação.

185 É fácil descer ao Averno; mas voltar, e tornar a subir para a luz do alto, eis o esforço árduo, a empresa difícil (Virg. Aen. lib. 6, 126).

Boa é esta razão, e a verdadeira, pela qual a mudança tão notável, que estamos vendo, seja admirável aos nossos olhos: *Et est mira bile in oculis nostris*. – Mas que o mesmo Cristo – torno a instar – que o mesmo Cristo se admire de tais efeitos no seu Sacramento, onde estão encerradas toda a sua divindade e onipotência! Sim, outra vez. E para que os mesmos olhos, que se admiram, vejam a oposição de um cálix a outro cálix, entre no teatro, com o profano na mão, a mesma profanidade, brindando a todo o mundo. Viu São João, no seu Apocalipse, uma mulher tão ornada nos vestidos como desordenada na vida, a qual tinha na mão um cálix de ouro, cheio de todas as abominações e torpezas: *Habens poculum aureum in manu sua, plenum abominatione et immunditia* (Ape. 17, 4). – Com este cálix convidou e provocou a todos os habitantes da terra a que bebessem. Beberam, e, pela eficácia da bebida, perderam todo o juízo: *et inebriati sunt qui habitant terram de vino prostitutionis ejus*.¹⁸⁶ – Chamava-se aquela mulher *Babylon*: Babilônia, e foi tal a embriaguez dos que beberam o seu cálix, como verte com discreta propriedade o texto arábico, que todos ficaram babilonizados: *Biberunt omnes populi, et babiloniatii sunt*. – As cidades babilonizadas: e ficou Jerusalém uma Babilônia, Roma outra Babilônia, Lisboa outra Babilônia, e em cada cidade tantas Babilônias quantos eram os habitantes delas, trocada toda a ordem em confusão, que isso quer dizer Babilônia; trocado todo o juízo era insânia, toda a paz em discórdia, toda a quietação em tumulto, toda a urbanidade em descortesia e afrontas.

Enfim, tudo em toda aquela perturbação indigna do trato, não só cristão, mas humano, de que se lembra com horror hoje a nossa memória. Esta era a deplorada miséria, e o estado, mais que miserável, a que tinha reduzido todo o mundo o cálix profano da mão

186 E ficaram embriagados os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição (Apc. 17, 2).



de Babilônia. Senão quando aparece Cristo naquele trono, como o viu Davi, com o cálix divino cheio de toda a santidade e pureza: *Calix in manu Domini vini meri*.¹⁸⁷ – E que sucedeu no mesmo momento? Os anjos clamaram a vozes: *Cecidit, cecidit Babylon* (Apc. 14, 8): Caiu, caiu Babilônia. – Duas vezes disseram caiu, porque caiu em dois sentidos. Caiu Babilônia, porque caiu vencida, prostrada, e convertida aos pés de Cristo; e caiu Babilônia, porque os homens caíram em si, e entraram em si tão admirados do que tinham sido, como admirado Cristo de ver o que agora são, que é o meu ponto. Ouçamos ao mesmo Cristo por boca de Isaías: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum*.¹⁸⁸ Tu, ó Babilônia, que dantes eras louca, e agora sisuda, dantes ímpia, agora pia; dantes profana, agora religiosa; dantes gentílica, agora verdadeiramente cristã; tu, que dantes eras tão aborrecida de mim, e agora és a minha amada – *dilecta mea* – tanto me admiro de te ver tão mudada, tão convertida, tão outra, que não havendo para minha sabedoria coisa maravilhosa, tu para mim és um milagre: *Posita es mihi in miraculum*.

§ VII

O milagre da conversão de Nínive. Se a subversão ou conversão de Nínive havia de ser dali a quarenta dias, e assim o pregou Jonas, como escreveram os Setenta Intérpretes que havia de ser dali a três dias? Conclusão: Parabém à Igreja Católica, e graças ao diviníssimo Sacramento.

Vejamus este milagre, e acabo. Foi Jonas pregar a Nínive, e a sua pregação era: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur* (Jon. 3, 4): Daqui a quarenta dias se há de subverter Nínive, – Nínive, assim como era a maior de todas as cidades, assim era, naquele tempo,

187 Na mão do Senhor está o cálix de vinho puro (Sl. 74, 9).

188 A minha amada Babilônia se tornou para mim em assombro (Is. 21, 4).



a maior de todas as Babilônias. Reinava nela Sardanapalo, tão estragado ou engolfado em todas as intemperanças da gula, que em todas as idades do mundo nenhum tão propriamente pudera representar nele a brutal e sórdida figura do entrudo profano. Tal era o rei, e tal o povo. E, posto que a Nínive material ficou em pé, é certo, diz Santo Agostinho, que a interior e moral verdadeiramente se subverteu, porque a brutal e profana desapareceu, e a que se viu de novo, toda era racional, toda temente a Deus, e toda tão santa, como penitente. Mas no tempo ou dias em que Nínive deu esta grande volta, há uma das maiores dificuldades de todas as letras sagradas, porque, onde o texto original diz: *Adhuc quadraginta dies*: Daqui a quarenta dias – o texto dos Setenta Intérpretes, que também é de fé, e do qual usaram os apóstolos, diz: *Adhuc tres dies*: Daqui a três dias. – Pois, se a subversão ou conversão de Nínive havia de ser dali a quarenta dias, e assim a pregou Jonas, como escrevem os intérpretes do mesmo texto, tão dignos de fé como ele, que havia de ser dali a três dias?

A razão verdadeira desta grande dificuldade, é que os Setenta Intérpretes foram setenta homens hebreus, os quais, por indústria de El-Rei Ptolomeu, divididos em outros tantos lugares, sem saberem uns dos outros, verteram o texto hebreu em língua grega, ou egípcia, com tanta consonância, que todos escreveram o mesmo sem discreparem em uma só palavra; e como isto fizeram inspirados por Deus com lume profético, assim quis o mesmo Deus que, em alguns lugares raríssimos, concordassem também todos em mudar alguma palavra, na qual revelassem algum novo e grande mistério. E tal foi o de dizerem três dias, onde Jonas tinha dito quarenta. Mas agora resta saber esse mesmo mistério quando havia de ser, quando se descobriu, e qual é. Não é outro, senão o que estamos vendo, porque o que se havia de fazer, e não fez nos quarenta dias de Jonas, se fez e se cumpriu nestes três dias. Jejuaram os ninivitas, e fizeram penitência aqueles quarenta dias, mas



não conseguiram o fruto dela, porque depois tornaram a recair nos mesmos pecados, e, como diz Tobias, foi subvertida Nínive. Jejuavam, do mesmo modo, os cristãos, e faziam penitência nos quarenta dias da quaresma, no primeiro dia dos quais, com a cinza que se lhes lançava sobre a cabeça, parece que se lhes restituía o siso; mas também sem o desejado fruto, porque no ano seguinte continuavam os mesmos abusos, e cada ano mais acrescentados. E o que nem uns nem outros conseguiram em quarenta dias, logramos nós em três dias. Contai as horas que correm no espaço de quarenta dias, e achareis que são quase quatrocentas; e o que eles não conseguiram em quatrocentas horas de quarenta dias, logramos nós nos três dias das Quarenta Horas. Este é o grande milagre, de que até o mesmo Deus se admira: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum* (Is. 21, 4).

Que resta, pois, senão que demos o parabém à Igreja Católica, e as graças ao diviníssimo Sacramento? Parabém vos seja, Igreja sempre santa, e hoje mais santa; parabém vos seja por verdes tão felizmente cumpridos os vossos ansiosos desejos, Desejáveis que se acabassem os vossos desprezos: *Et jam me nemo despiciat* – e os mesmos, que não ouviam vossas exortações, nem observavam os vossos preceitos como deviam, aqui os tendes todos neste nobilíssimo e inumerável concurso, obedientes e rendidos, com toda a veneração e culto que vos é devido. Desejáveis que houvesse alguém que inventasse algum novo e eficaz remédio com que curar aquelas tão inveteradas chagas, que tanto vos afligiam: *Quis mihi det?* – E nesta mínima Companhia, donde menos se podia esperar, e nesta casa, donde já se vai derivando a outras, o achastes efficacíssimo.

Desejáveis que, depois do mistério da Encarnação, o mesmo Deus sacramentado saísse fora do encerramento dos seus sacrários: *Ut inveniam te foris* – para que entrassem em si os que tão fora de si andavam; e aqui os tendes prostrados diante da majestade

daquele já triunfante trono, exposto o mesmo Sacramento aos ob-
séquios dos que dantes se retirava, por não sofrer presentes as suas
injúrias. Bendita, e louvada seja, Senhor, a vossa sabedoria, que ela
foi a inventora de tão soberano remédio; bendita, e louvada seja a
vossa onipotência, que só ela o podia facilitar; bendita e louvada
seja a vossa providência, que o guardou para nossos tempos; ben-
dita, e louvada seja a vossa justiça, que assim levantou o castigo,
de que nós éramos os réus e os executores; bendita e louvada seja
a vossa bondade; bendita e louvada seja a vossa misericórdia; ben-
dita e louvada seja a vossa divindade e humanidade; e, para dizer
em uma palavra o que se resume em todas: Bendito e louvado seja
o Santíssimo Sacramento.

SERMÃO DO DEMÔNIO MUDO
NO CONVENTO DE ODIVELAS, RELIGIOSAS DO
PATRIARCA S. BERNARDO. ANO DE 1651

*Erat Jesus ejiciens daemonium, et illud erat mutum.*¹⁸⁹

§ I

O demônio com bramidos de São Pedro, e o demônio mudo de São Lucas. Os ouvintes a quem o demônio trago, deixando as orelhas de fora.

Vigiai, e estai alerta – diz o apóstolo São Pedro – porque o demônio, vosso inimigo, como leão bramindo, cerca e anda buscando a quem tragar: *Sobrii estote et vigilate, quia adversarius vester diabolus, tanquam leo rugiens, circuit, quaerens quem devoret* (1 Pdr. 5, 8). – Necessária e temerosa advertência é esta; mas muito mais necessária e muito mais temerosa a de que hoje nos avisa o Evangelho. Por quê? Porque o demônio, de que nos manda acautelar São Pedro, é demônio com bramidos: *Tanquam leo rugiens* – e o demônio de que fala o Evangelho é demônio mudo: *Erat Jesus ejiciens daemonium, et illud erat mutum*. – Se o demônio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguém haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele; porém, se o demônio vem mudo, debaixo do mesmo silêncio, em que se esconde o perigo, descansa e adormece o cuidado.

O demônio sempre é inimigo: *Adversarius vester diabolus* – mas quando vem bramindo, vem como inimigo declarado; quando vem mudo, vem como inimigo oculto; e muito mais para temer

¹⁸⁹ Estava Jesus lançando um demônio, e era ele mudo (Lc. 11, 14).

é o inimigo oculto e dissimulado que descoberto. Quando o exército contrário, com as bandeiras estendidas, ao som de caixas e trombetas se vem avançando aos muros, não são necessárias vigias; mas quando de noite vem marchando à surda, com todos os instrumentos bélicos em silêncio, então é necessário que as sentinelas estejam com os olhos muito abertos. Quando o demônio vem como leão bramindo, avisa-me o leão, e avisa-me São Pedro; mas quando ele vem mudo, nem o leão nem São Pedro me podem avisar. Enfim, a diferença do demônio – como leão, e bramindo – ao mesmo demônio – como demônio, e mudo – até aos mesmos sentidos é manifesta: como leão vê-se, e como bramindo ouve-se; porém, como demônio, que é invisível, não se pode ver, e como mudo, que não fala, não se pode ouvir.

Este é o demônio que Cristo hoje lançou fora, e este o milagre que muitas vezes repete por meio dos pregadores, se o estado já incapaz dos ouvintes o não impede. Quando o leão levava algum cordeiro do rebanho de Davi, se não estava ainda tragado e engolido de todo, e lhe ficavam as orelhas de fora, pelas mesmas orelhas o tornava ele a tirar da garganta do leão. É o que diz o profeta Amós, que também foi pastor: *Quomodo si eruat pastor de ore leonis extremum auriculae.*¹⁹⁰ – Eu não duvido que possa haver neste auditório alguns a quem tragasse o demônio, porque ele não bramiu, nem eles o ouviram. Se também lhe tragou as orelhas, não lhe vejo remédio; mas, se ainda lhe ficaram de fora, por elas, e pelos ouvidos, se poderão livrar, se ouvirem com a atenção que pede tão grave matéria: *Ave Maria.*

§ II

Os cercos do demônio mudo. O demônio mudo e os claustros das religiosas. Que meios tomou o supremo e vigilantíssimo pastor Inocência X,

190 Como acontece quando um pastor chega a arrancar da boca do leão a ponta de uma orelha (Am. 3, 12).



para conservar o estado de perfeição e pureza das virgens consagradas a Deus? A resposta do visitador dos conventos a Sua Santidade. Argumento do sermão: O espelho, diabo mudo dos conventos e celas das religiosas.

O grande patriarca São Bernardo, que, sendo entre os outros doutores sagrados tão eminente, neste lugar é o maior, expondo o texto de São Pedro, diz que dava graças ao grande Leão da tribo de Judá, Cristo, Senhor nosso, porque, permitindo o bramir ao leão do inferno, não lhe permitia o ferir: *Gratias magno ille leoni de tribu Juda: rugire iste potest, ferire non potest.* – E por que não pode ferir, se pode bramir? Por isso mesmo. Quando o leão vem bramindo, na mesma boca, em que traz o perigo, traz juntamente o remédio. Os seus bramidos nos livram dos seus dentes, e as suas ameaças, das suas garras. Mas se ele, que, assim como pode bramir, pode não bramir, se vier mudo, que será? Aqui há de bater o nosso ponto. Vai por diante o texto, e diz que não só vem bramindo, senão cercando: *Rugiens circuit, quaerens quem devoret.* – E, posto que estes cercos do demônio não darão muito cuidado a São Bernardo, porque os muros da sua Religião são muito altos, muito seguros e muito fortes, contudo, se o demônio despir a pele e o corpo de leão, pouca resistência lhe podem fazer os muros, E tal é o caso em que estamos.

O demônio, como espírito, e como espírito soberbo, atrevido, e sem temor nem reverência dos lugares sagrados, entra pelos claustros religiosos, passeia os corredores e dormitórios, e por mais fechadas que estejam as celas, sem gazua, com ser ladrão, se mete e mora nelas muito de assento. Por sinal, senhoras, que muitas o deixastes na vossa cela, e o achareis lá quando tornardes. Ninguém se benza, porque esta verdade, posto que não seja fé católica, é romana. É a novidade que de lá trago, para que vos peço nova atenção.

Sendo o estado das virgens consagradas a Deus a mais ilustre porção do rebanho de Cristo, como lhe chama São Cipriano:

Illustrior portio gregis Christi – que meio tomaria o supremo e vigilantíssimo pastor, Inocêncio X, que Deus guarde muitos anos, para conservar o mesmo estado em sua pureza e perfeição, e, onde estivesse descaído, o restituir a ela? Elegeu Sua Santidade em Roma um religioso de grande virtude e prudência, e mestre do espírito muito experimentado, ao qual encomendou que visitasse de secreto os conventos das religiosas, não só em comum, senão também nas celas ou aposentos particulares, e que procurasse de lhes tirar – não por violência, mas com a suavidade de santas exortações – tudo o que julgasse menos decente à fé e único amor que devem a seu divino Esposo. Fê-lo assim o visitador, com o zelo que dele se esperava, e, depois de alguns meses, dando conta ao mesmo Sumo Pontífice da sua missão, disse que vinha muito edificado do que achara, mas não de todo contente. Edificado, porque achara tantas penitências, tantos jejuns, tantas disciplinas e cilícios, e tantas orações e devoções, que lhe fora necessário moderar o excesso, e ir à mão a tão demasiados fervores. Edificado também, porque, havendo nos ditos aposentos algumas alfaias, ou peças de maior preço e curiosidade, do que permitem a pobreza e simplicidade religiosas, todas, posto que com alguma repugnância, as fizera despedir, e aplicar a melhores usos, exceto somente uma. E porque esta a não pudera arrancar das paredes, e muito menos dos afetos, senão em muito raras daquelas monjas, por isso não estava totalmente satisfeito da sua diligência. Então perguntou Sua Santidade que alfaia ou que peça era aquela. Ao que respondeu o visitador que o espelho. – O espelho? – Beatíssimo Padre, sim, E a razão do meu descontentamento é porque tenho alcançado por larga experiência, que, enquanto uma religiosa se quer ver ao espelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céu, e ainda lhe ficam nele alguns ressábios do amor e vaidade do mundo.



Tal foi a resposta do visitador daqueles conventos, ouvida não menos que da boca de Sua Santidade. E com esta tão autêntica e bem-fundada notícia, fiquei eu persuadido a uma coisa, e me resolvi a outra. A primeira a que fiquei persuadido, com boa vênua de tão venerável comunidade, é que nos conventos e celas das religiosas o espelho é o diabo mudo. A segunda a que juntamente me resolvi, foi que, vindo a Portugal, havia de publicar e pregar este caso no primeiro lugar a que pudesse pertencer. Ele, pois, será hoje o argumento do meu discurso, e uma alegoria tão própria das palavras que propus no tema, como elas mostrarão.

§ III

Se a virtude de Cristo tão facilmente lançava dos corpos os demônios, por que experimentou tanta resistência e dificuldade na expulsão do demônio mudo? Se os demônios mudos se lançam com orações e jejuuns, às mesmas religiosas, que tanto oravam e jejuavam, por que repugnavam tanto a que se lhes tirasse da cela o espelho?

Erat Jesus ejiciens daemonium, et illud erat mutum (Lc. 11, 14). – Diz o evangelista São Lucas, que estava Cristo lançando do corpo de um endemoninhado um demônio que era mudo. E por que não diz que o lançou, ou que o lançara, senão que o estava lançando: *Erat ejiciens?* – Este reparo é de todos os expositores, os quais também respondem todos que aquele estar, ou aquela detença e tardança, significava a repugnância, a rebeldia, e a resistência e contumácia com que o demônio se não queria despegar daquele corpo, nem deixar-se arrancar dele. Mas isto mesmo tem nova dificuldade no Evangelho do mesmo São Lucas. Diz este evangelista que, quando Cristo lançava os demônios fora dos corpos, não era necessário que o Senhor lho mandasse com alguma palavra, mas bastava que o endemoninhado tocasse as vestiduras sagradas,



para logo ficar livre: *Qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur Et omnis turba quaerebat eum tangere: quia virtus de illo exibit, et sanabat omnes.*¹⁹¹ – Pois, se a virtude de Cristo tão facilmente lançava dos corpos os demônios, por que experimentou tanta resistência e dificuldade na expulsão deste demônio mudo? Porventura por ser mudo? Não, antes por ser mudo era conveniente que o lançasse por um tato também mudo, e juntamente passivo, como aos demais. Apertemos a dúvida em todo o rigor. É certo que o demônio não podia resistir à virtude de Cristo, que era onipotente. E também é certo que as dificuldades e resistências do *erat ejiciens* eram afetadas pelo mesmo Cristo, para debaixo delas nos dar alguma importante doutrina. Que queria logo significar o Senhor naquele demônio mudo, e naquelas resistências? Antes da prova ninguém tenha a resposta por paradoxo. No demônio mudo queria o Senhor significar o espelho, e nas resistências a grande dificuldade, com que o espelho se lança fora. No mesmo exemplo de Roma, que acabo de referir, temos a prova, e muito mais encarecida.

Quando Cristo, Senhor nosso, mandou aos seus discípulos pregar, deu-lhes juntamente poder sobre os demônios, para que os lançassem dos corpos. Com este poder lançavam fora indiferentemente todos os demônios, até que lhes trouxeram um, também mudo, como consta do Evangelho de São Mateus, o qual, por mais exorcismos que lhe fizeram, era tão obstinado e rebelde, que de nenhum modo o puderam arrancar os apóstolos do corpo de que se tinha apoderado. Deram conta desta novidade ao divino Mestre, perguntando a causa dela, e o Senhor lhes respondeu que os demônios daquela casta não se lançavam fora, senão com oração e jejum: *Hoc genes daemoniorum non ejicitur nisi in oratione*

191 Os que eram vexados dos espíritos imundos ficavam sãos. E todo o povo fazia diligência por tocá-lo, pois saía dele uma virtude que os curava a todos (Le. 6, 18 s).



*et jejúnio.*¹⁹² – Ao nosso ponto agora. Naquelas devotas religiosas de Roma, que deram motivo ao nosso discurso, não ouvimos que eram tão contínuos as orações e os jejuns, que foi necessário moderar-lhes o excesso destes santos exercícios? Sim. Pois, se os demônios mudos se lançam com orações e jejuns, as mesmas que tanto oravam e jejuavam, por que repugnavam tanto a que se lhes tirasse da cela o espelho? Porque o espelho é um demônio mudo, de pior casta que os outros demônios mudos: os outros lançam-se com orações e jejuns: *In oratione et jejúnio* – porém, estes são muito mais rebeldes e obstinados. Estão tão pegados à parede, e muito mais ao coração, que orará e jejuará a dona da casa quanto quiserdes, e muito mais do que quiserdes, mas o espelho não há de ir fora. Depois, e mais em seu lugar, declararemos a razão ou sem-razão desta dificuldade; agora vamos seguindo o texto, e tirando as dúvidas, ou os escrúpulos que pode ter a nossa alegoria.

§ IV

A origem dos espelhos segundo Sêneca, Platão e Sócrates. Se o espelho, desde sua origem, não foi obra humana, senão divina, não é agravo e afronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao demônio? De que modo de um espelho, não artificial ou fingido, senão natural e verdadeiro, e de uma formosura também natural e verdadeira, que nele se viu, nasceram todos os demônios quantos depois de serem anjos ardem no inferno.

À palavra *ejiciens* segue-se *daemonium*. E chamar demônio ao espelho parece que não só é fazer injúria à arte, senão à mesma natureza. O espelho, depois de muitos anos – quando já o mundo não tinha muito que ver em si, senão muito que aborrecer –, foi invento artificial e humano. Porém, na sua primeira origem já

192 Mt. 17, 20; Mc. 9, 28.

tinha sido o espelho obra da natureza, e do soberano autor dela. As estrelas são espelhos do sol; os rios são espelhos das árvores; uma fonte, que não devera, foi o espelho fatal de Narciso; e o mesmo mar, espelho daquele rústico presumido, que dizia: *Nuper me in littore vidi, cum placidum ventis staret mare*.¹⁹³ – Sêneca, com toda a severidade estoica, diz que os espelhos – em que os primeiros homens encontravam com a sua imagem em qualquer pedra lisa – foram ordenados desde seu princípio pela natureza, como mãe e mestra dos bons costumes, para que o moço, que nasceu bem-afigurado, vendo no espelho a sua gentileza, a não afeiasse com os vícios; e o que nasceu feio, suprisse e emendasse aquele defeito com a formosura das virtudes. Do mesmo modo, para que o mancebo, vendo-se robusto e forte, empregasse as suas forças em honestos e honrosos trabalhos, e o velho, considerando as suas cãs, as não afrontasse com ação indigna delas, antes, reconhecendo os poucos dias que lhe podiam restar de vida, os perpetuasse com exemplos merecedores da imortalidade. Esta mesma doutrina tinha sido a de Platão e Sócrates, em cujas escolas estavam colocados espelhos, para que a eles se vissem e compusessem os discípulos das virtudes que nelas se ensinavam.

Pois, se o espelho desde sua origem não foi obra humana, senão divina; se o fim deste instrumento natural foi para que o homem, criado à imagem de Deus, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição e soberania de tão alto original; não é agravo e afronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao demônio, e chamar-lhe demônio? Não, porque desde sua mesma origem não há duas coisas que Deus criasse mais parecidas e semelhantes que o demônio e o espelho. O demônio primeiro foi anjo, e depois demônio; o espelho primeiro foi instrumento

193 Há pouco vi-me nas águas do mar, quando os ventos não lhe turbavam a superfície (Virg. Ecl. lib. II, 25).



do conhecimento próprio, e depois do amor-próprio, que é a raiz de todos os vícios.

E para que se veja quão alheio de agravo nem encarecimento é o nome de demônio que dei ao espelho, ouçam todos com assombro o que agora hei de dizer. E é, que de um espelho não artificial ou fingido, senão natural e verdadeiro, e de uma formosura também natural e verdadeira que nele se viu, nasceram todos os demônios, quantos depois de serem anjos ardem no inferno.

Os espelhos em que se veem os anjos – e o mesmo se entende das nossas almas – não são compostos de vidro e aço, ou de outra matéria corpórea, senão espirituais como os mesmos anjos, os quais, nos atos do próprio entendimento, como em espelhos naturais e claríssimos, se veem a si, e as expressas imagens de si mesmos. Em Deus, que é o supremo espírito, e exemplar de todos, temos o melhor e mais qualificado exemplo. Deus Padre, desde o princípio sem princípio, de sua eternidade, produziu e está sempre produzindo, por ato de entendimento o Verbo divino, e o mesmo Verbo é um espelho de candidíssima luz, e sem mácula, no qual vê Deus a sua essência, a sua majestade, a sua grandeza infinita, e todos seus atributos: *Candor est enim lucis aeternae, et speculum sine macula Dei majestatis, et imago bonitatis illius*,¹⁹⁴ – Assim o diz o Espírito Santo no livro da Sabedoria; e assim, por seu modo, se veem os anjos a si mesmos, não fora, senão dentro de si, no espelho natural, e imagem expressíssima do próprio entendimento.

Isto posto, tanto que foi criado o maior e mais excelente de todos os espíritos angélicos, Lúcifer, viu-se neste seu espelho mental, e, contemplando nele a sua formosura, maior sem controvérsia que a de todos os anjos, ficou tão namorado e elevado da mesma

194 É o clarão da luz eterna, e o espelho sem mácula da majestade de Deus, e a imagem da sua bondade (Sab. 7, 26).

vista: *Elevatum est cor tuum in decore tuo*¹⁹⁵ – que não se contentou com menos que ser como Deus: *In caelum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo*.¹⁹⁶ – E que se seguiu daqui? O mesmo que ao homem, quando quis ser como Deus: *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, et eritis sicut dii*.¹⁹⁷ – Note-se com muito grande atenção, esta paridade. O homem, querendo ser mais do que era, perdeu o que era: quis ser como Deus, e perdeu a dignidade de homem, ficando semelhante aos brutos: *Homo, cum in honore esset, comparatus est jumentis, et similis factus est illis*.¹⁹⁸ E Lúcifer do mesmo modo, querendo ser como Deus, perdeu a dignidade de anjo, e, em sinal de ficar também como bruto, lhe nasceu logo uma cauda tão grande, que arrastou e derrubou com ela a terceira parte de todas as jerarquias angélicas: *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum caeli, et misit eas in terram*.¹⁹⁹ – De sorte, como dizia, que, vendo Lúcifer a sua formosura natural e verdadeira em um espelho também natural e verdadeiro, deste espelho e desta vista, como de pai e de mãe, nasceram todos os demônios, quantos com o mesmo Lúcifer ardem no inferno. A certo demônio perguntou Cristo uma vez como se chamava, e ele respondeu: *Legio, quia multi sumus* (Mc. 5, 9): Que se chamava legião, porque não era um só demônio, senão muitos mil. – E se ao espelho, por ser em Lúcifer origem de todos os demônios, se podia

195 E o teu coração se elevou na tua beleza (Ez. 28, 17).

196 Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima dos astros de Deus, assentarme-ei no monte do Testamento. Subirei acima da altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo (Is. 14, 13 s).

197 Em qualquer dia que vós comais desse fruto, se abrirão os vossos olhos, e vós sereis como uns deuses (Gên. 3, 5).

198 O homem, quando estava na honra, foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a eles (Sl. 48, 13).

199 E a cauda dele arrastava a terça parte das estrelas do céu, e as fez cair sobre a terra (Apc. 12, 4).



dar o nome de todos, bem se segue quão curto lhe vem o de um só demônio: *Erat ejiciens daemonium*.

§V

A eloquência e retórica do espelho. O espelho, pregoeiro mudo. De que modo nos tenta o demônio mudo, se o não vemos nem ouvimos? A visão beatífica, espelho voluntário de Deus, e o espelho em que se transformou o demônio.

Só resta a última e principal diferença de mudo: *Et illud erat mutum*. – E não é necessária outra prova mais certa e mais evidente que a mesma experiência dos que se veem, e muito mais das que se veem ao espelho. Não há eloquência, nem retórica com todas suas figuras, que mais diga, que mais persuada, e que mais deleite, que aquele lisonjeiro mudo. Mudo adula, mudo encarece, mudo atrai, mudo afeiçoa, mudo enfeitiça, mudo engana, mudo mente e desmente juntamente, negando o que é, e fingindo o que agrada. Nono, poeta antigo, e tão erudito nas línguas como nos silêncios, chamou ao espelho pregoeiro mudo: *Tacito praecone – speculo – imagini credebat puella suae pulchritudinis*; e diz discretissimamente que uma donzela que se viu no espelho, pregoeiro mudo, não cria da sua formosura o que ela via, senão o que ele apregoava. – São os mistérios do espelho como os da fé, em que uma coisa é a que se vê, e outra a que se crê: Vê-se o que concedeu a natureza mais ou menos avara; e crê-se em fé do amor, ou desejo próprio, não o que retrata o espelho, senão o que representa a imaginação: *Imagini credebat pulchritudinis suae*. – Formosura apregoada não está muito longe de vendida. Diga-o a de Sara, quando as vozes do pregão chegaram aos ouvidos de Faraó. Se Deus não acudira pela honra de Abraão, já ele de antemão tinha recebido boa parte da paga: *Fueruntque ei oves, et boves, et servi, et famulae, etc.*²⁰⁰

200 E ele teve ovelhas, bois, servos, criadas (Gên. 12, 16).



Para este juízo falso e mudo concorre com o espelho uma testemunha também falsa e muda, que é a formosura. Com este sobrenome tão pouco ameno, a censurou Teofrasto, referido por Laércio na vida de Aristóteles: *Pulchritudinem esse silentem fraudem*: que a formosura é um engano e uma mentira muda. – De sorte que deste mudo e desta muda se representa no teatro do espelho um diálogo, que se ouve sem voz, tão aparente à vista, tão pintado ao desejo, e que tanto persuade, engana e tenta como o mesmo demônio. Aqui está a propriedade do demônio e mudo. O demônio tentou a Cristo falando; a nós tenta-nos mudo e sem dizer palavra. Mas de que modo, se o não vemos nem ouvimos? Ouçam agora esta filosofia os que a não sabem, posto que todos a experimentam.

Dentro da nossa fantasia, ou potência imaginativa, que reside no cérebro, estão guardadas, como em tesouro secreto, as imagens de todas as coisas que nos entraram pelos sentidos, a que os filósofos chamam espécies. E assim como nós das letras do A B C, que são somente vinte e duas, trocando-as e juntando-as variamente, escrevemos e damos a entender o que queremos, assim o demônio, daquelas espécies, que são infinitas, ordenando-as e compondo-as como mais lhe serve, pinta e representa interiormente a nossa imaginação o que mais pode inclinar, afeiçoar e atrair o apetite. E deste modo mudamente nos tenta, mudamente nos persuade, e mudamente nos engana. Isto mesmo é o que passa entre a vista e o espelho, e tanto mais viva e enganosamente, quanto é maior o desejo de bem parecer. Saem as espécies diretamente do rosto ao espelho, e, recebidas no vidro, e rebatidas do aço, tornam reflexamente aos olhos; e nesta ida e volta, ambas mudas e em silêncio, por engano do amor-próprio, se pinta ou despinta de tal sorte o mesmo objeto, que mais parece milagre da transfiguração que ilusão da vista.

Diz São Paulo que o demônio algumas vezes se transfigurou em anjo de luz: *Ipse enim Satanas transfiguratur se in angelum lucis*

(2 Cor. 11, 14). – E estas são as transfigurações que cada dia faz o diabo mudo. Vê-se talvez ao espelho uma figura só por sua antiguidade venerável; e quando aos que a veem de fora lhes parece aquela cara pouco menos feia que um demônio, ela, depois que se viu, sai tão transfigurada, que na confiança e estimação da própria beleza, só lhe faltam as asas para cuidar que é um anjo. Assim o cuida, porque assim se viu; e assim se viu, porque assim se quis ver, como se o espelho não fora espelho do rosto, senão da vontade. À visão beatífica, com que os bem-aventurados veem a Deus, chamam sabiamente os teólogos: *Speculum voluntarium*: espelho voluntário. – E o demônio – que, como bugio de Deus, diz São Gregório Nazianzeno, em tudo o arreda – transformando-se no espelho, o fez muito mais voluntário do que é Deus na visão dos bem-aventurados. Deus na visão beatífica é espelho voluntário, porque só se vê nele e dele o que quer Deus, que é o espelho. E o espelho, em que se transformou o demônio, é muito mais voluntário, porque se vê nele à medida e ao arbítrio da própria vontade, não o que quer, ou representa o espelho, senão o que quer, e como quer quem se vê. Só não pode fazer o demônio que as que se veem ao espelho como querem, sejam vistas também como querem; mas isto se supre com as receitas que se vão buscar à botica, que no mesmo espelho ensina por acenos o mesmo diabo mudo.

§ VI

A razão ou sem-razão de ser tão dificultoso de se arrancar da parede de uma ceia, ou do afeto de uma religiosa, o espelho, que ali está tão pregado. A semelhança de Deus, que Lúcifer afetou, quando disse: Similis ero Altissimo. São Jerônimo, e o exemplo de Blesila, nobilíssima viúva romana. São Justino mártir, e o sacrílego apetite mulhêr de se verem ao espelho. O espelho da deusa Palas. O arquipresbítero da Catedral de Antuérpia, e os espelhos encadernados nos livros de devoção das mulheres devotas.



Já temos chegado ao lugar para onde reservei a razão ou sem-razão do *erat ejiciens*, ou de ser tão dificultoso de se arrancar da parede de uma cela, ou do afeto de uma religiosa, o espelho que ali está tão pegado. É possível que uma virgem consagrada a Deus, e desposada com o Filho de Deus, há de estar tão casada com o espelho? É ela mulher? É ela filha de Eva? Pois, de lá lhe vem esta inclinação, e não é muito que tenha lançado tão fortes raízes. Diz Tertuliano que, quando Eva foi criada no Paraíso, se já se tivessem inventado as lisonjas com que se costuma enfeitar a formosura, e se já houvesse também os espelhos, aos quais fosse lícito enganar e mentir, como hoje fazem, que também Eva se havia de deixar enganar deles: *Si margaritae canderent, et ceramnia corusarent, et speculo tantum menti ri liceret, et Eva concupiisset*. – Isto cuidou Tertuliano de Eva; e eu cuido do demônio que, se já houvesse espelhos, não havia ele de pedir emprestada à serpente a língua, para a enganar e render. Mais digo: que se a serpente lhe promettesse: Serás como Deus – e o espelho lhe dissesse: Verás em mim tua formosura – que havia Eva de aceitar o partido e oferta do espelho, e não a promessa da serpente. E para que não pareça coisa incrível no juízo de uma mulher antepor a glória, ou idolatria de estar contemplando a sua formosura, à dignidade e divindade de ser como Deus, seja juiz e prova o mesmo demônio.

Quando Lúcifer disse: *Similis ero Altissimo*²⁰¹ – julgaram muitos doutores, principalmente antigos, que nesta semelhança com Deus – que é o *sicut dii* – afetara Lúcifer a divindade; porém, muitos outros intérpretes, não menos doutos, que vieram depois, não por serem mais amigos do demônio, senão porque ao mesmo demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver – têm para si, que um espírito de tão sublime entendimento não podia cair em uma ignorância tão evidente, e em um erro tão crasso, senão em

201 Serei semelhante ao Altíssimo (Is. 14, 14).



outro mais natural e mais próprio da formosura, em que também podem ser cúmplices os nossos espelhos. E qual foi? Foi que, vendo Lúcifer sua extremada formosura, ficou tão satisfeito dela que, renunciando a vista de Deus, não quis outra mais que a sua.

Em que consiste a glória e bem-aventurança de Deus? Consiste em se estar sempre vendo a si mesmo, contemplando a sua essência, a sua divindade, a sua formosura eterna, infinita, imensa. Pois, assim como Deus se vê no espelho do seu entendimento, assim eu – diz Lúcifer – me quero ver no espelho do meu. E, assim como ele tem a sua glória em se estar vendo a si mesmo, assim eu quero ter a minha em me estar vendo a mim, e por isso não quero a sua glória nem a sua bem-aventurança, senão a minha,

Esta vista, pois, e esta contemplação da própria formosura é a semelhança de Deus, que Lúcifer afetou quando disse: *Similis ero Altissimo* – e a mesma vista e contemplação, se já houvesse espelhos no Paraíso, como dizia Tertuliano, seria a maior tentação de Eva, tendo experimentado o demônio em si mesmo, quanto mais poderosa era para a persuadir e render o silêncio do espelho mudo, que a astúcia da serpente falando. E porque esta experiência não teve lugar em Eva, porque ainda não havia espelhos, bem se viu, depois que os houve, o apetite que herdaram da mesma Eva as suas filhas. E por isso há tantas no mundo – e fora do mundo – que gastam as horas e perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo e contemplando no espelho, como se não tiveram nem esperaram outra glória.

Exemplo seja Blesila, aquela nobilíssima viúva romana, da qual escreve São Jerônimo que desde amanhecer o sol até à noite empregava com grande vagar e estudo o dia todo em se enfeitar ao espelho: *Blesilla vidua nostra ante morosior ornabatur, et die tota quid sibi deesset quaerebat ad speculum*. – Não desenganou a Blesila nem a morte, que a fez viúva, nem a mortalha, que a obrigou ao capelo, para lhe enfastiar aquele imortal apetite de se estar sempre vendo

ao espelho. Mas pôde tanto a graça, triunfadora da natureza, que, com mudança não imaginada, a mesma Blesila, como se fora outra, renunciando ambos os mundos, se vestiu de um hábito grosseiro de penitência, e se fez religiosa. Disse renunciando ambos os mundos, porque além deste mundo, em que todos vivemos, em frase de latinos e gregos há outro mundo, que são os enfeites das mulheres: *Mundus muliebris*. – Não acharam os homens mais sábios, nem outra menor comparação com que definir, nem outro menor nome com que declarar o excesso desta vaidade e apetite mulheril. E que fazia depois a que assim gastava os dias em semelhantes enfeites? O mesmo São Jerônimo, comparando os dias de então às noites de agora, continua dizendo com admiração: *Nunc ad orandum festina consurgit, et tinulla voce caeteris alleluia praeripiens, prior incipit laudate Dominum suum*: Aquela Blesila, que dan-tes tão mal empregava os dias, agora aproveita tão santamente as noites, que ela é a primeira que se levanta à matinas, e com a voz e campainha – *tinula voce* – esperta as outras monjas, não para se verem e contemplarem a si, mas para irem ver e contemplar a Deus naquele espelho da oração elevada, em que nesta vida, como diz São Paulo, veem menos claramente o rosto divino os que depois o hão de ver face a face: *Videmus nunc per speculum in aenigmate: tunc autem facie ad faciem*.²⁰²

Este mesmo apetite de as mulheres se verem ao espelho, declara São Justino Mártir com um notável abuso que refere do seu tempo, por estas palavras: *Usu venit quibusdam se ipsas fallentibus, ut cum aperte vultum pigmentis fingere non audeant, arte id faciant, in undam aut oleum facie inclinata despicientes*. São Justino floresceu duzentos anos depois da vinda de Cristo, em que ainda durava o primeiro espírito da Igreja, e era proibido às mulheres cristãs

202 Nós agora vemos a Deus como por um espelho, em enigmas, mas então face a face (1 Cor. 13, 12).



o uso dos espelhos. E que obraria nelas o apetite, tão contrário a este preceito, e ainda ao de se pintarem, como faziam as gentias, e como hoje fazem as cristãs idólatras, que têm o seu rosto por ídolo? Diz o santo que, não se atrevendo a ter nem usar dos espelhos artificiais, com outra arte se viam ou no azeite ou na água: *ad undam, aut oleum facie inclinata*. – Mas não parava aqui a curiosidade, que se podia perdoar. A deusa Palas também se viu na água, e lhe serviu de emendar um defeito, que não via. Como criada nos vales do Monte Ida, entre os pastores, recreava-se a deusa em tocar uma fruta pastoril; mas como ao passar de um ribeiro visse nele que a fruta lhe descompunha a harmonia das faces, inchando mais uma delas: Não quero eu – disse – comprar a tanto custo a consonância da fruta – e lançou-a de si muito longe.

*I procul hinc, dixit, non est mihi tibia tanti,
Ut vidit vultum Pallas in amne suum.*

Se aquelas boas ou más cristãs usaram dos dois espelhos naturais para emendar alguma decomposição ou deformidade do rosto, venial podia ser o pecado contra o preceito. Mas diz com grande invectiva o zelo de São Justino, que o faziam para ver se a natureza as tinha dotado de algumas prendas, das que agradam aos olhos dos homens, e para as converterem em armas com que fazer guerra à castidade: *Ut de se ipsis judicarent, an adversus castitatem belligerare passent*. – Tanto mais abominável era que o verem-se, o fim por que se viam. De Arquimedes, famosíssimo matemático, sabemos que em um porto de Sicília fabricou uns espelhos, de tal forma que, reverberando neles os raios do sol, convertidos em fogo, abrasaram uma armada inimiga. E tal era a diabólica tenção destas matemáticas do inferno, para abrasarem as almas dos que falsamente se chamam amigos.

Ainda é mais ímpio, e por seu modo sacrílego, este apetite mulheril de se verem ao espelho. Quase estive duvidoso se o diria, com receio de que haja quem lhe tome a invenção. Nas terras do norte são mais usadas as orações dos livros que as das contas, e a todas as senhoras leva um criado à igreja, em um saco de veludo, o livro por que há de rezar. Ouçamos agora ao autor do grande Teatro da Vida Humana, arquipresbítero da Catedral de Antuérpia, o qual, como testemunha de vista, diz assim, falando das mulheres: *Harum luxuries eo processit, ut etiam in libellis, quos ad Ecclesiam deprecaturae adferunt, specula componant, quibus mundum muliebrem, et phaleras suas, ac capellitium inter fervidas scillicet suas preces adornent*: Têm chegado – diz – o luxo e a vaidade das mulheres a tal excesso, que até nas horas, ou livros de orar, que levam à igreja, vão entre as folhas encadernados espelhos, nos quais estão compondo de novo os seus enfeites, a fim de que as suas fervorosas orações não apareçam diante de Deus desacompanhadas deste ornato. – Até aqui o autor, a cujo teatro, se isto houvesse de sair por farsa, não haveria coisa mais ridícula.

Mas se se houver de representar e ponderar com juízo, nenhuma pode ouvir a cristandade nem mais trágica, nem mais triste, nem mais injuriosa. De sorte que à igreja, onde as mulheres vão orar e adorar a Deus, se vão idolatrar a si mesmas; e naqueles livros santos, cujas folhas umas têm estampadas as imagens da Virgem Maria, outras as de Jesus Cristo crucificado, se não pejam de que apareçam também as suas! Se vos não atreveis a estar duas horas sem vos ver por amor de Deus, como esperais ver a esse mesmo Deus eternamente? Oh! cristandade! Oh! gentilidade! Conta Pausânias que no templo maior da Arcádia, estava um espelho, no qual os homens que olhavam para ele não se viam a si, mas só viam as imagens dos deuses. E quando os gentios, adoradores dos deuses falsos, entenderam que nos espelhos dos templos não se haviam de ver outras imagens que as dos mesmos deuses, têm



nome e fé de cristãs as que levam os espelhos aos templos do Deus verdadeiro, não só para tirarem os olhos dos altares, e os porem em si, nem só para se verem a si, que seria menor escândalo, mas para verem e enfeitarem o modo com que desejam ser vistas?

E como este apetite de bem parecer, herdado de tão longe, e esta inclinação e estimação, fundada nos ornatos de uma caveira e no esquecimento dela, é tão natural e tão própria do gênero feminino, e ainda na adulação do amor-próprio mais enganado, não há gentileza tão perfeita, que não tenha que emendar, nem tão inteira, que não tenha que suprir, nem tão sã, que não tenha que curar, de que o espelho é o médico: esta é a razão, ou sem-razão da dificuldade e resistência, com que nos mesmos claustros religiosos, e entre as mesmas que professam o desprezo dos olhos humanos, sejam tão raras dentro das suas quatro paredes as que deixem despegar e sair delas o espelho.

§ VII

O grande sacrifício que farão a Deus as religiosas que renunciarem ao espelho. Quem renuncia o ver-se no espelho, não só sacrifica a vista, senão também os olhos com que se vê. Por que são os espelhos olhos da arte? O diferente modo com que vemos as coisas no espelho, ou em si mesmas. A desculpa natural das religiosas que se não atreverem a renunciar ao espelho. O exemplo das mulheres hebreias. O bronze dos espelhos, e a grande concha do purificadorio sacerdotal da lei antiga. Por que não têm desculpa, nem escusa alguma, as religiosas que andam tão pregadas a seus espelhos?

Daqui – falando agora conosco – parece se seguem duas consequências certas. A primeira, em respeito das religiosas que renunciarem o espelho, o grande sacrifício que farão a Deus; a segunda, em respeito das que se não atreverem a tanto, uma natural desculpa de o não fazerem. Quanto ao sacrifício, estão neles escondidos



dois extremos rigores, em que ninguém repara. O primeiro é que quem renuncia o ver-se no espelho, não só sacrifica a vista, senão também os olhos com que se vê. Funda-se esta proposição em uma sentença aprovada e louvada pela filosofia conimbricense, que é a mais autorizada e elegante que até agora apareceu no mundo: *Scite dictum est, ut speculum oculus est artis, ita oculum esse naturae speculum.* – Quer dizer este grande reparo filosófico que, assim como os olhos são espelhos da natureza, assim os espelhos são os olhos da arte. – Os olhos são espelhos da natureza, porque neles se retratam as imagens de quem se vê, a que chamamos meninas. E chamam-se meninas, e não meninos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, e não para os homens. E por que são os espelhos olhos da arte? Admiravelmente, porque os olhos naturais não se veem a si mesmos, nem o próprio rosto; e fez a arte os espelhos como segundos olhos fora de nós, para que nos pudéssemos ver a nós. Logo, quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista senão também os olhos com que se vê, e sem os quais se não pode ver. E esta é a maior mortificação, ou rigor da natureza neste sacrifício.

O segundo, e ainda mais apertado, é porque quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista com que se havia de ver, senão também a vista com que se tem visto. Esta proposição, que parece mais dificultosa, não é menos que teológica, fundada em outra de fé. Diz o apóstolo São Tiago que os que ouvem a palavra de Deus, e não fazem o que ouvem, são semelhantes aos que veem no espelho o seu rosto natural, e logo se esquecem da figura e feições do mesmo rosto que viram: *Si quis auditor est verbi, et non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum nativitatís suae in speculo: consideravit enim se, et abiit, et statim oblitus est qualis fuerit* (Tg. 1, 23 s). – Isto que diz o apóstolo, e é de fé, porque ele o diz, a experiência ordinária o ensina. Vê um homem aos outros, e lembra-se claramente das feições do rosto e figura de cada um, e, ausente, o



retrata na imaginação assim como o viu; mas se viu no espelho a si mesmo, logo se esquece, nem se pode pintar ou figurar como é.

E donde vem, ou se causa esta diferença tão notável? Vem do diferente modo com que vemos as coisas no espelho ou em si mesmas. Em si mesmas vemo-las por espécies diretas, que são mais vivas e mais fortes; no espelho vemo-las por espécies reflexas, que não têm aquela vida, ou aquela viveza, nem aquela força. E a razão é porque o reflexo que as rebate no espelho as enfraquece de tal sorte, que quando chegam à potência, onde se formam as espécies memorativas por meio das quais nos lembramos, ou estas se não produzem, ou são tão tênues, e quase mortas, que se não pode servir delas a memória, e se segue naturalmente o esquecimento. Logo, quem sacrifica o espelho, não só renuncia nele a vista futura, senão também a passada. A futura, porque se não há de ver, pois não tem espelho; a passada, porque, por falta do mesmo espelho, não pode renovar na memória nem suprir no esquecimento o retrato de quando se viu: *Et oblitus est qualis fuerit.* – Tanto renunciam e dão para sempre a Deus as religiosas de ânimo varonil, que por seu amor e reverência lhe sacrificam o espelho!

E quanto à fraqueza das que se não animam nem atrevem a tanto, e à desculpa que parece têm natural de não degolarem para sempre em si mesmas a vista do próprio rosto, verdadeiramente, considerada a miséria dos nossos tempos, e o desmaio e frieza a que tem descaído geralmente o valor e espírito da perfeição cristã, não só no estado secular, senão também no religioso, parecerá do mesmo modo que nos devemos contentar com esta moderação, posto que não sem dor. Mas, se nos pusermos fora dos nossos tempos, e fora também das obrigações da cristandade, acharemos que a chamada desculpa natural, neste caso, é tão grande miséria, tão grande fraqueza, e tão grande afronta de qualquer congregação religiosa, que nem dizer, nem ouvir, nem imaginar se pode,



sem igual confusão, como agora demonstrarei com lastimosa evidência.

Postos, pois, fora dos nossos tempos e fora da cristandade, antes de Salomão edificar o famosíssimo Templo de Jerusalém, fabricou Moisés outro templo menor e portátil, chamado o Tabernáculo, em que no caminho da Terra da Promissão se faziam os sacrifícios e se ensaiavam as outras cerimônias, que depois se haviam de exercitar no Templo. E sendo uma das peças notáveis deste Tabernáculo um tanque, ou lavatório grande, para uso e purificação dos sacerdotes antes de entrarem a sacrificar, diz o texto sagrado que este lavatório era fundido de bronze, e que este bronze era dos espelhos das mulheres que de dia e de noite serviam, oravam e vigiavam no Tabernáculo: *Fecit et labrum aeneum cum basi sua de speculis mulierum, quae excubabant in ostio tabernaculi.*²⁰³ – Não faça dúvida ser o bronze dos espelhos, porque os espelhos ordinários daquele tempo eram de bronze, como tinham sido os primeiros de estanho, e depois se fizeram também de prata e ouro, guarnecidos de pedraria; pelo que, disse Sêneca que um destes espelhos valia mais que o dote com que o Senado dotara as filhas de Cipião Africano, sendo aquele grande triunfador de Cartago tão pobre, que não teve com que as dotar, mas por isso mesmo digno, como diz o mesmo Sêneca, de que tivesse por sogro o Senado Romano.

De maneira – tornando aos espelhos de bronze – que, assim como Arão do ouro das arrecadas das mulheres tinha fundido o ídolo do bezerro, assim Moisés, do bronze dos espelhos, também das mulheres, fundiu a grande concha do purificatório sacerdotal, com uma diferença, porém, muito notável: que as arrecadas foram trazidas por mandado de Arão, arrancando-as os homens das orelhas de suas mulheres e filhas; e os espelhos, sem mandado

203 Fez outrossim uma bacia de bronze com sua base, dos espelhos das mulheres que velavam à porta do Tabernáculo (Êx. 38, 8).



de Moisés, ou outra autoridade superior, espontânea e voluntariamente, por pura e mera devoção das mulheres, foram oferecidos a Deus, e dedicados ao serviço e uso do Tabernáculo. Assim o observou e pondera elegantemente Filo Hebreu: *Ex vasis jam antea expolitis in usum tamen alium, quem mulieres mira animi alacritate certatim contulerant: specula enim, ad quae formam curare solitae fuerant, sponte, nemine iubente, Deo dicaverant; haec ad se delata opifex in unam massam confundit.* – Das quais palavras se colhe quão aceita fosse a Deus, e quão grata aos olhos divinos aquela oferta, assim por serem os espelhos, e o cuidado e cultura da gentileza, a coisa que mais estimam, e de que mais se prezam as mulheres: *Specula, ad quae formam curare solitae fuerant* – como pela vontade e prontidão de ânimo, e pela alegria justamente chamada admirável, com que foram oferecidos: *mira animi alacritate certatim contulerant.* – E, sobretudo, sem que alguém a isso obrigasse aquelas devotas mulheres: *nemine iubente* – que é o que Deus mais estima, mais preza e mais ama no que se lhe oferece, como diz São Paulo: *Non ex tristitia, aut necessitate; hilarem enim datorem diligit Deus.*²⁰⁴

Provado assim o muito que agrada a Deus a renúncia e sacrifício dos espelhos, que é a primeira parte da nossa proposta, segue-se a segunda, que prometi, de mostrar de não terem desculpa nem escusa as religiosas que o não fazem e repugnam. E se não, pergunto, para que me respondam: Estas mulheres que tão animosa e valorosamente, e com ânimo e resolução mais que varonil, dedicaram os seus espelhos a Deus e ao Tabernáculo, que mulheres eram? Eram aquelas hebreias, que havia um ano tinham saído do cativeiro do Egito, onde muitas delas, como escravas, adoravam os ídolos de seus senhores; havendo também um só ano – e o mesmo – que Deus tinha dado no Monte Sinai a lei de Moisés. E estas

204 Não com tristeza, nem como por força, porque Deus ama ao que dá com alegria (2 Cor. 9, 7).



mulheres tinham voto de religião? Não, porque ainda não havia tais votos, nem tal nome no mundo. E eram virgens consagradas a Deus? Também não, porque daí a dois mil anos deu princípio a Virgem das virgens a tão soberano instituto. Qual era logo o estado destas tão admiráveis mulheres? Umhas eram casadas, outras viúvas, outras donzelas, e assim o confessam até Calvino e Beza, os hereges mais inimigos do estado religioso.

Vamos agora subindo por esta mesma escada, e vejam as religiosas cristãs, não naqueles espelhos deixados, senão nas mesmas que os deixaram, se têm desculpa ou escusa alguma de estarem tão pegadas aos seus. Com os mesmos olhos com que as hebreias se costumavam ver e enfeitar aos seus espelhos, os viram depois quebrar, desfazer, derreter e fundir, não chorando aquela destruição, nem tendo saudades do tempo em que neles se viam, mas grande glória sim do diferente uso e emprego em que os viram trocados. E se isto faziam mulheres casadas, ou que o foram, ou que o podiam ser, que devem fazer ou ter feito as que com vínculo perpétuo e indissolúvel se desposaram com o Filho de um Pai eterno? Se este consentimento comum, e ímpeto fervoroso de espírito, ardia nos corações das filhas de Israel, sucessoras de Raquel e Lia, qual era bem que se venerasse nas filhas dos Basílios, Bentos e Agostinhos, e muito particularmente nas de São Bernardo, sucessoras das Umbelinas, das Leogardes, das Edvígias, e de tantas outras? Se aquele zelo e devoção se admirava na sinagoga e lei de Moisés, quanto se deve estranhar, não só a falta dele, mas o contrário, nas recoletas da Igreja Católica e lei de Cristo? É tanta a diferença da lei de Moisés à lei de Cristo, quanta vai da sombra à luz, da noite ao dia, da figura à verdade, e da lei da graça, que só ela pode dar, àquela que não podia. E se tanta fé e lealdade guardavam a Deus as que havia um só ano que o conheciam, as que antes de terem entendimento receberam a fé do mesmo Deus no batismo, e antes de ter língua prometeram nele que renunciavam



ao demônio e a todas as suas pompas, porque há de poder tanto com elas o mesmo demônio, também mudo e sem língua, que na idade capaz de arrependimento lhe tornem a dedicar as pompas renunciadas, e não ocultamente, senão nos olhos do mundo, e na própria cara, sem lhe fazerem as faces vermelhas de pejo e confusão, senão de outra cor?

§ VIII

Os obséquios das mulheres egípcias à deusa Ísis. De que mais se prezavam os olhos da Esposa santa dos Cânticos, figura profética das que na lei da graça haviam de ser esposas de Cristo. Que quis significar a Esposa quando diz que seus olhos, como pombas em cima dos rios de água, não se lavavam em água, senão em leite?

Mas, passando do tempo das hebreias, que tinham fé, às gentias e idólatras sem conhecimento do Deus verdadeiro, no Egito, assim como era venerado por deus Osíris, que tinha sido seu rei, assim Ísis, que fora sua mulher, era venerada por deusa. E no dia em que se celebravam as festas desta segunda e falsa deidade, e era levada de um templo a outro em procissão, diz Apuleio que ia diante um coro de donzelas vestidas de gala, e coroadas de flores, as quais levavam em açafates, e, semeando-as por toda a parte, faziam prados as ruas. Diz mais, que ao meio do caminho vinha outro coro a encontrar e receber a deusa, e que estas – de cujas galas se não faz menção – traziam lançados detrás das costas os espelhos, e os mesmos espelhos também voltados do avesso, com que nem elas nem outrem se podiam ver neles. Isto posto, sabida coisa é vulgarmente, que os egípcios, como primeiros inventores das ciências, sempre significavam mais do que diziam, e todas as suas ações eram mistérios. Que mistério tinha logo o primeiro coro das donzelas alcatifando as ruas de flores, e o segundo, trazendo os espelhos detrás das costas? É certo que umas



e outras se queriam mostrar devotas e obsequiosas à deusa; mas esta devoção e obséquio atribui o mesmo autor mais principal e declaradamente às segundas que às primeiras: *Aliae, quae nitentibus speculis pone tergum reversis venienti deae obviam demonstrarent obsequium.* – Saibamos agora: E por que era maior obséquio o dos espelhos voltados e lançados detrás das costas, que o das flores semeadas pelas ruas por onde a deusa havia de passar? Porque nas flores significavam as primeiras donzelas que cada uma consagra à deusa a flor das suas idades; e nos espelhos significavam as segundas que sacrificavam à mesma deusa o que aquela idade mais preza e mais estima, que é o ver-se ao espelho. De sorte que, competindo as donzelas egípcias a quais se haviam de mostrar mais obsequiosas à divindade que adoravam, a juízo dos sábios instituidores daquela pública solenidade, maior era o obséquio e sacrifício das que se condenavam a não se ver mais ao espelho por amor e reverência dela, que as que, vestidas de festa, lhe ofereciam e punham aos pés a flor de sua idade.

Em umas e outras se representavam com propriedade grande as religiosas cristãs. Nas primeiras, as que, entrando noviças na religião, consagram a Deus a primavera dos anos, e flor da idade; nas segundas, as que, professoras e antigas no mesmo instituto, e propectas na virtude e no juízo, lhe sacrificam a perpétua e voluntária cegueira do objeto mais amável e mais amado, não se querendo ver ao espelho, nem vê-lo, que por isso as mais discretas os levavam detrás das costas. E se elas isto faziam tão alegre e animosamente, guiadas só pelo ditame da razão natural, sendo gentias e idólatras, que escusa ou desculpa podem ter de o repugnar no estado mais sublime da fé e cristandade, as que, tendo renunciado ao mundo por amor do verdadeiro Deus, não só se chamam esposas, mas verdadeiramente o são de seu próprio Filho? Diga-o por todas uma, em que são significadas todas.



Nos Cânticos de Salomão, a que ali se chama Esposa santa, era uma figura profética das que depois, na lei da graça, haviam de ser esposas de Cristo. O mesmo Esposo lhe deu então o nome e sobrenome com que hoje se chama cada uma, esposa e sóror: *Sóror meã, sponsa* (ânt. 4, 9). – Diga-nos agora aquela esposa, e aquela sóror, que é o de que mais se prezavam os seus olhos. Tinha-os ela formado pelo exemplar que o mesmo Esposo lhe mostrara nos seus – pensamento singular de São Gregório Niceno – e, falando de uns como de outros, diz que eram semelhantes a duas pombas, as quais, estando sobre os rios das águas, não se lavavam em água, senão em leite: *Oculi ejus sicut columbae super rivulos aquarum, quae lacte sunt lotae*.²⁰⁵ – Notável dizer, e tão dificultoso a todos os intérpretes, como notável! É certo que nesta comparação não se louva a cor, que nos olhos é tão vária, porque louvar neles a brancura, seria louvor tão frio como a mesma neve. Que quis logo significar a Esposa, quando diz que os seus olhos, como pombas: *sicut columbae* – em cima dos rios d’água: *super rivulos aquarum* – não se lavavam em água, senão em leite: *quae lacte sunt lotae*? – O mesmo Gregório Niceno, como tão eminente filósofo, por observação sua, e experiência certa, diz que todos os outros licores podem servir de espelho, só o leite não, porque ninguém, nem coisa alguma se pode ver nele. As palavras do santo são estas: *Vere in lacte hoc observatum est, solum inter humida proprietatem hanc habere, ut in eo nullius rei simulacrum aut similitudo conspiciatur*.

E como entre todos os licores só o leite não pode servir de espelho, por isso os olhos da Esposa, informados do Esposo divino, eram semelhantes àquelas pombas, que, estando sobre os rios de água: *super rivulos aquarum* – não se lavavam na mesma água, na qual se podiam lavar e ver juntamente; mas, deixada totalmente

205 Os seus olhos são como as pombas, que, tendo os seus ninhos ao pé dos regatos das águas, estão lavadas em leite (Cânt. 5, 12).



a água, posto que tão vizinha, se lavavam só em leite: *quae lacte sunt lotae* – porque no leite só se podiam lavar, mas não se podiam ver. Lembremo-nos agora dos espelhos de que Moisés fez a concha ou tanque, em que os sacerdotes se haviam de lavar antes do sacrifício. Aqueles sacerdotes já se não podiam ver nos espelhos de que se tinham feito as margens do tanque; mas podiam-se ver na água dele, em que se lavavam. Porém, as pombas, em que eram significados os olhos das religiosas do nosso tempo: *Oculi ejus sicut columbae* – ainda que estavam sobre as águas dos rios, em que se podiam lavar e ver: *super rivulos aquarum* – para maior e total sacrifício, não só renunciavam na mesma água todos os licores, em que se podiam ver, mas no leite, que só não pode servir de espelho, renunciavam todos os espelhos: *Ut in eo nullius rei simulacrum ac similitudo conspiciatur*.

§ IX

Por que não persuadir o desuso dos espelhos, mas reduzi-los religiosamente a uma bem-entendida concordata? O espelho que São Bernardo compôs, para que todos os seus monges e monjas se vissem e compusessem a ele. O primeiro lume do espelho de São Bernardo: o pensamento de Deus. O segundo lume: a discrição e a polidez do falar. O terceiro lume: o rigoroso capítulo das obras de cada dia. Por que examinava Deus tão exata e miudamente as obras da criação do mundo?

Afronta seria de uma tão religiosa e santa comunidade, como a presente, depois dos dois exemplos das hebreias, que tinham fé de Deus, e das gentias, que a não tinham, se a houvéssemos de exortar à imitação desta, que também no tal caso seria injúria chamar-lhe fineza. Esta é a razão que eu tenho para não querer persuadir, como não quero, o desuso dos espelhos, mas para os reduzir religiosamente a uma bem-entendida concordata. E qual é? Que as filhas de São Bernardo os não deixem, mas que



os troquem, e que esta troca se faça vendo-se daqui por diante ao espelho não mudo, senão eloquente; não lisonjeiro, senão verdadeiro; não do mundo, senão do céu, qual é o que o mesmo santo patriarca compôs, para que todos os seus monges e monjas se vissem e compusessem a ele.

Compôs São Bernardo um breve e excelente tratado, que intitulou *Speculum Monachorum*: Espelho de Monges – o qual começa assim: *Si quis emendationis vitae desiderio tactus, cogitationum, locutionum, operumque suorum excessus corrigere nititur, praesentis pagine frequenti lectione tanquam in speculo interioris hominis sui fatiem contempletur.*²⁰⁶ – E porque o santo, com a compreensão profundíssima de tão consumado artífice, divide e compõe o dito espelho daquelas três partes essenciais: *cogitationum, locutionum, operumque* – que são pensamentos, palavras, e obras, de cada um destes três lumes apontarei somente o mais breve e elevado.

Quanto aos pensamentos – *cogitationum* –, diz o espelho de São Bernardo que cuide cada um, ou cada uma, das suas religiões – e diga consigo: Neste mundo não há mais que Deus e eu: *Sic se existimet, quasi ipse sit solus, et Deus.* – Oh! admirável e divino documento! Enquanto no mundo não houve mais que Deus e Adão, conservou-se o paraíso naquela bem-aventurada felicidade, sem perigo de se perder nem mudar. O paraíso da terra é a religião. E quando se perderá este paraíso? Quando nele, além de Deus, houver Adão e Eva, ou Eva e Adão. Quem introduziu no gênero humano o uso dos espelhos foi o apetite, de quem se vê neles, querer contentar a outros olhos que aos de Deus. Declarando Deus ao profeta Samuel a diferença que há dos seus olhos aos nossos, disse: *Homo videt ea quae parent, Dominus autem intuetur cor* (1 Rs. 16, 7): O homem olha

206 Se alguém for tocado pelo desejo de emendar a vida, procurando corrigir excessos de pensamentos, de palavras e de obras, contemple como em espelho, com a leitura frequente desta página, a face de seu homem interior (São Bern.).



para o rosto, Deus olha e vê o coração. – E como Deus encobriu o coração, e o pôs ou escondeu fora da esfera dos olhos, claro está que não há de ter cuidado de se ver ao espelho, quem só quer parecer bem a quem vê os corações. Quer o espírito de São Bernardo que sejam as suas filhas como aquelas primitivas criaturas, a que Deus deu o ser, desde o primeiro até ao quarto dia. No primeiro dia criou a luz, no segundo o firmamento, no terceiro as plantas, no quarto o sol e a lua; mas em todas elas não havia olhos no mundo. O ar estava alumiado com os resplendores da luz; o firmamento, esclarecido com os cristais do segundo elemento; os prados, vestidos de rosas, flores e boninas; os céus bordados de ouro sobre azul, no sol, na lua e nas estrelas. E, posto que todas aquelas criaturas estavam ornadas dos esmaltes da natureza, de que se haviam de fazer depois os maiores encarecimentos da formosura, a graça de que todas elas mais se deviam prezar, era de não haver no mundo outros olhos a que pudessem ou quisessem parecer bem, senão os de Deus, que só as viam: *Vidit Deus quod esset bonum*.²⁰⁷

Quanto à segunda parte, ou segundo lume do espelho de São Bernardo, quer o santo que nele se vejam as palavras: *locutionum*. – Nem faça dúvida parecer que as palavras só pertencem ao sentido de ouvir, e não ao de ver, porque lá disse Moisés, quando Deus dava a sua lei no Monte Sinai, que o povo via as vozes: *Populus autem videbat voces* (Êx. 20, 18). – Quais, diz, pois, o santo que hão de ser as palavras de quem guarda as suas leis? *Cum loquitur, non studeat eloquentiae: sermo ejus sit potius rusticanus, quam urbanus: in omnibus agendis non studeat curialis videri*. – Quer dizer que quando houverem de falar, não se prezem as suas palavras de ser eloquentes e discretas, mas que antes sejam rústicas que urbanas, e que de nenhum modo pareçam cortesãs, e de corte. – Dificultoso preceito para Odivelas, que tão perto está de Lisboa, e tem contra si a

207 Viu Deus que era bom (Gên. 1, 10).



opinião e dito comum. Dizem que o polido e discreto do falar de São Bernardo o herdaram as filhas, e não os filhos. E assim como a segunda parte deste dito é praga e falsidade, assim a primeira, se fosse verdadeira, não seria louvor, senão descrédito: *Si quis loquitur, quasi sermones Dei*²⁰⁸ – diz o apóstolo São Pedro: Os servos, e muito mais as servas de Deus, hão de falar como o mesmo Deus: poucas palavras, graves, sem artifício nem afetação, e santas. – Os conventos são as cortes e palácios de Deus, e uma das coisas em que se hão de distinguir dos palácios do mundo é a linguagem. Antes pareça do monte que da corte: *Rusticanus potius, quam urbanus*.

No palácio do pontífice Caifás, pela linguagem descobriu o mesmo São Pedro, e deu a conhecer quem era: *Nam et loquela tua manifestum te facit*.²⁰⁹ – Três anos havia que ele andava na escola de Cristo, e ainda falava em Jerusalém tão rústica ou rusticamente como nas praias de Galileia. Da pouca urbanidade com que o mesmo Cristo disfarçado falou à Madalena, quando lhe disse: *Mulier, quid ploras?*²¹⁰ – entendeu ela que era hortelão; e da muita cortesia com que a Madalena lhe respondeu: *Domine, si tu sustulisti eum*²¹¹ – pudera coligir o hortelão que era senhora, e da corte. Ainda que não fora provérbio de Salomão, que Deus gosta de conversar, não com os discretos, senão com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus*.²¹² – Além das outras filhas do espírito de São Bernardo, que já referimos, podem servir de exemplo às demais as Sanchas, as Teresas, e as Mafaldas, todas portuguesas, e todas de sangue real.

Finalmente, vindo às obras, diz assim o santo legislador: *Singulis diebus capitulum sibi teneat, et ponat rationem diligentes, quid ipso die*

208 Se algum fala, seja como palavras de Deus (1 Pdr. 4, 11).

209 Porque até a tua linguagem te dá bem a conhecer (Mt. 26, 73).

210 Mulher, por que choras? (Jo. 20, 15).

211 Senhor, se tu o tiraste (ibid.)

212 A sua conversação é com os símplies (Prov. 3, 32).



deliquerit publice vel privatim: Todos os dias, diante deste espelho, faça a religiosa capítulo de si mesma, e, chamando a juízo todas as suas potências e sentidos, peça conta à sua consciência do que no mesmo dia tiver delinquido. – Examine e pergunte à memória o de que se lembrou; ao entendimento, que cuidou; à vontade, o que amou ou aborreceu; aos olhos, o que viram; aos ouvidos, o que ouviram; e às outras portas da alma, o que por elas entrou ou saiu. E se parecer demasiado, e não necessário, este rigoroso capítulo de cada dia, dentro das paredes da religião, onde todas as ações são tão ordenadas e santas, lembremo-nos das obras da criação do mundo, as quais Deus ia fazendo cada dia, e cada dia no mesmo dia as examinava. Assim o nota o texto sagrado: *Vidit Deus quod esset bonum, et factus est dies unus. Vidit Deus quod esset bonum, et factus est dies secundus*²¹³ – e com a mesma expressão nos dias e obras seguintes. Pois, se todas aquelas obras eram obras feitas pela divina sabedoria, em que não podia haver erro, e pela divina bondade, em que não podia haver mal, e pela divina onipotência, em que não podia haver defeito, por que as examina Deus tão exata e miudamente? Esta mesma dúvida propôs Oleastro a Deus sobre a criação da primeira obra, que foi a luz. E responde, falando com o mesmo Criador: *Ut examinem ego tenebras meas, siquidem tu examinasti lutem tuam*.

Não examinastes, Senhor, as vossas obras, porque elas tivessem necessidade deste exame; mas porque nós a tínhamos deste exemplo – para que eu examine as minhas trevas, pois vós examinastes a vossa luz. – Quantas luzes há, não só no mundo secular, senão também no religioso, muito estimadas por tais, que, se bem se examinassem, se havia de achar que são trevas? Os exercícios da religião todos são obras de luz, e luz aprovada pelo Espírito

213 E viu Deus que isto era bom, e se fez o dia primeiro; e viu Deus que isto era bom, e se fez o dia segundo (Gên. 1, 4.5.8).



Santo; mas se não forem feitas puramente por agradecer só a Deus, e entre Deus e elas se atravessar qualquer respeito da terra, ou de amor, ou de ódio, ou de emulação, ou de inveja, ou de ambição, ou de fingimento, ou de qualquer outro afeto contrário à caridade e verdade, é certo que ficarão tão eclipsadas e escurecidas essas obras de luz, que não mereçam a Deus pôr os olhos nelas. Por isso São Bernardo fez tanto caso deste que chamou capítulo de cada dia, que torna a dizer que o dia de ontem se há de comparar com o de hoje, e o de hoje com o de amanhã, para que veja o monge se vai adiante, ou torna atrás no espírito. Neste caso, será bom remédio perguntar-se cada um a si, como fazia o mesmo santo: *Bernarde, ad quid venisti?* Bernardo, a que vieste? – E quando isto não baste, acrescentar outra mais apertada pergunta, e dizer: Eu vim à religião para me salvar, e se eu agora não fizer o a que vim, depois aonde irei?

§ X

As duas imagens com que ficarão mais bem ornadas as paredes das celas das religiosas. Os dois fins do presente discurso. Exortação de Santo Agostinho às virgens consagradas a Deus! O espelho da Rainha das Virgens, e o temeroso espelho de Cristo crucificado.

À vista deste espelho, no qual se retratou um tão santo e amoroso pai, para que o imitem seus filhos e filhas, tenho para mim que, ao menos estas – posto que dantes as mais empenhadas – não só terão perdido o amor, senão também renunciado às saudades de todos os outros espelhos. Mas quando forem arrancados das paredes, para que elas não fiquem nuas, senão muito mais bem ornadas, dissera eu que ao seu lugar se passassem duas imagens, que suponho haver em todas as celas: uma do mesmo Senhor, que hoje lançou fora o demônio mudo; e outra da Virgem Santíssima, que, por ocasião deste mesmo milagre, mereceu as aclamações da



Mãe de tal Filho: *Beatus venter qui te portavit*.²¹⁴ – Este pensamento me ocorreu, sem outra reflexão sobre o presente assunto mais que de acabar com o mesmo Evangelho, que nos deu o fundamento dele. Agora, porém, estou vendo que nestas duas imagens, as mais santas e soberanas de todas, se fará uma segunda e mais preciosa troca, substituindo por um espelho da terra os dois espelhos em que se estão continuamente vendo e revendo os bem-aventurados do céu.

Dois foram os fins do nosso discurso, ou um só fim dividido em duas partes. A primeira, exortar as virgens esposas de Cristo a que só queiram parecer bem aos olhos do seu divino Esposo; a segunda, o despego ou renúncia daquele natural apetite, a que os olhos ou cegueira humana chamam formosura. Quanto à primeira parte, que melhor e que mais natural ou sobrenatural espelho para todas as virgens consagradas a Deus que a Rainha das virgens? Assim diz, falando com todas, o grande doutor da Igreja, Santo Ambrósio: *Sit vobis tanquam in imagine descripta virginitas, vitaque Beatae Mariae, de qua velut in speculo refulget species castitatis, et forma virtutis. Hinc sumatis licet exempla vivendi, ubi tanquam in exemplari magisteria expressae probitatis, quid corri gere, quid effugere, quid tenere debeatis, ostendunt.* – Porque me dizem que nesta comunidade há só quatro que entendem a língua latina, para as demais romancarei as palavras do santo, que dizem assim: – Tende sempre, ó virgens, diante dos olhos a imagem da Virgem Maria, a qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, e de toda a virtude. Este é o exemplar a que deveis compor todas as vossas ações, porque nele, como mestra da perfeição, vos mostrará e ensinará a mesma Virgem das virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, e o que deveis imitar.

214 Bem-aventurado o ventre que te trouxe (Lc. 11, 27).



Quanto à segunda parte, de renunciar e aborrecer o falso e cego desejo, e estimação da formosura, ainda é mais evidente e quase temeroso espelho a imagem de um Cristo pregado na cruz. Com os olhos em um Cristo crucificado, dizia o devotíssimo Drogo Hostiense: *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animae meae*: Desse vosso corpo, Senhor, fizestes um espelho à minha alma. – Oh! que temeroso, outra vez, e que formidável espelho! O mais formoso de todos os filhos dos homens foi Cristo: *Speciosus forma prae filiis hominum*.²¹⁵ – E aquele mesmo rosto, que no Tabor excedia o resplendor e formosura do sol, no Calvário e na cruz estava tão escurecido e desfigurado que nenhuma semelhança tinha do que pouco antes fora. Os que dantes o viam com admiração e sumo agrado, agora com horror o não conheciam, nem podiam ver, e duvidavam se era o mesmo, ou outro: *Non est species ei, neque decor; vidimus eum, et non erat aspectus, et desideravimus eum despectum et novissimum virorum, et quasi absconditus vultus ejus*²¹⁶ – diz o profeta Isaías. – E, à vista de tão lastimoso retrato, quem haverá – e mais com obrigações de esposa – que tenha rosto para aparecer diante dele em outra melhor figura, e ainda lhe fiquem olhos para se ver e compor a outro espelho? Só São Bernardo soube entender e dizer como nos havíamos de conformar com esta vista, para não ser feiíssima a nossa ingratidão e má correspondência. No céu, diz São João que havemos de ser semelhantes a Deus, porque o havemos de ver como ele é: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est* (1 Jo. 3, 2). – Pois, assim como no céu – exclama Bernardo – nos havemos de transformar em Deus, fazendo-nos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é, assim na terra, vendo ao mesmo Deus tão desfigurado na cruz, e tão demudado de sua natural

215 Vistoso em formosura sobre os filhos dos homens (S. 44, 3).

216 Ele não tem beleza nem formosura; vimo-lo, e não tinha aparência do que era; por isso nós o estranhamos, feito um objeto de desprezo, e o último dos homens, e o seu rosto se achava como encoberto (Is. 53, 2 s).



formosura, nos devemos também transformar e fazer semelhantes a ele, pois veremos no seu rosto qual ele se quis fazer por amor de nós: *Siquidem similis eris illi, cum videris eum sicuti est, esto et nunc similis ei, videns eum sicuti propter te factos est.*

§ XI

A fragilidade do espelho e a fragilidade da formosura. A formosura de Helena, por cujo roubo foi destruída Troia. Exortação final às religiosas.

Daqui se não pode passar, e era justo nesta cláusula acabar de emudecer. Mas, porque o Evangelho diz que, lançado fora o demônio, falou o mudo, o mesmo espelho, que até agora mudo lisonjeava, dirá falando – pois já pode – e descobrirá a verdade dos enganos, que a vista dos mesmos olhos, ou dissimulava, ou fingia. Eu – diz o espelho –, como formado de vidro, sou frágil; mas muito mais frágil é, ó filhas de Eva, a que vós chamais formosura. Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora: *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos Fit minor.*

A formosura – diz ele – é um bem frágil; e quanto mais se vai chegando aos anos, tanto vai diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. – Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquela famosa e formosa grega, filha de Tíndaro, rei de Lacônia, por cujo roubo foi destruída Troia. Durou a guerra dez anos, e, ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os anos diminuindo a causa dela. Era a causa a formosura de Helena, flor enfim da terra, e cada ano cortada com o arado do tempo; estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lágrimas, e não achando a causa por que duas vezes fora roubada, ao mesmo espelho, e a si perguntava por ela:



*Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit aniles
Tindaris, et secum cur sit bis rapta requirit.*

Que coisa é a formosura, senão uma caveira bem-vestida, a que a menor enfermidade tira a cor, e antes de a morte a despir de todo, os anos lhe vão mortificando a graça daquela exterior e aparente superfície, de tal sorte que, se os olhos pudessem penetrar o interior dela, o não poderiam ver sem horror? Louvando Salomão a formosura da alma santa em corpo, diz que o vermelho das suas faces era como uma romã partida: *Sicut fragmen mali punici, ita genae tuae*²¹⁷ – e, deixando de notar que o que naquelas faces era vermelho, em outras é vermelhão –, acrescenta o mais sábio dos homens sabiamente: *Absque eo quod intrinsecus latet*: que aquele gabo se entendia sem o que as mesmas faces encobrem por dentro. – Aqui pudera o espelho fazer um bem grande e pouco vistoso reparo, que São Bernardo pondera com todos os debruns da sua fealdade.

Mas, como estes interiores estão fora da esfera e jurisdição do espelho, não é o seu intento, nem o meu, desacreditar a formosura, nem a estimação ou desejo dela. Antes, para acabar sem agravo ainda dos olhos mais apaixonados, e sem variar nem dizer nada do que fica dito, digo por fim, e exorto a todas as fiéis esposas de Cristo que, para agradar a seu divino Esposo, amem, desejem e procurem com todo o afeto conservar e aumentar a formosura, mas não a frágil, senão a constante; não a que descompõe a enfermidade, senão a de que se compõe a saúde; não a que diminuem os anos, senão a que dura mais que os séculos; não a que é despojo do tempo, senão a que há de triunfar na eternidade. E há ou pode haver espelhos a que se veja e componha esta formosura?

217 Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nácár das tuas faces (Cânt. 4, 3).

Sim, também. Mas não aquele que os pontífices procuram tirar das celas, senão o que eles canonizam, e nos faz bem-aventurados no céu. É um espelho de tão diferente artifício que, olhando para ele, não nos veremos semelhantes a nós, mas ele só com a sua vista nos fará semelhantes a si. Isto é o que já nos referiu com autoridade de fé o gloriosíssimo pai desta sagrada comunidade, São Bernardo: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est*: Seremos semelhantes a Deus, porque veremos a Deus como ele é. – Fiquem agora considerando os olhos mais cegos, se se deve deixar um espelho, que é o demônio, por um espelho que é Deus.

SERMÃO NA DEGOLAÇÃO DE SÃO JOÃO BATISTA, EM ODIVELAS, ANO DE 1653

*Misit Herodes, ac tenuit Joannem, et vinxit eum in carcere propter
Herodidem, uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam...
et decollavit eum in carcere.*²¹⁸

§ I

O autor, e o uso dos antigos hebreus de não só saborearem as mesas com pratos regalados e esquisitos, mas também com problemas discretos e proveitosos. O problema apresentado pelo pregador ao banquete de El-Rei Herodes com os grandes de sua corte.

Uso foi dos antigos hebreus – de quem o tomaram os gentios mais sábios, gregos e romanos, e sem perigo da fé, antes com louvor dos costumes, o deverão imitar os cristãos – uso foi, digo, nos famosos convites, não só saborearem as mesas com pratos regalados e esquisitos, mas também com problemas discretos e proveitosos. Lembravam-se aqueles homens que eram racionais, e parecia-lhes coisa indigna de uma natureza tão nobre, que ficassem em jejum as potências da alma, quando tanto se estudava e despendia em dar pasto e delícias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste célebre costume – muito antes de Salomão compor para ele as suas parábolas – temos o das bodas de Sansão, o qual, com nome de problema, propôs na mesa aos convidados o enigmada sua vitória, dizendo: *Proponam vobis problema.*²¹⁹ – O

²¹⁸ Herodes, como se tinha casado com Herodias, sendo esta mulher de seu irmão Filipe, mandou prender e meter em ferros no cárcere a João... e o degolou no cárcere (Mc. 6, 17. 27).

²¹⁹ Propor-vos-ei um problema (Jz.14, 12).

mesmo digo eu, e farei hoje. Temos à mesa El-Rei Herodes com os grandes da sua corte, e, assim como Herodias tomou por sua conta pôr nela o mais esquisito prato, eu quero que corra pela minha propor o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Batista, o problema não será indigno de que o mesmo Batista o pregasse. *Ave Maria.*

§ II

O problema: quais mulheres são mais perniciosas aos homens: as próprias, como Herodias era de Filipe, ou as alheias, como Herodias era ou não era de Herodes. As duas coisas mais poderosas do mundo, o vinho e a mulher A mulher e os heróis e patriarcas do Testamento Velho.

Nesta grande tragédia do maior dos nascidos, fazem o primeiro e segundo papéis dois homens, que também nasceram grandes: um Herodes, outro Filipe; um rei, outro seu irmão; um sem honra, outro sem consciência; um casado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não casado. E de toda esta violência, de todo este escândalo, de todo este vitupério de um e outro, não foram duas mulheres a causa, senão uma só, e a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve um amor poderoso, a tanto se delibera uma ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filipe própria, e de Herodes alheia; ambos por ela infelizes, ambos por ela afrontados, ambos por ela, em diverso modo, perdidos. Nesta história se funda o meu problema, como o de Sansão na sua, e será este: Quais mulheres são mais perniciosas aos homens, se as próprias ou as alheias? Se as próprias, como Herodias era de Filipe, ou as alheias, como a mesma Herodias era ou não era de Herodes? Já sabeis que quem disputa problemas não tem obrigação de os resolver. E porque cada um deve seguir a parte que mais lhe contentar, todos devem atenção a ambas.



Mas antes que entremos na disputa, vejamos brevemente primeiro quão problemática é a matéria. Propôs-se em outro convite, que refere Esdras, aquela famosa questão: qual era a coisa mais poderosa do mundo; e uns filósofos disseram que a mulher, outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada um, mas só reparo na discrepância dos extremos e na concórdia dos votos. Em que simbolizam o vinho e a mulher, para se atribuir a ambos o maior poder? Simbolizam, disseram os mesmos filósofos, em que o vinho e a mulher, ambos rendem o domínio de tal sorte aos homens, que lhes tiram o juízo. Adão, o primeiro pai do gênero humano, e Noé, o segundo, ambos perderam o juízo: e quem lho tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juízo a um homem, não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro, assim também a mulher, tanto lhe pode tirar o juízo a alheia como a própria. Demos a Adão outro companheiro. Perdeu Adão o juízo, perdeu o mundo: e por quem? Por amor de Eva. Perdeu Davi o juízo e perdeu o reino: e por quem? Por amor de Bersabé. Bersabé era mulher alheia. Eva era mulher própria. Mas que importou que uma fosse própria e outra alheia, se ambas perderam a ambos?

O Espírito Santo, que não pode errar, diz que as mulheres fazem apostatar da fé, e idolatrar aos sábios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes* (Eclo. 19, 2). – Não diz aos homens, senão aos sábios, que são aqueles homens que até sobre as estrelas têm domínio. Ditou este oráculo o Espírito Santo por boca de Salomão, e no mesmo Salomão, que foi o mais sábio de todos os homens, se viu provado. As mulheres gentias lhe depravaram o juízo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jerusalém não só adorou os seus ídolos, mas também lhes edificou templos. E por que chegou a cair em tal cegueira um tal homem? Porque, antes de adorar os ídolos, adorava as idólatras. Primeiro foram elas ídolos de Salomão, do que Salomão adorasse os seus ídolos. E, uma



vez que as mulheres são ídolos, tanto monta que sejam próprias, como alheias. Que importa que o ídolo seja ou não seja meu, se eu o adoro? Raquel, quando ainda era gentia, furtou os ídolos de seu pai Labão; e qual dos dois era mais idólatra? Os ídolos que adorava Labão eram seus, os que adorava Raquel eram roubados; mas tão idólatra era Raquel adorando os ídolos alheios, como Labão os próprios. Daqueles ídolos, diz Davi que tinha olhos e não viam, ouvidos e não ouviam, boca e não falavam. Vede se será o mesmo nos ídolos que falam, que veem e que ouvem? Tanto importa que sejam próprios ou alheios, para vos fazer apostatar.

Finalmente, o mesmo homem que nos deu o exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dois sujeitos, e sem o declararmos por metáforas, é a maior prova do nosso. Teve Sansão duas mulheres, uma própria, outra alheia, porque uma era legítima e outra não. A alheia se chamava Dalila, a própria não tem nome na Escritura. E que lhe sucedeu com ambas? Tão alheia foi do seu amor a alheia como a própria, e tão própria para os enganos a própria como a alheia. Ambas o enganaram, ambas lhe foram infiéis, ambas ingratas, ambas traidoras, ambas cruéis, ambas inimigas. A própria o rendeu com lágrimas e carícias a que lhe descobrisse o segredo do seu enigma, e o revelou a seus competidores, e tomou por marido a um deles. A alheia, comprada por dinheiro, lhe roubou com as mesmas artes as chaves do tesouro de seus cabelos, os quais cortados, e enfraquecido Sansão, o entregou nas mãos dos filisteus. Estes foram os favos que tirou da boca daqueles dois leões o sábio e valente moço, o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso, e perguntar, com maior razão, quais mulheres são mais perniciosas ao homem, se as próprias ou as alheias. Mas já é tempo que entremos na teia da disputa, e discorrámos por uma e outra parte os fundamentos tão verdadeiros, como fortes, com que ambas se combatem ou se defendem.



§ III

As mulheres alheias. O matrimônio e o adultério. Para serem perniciosas as mulheres, alheias, basta serem alheias. A parábola do profeta Natã e o adultério de Davi. Paralelo entre El-Rei Davi e El-Rei Acab. As mortes violentas e as desgraças trazidas por Bersabé à casa de Davi.

Começando pelas mulheres alheias, qual era Herodias em respeito de Herodes, a razão, a experiência, as leis de todas as nações, ainda bárbaras, os escândalos particulares e públicos, a ruína das casas, a infâmia das pessoas, as mortes violentas na paz, o sangue correndo a rios nas guerras, a destruição de cidades, a assolação de reinos inteiros, enfim, a voz e consenso do gênero humano, continuado por todas as idades do mundo, tudo isto é um testemunho universal, e de maior autoridade que a de todos os escritores – também concordes na mesma opinião – o qual afirma, defende, e sem contradição pronuncia que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheias. As próprias são companheiras no matrimônio, as alheias são cúmplices no adultério; e, sendo o adultério pecado, e o matrimônio sacramento, mais parece sacrilégio que agravo a comparação por si só entre umas e outras, quanto mais o pôr em questão e em dúvida quais sejam mais danosas ao homem. O matrimônio foi instituído por Deus no estado da inocência; o adultério foi maquinado pelo demônio depois da natureza corrupta; o matrimônio, ainda antes de ser sacramento, sempre foi lícito, honesto e santo: o adultério sempre ilícito, sempre injusto, sempre abominável; e, sendo qualquer pecado o maior mal de todos os males, e este por sua malícia tão grave, que Jó, professor somente da lei da natureza, lhe chamou a máxima das maldades: *Quae est iniquitas maxima* (Jó 31, 28) – quando as mulheres alheias não foram ocasião e causa aos homens de outro mal, mais que o pecado, só por este, que sempre é inseparável do adultério, se lhes



devia em grau superlativo, e sobre toda a comparação, o nome de perniciosas.

Para serem perniciosas, e causadoras de gravíssimos males as mulheres alheias, não basta serem mulheres – como indiscretamente dizem muitos, sem o respeito e reverência devidos ao sexo de que todos nascemos – mas o que eu digo é que basta serem alheias. Alheia era aquela mulher que Davi tomou ocultamente a Urias, abusando do poder real, exemplo em que tem mais imitadores que no de suas virtudes. Mandou Deus ao profeta Natã que lhe fosse estranhar de sua parte um tão grande, e nele, tão novo excesso: e que fez o profeta? Para que o rei em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu pecado, representou-lhe o primeiro na parábola ou acusação de um poderoso, o qual tomara a um pobre uma só ovelha que tinha, para com ela agasalhar um peregrino que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era Davi, o pobre, Unas; a ovelha, sua mulher Bersabé, e o peregrino, o mau apetite, que casualmente, e fora do que Davi costumava, se lhe introduziu no coração, e ele o recebeu como não devera. Mas, se o pecado era de adultério, por que o representou o profeta em parábola e figura de furto? Porque o furto e o adultério ambos têm o mesmo objeto, que é o alheio. É pensamento de Santo Ambrósio em diferente caso, mas muito próprio do presente. Chama o santo doutor elegantemente à cobiça, luxúria de dinheiro: *Aeris libido* – e, prosseguindo na mesma metáfora, diz que os furtos são adultérios da cobiça: *Aeris libido sic igne suo pascit animus, ut hoc solo a luxuria distet, quod haec farmarum adultera sit, avaritia terrarum.* – Assim como o torpe pode ser torpe sem ser adúltero, assim o cobiçoso pode ser cobiçoso sem ser ladrão; mas quando chega a ser ladrão, logo juntamente é adúltero. E por quê? Porque assim o furto, como o adultério, tem por objeto o alheio: o adultério, a mulher alheia; o furto, a fazenda alheia. E, assim como o tomar a mulher alheia é adultério da torpeza, assim o tomar a fazenda alheia é o adultério da cobiça.



Vede agora se se infere bem que, ainda que a mulher alheia não fora mulher, só por ser alheia seria causa de grandes males ao homem. E para que o mesmo caso que nos deu a semelhança de um e outro adultério, nos dê também a prova de um e outro, efeito, ponhamos em paralelo ao mesmo Rei Davi com El-Rei Acab, e veremos as calamidades e desventuras a que ambos se condenaram, um porque tomou o alheio, outro porque tomou a alheia. Tomou Acab a vinha de Nabot: e que se seguiu desta violência? – para que não percamos o decoro ao nome real com lhe chamar furto. – Lá disse São Paulo que um pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam corrumpit* (1 Cor. 5, 6) – e tais são os efeitos do alheio, ainda que a massa, com que se junta ou mistura, seja uma monarquia inteira. Que comparação tinha a vinha de Nabot com o reino de Acab? Mas era alheia, posto que tão pequena. E como se Nabot com as vides da sua vinha lhe pusera o fogo, assim arderam em um momento a casa de Acab, a coroa, o reino, a vida sua, e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a fuces são, e até os ossos de ambos. E se isto faz o alheio em matéria de tão pouco preço, que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, e que o homem não distingue de si mesmo, qual é a mulher? Diga-o Bersabé – para que voltemos os olhos à outra parte do paralelo –, diga-o Bersabé, que foi a Helena de Israel, e chore-o a casa de Davi, que foi a Troia daquela Helena.

De Troia fingiram os poetas que fora fundada pelos deuses: *Caelitum egregius labor*,²²⁰ – Mas depois que nela entrou Helena, roubada a seu marido Menelau, por Páris, filho de El-Rei Príamo, não lhe valeu a divindade de seus fundadores para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flor de toda a Ásia e Europa, consumida no sítio de dez anos. Tão pernicioso é aos homens, e tão fatal pode ser aos mesmos reinos uma mulher alheia.

220 Senec. in Troa.



A casa de Davi é certo que foi fundada pelo verdadeiro Deus, e com os mais altos e sólidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquela de cuja prosápia havia de nascer feito homem o Filho do mesmo Deus; mas tanto que nela entrou uma mulher tomada a seu marido, posto que não pública, senão ocultamente, este fogo oculto foi o que a abrasou e destruiu, como notou São Crisóstomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* – Que desgraças, que infortúnios não sucederam a Davi, e àquele grande herói, entre todos os da fama famosíssimo, depois deste erro lamentável e tão chorado por ele? Mas nem os rios de lágrimas, que continuamente corriam dos mesmos olhos com que vira a Bersabé, bastaram a apagar o incêndio que com ela se ateou à sua casa, sendo a justiça do mesmo Deus, que a fundara, a que a um homem tão amigo, e tão do seu coração, castigou tão severamente.

Quatro eram as colunas principais sobre que se sustentava a casa real de Davi: Salomão, Adonias, Amon, Absalão; e, exceto o primeiro – que somente se conservou na promessa e juramento de Deus –, todos os outros acabaram desastrada e tragicamente, porque Salomão matou a Adonias, Absalão matou a Amon, e, contra o preceito do mesmo Davi, Joab matou a Absalão. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceu de Bersabé, morto por sentença divina antes de ter nome. Nem falo na desgraça de Tamar, viva para perpétua dor do pai, e epitáfio imortal de sua desonra. Afrontou-a seu próprio irmão Amon, com maior crueldade, que se a matara; mas não pararam aqui as mortes violentas e lastimosas na casa de Davi, porque, enquanto durasse no mundo a sua descendência, sempre a espada da divina justiça se veria tinta no seu sangue, em castigo e pena póstuma daquele pecado. É coisa que de nenhum modo se pudera crer, se assim o não dissera a mesma sentença: *Quamobrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum,*²²¹ –

221 Por esta razão não se apartará jamais a espada da tua casa (2 Rs. 12, 10).



Ah! Rei Profeta, que se assim como véis outros futuros, antevíreis os estragos que com aquela mulher, como nuvem prenhe de raios, trazíeis à vossa casa e sobre vossa pessoa, antes queríeis perder os olhos que pô-los nela!

Era Davi ungido por Deus; mas onde está a coroa? Lá a leva tiranicamente usurpada, e posta sobre a cabeça, o ímpio e rebelde Absalão, aclamado com trombetas, e seguido de todo o reino. Era o valente de Israel, que matava leões e gigantes, e vencía exércitos de filisteus; e agora vai fugindo pelos montes, de um moço, mais conhecido das damas pelos cabelos que dos soldados pela espada. Era o venerado, aplaudido e adorado das gentes; e agora apedrejado de Seroei, ouve os opróbrios, as injúrias, as calúnias, e as maldições de uma língua tão vil e infame, como só mesmo que se atrevia a dizê-las. Era o mais rico monarca de quantos dentro e fora de Palestina acumularam tesouros; e agora, pobre, desterrado, faminto, vive das migalhas de Berzelai. Sobretudo, era aquele santo varão, cuja alma por suas virtudes era louvada em Deus: *In Domino laudabitur anima mea*²²² – e agora, pelo seu pecado, é Deus blasfemado nele: *Quoniam blasphemare fecisti inimicos Domini*.²²³ – Há ainda mais desgraças? Há ainda mais afrontas? Há ainda mais castigos sobre Davi? Ainda. E os que na opinião dos homens são os mais afrontosos: *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua, et tollam uxores tuas, et dabo proximo tuo, et dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus. Tu enim fecisti abscondite: ego autem fatiam verbum istud in conspectu omnis Israel*.²²⁴ – Se cuidas, Davi – diz Deus –, que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganas-te.

222 No Senhor se gloriará a minha alma (Sl. 33, 3).

223 Deste lugar a que os inimigos do Senhor blasfemem (2 Rs. 12, 14).

224 Eu suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti, e tomarei as tuas mulheres, e dá-las-ei a um teu próximo, e ele dormirá com as tuas mulheres aos olhos deste sol. Porque tu fizeste isto às escondidas, mas eu farei estas coisas à vista de todo Israel (2 Rs. 12, 11 s).



Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da coroa, nem a perda do reino, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miséria, nem as injúrias e infâmias com que te vês, não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu pecado: *Ecce ego suscitabo super te malum* – ainda te resta por padecer outro mal maior que todos esses males, que é a pena de talião: *Dabo exores tuas proximo tuo*. – Assim como tu tomaste a mulher alheia, assim permitirei que tomem outros as tuas, e não com a mesma, senão com muito maior afronta: *Tu enfim fecisti abscondite ego autem fatiam in oculis solis hujus, in conspectu omnis Israel*: Porque tu tomaste a mulher alheia, secreta e escondidamente, as tuas ser-te-ão tomadas e profanadas à vista de todo o mundo, e nos olhos do mesmo sol.

§ IV

A maior circunstância do adultério de Davi: o casamento. O açoite de Deus sobre Faraó, e sobre todos seus vassallos, quando se quis casar com Sara. O castigo de Holofernes e do Príncipe Siquém. A terrível maldição de Balaão aos arraiais e exércitos do povo de Deus.

Verdadeiramente que se não puderam pintar com cores de maior horror, os danos e calamidades de que são causa aos homens, aos reinos e ao mundo as mulheres alheias, ou uma só mulher alheia, que é mais. Mas ainda não está ponderada a maior circunstância do caso. Não diz o relatório da sentença de Deus, notificada pelo profeta, que foi condenado Davi a todos estes castigos porque tomou a mulher alheia, senão porque, tendo sido alheia, a fez sua casando-se com ela. Assim o pronuncia expressamente o texto: *Uxorem illius accepisti in uxorem tibi*²²⁵ – e assim o

225 Tomaste para ti a que era sua mulher (ibid. 9).



torna a repetir outra vez com a mesma expressão: *Et tuleris uxorem Uriae Hethaei, ut esset uxor tua.*²²⁶ – E assim o tinha já advertido na história e narração do caso. *Misit David, et introduxit eam in domum suam, et facta est ei uxor; et displicuit verbum hoc coram Domini*²²⁷ – Onde se deve notar que este matrimônio, posto que nas leis cristãs seria ilícito e inválido, nas leis hebreias, porém, não tinha proibição alguma; e por isso o mesmo Davi, depois de reconciliado com Deus, teve sempre aquela mulher por legítima, e a tratou como tal. Pois, se Bersabé, quando Davi a tomou a Unas, sendo ele vivo, era alheia, e depois da sua morte, quando se casou com ela, já era própria, por que se fulminam todos os castigos contra Davi, não tanto pelo adultério quanto pelo casamento? E não tanto por tomar a mulher alheia quanto pela fazer sua? Teodoreto, fundado nos textos que alegamos, diz que deles se colhe que mais sentiu Deus o matrimônio de Davi com Bersabé do que o adultério: *Tacite significar oratio, quod Deus magis succensuit ob matrimonium, quam ob prius commissum adulterium.* – E do mesmo parecer é Procópio, a Glosa, e outros graves autores, com que mais se acrescenta a dúvida ou admiração de tão extraordinários castigos.

Mas, antes que demos a razão deste caso, ponhamos à vista dele outro porventura mais admirável. Entra Abraão no Egito, tendo primeiro concertado com Sara que se nomeie, não por mulher, senão por irmã sua. Chega a fama de sua formosura a El-Rei Faraó, e a fim de se casar com ela – como era lícito e usado naqueles tempos – manda que lha levem ao paço, e que a Abraão, como irmão seu, se façam grandes mercês. Executou-se assim, com aquela diligência com que os apetites dos reis costumam ser obedecidos; mas o castigo do céu ainda foi mais apressado, porque no mesmo ponto, sem ofensa da honestidade de Sara, veio o açoite de Deus

226 Por teres tomado a mulher de Urias heteu, para ser tua mulher (ibid. 10).

227 Enviou Davi, e a fez trazer para o palácio, e tomou-a por sua mulher; mas isso foi desagradável aos olhos do Senhor (2 Rs. 11, 27).



sobre Faraó, e sobre todos seus vassallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, et domum ejus, propter Sarai uxorem Abram.*²²⁸ – As pragas ou calamidades de que constou o açoite, que a Escritura chama máximas, foram estas: caiu de repente o mesmo Faraó mais morto que enfermo, com acerbíssimas dores, que, sem poder aquietar nem de dia nem de noite, o atormentavam mortalmente. Começaram a tumultuar e rebelar-se-lhe os vassallos, ateou-se peste em todo o reino, esterilizaram-se não só os campos, mas com prodígio inaudito, até os animais e homens, cessando totalmente em uns e outros a geração e uso dela, e tudo isto só porque Faraó teve intento de se casar com uma mulher alheia. Mas, se Sara dizia que era irmã de Abraão, e Abraão que era irmão de Sara, e Faraó o supunha assim, ignorando totalmente que fosse sua mulher, sobre que caía este açoute do céu com tantos e tão extraordinários castigos, e não por outra causa, senão por ser Sara mulher de Abraão: *Propter Sarai, uxorem Abram?*

Aqui vereis em um e outro caso, não só quão perniciosas são aos homens, sobre toda a imaginação as mulheres alheias, mas quão pouco basta para serem criminadas diante de Deus por alheias, ainda que o não pareçam. Bersabé, ainda que casada com Davi, tinha sido mulher de Unas; Sara, ainda que reputada por irmã, era mulher de Abraão: e, posto que Davi se casara com Bersabé, e Faraó se queria casar com Sara, ambas legitimamente, nem a Davi o livrou dos castigos o matrimônio, nem a Faraó o escusou a ignorância; a um, porque a mulher verdadeiramente era alheia; a outro, só porque o tinha sido. Sara, ainda que fosse irmã de Abraão, podia ser casada e mulher de outro; e Faraó foi culpado em não fazer naquele caso o exame devido. Bersabé, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alheia no tempo do adultério; e

228 O Senhor, porém, afligiu a Faraó e a sua casa com grandíssimas pragas por causa de Sarai, mulher de Abrão (Gên. 12, 17).



Davi foi culpado em continuar o amor de quem lhe fora ocasião do pecado. E estas circunstâncias e considerações, que no juízo dos homens parecem leves e veniais, no de Deus são graves, e tão pesadas, como mostraram os açoites com que as castigou.

Oh! quantos reis e quantos reinos se arruínam, quantos exércitos e quantas armadas se perdem; quantas fomes, quantas pestes, e quantos infortúnios e calamidades gerais se padecem, não pelas causas imaginadas, que vãmente discorrem os políticos, mas pelas injúrias que cometem os maiores, ou contra o próprio, ou contra o alheio matrimônio, não sendo necessário que as mulheres sejam de outrem, mas bastando que não sejam próprias! Por amor de Diria se perdeu o Príncipe Siquém, e todo o seu estado; por amor de Judite se perdeu o General Nabucodonosor, e a potência formidável dos seus exércitos. E por quê? Não porque em Diria ou Judite se violasse a fé devida ao tálamo conjugal – porque Diria era donzela, e Judite viúva –, mas bastou que não fossem mulheres próprias, para que, desarmadas de todo o outro poder, fossem ambas a ocasião, e cada uma só a causa de tamanhos estragos.

O intento de Nabucodonosor era sujeitar todo o mundo a seu império, e o poder que ajuntou e expediu para esta vastíssima empresa era tão superior a todas as forças do mesmo mundo, que não houve cidade tão forte, nem reino tão poderoso, nem nação tão belicosa, que se atrevesse a o resistir, sujeitando-se tudo sem guerra nem batalha, ou de perto, só com a vista, ou de longe, só com a fama de tão insuperável potência. Sai porém Judite de Betúlia, e, não violentada, ou tomada por força, mas solicitada por amor e por rogos, ela só, e com a espada do mesmo General Holofernes, lhe cortou a cabeça; ela só, com um só golpe, degolou todo o seu exército, desarmou todo o seu poder, aniquilou todas as suas vitórias, emudeceu toda a sua fama, e a converteu em desprezo, confusão e afronta de toda a monarquia de Nabucodonosor.

Não era tão poderoso como Nabuco o Príncipe Siquém, mas de maior título que Holofernes, com soberania de estado. Vivia nas suas terras e à sua sombra, como peregrino e estrangeiro, Jacó, pai de Diria; pediu-lha por mulher Siquém, tendo-lhe feito primeiro um daqueles agravos que costuma desculpar o amor e sarar o matrimônio; ofereceu-lhe por dote quanto pedisse; veio em condições tão ásperas e dificultosas como o mudar de religião, e circuncidar-se primeiro, não só ele, mas todos os seus vassalos. E que se seguiu daqui? Um engano verdadeiramente injusto, mas um castigo, se merecido, atroz, e um exemplo por todas as suas circunstâncias temeroso e horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinham ferido, e no dia em que as dores da circuncisão são mais insuportáveis, como nota o texto, dois irmãos de Dina, Simeão e Levi, moços que nenhum deles chegava a vinte e dois anos, entram armados pela cidade, matam ao príncipe e a seu pai, e a todos os siquemitas miseravelmente presos, e sem se poderem defender por causa das feridas e força das dores, levam cativas todas suas mulheres e filhos, assolam a cidade, despojam as casas, devastam os campos. Este foi o desastrado e lastimoso fim daquele príncipe, e de todo o seu estado e vassalos, não tanto por sossegar da sua paixão, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacó que casar sua filha com o príncipe da terra em que vivia? Mas por que Siquém, como poderoso, não quis esperar pela bênção do matrimônio, incorreu tão miseravelmente a maldição que leva consigo toda a mulher que não é própria. Com esta maldição quero dar fim à primeira parte do problema, e para que todos acabem de conhecer quão grande maldição é, e, de todos os modos a temam, sobre os dois casos de uma só mulher, acrescento outro de muitas.

Desejou El-Rei dos moabitas, Balac, amaldiçoar os arraiais e exércitos do povo de Deus – os quais ordinariamente se perdem,



e têm infelizes sucessos, porque vão carregados de maldições – e o meio que para isso tomou foi rogar por seus embaixadores ao profeta Balaão – profeta e feiticeiro juntamente – que os quisesse amaldiçoar. As instruções destes embaixadores iam acompanhadas de outras de ouro e prata, que também são boa parte da maldição. Mas, como Deus, uma, outra e três vezes provocado com os sacrifícios do mau profeta, lhe não permitisse amaldiçoar o seu povo, ele, que tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o rei de o não poder servir, como desejara; porém, que, em lugar da maldição que lhe pedia, lhe daria um conselho tão efetivo como ela. Também não é coisa nova haver conselhos que sejam maldições, e tão vendidos e comprados como se foram oráculos de profetas. Qual foi pois o conselho de Balaão? Foi que o rei não saísse em campanha com exércitos de homens armados e ordenados, senão com tropas de mulheres mandadas à desfilada, porque, tanto que estas chegassem a se avistar com os capitães e soldados do exército de Israel, logo eles se lhes renderiam, sem dúvida, debaixo das condições que quisessem. – E, cometido este grave pecado – diz Balaão –, o mesmo Deus que agora me não consentiu que eu amaldiçoasse o seu povo, fará nele tal estrago, que vós, ó Balac, vos deis por mui satisfeito, e não lhe desejeis maior maldição. – Este foi o conselho do mau profeta; e, se aconselhou como mau, também como profeta adivinhou o sucesso. Saem as madianitas em demanda dos arraiais de Israel, chegam primeiro à vista, e depois à fala, e não com outros feitiços que lhes desse Balaão, senão com os da sua presença, de tal maneira prenderam e sujeitaram os capitães e soldados israelitas que, se Deus não acudira com pronto e exemplaríssimo castigo, o exército, a jornada, a Terra de Promissão, e tudo se perdera. Foram degolados naquele dia vinte e quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das moabitas. Fazia horror a imensa mortandade, e corria o sangue a rios; não se guardou respeito à dignidade, nem foro à

qualidade, nem exceção a pessoa, e só houve de diferença que os que a Escritura chama príncipes, os mandou Deus enforcar em forcas altas, com os rostos voltados ao sol, para que fossem mais conhecidos, e a sua infâmia mais pública. Foi boa maldição esta? Pois esta é a que nos particulares arruína as casas, e no comum as repúblicas, para que os príncipes, e os que o não são, se acautelem e temam, para que ninguém possa duvidar, e fique assentado por conclusão que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheias.

§ V

As mulheres alheias e o Monte das Maldições, Que comparação ou semelhança têm os trabalhos e vexações, posto que tantas e tão várias, padecidas pelos hebreus na sua história, com as imensas e quase infinitas que o gênero humano tem padecido, efeito tudo do pecado da primeira mulher? Tertuliano e as mulheres de seu tempo.

Entrando na segunda parte do nosso problema, à vista da maldição com que acabei a primeira, lembra-me que, quando se promulgou a lei na Terra de Promissão, foi com tal cerimônia, que as maldições que na mesma lei se fulminam contra os quebrantadores dela, se publicaram desde o Monte Hebal, o qual por isso se chamou o Monte das Maldições, e do mesmo modo as bênçãos e felicidades, que se prometem aos que aguardarem, se publicaram desde o Monte Garizim, ao qual, pela mesma causa, chamaram o Monte das Bênçãos. Suposto, pois, que, segundo o merecimento dos autos, nenhuma injúria faremos às mulheres alheias em lhes chamarmos o Monte das Maldições, parece que às próprias e legítimas lhes é devido o nome de Monte das Bênçãos, pois estas acompanham sempre o sacramento do matrimônio, e sabemos que em sua primeira instituição, ainda antes de ser sacramento o abençoou Deus, lançando sua bênção a Adão e Eva: *Masculum et*



*feminam creavit eos, benedixitque illis Deus.*²²⁹ – Mas porque Eva correspondeu tão mal às obrigações de seu estado, que em lugar de ajudar o marido à conservação do morgado, que ambos receberam em dote, não só o destruiu e perdeu a ele, mas com ele a todos nós, como herdeiros que havíamos de ser seus, posto que ainda não éramos. Todos os trabalhos e calamidades de que padecemos na vida, toda a corrupção e misérias a que estamos sujeitos na morte, todos os males, penas e tormentos, que depois da morte nos aguardam, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiveram seu princípio e trazem sua origem desde o pecado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade foi causa uma mulher, e que mulher? Não alheia, mas própria, e não criada em pecado, mas inocente, e formada pelas mãos do mesmo Deus. Nota Teodoreto que todas as maldições ameaçadas e prometidas no Monte Hebal, se cumpriram e executaram no povo e gente hebreia, parte na destruição e excídio de Jerusalém por Tito e pelos romanos; parte pelos macedônios, em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabucodonosor, no cativo de Babilônia; e parte multiplicadamente pelos assírios, na invasão de Senaquerib, na de Salmanasar, e nas dos outros reis inimigos.

Mas que comparação ou semelhança têm os trabalhos e vexações, posto que tantas e tão várias, padecidas pelos hebreus na sua história, com as imensas e quase infinitas, que o gênero humano tem padecido, padece, e há de padecer até o fim do mundo, efeitos tudo daquele primeiro pecado, e daquela primeira mulher nascida inocente, e sem ele? Todas as dores, todas as enfermidades, todos os desgostos e infortúnios particulares e gerais, todas as fomes, pestes e guerras, toda a exaltação de umas nações, e cativo de outras, todas as mudanças e transmigrações de gentes inteiras, das quais, ou só ficou a memória dos nomes, ou também eles com

229 Macho e fêmea os criou e os abençoou (Gên. 1, 27).



elas se perderam, todas as destruições de cidades e reinos, todas as tempestades, terremotos, raios do céu e incêndios, e todo o mesmo mundo afogado e sumido em um dilúvio, que outro princípio ou causa tiveram senão a intemperança e castigo daquela mulher, não tomada ou roubada a outrem, senão própria, e dada pelo mesmo Deus ao homem: *Mulier, quam dedisti mihi?*²³⁰

Dirá, porém, algum entendimento crítico, que a causadora de tantos males foi aquela mulher fatal, primeira e universal origem do gênero humano, e não alguma particular, e do tempo presente, que são as de que falamos. Mas ouça quem assim o imaginar, ao antiquíssimo e doutíssimo Tertuliano. Fala há mais de mil e quatrocentos anos com qualquer das mulheres casadas do seu tempo, e diz assim: *Et Evam te esse nescis?*²³¹ E cuidas tu que, por nasceres tão longe da primeira mulher, não és tão Eva como ela? – *Vivit sententia Dei super sexum istum in hoc saeculo, vivat et reatus necesse est*: Posto que haja tantos séculos que morreu aquela Eva, vive contudo em toda a mulher a sentença com que Deus a condenou em todo o mesmo sexo, e assim viverá para sempre, e será imortal nele, isto é, em ti, o castigo da mesma culpa. – *Tu es diaboli janua*: Tu és a porta por onde entra o diabo ao homem. – *Tu es arboris illius resignatrix*: Tu és a que abriste a porta à morte, que naquela árvore estava encerrada e oculta. – *Tu es divina e legis prima desetrrix*: Tu és a primeira que desprezaste e quebraste a lei divina. – *Tu es quae eum suasisti, quem diabolus aggredi non valuit*: Tu és a que te atreveste a persuadir o homem, a quem o demônio não foi ousado a acometer por si mesmo. – *Tu imaginem Dei hominem tam facile elisisti*: Tu, a que tão facilmente não só apagaste, mas deformaste e afeaste a imagem soberana que Deus nele tinha impressa. – *Propter tuum meritum, id est, morrem, etiam Filias Dei mori habuit*;

230 A mulher que tu me deste (Gên. 3, 12).

231 Tertul. de habit. mulieb. cap. I, lib. II.



et adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas? Finalmente, pelo teu nascimento, isto é, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deus; e tu, com este triste e formidável espelho diante dos olhos, não te pejas nem envergonhas de buscar e inventar novas e preciosas galas com que ornar indecentíssimamente as peles ou sambenito da penitência de que ele te vestiu? – Tudo isto, que só na primeira Eva se podia verificar, aplica Tertuliano às de seu tempo, posto que menos vãs que as do nosso, não duvidando chamar a cada uma, não outra, senão a mesma antiga Eva, nem ressuscitada, senão a mesma que em cada uma delas ainda vive, e necessariamente viverá sempre: *Vivai et reatus necesse est.*

§ VI

As mulheres próprias. A mulher de Jó, uma das coisas mais notáveis da Escritura Por que razão o demônio, destruindo tudo o que pertencia a Jó, lhe reservou viva a mulher, cuja vida não estava excetuada por Deus. O que fez e o que disse a mulher de Jó.

Uma das mais notáveis coisas da Escritura é a vida da mulher de Jó. Tinha Deus concedido ao diabo que naquela grande casa pudesse fazer ou desfazer contra ele tudo o que seu ódio, sua astúcia e maldade julgasse conveniente para o vencer, exceto somente a vida do mesmo Jó: *Verumtamen animam illius serva*²³² – Começou pois o demônio matando e degolando tudo quanto havia na mesma família: os bois, que eram quinhentas juntas, e as jumentas outras tantas, pelos sabeus; os camelos, que eram de três mil, pelos caldeus, divididos em três esquadras; as ovelhas, que eram sete mil, por raios caídos do céu; mortos juntamente todos os pastores e criados, que guardavam estes grandes rebanhos, exceto somente um, que levasse as tristes novas, até que chegou

232 Mas guarda a sua vida (Jó 2, 6).

o último, dizendo que juntos todos os sete filhos e três filhas do mesmo Jó, convidados à mesa do seu primogênito, batidos os quatro cantos da casa por um fortíssimo pé de vento, e caindo sobre todos, juntamente ficaram mortos e sepultados nas suas ruínas. Mas o que é mais digno de nota em tão comum e universal estrago, é que entre tantas mortes ficasse contudo viva a senhora da casa, a mãe dos filhos, e a mulher do pai? Que morram todos os gados, tantos, e de todo o gênero; que morram os criados e guardas destas riquezas naturais, que eram os tesouros daquela idade, grande golpe foi da ira e astúcia do demônio mas todo contra a grandeza da casa, e opulência da numerosa família; porém, que morrendo todos os filhos e filhas, até o mesmo primogênito, que era o que mais de perto e mais interiormente tocava à pessoa do mesmo Jó, o demônio contudo lhe reservasse viva a mulher, cuja vida não estava excetuada por Deus, não podendo ser para alívio e consolação do mando, qual seria a causa desta singular indulgência na impiedade de tão cruel e empenhado inimigo? São Basílio, São Crisóstomo, os dois Gregórios, e todos os santos padres, comumente dizem, por uma parte, que a fortaleza e constância de Jó era uma coluna, um muro e uma torre de diamante; e que, assim como o demônio se não atreveu a acometer a Adão por si mesmo, senão pela primeira Eva, assim agora entendeu que, para derrubar aquela torre, para arrasar aquele muro, e para dobrar e torcer aquela coluna de diamante – que seria mais que desfazê-la em pó – não poderia por si mesmo; e por essa razão deixara viva a Jó a sua segunda Eva, para que por meio dela perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que são os dois modos, um duro, outro brando, com que o demônio – diz o grande Gregório – forte e suavemente costuma conseguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat: tribulatione, ut frangat, persuasione, ut molliat*²³³ –

233 Gregor lib. 3, cap. 6.



e como Jó, pelo pacto que tinha feito com seus olhos: *Pepigi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine*²³⁴ – estava já livre e superior a todos os combates das mulheres alheias, ou não suas, só lhe ficava este da própria, que, como lhe chama Crisóstomo, é a lança mais forte do demônio, e o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos o que fez e o que disse.

Estava Jó coberto de chagas, ou de uma só chaga, que desde os pés até à cabeça o cobria e atormentava, não em sua casa, ou na cama, mas no desamparo e miséria quase incrível a que o demônio o tinha reduzido de um muladar público, ajudando a correr com uma telha o pestífero e hediondo humor que das fendas manava; quando chega a própria mulher, e em lugar das lágrimas e das lás-timas com que se devia compadecer de um homem, e tal homem, quando não fora seu marido e rei, tendo-o conhecido em tão diferente estado, quais foram as palavras que lhe disse? *Adhuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo, et morere*.²³⁵ – É primor, ou cortesia sagrada da língua hebreia, não se atrevendo a pronunciar maldições de Deus, em lugar da palavra *maledicere*: amaldiçoar, dizer totalmente a contrária: *benedicere*. – É possível pois – diz a infame e cruelíssima mulher, conservada viva pelo demônio, que dentro nela falava –, é possível que, ainda posto em tal lugar, que não tem nome a língua para o pronunciar decentemente, nesse ecúleo de dor, de afronta, de miséria, de desamparo, a que nunca reduziu a fortuna o mais vil escravo do mundo, é possível que ainda aí te não desenganas? Esta é a gratificação da tua inocência, este o prêmio das que tu chamavas boas obras? Pois, se tu com elas ofendeste a Deus, e ele assim tas paga, por que não acabas já de as conhecer? Por que não acabas de as amaldiçoar, e ao mesmo Deus ofendido? E por que não acabas de acabar a triste e miserável vida,

234 Fiz concerto com os meus olhos de certamente não cogitar nem ainda em uma virgem (Jó 31, 1).

235 Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus, e morre (Jó 2, 9).

entregando o corpo neste mesmo sepulcro hediondo aos bichos, e a alma sacrílega e obstinada sepultando-a no inferno? – Este é o sentido, como discorre com todos os padres Olimpíodoro, daquelas breves palavras, e esta a segunda Eva, tanto mais injuriosa a seu marido de que a primeira a Adão, como dizia Tertuliano. Mas ainda nos textos sagrados temos outra comparação mais horrível, de uma mulher não alheia mas própria, e de um homem não menos santo e grato a Deus que Jó.

§ VII

A mulher de Tobias. Como em duas palavras condenou Ana todas as virtudes de Tobias e todos os atributos de Deus? Se Tobias não padeceu nenhum dos trabalhos de Jó, como foi a sua tentação e a sua paciência semelhante e de igual exemplo à de Jó?

Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho balando, pouco usada na pobreza e abstinência de sua casa, advertiu, como pio e Justo, que acaso não fosse furtado: *Videte, ne furtivus sit.*²³⁶ – E esta só palavra exasperou e feriu tanto o coração de Ana, sua mulher, que irada, não só contra Tobias, mas ímpia e injuriosa contra o mesmo Deus, respondeu desta sorte, diz o texto, ao marido: *Manifeste vara facta est spes tua, et eleemosynae tuge modo appa-ruerunt* (Tob. 2, 22): Agora sim, que já apareceram manifestamente quais são as vossas esmolas e obras de piedade, e, o que mais é, a vossa esperança em Deus. – Oh! ira de mulher, quão facilmente concebes o fogo! Oh! língua de mulher, quão facilmente abrasas a terra e mais o céu! Em duas palavras condenou Ana todas as virtudes de Tobias e todos os atributos de Deus. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, e a todas as obras de misericórdia, em que, deixando o necessário à própria vida, acudia não só aos

236 Vide, não seja furtado (Tob. 2, 21).



próximos vivos, mas também aos mortos. Em Deus, arguindo de falsa a esperança do marido, condenou a justiça, a providência, e o prêmio dos santos, E, como Tobias o era, e o maior daqueles tempos, sentiu tanto a injúria que sua mulher fazia a Deus, e ficou tão envergonhado e corrido de ter uma mulher, que debaixo de verdadeira fé assim afrontava as virtudes humanas e divinas, que, levantando as mãos ao céu, porque os olhos não podia, pediu a Deus humilde e instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc, Domine, secundum voluntatem tuam fac mecum, et praecepe in pace recipi spiritum meum: expedit enim mini coagis mori quam vivere.*²³⁷

Esta foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o texto, não menos admirável. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deus uma petição tão extraordinária, como a de lhe pedir a morte, e diz que o intento da parte de Deus foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiae ejus, sicut et sancti Job* (Tob. 2, 12): Para que os vindouros tivessem outro exemplo de paciência em Tobias, assim como os passados o haviam tido no Santo Jó. – Mas Jó perdeu a riqueza dos gados de todo o gênero, em que era mais rico e opulento que todos os orientais. Jó perdeu os filhos e filhas, mortos e sepultados de um só golpe no mesmo dia. Jó, sendo rei, perdeu a coroa, a obediência dos vassalos, e o uso dos próprios membros, com tão excessivas dores, sem família, sem casa, sem cama, no último desamparo, na imundícia, nos ascos, e na suma afronta de um muladar público. E, se nenhum destes trabalhos padeceu Tobias, como foi a sua tentação e a sua paciência semelhante, e de igual exemplo à de Jó? Porque o fino da tentação de ambos, e o que mais vivamente lhes penetrou os corações, foi a crueldade e impiedade de uma e outra mulher própria, não desumanas contra seus maridos, mas atrevidas e blasfemas contra o mesmo Deus.

237 E agora, Senhor, trata-me segundo a tua vontade, e manda que o meu espírito seja recebido em paz, porque é melhor para mim morrer do que viver (Tob. 3, 6).



Não diga logo Tertuliano, nem cuide alguém que disse muito em chamar Evas a todas as que descenderam daquela primeira, porque, ainda que foi a causa original de tantos trabalhos e misérias em seus filhos, foi tão fiel e demasiadamente amiga de seu marido, que, não podendo comer uma maçã sem lhe dar a metade, ela, sem querer, o perdeu, e ele, querendo, se perdeu a si mesmo, por não entristecer, como diz Santo Ambrósio, nem se mostrar menos grato às suas delícias: *Ne delicias suas contristaret.*

§ VIII

A razão por que as mulheres próprias são ou podem ser mais infaustas e mais perniciosas ao homem que as alheias. Sendo hoje as mulheres uma só, e por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas, qual é ou será a razão, ou razões, por que do vínculo do matrimônio forme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão dificultoso no matrimônio o guardar a devida fé a uma mulher, e própria? Conclusão.

Mas já é tempo de darmos a razão por que as mulheres próprias sejam ou possam ser mais infaustas, como diz Sêneca, e mais perniciosas ao homem que as alheias. Notável foi a variedade com que Deus desde o princípio, ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adão deu uma só mulher: *Masculum et feminam creavit eos.*²³⁸ – A Abraão, Isaac e Jacó concedeu depois, como já tinha permitido a Lamec, que tivesse muitas mulheres; Jacó teve quatro, e duas delas irmãs; Davi teve mais de vinte; Salomão, seu filho, só rainhas, e essas com pompa e estado real, sessenta; e, finalmente, a todos os hebreus permitiu Moisés o libelo de repúdio, para que, deixando uma, pudessem tomar outra, permissão que Cristo emendou, restituindo o matrimônio à sua antiga singularidade e pureza, como fora instituído por Deus em Adão e Eva. Deste

238 Macho e fêmea os criou (Gên. 1, 27).

último estado, que é hoje o somente lícito na lei cristã, inferiram os apóstolos que, suposto ele, melhor era não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere.*²³⁹ – Respondeu Cristo aprovando o sentimento dos discípulos, que nem todos o entendam assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est*²⁴⁰ – palavras que, se todos se conformassem com elas, se acabaria brevemente o mundo, mas não é ele tal que mereça tão honrado e santo fim. Sendo o matrimônio antigamente só contrato, o mesmo Cristo o fez sacramento, para lhe aliviar o peso e as pensões com a força e virtude da sua graça. Mas, ainda assim, sendo hoje a mulher uma só, e por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas, qual é ou será a razão, ou razões, por que do vínculo do matrimônio forme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão dificultoso no matrimônio o guardar a devida fé a uma mulher, e própria? A familiaridade doméstica, o trato contínuo, o domínio comum de todos os bens, e o serem como duas almas em um só corpo, como o mesmo Deus lhes disse: *Erunt duo in carne una*²⁴¹ – parece um concurso de causas, que todas conformemente influem união, paz e contentamento, mas de todas, e de cada uma delas, nasce a mesma dificuldade. O trato doméstico e comum de todos os dias descobre, pouco e pouco, os defeitos que causam o desgosto. O ser a mulher a mesma, sem a variedade que remediava o repúdio, é a ocasião do fastio. Enfastiavam-se os hebreus do maná, posto que continha todos os sabores, porque sempre viam o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi man.*²⁴² – A união, que ao princípio do matrimônio eram cadeias de ouro, continuadas

239 Se tal é a condição de um homem a respeito de sua mulher, não convém casar-se (Mt. 19, 10).

240 Nem todos são capazes desta resolução, mas somente aqueles a quem isto foi dado (ibid. 11).

241 Serão dois numa só carne (ibid. 5).

242 Nossos olhos não veem senão maná (Núm. 11, 6).



as faz o tempo de ferro. Com os anos as mesmas coisas deixam de ser as mesmas, porque a mocidade se faz velhice, a formosura fealdade, a saúde doenças e achaques de toda a vida, que, na obrigação de se tolerarem e sofrerem até à morte, são um cativo inseparável, que só nela tem o fim.

Todas estas coisas juntas, e cada uma por si em um coração humano, que não é de bronze, fazem nele, por uma certa força natural, e quase sem querer a vontade, os mesmos efeitos que no bronze a continuação do tempo. E não há dúvida que de todas estas causas, divididas ou juntas, se compõe aquela fortíssima, com que a mulher, mais como própria que como mulher, é tão perigosa e perniciosa ao homem; mas, sobre todas, a principal, e por si só poderosa a fazer toda a diferença do nosso problema, é ser a mulher lícita, e a alheia vedada. O ser Herodias mulher alheia, e vedada por Deus, e por isso ilícita, era o que o Batista pregava: *Non licet, non licet tibi*²⁴³ – e, como se em lugar destas palavras lhe afearem o adultério, o confirmassem no motivo cego e ímpio do apetite, obedecendo em muitas coisas ao que ouvia e ensinava o pregador, nesta só, com a mesma admoestação de que era ilícita, se endurecia e obstinava mais. Entre Eva e Adão, em tão poucos dias ou horas quantas se conservaram no Paraíso, nenhuma destas causas, que dependem da continuação e do tempo, teve lugar; mas bastou a proibição do fruto vedado, sendo um só, e por vedado ilícito, para que fosse mais insofrível a satisfação e contentamento daquele felicíssimo estado, que a lícita concessão e faculdade de comerem de todas as outras árvores, sendo a multidão e a variedade dos gostos delas quase infinitas. Tal é a fome, que não pode suportar o apetite em um só gosto ilícito e vedado; e tal o fastio, que não pode evitar a variedade, posto que infinita, de todos os concedidos e lícitos. Isto é o que na mesa de

243 Não te é lícito, não te é lícito (Mc. 6, 18).

Herodes, desde um prato, está pregando a grandes brados a cabeça e língua muda do Batista, prometendo a Filipe, posto que neste mundo ofendido e afrontado, a facilidade da salvação, com que no venturoso roubo se viu livre da mulher própria, e segurando a Herodes, no infelicíssimo logro da alheia, a certeza que hoje está, experimentando dos tormentos eternos, na diferença somente de ser a mesma mulher, ou lícita por própria, ou ilícita por alheia.

SERMÃO DAS CHAGAS DE SÃO FRANCISCO
PREGADO EM ROMA, NA ARQUI-IRMANDADE
DAS MESMAS CHAGAS, ANO DE 1672

*Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*²⁴⁴

§ I

Assunto do sermão: São Francisco de Assis, segunda estampa de Cristo crucificado. As vozes e clamores das chagas de Francisco. O Monte Alvério, e o Monte Sinai.

A segunda estampa de Cristo crucificado – que no original toscano se diz, com propriedade e elegância que não cabe na nossa língua, *Il Crocifisso Ristampato* – porventura com maior e melhor novidade da que prometem as segundas impressões, será hoje a matéria do meu discurso. O discurso será meu, as palavras nem minhas nem vossas. Não minhas, porque de língua estranha; não vossas, porque mal polidas, e duramente pronunciadas. Mas esta dissonância tão conhecida, a que me obrigastes, se suprirá com vantagem, e ainda com harmonia, nas mesmas chagas de Francisco que celebramos, se as ouvirdes a elas, e não a mim.

Olhai, senhores, para aquelas chagas. Oh! que silêncio! Oh! que vozes! Oh! que clamores! Aquelas chagas abertas são cinco bocas; aquele sangue ardentemente gelado nelas são cinco línguas, que, ferindo os olhos mais cegos, penetram os ouvidos mais surdos. Ou as vejais como chagas de Cristo impressas em Francisco, ou como chagas de Francisco transformado em Cristo, de todo o

244 Cumpro na minha carne o que resta padecer a Jesus Cristo (Col. 1, 24).



modo são bocas, são línguas, são vozes. Das chagas de Cristo disse Ruperto: *Quot in Christi corpore plagae, tot linguae*²⁴⁵ – e das chagas de um pobre chagado, como Francisco, disse Crisólogo: *Ut in admonendo divites tot essent pauperis ora quot vulnera*.²⁴⁶ A estas vozes convido hoje, senhores, não os vossos ouvidos, senão os vossos olhos. Quando Deus dava a lei a Moisés no Monte Sinai, diz o texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes: *Populus autem videbat voces* (Êx. 20, 18). Notável dizer! O ver é ação dos olhos, as vozes são objeto dos ouvidos; pois, como se viam as vozes? Estava o Monte Sinai ardendo em chamas; estava Moisés transportado em Deus *fatie ad fatiem*; estava o mesmo Deus, feito escultor, imprimindo caracteres nas tábuas da lei, e à vista de uma visão tão estupenda, saíram os sentidos humanos fora de sua esfera, e viam os homens com os ouvidos, e ouviam com os olhos: *Populus autem videbat voces*.

Assim é. Passemos do Monte Sinai ao Monte Alverno, que vai o amor de monte a monte. Arde o monte todo em labaredas seráficas: Francisco, arrebatado e extático de face a face com Cristo; Cristo, escultor e impressor divino, estampando nele as suas chagas; Cristo, fora de si, transformado em Francisco; Francisco, fora de si, transformado em Cristo. Saiam logo também fora de si os sentidos, e, transformando-se os ouvidos em olhos, os olhos ouçam, e os ouvidos vejam. Os ouvidos, já que não têm que ouvir nas minhas palavras, vejam; e os olhos, já que têm tanto que ver nas chagas de Francisco, ouçam. Os olhos ouvirão bem, vendo bem; os ouvidos verão bem, ouvindo mal. E que hão de ver e ouvir? O que disse no princípio: a imagem de Cristo segunda vez estampada. Este é o meu assunto.

245 As chagas do corpo de Cristo são outras tantas línguas (Rupert).

246 Para que as chagas do pobre fossem outras tantas bocas que admoestassem aos ricos (Crisól.).

§ II

Por que razão quis Cristo restampar as suas chagas? Os defeitos da primeira impressão das chagas de Cristo emendados na segunda impressão no corpo de Francisco.

Mas por que razão, saibamos, quis Cristo restampar as suas chagas? Por que quis fazer esta segunda escultura, e esta segunda impressão delas? A razão está nas palavras que tomei por tema: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*²⁴⁷ Aquele *ad*, no texto original, é *re: reimpleo*. Quando a primeira impressão sai defeituosa, faz-se segunda impressão mais correta, em que se emendam os defeitos da primeira. Isto é o que fez Cristo. Tornou a restampar as suas chagas em Francisco, para emendar nesta segunda impressão os defeitos da primeira estampa. *Quae desunt*: eis aí os defeitos; *reimpleo*: eis aí a reimpressão; *passionum Christi*: eis aí as chagas; *in carne mea*: eis aí o corpo de Francisco. Que este lugar se entenda particularmente das chagas de Cristo, e das chagas de Cristo depois de subir ao céu, comunicadas na terra a um substituto do mesmo Cristo, qual era São Francisco, assim o dizem São João Crisóstomo e Teofilato: *Quemadmodum si, duce exercitus abeunte, subimperator in ejus locam constitutum vulnera ipsius recipiat.*²⁴⁸

Mas vejo que me dizem todos: – Defeitos nas chagas de Cristo? Naquelas chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito mérito, de infinita perfeição, pode caber algum defeito? Primeiramente a palavra não é minha, senão de São Paulo, que falava com muita Teologia, e com muita reverência. Isso quer dizer: *Ea quae desunt*. E na língua grega, em que São Paulo escreveu, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a Versão Siríaca, em

247 Cumpro na minha carne o que resta padecer a Jesus Cristo (Col. 1, 24).

248 Como se, tendo-se ausentado o general do exército, o seu substituto recebesse em seu lugar as chagas. (Crisóst. Teofil.).



lugar de *quae desunt*, trasladou *defectus*: *Adimpleo defectus passionum Christi*. Pois, que defeitos foram estes das chagas de Cristo? Claro está que não foram nem podiam ser defeitos do original, mas foram defeitos da impressão. Na primeira impressão das chagas de Cristo no Monte Calvário, se bem se consideram todas as suas circunstâncias, achareis que houve três defeitos: um da parte dos impressores, outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas chagas impressas. E todos estes defeitos foram corrigidos e emendados na estampa do Monte Alverno, quando segunda vez se restamparam as mesmas chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea*. Agora vos peço atenção.

§ III

Primeiro defeito, da parte dos impressores, das chagas de Cristo. A crueldade e sacrilégio dos artífices e impressores da primeira estampa, e o amor e inocência do impressor da segunda estampa. O cálix de vinho puro e misturado da paixão de Cristo de que fala Davi. As chagas de São Francisco e a instituição do Sacramento. Por que responde Cristo aos anjos, no triunfo de sua Ressurreição, que recebera as chagas na casa dos que o amavam?

Começando pelo primeiro defeito da parte dos impressores: os impressores das chagas de Cristo no Calvário foram os ministros da Sinagoga, armados de ódio, de ira, de inveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circunstância de tanta impiedade e horror, a mesma Paixão de Cristo, que da parte do crucificado era o mais agradável sacrifício, da parte dos crucificadores foi o mais abominável sacrilégio. Este foi o fel do cálix da Paixão: *Dederunt ei vinum felle mixtum*.²⁴⁹ Da parte do sacrifício era vinho, da parte

249 Deram-lhe a beber vinho misturado com fel (Mt. 27, 34).



do sacrilégio era fel, e por isso o Senhor o não quis beber: *Cum gustasset, noluit bibere.*²⁵⁰ E como no cálix da Paixão ia misturado o vinho com o fel; como na impressão das primeiras chagas, pela maldade dos artífices, o sacrifício foi misturado com o sacrilégio, o amor com o ódio, e a inocência com o pecado, este foi o primeiro defeito que Cristo quis emendar na segunda estampa. Por isso mudou os artífices, por isso fez que os impressores desta segunda estampa fossem um serafim transformado em Cristo, e o mesmo Cristo revestido de serafim, para que tudo aqui, e de todas as partes fosse amor, e para que nós, que não podemos ver as chagas de Cristo em Cristo, sem horror da impiedade humana, víssemos as chagas de Cristo em Francisco, só com admiração e pasmo do amor divino.

Este digo que foi o pensamento de Cristo, e vede se o provo. Morre e padece Cristo no Calvário, e, não contente com haver morto e padecido uma vez, torna a renovar a mesma paixão e a mesma morte no mistério sacrossanto da Eucaristia. E por quê? O sacrifício da morte de Cristo, uma vez padecido, não bastava para preço da Redenção, para remédio do mundo, para propiciação do Padre, para exemplo e exemplar dos homens? Sim, bastava, e sim, bastou. Antes, essa era a diferença do sacerdócio de Cristo ao sacerdócio de Arão, como notou São Paulo: *Hoc enim fecit semel, se ipsum offerendo.*²⁵¹ – Arão, como sacerdote somente homem, multiplicava os sacrifícios como se multiplicavam os pecados; porém, Cristo, que era sacerdote homem e juntamente Deus, que era sacerdote e juntamente sacrifício, que era sacrifício oferecido uma vez juntamente por todos os pecados do mundo, bastou que uma só vez morresse, e uma só vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semel, seipsum offerendo.*

250 Tendo-o provado, não o quis beber (ibid.).

251 Por que isto o fez uma vez, oferecendo-se a si mesmo (Hebr. 7, 27).



Pois, se bastava, e bastou, para remédio do mundo, que Cristo se sacrificasse e morresse uma só vez, por que renova segunda vez a mesma morte e a mesma Paixão no Sacramento? Disse-o admiravelmente o profeta Isaías: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, vindemiae defaecatae.*²⁵² Instituiu Cristo em forma de convite o sacrifício de seu corpo e sangue, diz o profeta, e tornou a renovar segunda vez no Monte Sião a mesma morte e o mesmo sacrifício que tinha oferecido no Monte Calvário, para que aquele sacrifício, que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro e defecado: *Convivium pinguium, vindemiae defaecatae.* Ora, vede. O sangue derramado no sacrifício da cruz era o mesmo sangue puríssimo consagrado no Sacramento; mas esse sangue na cruz esteve misturado, e como envolto nas fezes do ódio, da maldade, e do pecado sacrílego dos ministros que o derramaram. Que fez, pois, Cristo para emendar este defeito? Toma a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrifício e a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amor, e ele por si mesmo, o ministro, para que o sangue, que na cruz, por parte dos ministros ímpios, fora misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo, e ficasse totalmente puro e defecado: *Vindemiae defaecatae.*

Desejei um santo padre que o dissesse assim, mas dar-vos-ei um autor que vale por todos os padres, Davi. Viu Davi a Cristo com um cálix na mão, e, com termos dificultosos de entender, diz que este cálix estava cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini vini meri, plenus mixto* (Sl. 74, 9). Se o vinho do cálix era puro: *vini meri* – como era misturado: *plenus mixto*? E se era misturado, como era puro? Tudo era, porque era o cálix da Paixão de Cristo, o qual foi juntamente puro e misturado: puro, pela santidade e inocência do sangue de Cristo; misturado, pelas

252 O Senhor fará neste monte um banquete de manjares substanciosos, de um vinho sem fezes (Is. 25, 6).



fezes do pecado, e maldade dos que o derramaram. Este cálix de sua Paixão viu Davi que tinha Cristo na mão: e que fez o Senhor com ele. Ouvi e pasmai: *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen faex ejus non est exinanita.*²⁵³ O que até agora era um cálix, já são dois cálices – como advertidamente notou Eutímio – um o cálix da cruz, outro o cálix do Sacramento, que em substância são o mesmo. Tendo, pois, Cristo em uma mão o cálix de sua Paixão, toma na outra mão o cálix em que havia de consagrar o Sacramento: *Et inclinavit ex hoc in hoc* – e lançou e passou o cálix da Paixão ao cálix do Sacramento: *Verumtamen faex ejus non est exinanita*: porém, ficaram as fezes de fora, porque ficaram de fora o pecado e a maldade dos ímpios ministros, para que até aquela parte, que teve na cruz o ódio, a tivesse no Sacramento o amor.

O mesmo estilo guardou Cristo na segunda impressão das suas chagas. Assim como lá reiterou a sua paixão, e a passou ao Sacramento, assim cá reiterou as suas chagas, e as sacramentou em Francisco; e, assim como no Sacramento foi ele e o seu amor o ministro, assim na impressão das chagas foi ele e o seu amor o artífice, para que aquelas cinco brechas da divindade, que, abertas no corpo do mesmo Cristo, por parte dos executores delas, foram assombradas da fealdade e horror, purificada esta circunstância no corpo de Francisco, ficassem nele, por outras tantas partes, formosas, e, vistas a todas as luzes, amáveis. Se vos não dais por satisfeitos com a paridade, vamos às mesmas chagas, e seja Cristo o intérprete do seu pensamento.

Sobe Cristo triunfante ao céu no dia de sua gloriosa Ascensão, viram os anjos os sinais vermelhos de que ia matizado o sagrado corpo, cuidaram ao longe que eram rubis de estranha formosura; mas, divisando de mais perto que eram chagas, perguntaram admirados: *Quid sunt plagae istae in medio manuum tuarum?*²⁵⁴ Rei

253 E deitou deste naquele, e certamente suas fezes não se apuraram (Sl. 74, 9).

254 Que chagas são essas no meio das tuas mãos (Zac. 13, 6)?



e Senhor nosso, que é o que vemos? Isto é o que fostes buscar ao mundo? Isto é o que trazeis de lá? Que chagas são estas? Eu não me admiro do que se admiraram os anjos; admiro-me do que respondeu Cristo: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me* (Zac. 13, 6): São umas chagas – diz Cristo – que recebi na casa dos que me amavam. Na casa dos que me amavam? Todos estais vendo a dúvida. O Monte Calvário, patente e descoberto, era casa? Os homicidas, ou deicidas desumanos, que crucificaram a Cristo, cheios de ódio, de raiva, de vingança, amavam a quem tiraram a vida? Claro está que não. Pois, como diz Cristo que recebeu as chagas *in domo eorum qui diligebant me*: na casa daqueles que o amavam? Tomara ouvir a resposta, mas eu a darei.

Cristo recebeu duas vezes as chagas: uma vez em carne mortal, outra vez depois de ressuscitado. A primeira vez foram recebidas num monte, por mãos dos que tanto o aborreciam; a segunda vez foram recebidas numa casa, por mãos dos seus maiores inimigos. Entrou Cristo a portas fechadas na casa onde estavam os apóstolos, e aí lhe tornou a abrir as chagas a incredulidade devota e amorosa de Tomé: *Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum* (Jo. 20, 27): Mete essa mão, e vê bem estas chagas de minhas mãos e lado. Esta foi a segunda vez que se rasgaram as chagas de Cristo. Ouvei a São Pedro Crisólogo: *Ea vulnera, quae manus infixit impia, devota dextera nunc resulcat: Tatus, quod impii militis lancea patefecit, refodere manus nititur obsequentis*. E como as chagas de Cristo foram segunda vez abertas naquela casa em que estavam os apóstolos, que tanto o amavam, por isso Cristo disse com toda a verdade: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me*. Está verificada a proposição, mas a razão não está dada. Se as chagas foram abertas uma vez no Calvário, e outra vez na casa dos apóstolos, por que responde Cristo com esta segunda abertura das suas chagas, e não com a primeira? Porque, sendo o dia de seus triunfos, e de sua maior gala e majestade, quis



acudir pela formosura e pelo decoro das suas chagas: quis honrar a obra com o nome do artífice, por isso calou o ódio, e publicou o amor.

As chagas recebidas por mão do ódio, ainda que tão divinas, tinham sombras de fealdade e de horror; porém, recebidas por mão do amor, todas, e por todas as partes, eram belas e formosas. Esta foi a razão por que Cristo respondeu: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me.* – E este foi o primeiro motivo por que, transformado em um serafim de amor, tornou a restampar as mesmas chagas em Francisco, suprimindo desta forma, na segunda estampa, o erro e o defeito que tinha cometido na primeira o ódio dos impressores: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*

§ IV

Segundo defeito das chagas de Cristo: da parte dos instrumentos. Por que se não abrandaram a cruz e os cravos? Os cravos das chagas de Francisco, e as duas pontas que apareceram na cabeça de Moisés. A cruz de barro do profundo, de que fala o Profeta Rei. Diferenças de um crucificado a outro crucificado.

Da parte dos instrumentos – que é a segunda circunstância, e o segundo defeito – também houve muito que emendar na segunda impressão. Os instrumentos com que a primeira vez se imprimiram em Cristo as suas chagas foram os cravos e a lança. Contra estes dois instrumentos tenho grandes queixas. E bem, lenho mais que duro, e bem, ferros mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deus, contra vosso criador? Por que vos não abrandastes? Por que vos não rompestes? Por que vos não desfizestes naquela hora? Nos martírios dos defensores deste mesmo Cristo, quantas vezes se romperam os lenhos nas rodas e nas catastas? Quantas vezes se fizeram de cera as lanças e as espadas? Mas não



quero afrontar-vos com injúrias tão remotas. Neste mesmo dia, e neste mesmo monte, e em todo o mundo, não tremeu a terra? Não se romperam as pedras? Não se escureceu o sol? Não se rasgou o véu do Templo, confessando todas as criaturas que padecia o Autor delas? Pois, a cruz e os cravos, a quem o caso tocava de mais perto, por que se não abrandam? Por que se não espedaçam? Por que não acompanham na dor e no sentimento a toda a natureza?

Este foi o primeiro defeito dos instrumentos na primeira impressão das chagas de Cristo. Mas vede como o emendou Francisco na segunda estampa. Nos pés e mãos de Francisco, não só se viam as chagas abertas, mas no meio de cada uma delas estava um cravo, formado da mesma carne, que as traspassava, negro, ou entre negro e azul, da cor de ferro. Mais admiro estes cravos que as mesmas chagas. No crucifixo-Cristo, padeciam as mãos, padeciam os pés, padeciam as chagas; mas os cravos duros e insensíveis não padeciam. Porém, no crucifixo-Francisco, não só os pés e as mãos, não só as chagas em carne viva, mas também os cravos padecem. No Calvário quebraram-se as pedras mostrando dor, mas não tinham dor, porque eram insensíveis; os cravos, mais duros que as pedras, nem tinham dor nem mostravam dor, antes causavam acerbíssimas dores; e porque em Cristo causaram dores, por isso em Francisco são capazes de dor. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionais, para que, conhecendo a razão de sentir, padecessem a dor e mais a causa. Oh! espírito! Oh! amor mais que miraculoso!

Apreendeu o amor de Francisco tão viva, tão forte, tão dolorosamente o tormento e ofensa daqueles cravos, que os transformou, e os informou, e vivificou em si mesmo. Não tem parelha esta maravilha; só em Moisés teve uma semelhança. Estava Moisés com Deus naquele monte, onde também orou e jejuou outros quarenta dias, como Francisco; revelou-lhe Deus o que passava no campo e no exército, e como lá estava o ingrátíssimo



povo adorando um bezerro, e publicando a vozes que aquele era o Deus que os libertara do Egito. E que sucedeu a Moisés neste caso? Desce Moisés do monte, olham todos para ele, e veem que na testa – fosse a matéria qual fosse – lhe tinham nascido e saído duas pontas: *Ignorabat quod comuta esset facies sua* (Êx. 34, 29). Pois, duas pontas, e de tão feio nome na cabeça de Moisés nesta ocasião, e não em outra? Sim, porque, como era tão amante de Deus, e tão verdadeiro zelador de sua glória, transformou em si mesmo os instrumentos das ofensas de seu Senhor.

Como o povo ofendia brutalmente a Deus idolatrando, e o instrumento bruto desta ofensa era um bezerro com duas pontas na testa, foi tal a força da dor, do amor e do zelo de Moisés, que transformou em si, e informou, e vivificou esses mesmos instrumentos na parte mais sensível de si mesmo: *Quod facies ejus esset comuta*. Ah! zelador da honra de Deus, mais zelante que Moisés! Ah! amador de Deus, mais amante que Moisés, Francisco! Do vosso adorado crucifixo disse o profeta: *Comua in manibus ejus* (Hab. 3, 4) – dando este fero nome àqueles duros cravos; mas porque eles foram duros e feros, vós os transformastes em vós, desafrontando a sua dureza no vosso sentimento, e emendando a sua insensibilidade na vossa dor.

Assim supriu Francisco o defeito dos cravos, e assim também o da cruz, que foi o segundo instrumento que concorreu duramente à impressão das primeiras chagas. Notou São Boaventura que os cravos das chagas de Francisco, não só lhe traspassavam as mãos e os pés, senão que da parte oposta estavam torcidos, dobrados, e como que rebatidos: *Ipsa vero acumina oblonga, retorta, et quasi repercussa*. Grande mistério! Os pregos pregam-se no crucificado, mas não se dobram nem se rebatem senão na cruz: logo, São Francisco era o crucificado e mais a cruz juntamente. Mas por que era também cruz? Para emendar o defeito da cruz de Cristo. Na cruz de Cristo padecia o crucificado, mas a cruz não padecia.



Por isso Francisco se fez a si mesmo cruz, para ser cruz padecente. Agora, reparai na diferença de uma cruz a outra cruz. Na cruz do Calvário padecia Cristo, porque estava em carne mortal, mas a cruz não padecia, porque era insensível; na cruz de Francisco Cristo não padecia, porque estava já imortal e glorioso, mas a cruz padecia, porque era cruz viva, cruz sensitiva, cruz racional: passível, e verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Cristo por boca de Davi, gloriando-se não pouco desta nova cruz. Ouvi o passo, em que há muito que ouvir.

*Infixus sum in limo p̄ofundi, et non est substantia.*²⁵⁵ – Fala o profeta literalmente de Cristo, como entendem todos os padres e intérpretes, e diz Cristo que se crucificou a si mesmo no barro do profundo: *In limo profundi*. – Já a cruz de Cristo não é de madeira, senão de barro. E que cruz de barro, ou que barro feito em cruz foi este? São Bernardo diz que foi o barro de Adão, aquele barro de quem diz o texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terrae*²⁵⁶ – As palavras de São Bernardo são estas: *Fortasse crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam crucis habet, quam, si manus extenderit, exprimit manifestius. Loquitur autem Christus in psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus.*²⁵⁷ De maneira que quando Deus, tomando a natureza humana, uniu a si o nosso barro, então diz São Bernardo que se crucificou Deus em uma cruz de barro, porque se crucificou no homem. A razão por que não pode subsistir a segunda parte desta interpretação logo a vereis. Que cruz de barro foi logo esta?

Digo que foi São Francisco, porque, sendo barro, como os outros homens, foi o barro do profundo: *Infixus sum in limo profundi*.

255 A nova versão o dos Salmos é mais clara e sem mistérios.

256 Formou o Senhor ao homem do barro da terra (Gên. 2, 7).

257 Bernard. Serm. 4 in vigil. Nativit.



Olhai para todo o gênero humano, para toda esta massa do barro de Adão: na superfície, e no alto, estão os soberbos, barro que todo se desfaz em vapores; no meio estão os que não são soberbos nem humildes; no fundo estão os humildes; e no mais profundo deste fundo quem está? Francisco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Este barro, pois, do profundo, foi a cruz em que Cristo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi*. O mesmo profeta o declarou, ajuntando a diferença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia*. Santo Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiae, quia ipse ille limus paupertas erat*. Substância quer dizer riquezas e bens temporais. Assim se diz do Pródigo: *Dissipavit omnem substantiam*.²⁵⁸ E este barro do profundo, em que Cristo se crucificou, era tão pobre, que era a mesma pobreza: *Quia ipse ille limus paupertas erat*. Vede se era Francisco, e se é esta a sua diferença individual: *Infixus sum in limo profundi, et non est substantia*.

Os que querem engrandecer a semelhança destas duas estampas dizem: Despi a Francisco, e vereis a Cristo; vesti a Cristo, e vereis a Francisco. Isto significam aqueles dois braços cruzados, um nu, outro vestido, ambos chagados. Perdoai-me, senhores, não pintais bem, ou trocai os pensamentos. O braço vestido é o de Cristo, o nu é o de Francisco. Por quê? Porque *non est substantia*. A pobreza de Cristo, enquanto exemplar nosso, foi mais conveniente; mas a pobreza de Francisco, enquanto pobreza, foi mais nua e mais pobre, porque Cristo, além do domínio alto de todo o universo, é de fé, e assim está definido, que ou em particular, ou em comum, teve domínio de algumas coisas.

Mas em Francisco *non est substantia*, porque nem em particular nem em comum teve domínio de coisa alguma. Os vestidos, de que despiram a Cristo na cruz, eram de Cristo; a túnica, de que está

258 Dissipou toda a sua riqueza (Lc. 15, 13).

vestido Francisco não é de Francisco. Logo, o braço de Francisco é o braço nu, ou se deve também despir o braço de Cristo. Mas, se ambos nus, ambos chagados, onde acharemos a diferença? Só a fé lha pode achar, e assim o advertiu o mesmo texto.

Infixus sum in limo profundī, et non est substantia. Lê o grego: *Et non est hypostasis.* A diferença de um crucificado a outro crucificado, é que num há união hipostática, no outro não. A humanidade de Cristo, como dizia São Bernardo, foi a cruz de barro em que se crucificou a divindade; e o corpo de Francisco foi a cruz, também de barro, em que se tornou a crucificar a humanidade de Cristo. E para quê? Para suprir na segunda cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira cruz foi uma cruz dura, uma cruz cruel, uma cruz desumana, uma cruz, que, mostrando dor e sentimento até às pedras, só ela se mostrou insensível; seja logo Francisco uma segunda e nova cruz, cruz sensitiva, cruz humana, cruz amorosa, cruz crucificada, cruz que tome em si as dores, cruz que não cause as penas, mas as padeça; cruz, enfim, que desfaça e emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*

§ V

Terceiro e último defeito das chagas de Cristo: ainda que as chagas dos pés e mãos foram perfeitas chagas, a chaga do lado, que era a que mais pertencia ao coração, foi chaga imperfeita. Como reparou Cristo o defeito, ou falta de dor da chaga de seu coração? Absalão, figura de Cristo crucificado. Se Absalão era figura de Cristo, e o peito de Cristo foi aberto com uma só lança, como se veem três lanças no peito de Absalão? As três lançadas do peito de Francisco. As demonstrações de amor do céu e da terra na Paixão e morte de Cristo, e os extremos do amor de Francisco.

O terceiro e último defeito foi das mesmas chagas impressas, porque, ainda que as chagas dos pés e mãos foram perfeitas, a



chaga do lado, que era a que mais pertencia ao coração, foi chaga imperfeita, e quase não foi chaga, nem Cristo a estimou tal, porque foi chaga sem dor. Na última hora, e quase nas últimas respirações da vida, disse Cristo: *Sitio* (Jo. 19, 28): Tenho sede – e disse *sitio*, diz o evangelista, porque sabia o Senhor que já estavam acabados todos os tormentos da Paixão, e cumpridas todas as Escrituras: *Sciens quia omnia consummata sunt, dixit: Sitio* (ibid.). Devagar, Senhor meu: Nas Escrituras está profetizado que haveis de padecer o golpe da lança: *Circumdedit me lanceis suis, convulneravit lumbos meos.*²⁵⁹ Pois, se ainda faltam a chaga do lado e a ferida da lança, por que dizeis que está tudo acabado: *Omnia consummata sunt?* Porque a ferida da lança foi ferida que a não havia de sentir Cristo, porque a havia de receber depois de morto; e feridas que se não sentem, ainda que sejam no coração, não são feridas. A chaga do lado era chaga sem dor, e chaga sem dor não é chaga. Por isso São João, discreta e advertidamente, não disse que feriram o lado a Cristo, senão que lho abriram, como agudamente notou Santo Agostinho: *Vigilanti verbo usus est, ut non diceret latus ejus percussit, aut vulneravit.* Não disse que a lança feriu o lado, senão que o abriu: *Latus ejus aperuit* (Jo. 19, 34) – porque feridas e chagas que não doem não são chagas, são aberturas: *Aperuit.*

Sentiu Cristo tanto este defeito, ou esta falta de dor na chaga do seu coração, que, não pedindo a seu Padre que o dispensasse de algum outro tormento, só do golpe da lança pediu que o livrasse: *Erue a framea, Deus, animam meam* (Sl. 21, 21): Senhor, livrai-me da lança – que me há de rasgar o peito, mas não me há de causar dor. – E que respondeu o Padre a esta petição? *Framea, suscitare super pastorem meum, et super virum cohaerentem mihi.*²⁶⁰ Já que, filho meu,

259 Cercou-me com as suas lanças, atravessou-me os rins (Jó 16, 14).

260 Ó lança, levanta-te contra o meu pastor, e contra o homem que sempre anda adicto a mim (Zac. 13, 7).



repugnais tanto essa lança, porque não haveis de sentir o golpe dela, eu vos prometo que, assim como vos hei de ressuscitar a vós, ressuscitarei também a mesma lança, e a meterei no peito de um homem muito unido comigo, e pastor do meu rebanho, para que se supra na sua dor a falta da vossa. Já que vós não padecestes a dor da lançada, Francisco a padecerá. Assim foi, e para que o vejais com os olhos, ponde-os naquele galhardo mancebo suspenso entre o céu e a terra, pendente dos braços de uma enzinha, expirante, alanceado, morto. Bem entendeis que falo de Absalão, figura de Cristo ressuscitado, como dizem comumente os intérpretes. Figura de Cristo, porque filho de Davi; figura de Cristo, porque o mais formoso dos homens, porque morto contra o preceito de seu pai, e, finalmente, porque Absalão quer dizer *filius patris*, o filho do padre. Nem descompõem o primor da figura os pecados de Absalão, porque Cristo na cruz tinha sobre si todos os pecados do mundo, e, particularmente, o da desobediência de Adão.

Só Joab parece que a descompôs totalmente, porque diz o texto sagrado que pregou três lanças no peito de Absalão: *Infixit tres lanceas in corde Absalon* (2 Rs. 18, 14). Pois, se Absalão era figura de Cristo, e o peito de Cristo foi aberto com só uma lança: *Lancea latus ejus aperuit* – como se veem três lanças no peito de Absalão? A segunda lança bem suspeito eu qual foi, porque vejo ao pé da cruz aquela afligidíssima Mãe, a quem disse Simeão: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius*.²⁶¹ Qual foi logo a terceira lança, e qual o peito que traspassou e feriu? Claro está que foi o peito de Francisco, mas com admirável propriedade e diferença. A lança que abriu o peito de Cristo foi uma só, mas as lançadas foram três: uma em Cristo, outra em Maria, outra em Francisco. A de Cristo feriu o corpo, mas não feriu a alma; a de Maria feriu a alma, mas não feriu o corpo; a de Francisco feriu o corpo, e juntamente a

261 Uma espada traspassará a tua mesma alma (Lc. 2, 35).

alma. Cristo recebeu o golpe, mas não sentiu a dor; Maria sentiu a dor, mas não recebeu o golpe; Francisco recebeu o golpe, e sentiu a dor.

Mas Francisco meu, segunda estampa de Cristo, não bastará que se conforme a estampa com o original? Se as vossas chagas são sensitivas e racionais, ponhamo-las em razão. As quatro que Cristo padeceu, padecei-as; a quinta, que ele recebeu e não sentiu, tende-a embora no peito, mas não a padeçais. Doei-vos com Cristo vivo e doloroso; mas doer-vos também com Cristo morto, quando já não padece nem pode padecer dor? Sim, porque a primeira dor foi compaixão, a segunda é fineza. Mostraram dor, e publicaram sentimento na Paixão e morte de Cristo todas as criaturas insensíveis do céu, e todas as da terra, mas com uma diferença, porventura não advertida. O sol escureceu-se em todas as três horas em que Cristo esteve vivo na cruz; tanto que o Senhor expirou, tirou o capuz o sol, e tornou-se a revestir de luz, e alegrou o mundo como dantes: *A sexta autem hora tenebrae factae sunt super universam terram, usque ad horam nonam.*²⁶² A terra não o fez assim: enquanto Cristo esteve vivo na cruz, estiveram suspensas todas as criaturas do mundo inferior; tanto que o Senhor expirou, treme a terra, quebram-se as pedras, abrem-se as sepulturas, rasga-se o véu do Templo: tudo confusão, tudo tristeza, tudo dor, tudo sentimento: *Exclamans vote magna, emisit spiritum: et ecce velum templi scissum est in duas partes: terra mota est: petrae scissae sunt, et monumenta aperta sunt.*²⁶³ Pergunto agora: E qual foi maior demonstração de amor, a do céu ou a da terra? Em gênero de fineza, não há dúvida que a da terra. O céu obrou como compassivo, a terra como fina. O céu

262 Mas desde a hora sexta até a hora nona, se difundiram trevas sobre toda a terra (M. 7. 27, 45).

263 Dando um grande brado, rendeu o espírito. E eis que se rasgou o véu do templo em duas partes, e tremeu a terra, e partiram-se as pedras, e abriram-se as sepulturas (ibid. 50 ss).



como compassivo, porque se condoeu com quem padecia; a terra como fina, porque se doeu de quem já não padecia nem podia padecer. Como a terra é a pátria das dores, não é muito que em se saber doer vencesse ao céu.

Mas estes extremos, que entre o céu e a terra estiveram divididos, ambos se uniram e multiplicaram no coração de Francisco, que pode ensinar amor ao céu e à terra. Não se contentou com o conselho do Apóstolo: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu.*²⁶⁴ Sentiu o que Cristo sentiu, e o que não sentiu também: padecente com Cristo padecente, e padecente com Cristo impassível. Nas quatro chagas, padecente com Cristo, porque Cristo as padeceu; na quinta chaga, padecente por Cristo, porque, ainda que Cristo a não padeceu, era chaga de Cristo. Este foi o porquê. Mas para quê? Para que a dor que faltou ao lado de Cristo se suprisse na dor do lado de Francisco: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*

§VI

Qual foi o fim, em respeito de nós, por que tornou a estampar Cristo as suas chagas em São Francisco? A Itália, única nação na qual se verificou o que tinha profetizado a Sabedoria da imagem de Cristo transformada.

Tenho acabado o meu discurso, e só quisera que o fim dele fosse o mesmo fim que teve Cristo nesta segunda impressão das suas chagas. Qual foi o fim, em respeito de nós, por que tornou a estampar Cristo as suas chagas em São Francisco? Só Roma, como intérprete de todos os oráculos divinos, o podia saber dizer, e ela o disse: *Qui, frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne, in carne beatissimi Francisci passionis tuae stigmata renovasti:*

264 E haja entre vós o mesmo sentimento que houve também em Jesus Cristo (Flp. 2, 5).



Renovou Cristo as suas chagas em Francisco, para que o mundo, que tanto se vai esfriando, se acendesse no fogo do seu amor. Pois, para acender e inflamar o mundo naquele fogo que Cristo veio trazer à terra, não seriam mais eficazes as chagas do mesmo Cristo? Não, porque as chagas de Cristo, ainda que acendem por uma parte, por outra parte esfriam. Ao exemplo de Cristo posso responder que ele era homem e Deus; mas eu sou homem somente. Esta escusa da nossa fraqueza é a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra resposta, senão arder como ele. São Paulo, que foi o São Francisco do apóstolado: *Ego stigmata Domini Jesu in corpore meo porto*²⁶⁵ – que é o que dizia? Que imitássemos a Cristo e as suas chagas? Não: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*.²⁶⁶ Não dizia que imitássemos a Cristo, senão a ele, porque, para imitar a Cristo, podia ter alguma escusa a nossa fraqueza; mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhuma escusa. Os raios que, despedidos do corpo do sol, não acendem, passados por uma vidraça ferem fogo. Por isso se entrou Cristo crucificado naquele espelho de Francisco: *Ut frigescente mundo, inflammaret corda nostra*.

E se é necessário que a matéria esteja disposta, em nenhuma parte do mundo há mais aparelhadas disposições que nos corações de Itália. Grande caso é, e tão glorioso como grande, que, imprimindo Cristo duas vezes as suas chagas, ou visível, ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Itália: as chagas invisíveis em Catarina de Sena, as chagas visíveis em Francisco de Assis. Oh! gloriosa nação, escolhida e amada de Cristo para se transformar nela! Esta é aquela única nação, na qual se verificou o que tinha profetizado a Sabedoria da imagem de Cristo transformada: *Imago bonitatis illius: et in se permanens omnia innovat, et*

265 Eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus (Gal. 6, 17).

266 Rogo-vos que sejais meus imitadores, como também eu o sou de Cristo (1 Cor. 4, 16).

*per nationes in animas sanctas se transfert.*²⁶⁷ Arda, pois, Itália neste divino fogo, e arda Roma, que, se a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio que esteja, se inflamará. E, com esta última eficácia de suas chagas, suprirá também Francisco o efeito que ainda falta às chagas de Cristo: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*²⁶⁸

267 A imagem da sua bondade. E, sendo uma só, pode tudo; e, permanecendo em si mesma, renova todas as coisas, e, através das gerações, transfunde-se nas almas santas (Sab. 7, 26 s).

268 Cumpro na minha carne o que resta padecer a Jesus Cristo (Col. 124).

PALAVRA DO PREGADOR EMPENHADA E DEFENDIDA:
EMPENHADA PUBLICAMENTE NO SERMÃO DE AÇÃO
DE GRAÇAS PELO NASCIMENTO DO PRÍNCIPE D. JOÃO,
PRIMOGÊNITO DE SS. MAJESTADES, QUE DEUS GUARDE;
DEFENDIDA DEPOIS DE SUA MORTE EM UM DISCURSO
APOLOGÉTICO

*Oferecido secretamente à Rainha N. S. para alívio
das saudades do mesmo príncipe.*

*In ipsa attenuata ipse respiciet et videbit. Volo enim in te,
et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

SI

Olhado dos olhos de Deus na morte prematura do Príncipe Dom João. Fascino, deus tutelar dos meninos e dos imperadores. Os remédios de Deus para livrar do olhar. Razão não esperada nem imaginada por que a Providência divina deu e levou dentro em tão poucos dias o príncipe primogênito.

Basta Senhor – com quem falarei, senão com vossa divina majestade, e com quem me queixarei, senão com vossa divina misericórdia? – Basta, Senhor, que também os vossos olhos dão olhar! Prometestes que havíeis de olhar e ver, desempenhastes a vossa palavra, mas empenhastes mais a nossa dor. Desempenhastes a vossa palavra, porque destes à prole atenuada dos nossos reis o filho varão que lhe tínheis prometido; e empenhastes mais a nossa dor, porque, quando começávamos a festejar a primeira e tão suspirada nova de seu nascimento, sobreveio a segunda, e nunca imaginada, que ainda se não atreve a língua a pronunciar, de sua tão apressada sepultura. Vivo e morto! Dado, e outra vez negado! E em espaço de dezoito dias! Menos disse Jó quando mais encareceu



a brevidade da vida: *Breves dies hominis sunt, numerus mensium ejus apud te est* (Jó 14, 5): Se os dias do homem são breves, e o número de seus meses está na vossa mão, que causa pode haver – não sendo ela abreviada – para que àquela inocente beleza lhe abreviasse tanto os dias, que não chegasse a contar um mês? Tudo quanto leio nas vossas Escrituras acrescenta mais o pasmo, que nos tem atônitos e assombrados. Não diz o vosso apóstolo que os vossos dons são sem arrependimento: *Sine poenitentia enim sunt dona Dei* (Rom. 11, 29)? Por que vos arrependestes logo tão depressa do que nos concedestes tão tarde? Se assim nos havíeis de tomar a tomar o que nos destes, não fora melhor não no-lo ter dado? Oh! quanto melhor nos ia com o engano das nossas esperanças, que agora com o desengano das nossas saudades! Consolava-nos o vosso profeta Isaías, com dizer que dais coroas por cinzas; e agora, que trocastes em cinza a coroa que nos tínheis dado, quem nos poderá consolar, na estranheza desta mudança? Dissestes que olharíeis e veríeis, e parece que os aspectos do olhar e ver nesses dois divinos planetas se encontraram tanto em nossa desgraça, que a benignidade do ver se rendeu à violência do olhar, matando-nos o olhado a mesma vida que nos tinha dado a vista. Pudera dar olhado ao nosso belíssimo infante a sua mesma formosura; pudera-lhe dar olhado a emulação e a inveja; pudera-lhe dar olhado, sobretudo, o extremo de nosso amor; e, se também é espécie de olhado o louvar muito o que muito agrada e se estima, também lhe puderam dar olhado os nossos panegíricos. Mas, sendo o nascimento e o nascimento efeito do olhar e ver dos olhos de Deus, contra cujo poder nenhum outro prevalece, só os vossos olhos, Senhor, como eu dizia, lhe puderam dar olhado.

Os romanos, como refere Plínio, adoravam a um Deus chamado Fascino, o qual, segundo a significação do seu nome, tinha por ofício ou tutela guardar e defender do olhado. E a quem? Coisa maravilhosa! Não só aos meninos, senão também aos imperadores:



Fascinus Imperatorum quoque, non solum infantium custos, qui Deus inter sacra romana a vestalibus colitur – são as palavras de Plínio. E verdadeiramente que, se a superstição inventara este Deus para o nosso caso, nem ela o pudera fazer, nem nós desejar com maior propriedade. De maneira, que o cuidado daquele Deus era guardar do olhado não só os meninos, senão também os imperadores: *Imperatorum quoque, non solum infantium custos* – porque entenderam os romanos que tão sujeitos estavam ao mal de olhado os imperadores pela grandeza de sua majestade, como os meninos pela fraqueza de sua idade. Agora não posso deixar de confessar a minha culpa. Eu fui o que meti neste segundo perigo o nosso príncipe, também nisto fatal; pois, quando celebrávamos o seu nascimento como menino, eu lhe acrescentei o título e prognóstico de imperador, com que dei nova e maior matéria ao olhado que lhe tirou a vida. Mas, se assim o seu nascimento, já cumprido, como o seu império, que estava por cumprir, eu o fundei nas palavras e promessas de Deus, como podia eu temer que os olhos do mesmo Deus, que lhe deram a vida, lhe houvessem de dar o olhado, pois só quem lhe deu o ser lho podia tirar? A força desta razão me obrigou, ou arrebatou no princípio a cuidar que também os olhos de Deus podem ter olhado. Mas, depois que dissipadas um pouco as nuvens da dor e da tristeza, me deram lugar a maior luz, neste caso – que todo é mistérios – descobri outro que nem eu imaginava, nem se podia imaginar facilmente. E qual é? Que não foi olhado de Deus o que tirou a vida ao nosso príncipe, mas que foi Deus o que lhe tirou a vida para que lhe não dessem olhado.

Ouvi agora um segredo da sabedoria e misericórdia divina, que não só nos pode consolar, mas alegrar na consideração desta perda, pela qual não são de menor obrigação as segundas graças que devemos dar a Deus, do que lhe foram devidas as primeiras. Fala a sabedoria divina de um sujeito singular, não só inocente, mas justo, e diz que lhe cortou Deus os fios da vida muito antetempo,



levando-o para si arrebatadamente: *Raptus est.*²⁶⁹ – E por quê, ou para quê? Ambas as coisas, diz o texto, porque o amava Deus muito: *Placens Deo factus est dilectus*²⁷⁰ – e para o livrar de que lhe dessem olhado: *Fascinaria enim nugaciraris abscurat bona.*²⁷¹ – Pois, Senhor meu, é bom remédio este para livrar do olhado? Para livrar do olhado uma flor, cortá-la antes que os maus olhos a murchem? Para livrar do olhado uma vida, que ainda não sabe o que é viver, sepultá-la para que os maus olhos a não vejam? Se vós matais essa mesma vida, que mais lhe havia de fazer olhado? Muito mais. Tudo aquilo que se encerra nos secretos da presciência divina, os quais só veem os olhos de Deus, e não podem alcançar os humanos. Oh! quantas lágrimas choram erradamente os olhos dos homens, porque não veem os futuros! A quantos faltou a fortuna, porque lhes sobejou a vida! E a quantos fez imortal em poucos dias a vida, porque se lhes antecipou a morte! *Fascinaria nugaciraris abscurat bana.* – O olhado é um eclipse de todo o tempo, e um veneno de todos os bens, que os escurece e mata; e porque só pode escapar deste eclipse, ainda que seja o mesmo sol, quem for estrela do firmamento, por isso Deus se antecipou a pôr no céu o inocente seu mimoso, a quem quis livrar do olhado: *Prapter hoc praperavit educere illum de media iniquitatum.*²⁷²

De sorte que quando Deus se apressa a tirar deste mundo os que dele são bem-vistos, não é porque os seus olhos lhes deem olhado, mas porque veem, e preveem o olhado de que os quer livrar. E esta foi a razão, de nós não esperada nem imaginada, por que a providência divina nos deu e levou dentro em tão poucos dias o desejado de nossos olhos e o prometido dos seus. Estes são

269 Foi arrebatado (Sab. 4, 11).

270 Tendo-se tornado agradável a Deus, foi por ele amado (ibid. 10).

271 Porque a fascinação das frivolidades escurece o bem (ibid. 12).

272 Por isso ele se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades (ibid. 14).

os segundos efeitos do olhar e ver de Deus, que não desfazem, mas aperfeiçoam os primeiros. Quis que o nosso infante nascesse a esta vida, para que fosse viver à outra, não morto propriamente, mas trasladado. Assim o diz e celebra o mesmo texto: *Placens Deo factus est dilectus, et vivens inter peccatares translatus est.*²⁷³ – O vulgo cego chamou morte a este sucesso, e como tal o chorou, porque não o entendeu: *Populi autem videntes, et non intelligentes, nec panentes in praecardiis talia.*²⁷⁴ Porém, suas majestades, que no segundo efeito não desconhecaram os mesmos olhos e a mesma misericórdia do primeiro, sendo os mais empenhados no desejo da vida, e no sentimento da morte do seu primogênito, a entenderam, e quiseram que nós entendêssemos tão diferentemente, que El-Rei, que Deus guarde, proibiu os lutos, e a rainha, nossa senhora, desejou que se continuassem as festas. Assim havia de ser, e justissimamente: se as primeiras se fizeram ao dia do seu nascimento, façam-se as segundas, e maiores, ao dia da sua traslação: *Vivens, translatus est.*

§ II

O principal intento da presente discursa: concordar a segunda nova da morte da príncipe, que está no céu, com a primeira da seu nascimento. A palavra de Deus e da autor desempenhadas por um texto da Apocalipse. A missão e história do Príncipe D. João profetizadas na famosa visão da Evangelista.

Defendidos assim os olhos de Deus, ou desagravados da queixa que lhe imputava a nossa dor, segue-se o principal intento do

273 Tendo-se tomado agradável a Deus, foi por ele amado, e foi transferido do meio dos pecadores (ibid. 10).

274 E os povos estão vendo isto, e não entendem nem refletem nos seus corações (ibid. 14).



presente discurso, que é concordar a segunda nova da morte do príncipe, que está no céu, com a primeira do seu nascimento, e sustentar a verdade de tudo o que preguei e prometi no panegírico do mesmo nascimento, sem embargo de termos já morto o mesmo nascido. Ninguém chamará a esta empresa dificultosa, porque todos, e com razão, a terão por impossível. Dividi aquele sermão em duas partes: uma em que desempenhei a palavra de Deus, e outra em que empenhei a minha; e a ambos estes empenhos cortou o cumprimento e a esperança a morte. O empenho da palavra de Deus era que na prole atenuada da décima sexta geração dos nossos reis havia ele de olhar e ver, isto é, lhe havia de dar um filho varão; mas como o deu e levou tão arrebatadamente, para nós o mesmo foi dá-lo como se o não dera, e para ele o mesmo foi ser, como se não fora: *Fuissem quasi non essem, de utero translatus ad tumulum*.²⁷⁵ – O empenho da minha palavra foi que aquele mesmo príncipe, que então festejávamos nascido, não só havia de ser rei, senão imperador, e não imperador de qualquer império particular, senão de toda a monarquia do mundo. E quem não chegou a possuir, e encher os sete pés de terra, que a todos concede na morte a natureza, porque se não estendia a tanto a sua estatura, como há ou pode dominar depois de morto, não só alguma parte, ainda menor, da mesma terra, quanto mais toda? Porque estou vendo que o assunto mais merece riso que atenção, só peço que não seja condenado antes de ser ouvido.

Viu São João no Apocalipse uma mulher vestida do sol, e coroada de doze estrelas, com a lua debaixo dos pés, e diz que esta mulher pariu um filho varão, o qual havia de dominar todas as gentes do mundo: *Mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et en*

275 Que tivera sido como se não fora, desde o ventre trasladado para a sepultura (Jó 10, 19).



*capite ejus corona stellarum duodecim: et peperit filium masculum, que rectorus erat omnes gentes en virga ferrea.*²⁷⁶ – Nestas duas cláusulas últimas temos o desempenho da palavra de Deus, e também o da minha. O desempenho da palavra de Deus, que era o parto de um filho varão: *Peperit filium masculum* – e o desempenho da minha, que era o império universal deste mesmo filho sobre todo o mundo: *Que rectorus erat omnes gentes*.

Isto é o que diz o texto por palavras expressas. E a figura maravilhosa, que viu São João no céu, significava mais alguma coisa? Sim: duas. A primeiras que este filho varão, nascido para imperador universal, havia de ser príncipe cristão, e filho da Igreja Católica. Assim o entendem literalmente todos os expositores do texto, e que por isso a mesma mulher, a quem se atribui o parto, estava vestida do sol, e coroada de doze estrelas. Vestida do sol, que é Cristo: *amicta sole* – porque a divisa e caráter próprio da Igreja e religião cristã é o batismo, e todos os que se batizam, se vestem de Cristo, como diz São Paulo: *Quicumque en Christo baptizati estis, Christum induistis.*²⁷⁷ – E coroada de doze estrelas, que significam os doze apóstolos: *Et en capite ejus corona stellarum duodecim* – porque a mesma Igreja não só é e se intitula católica, senão também apostólica.

A segunda coisa que significava a mesma figura, é a circunstância do tempo, em que havia de nascer à Igreja aquele filho varão e dominador do mundo. Esta questão já a excitei, e resolvi no último discurso do sermão passado, onde mostrei com o profeta Daniel, que a exaltação do império universal há de concorrer no mesmo tempo com a ruína do império do turco, porque, quando

276 Uma mulher vestida do sol, que tinha a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça; e pariu um filho varão, que havia de reger todas as gentes com vara de ferro (Ap. 12, 1. 5).

277 Todos os que fostes batizados em Cristo, revestiste-vos de Cristo (Gal. 3, 27).



este cair, então aquele se há de levantar. E porque não quero cansar a memória dos que me ouviram, nem repetir o já dito, digamos Davi em poucas palavras o que profetizou Daniel em muitas: *Dominabitur a sari usque ad mare, et a flusine usque ad terminos orbes terrarum*²⁷⁸ – Fala Davi deste mesmo império – que é o de Cristo – e diz que dominará de mar a mar, até os últimos fins de toda a redondeza da terra. Mas quando? *Donec auferatur luna* (Sl. 71, 7): Quando for tirada do mundo a lua. – A lua há de durar até o fim do mundo: *Erunt signa en sole et luna*.²⁷⁹ – Que lua é logo esta, que há de ser tirada do mundo naquele tempo? É a lua que os maometanos adoram e trazem em suas bandeiras. Assim o declara o mesmo texto na raiz hebreia: *Donec auferantur serve lunae*: Até que sejam tirados do mundo os que servem à lua. – E isto é o que significa no nascimento do príncipe dominador do mundo a lua debaixo dos pés da Igreja: *Et luna sub pedibus ejus*. – Os pregadores, quando explicam este lugar do Apocalipse, dizem que a mulher, figura da Igreja, estava coroada de estrelas, vestida do sol, e calçada da lua. Elegante modo de falar, mas impróprio, e não ajustado ao texto. O texto não quer dizer calçada, senão calcada. Não quer dizer que a lua há de calçar a mulher, senão que a mulher há de calcar a lua, metendo-a debaixo dos pés: *Luna sub pedibus ejus*. – E esta tão notável e não imaginada circunstância é a que, com admiração do mundo, concorreu neste mesmo ano em que nasceu o nosso príncipe, como bem mostra a experiência presente na torrente continuada de tantas e tão gloriosas vitórias, com que a Igreja e as cruces cristãs vão metendo debaixo dos pés as luas otomanas.

De maneira que, resumindo toda esta visão do Apocalipse – no qual quis Deus que São João visse e historiasse todos os sucessos

278 Dominará de mar a mar, e desde o rio até aos contins da redondeza da terra (Sl. 71, 8).

279 Haverá sinais no sol e na lua (Lc. 21, 25).



da sua Igreja, principalmente os maiores – diz o mesmo São João, como profeta, como apóstolo e como evangelista, que a Igreja pariria, e lhe nasceria um filho varão: *Peperit filium masculum* – e que este filho havia de ser imperador de todo o mundo: *Qui rectorus erat omnes gentes* – e que este nascimento sucederia quando a mesma Igreja metesse debaixo dos pés a lua, e os que a servem, que são os turcos: *Et luna sub pedibus ejus*. – Pode haver propriedade mais própria e mais ajustada com o nosso caso? Não. E não é isto pontualmente o que eu preguei? Sim. Vejo, porém, que os mesmos que me ouviram, estão respondendo todos, que verdadeiramente, e com grande fundamento, pudéramos esperar uma tal felicidade, se Deus nos não cortara o fio a essa mesma esperança, levando tão arrebatadamente para si o mesmo filho varão, que já nos tinha dado. Assim o confesso eu também, e não pode haver instância mais forte nem mais evidente. Mas agora é que triunfa o famosíssimo texto. Vede as palavras que acrescenta o mesmo São João: *Peperit filium masculum, qui rectorus erat omnes gentes: et raptus est filius ejus ad Deum, et ad thronum ejus* (Apc. 12, 5): Pariu o filho varão, que havia de imperar sobre todas as gentes, e Deus subitamente o levou para si, e ao seu trono. – Pois, se Deus levou e arrebatou subitamente para o céu esse filho varão tanto que nasceu, como é esse mesmo filho varão o que havia de ser imperador do mundo, e reinar sobre todas as gentes? Haverá agora quem responda, não digo a mim, senão a São João Evangelista?

O doutíssimo Ribera, da nossa Companhia, por confissão de Espanha e do mundo, o maior escriturário dela, comentando este lugar do Apocalipse, reconhece nele que há de haver um príncipe cristão que seja imperador de todo o mundo, mas não assinala tempo, nação, nem pessoa. O bispo, que depois foi de Elvas, ministro de El-Rei D. João o IV em Roma, não duvidou alegar este mesmo texto ao Sumo Pontífice Inocência X, em prova de que aos reis de Portugal pertencem a primogenitura dos reinos e o



império universal do mundo. Mas a dúvida ou implicação de haver de morrer, e ir para o céu em nascendo o mesmo filho varão que houvesse de dominar esse mesmo império, ninguém a desfez até hoje. Que diremos logo ao texto de São João, e ao sucesso do nosso príncipe?

§ III

Se Deus levou e arrebatou subitamente para o céu o primogênito dos reis de Portugal, como é esse mesmo filho varão o que havia de ser imperador do mundo? Assim como Cristo, enquanto supremo Senhor no espiritual, fez um vice-Cristo com o poder universal da Igreja, que é o Sumo Pontífice, assim enquanto supremo Senhor no temporal, há de fazer outro vice-Cristo com o poder universal do mundo. A propriedade por que, sendo este Império da terra, a posse dele não quis Deus que se tomasse na terra, senão no céu. As circunstâncias do nascimento do Príncipe Dom João.

Mal me atrevera eu a desatar este nó mais que gordiano, se a solução não estivera expressa na Escritura Sagrada. Mas porque é da Escritura, também não duvido afirmar que é a verdadeira. E qual é, ou pode ser, a resolução ou razão que concorde o haver de ser um menino imperador de todo o mundo, com morrer, e o levar Deus para o céu tanto que nasceu? A razão clara e manifesta é porque a posse deste império, com ser temporal, e da terra, não se havia de tomar na terra, senão no céu. E como não se havia de tomar na terra, senão no céu, e o tempo determinado por Deus era chegado, não só foi conveniente, senão necessário e forçoso que o menino, que nasceu para primeiro possuidor deste império, o mesmo Deus o levasse logo para o céu, onde lhe desse a posse e investidura dele. A razão não se pode negar que é tão cabal e adequada quanto e mais do que se podia desejar; mas como ou donde se há de provar que a posse deste império universal não



se havia de tomar na terra, senão no céu? Vai a prova admirável, e conforme com tudo o mais. Já vimos no sermão passado como se mostrou Deus ao profeta Daniel em um trono de grande majestade, donde deu o império universal de todas as gentes a um chamado quase filho do homem: *Quasi Filius hominis veniebat, et ad antiquum dierum pervenit: et dedit ei potestatem, et honorem, et regnum; et omnes populi, tribus et linguae ipsi servient.*²⁸⁰ – E quem é o quase filho do homem? Também isto dissemos. O filho do homem é Cristo; o quase filho do homem é o quase Cristo, ou vice-Cristo. Em suma, que assim como Cristo, enquanto supremo Senhor no espiritual, fez um vice-Cristo com o poder universal da Igreja, que é o Sumo Pontífice, assim enquanto supremo Senhor no temporal, há de fazer outro vice-Cristo com o poder universal do mundo, que é o imperador, de que falamos. E este segundo quase filho do homem, este segundo quase Cristo, ou vice-Cristo, com o império temporal do universo, onde tomou ou havia de tomar a posse desse império? É certo que não na terra, senão no céu. O mesmo texto o diz expressamente: *Et ecce cum nubibus caeli* – notem-se muito as palavras – *et ecce cum nubibus caeli quasi Filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit. Et in conspectu ejus obtulerunt eum; et dedit ei potestatem et honorem, et regnum; et omnes populi, tribus, et linguae ipsi servient* (Dan. 7, 13 s): E vi – diz o profeta – que vinha arrebatado das nuvens do céu o quase filho do homem, e que chegava até o trono de Deus, onde lho ofereciam e presentavam, e que o mesmo Deus lhe dava o poder, a honra, e o reino universal, para que todas as nações, todas as línguas, e todas as gentes lhe obedecessem e o servissem. De sorte que, sendo o *quasi filius hominis* o vigário de Cristo e o vice-Cristo na terra, e

280 Eis que vi um como o Filho do homem que vinha, e que chegou até ao antigo dos dias; e ele lhe deu o poder e a honra e o reino; e todos os povos, todas as tribos e todas as línguas o servirão (Dan. 7, 13 s).



sendo o império, em que se lhe deram as vezes do mesmo Cristo, o império temporal e universal do mundo, o lugar em que recebeu a posse deste supremo poder foi nomeadamente o céu, aonde o levaram e arrebatarem as nuvens: *Ecce cum nubibus caeli veniebat.* – E o lugar do céu, onde Deus lhe deu a mesma posse, foi ante o trono de sua mesma majestade, onde o apresentaram: *Et in conspectu ejus obtulerunt eum.*

E se alguém perguntar a razão desta razão, e a conveniência ou propriedade por que, sendo este império da terra, a posse dele não quis Deus que se tomasse na terra, senão no céu? A verdadeira razão Deus a sabe, que assim o mostrou o profeta; mas a que nós muito verossimilmente podemos conjecturar, é porque, assim como ao primeiro vigário de Cristo no espiritual se deu a posse das chaves do céu na terra, porque Cristo então estava na terra, assim foi conveniente que ao segundo vigário do mesmo Cristo no temporal se desse a posse do império da terra no céu, porque Cristo agora está no céu. Exemplo. Quando os vice-reis e governadores dão homenagem dos reinos e províncias que se lhes encomendam, não se faz esta solenidade nos mesmos reinos e províncias onde eles hão de representar a pessoa e exercitar os poderes do rei, senão no lugar onde está o mesmo rei, ou seja, na corte, ou fora dela. A corte de Cristo é o céu, e porque Cristo estava neste mundo, e fora da sua corte quando o primeiro vice-Cristo lhe deu a homenagem do primeiro império universal, que é o da sua Igreja, por isso, ainda que as chaves deste império fossem do céu, a homenagem delas não lha deu no céu, senão na terra, porque Cristo estava na terra: logo, da mesma maneira, estando Cristo hoje, como está, na corte do céu, quando o segundo vice-Cristo lhe houve de dar a homenagem do segundo império, que é o do mundo, ainda que este império e as chaves ou cetro dele sejam da terra, não lhe devia dar a homenagem dele na terra, senão no céu, porque Cristo está no céu. E esta foi a razão e novo mistério no



nosso príncipe, tanto de morrer logo depois de nascido, como de não nascer morto, a que esteve mui arriscado.

Ao segundo dia do seu nascimento, para que eu, posto que de tão longe, concorresse também à celebridade da ação de graças, o reverendíssimo Padre Leopoldo Juess, confessor de Sua Majestade, me enviou um resumo das circunstâncias particulares de que cá não podia haver notícia, entre as quais são as duas que agora direi. Em dezenove de janeiro, ao sair da capela, depois de ouvir duas missas, como Sua Majestade costuma, tropeçando nos aparatos de inverno, de que estava coberto o pavimento, faltou pouco que não caísse de costas, e com todo o peso do corpo, se duas damas, que a acompanhavam, não tomassem e sustentassem a queda nos braços. Em vinte e oito de abril, indo Sua Majestade em liteira, escorregou e caiu um dos machos, e com o abalo e susto, que se deixa ver, tendo o feto já animado os meses bastantes para sentir o fracasso, e não tendo o vigor e forças necessárias, em composição tão de vidro, para o resistir. Em dezoito de agosto, estando já tão próximo ao parto, sobreveio de noite a Sua Majestade um paroxismo de febre veementíssima, a que se seguiram opressões e ânsias do coração, e outros sintomas, que puseram em grandes temores de aborto os médicos, como também os haviam tido nos acidentes passados. Só a rainha, que Deus guardou, e guarde, como havemos mister, se portou em todos com tal sossego, valor e constância, como se não fossem coisa de cuidado, dizendo sempre muito confiada e seguramente que o seu santo – é o nome com que significa a São Francisco Xavier –, assim como lhe dera aquele filho, assim lho havia de livrar de todo o perigo. Esta foi a primeira circunstância, uma segunda, e terceira vez notada no discurso dos nove meses. Mas, como todo o possível se deve temer, para maior cautela, em matéria que importa mais que a vida, frequentemente fazia Sua Majestade esta oração: Que se houvesse de perigar a vida do filho, ou da mãe, lhe aceitasse Deus, e tirasse



a sua, contanto que ele não perdesse a eterna, morrendo sem a graça do batismo. Julguem outros qual fosse mais nobre a natureza neste sacrifício, se a fé e a cristandade, ou o amor. Eu digo que nem Deus podia faltar à piedade de tal petição, nem o santo à confiança de lhe solicitar o despacho. Mas acrescento que nem a nova indulgência de Deus, nem a repetida diligência do santo era necessária, sendo o filho qual era, e para o que nascia. Por quê? Porque, sendo ele o destinado para o império universal, e havendo de tomar a posse do mesmo império no céu, claro está que não podia morrer sem batismo. Isso quer dizer no nosso texto nascer o filho varão, não como filho de outra mãe, senão da Igreja, porque todo o homem antes do batismo nasce filho de Eva, e da natureza, e só depois do batismo nasce filho da Igreja e da graça, e por isso foi logo arrebatado ao céu: *Raptus ad Deum, et ad thronum ejus*.

Constando, pois, não por discursos, ou conjecturas, senão por textos expressos da Sagrada Escritura, que a posse do império universal do mundo se não havia de tomar na terra, senão no céu, nenhuma implicação, ou contrariedade tem, antes se vê clara e manifestamente, que não podia suceder doutra maneira, senão que o mesmo filho varão, que nascia para imperador do mundo, fosse logo levado ao céu, a tomar posse do império para que Deus o tinha destinado. E isto é o que expressamente viu São João, e o que nós vemos cumprido no nascimento e arrebatada morte do nosso príncipe: *Peperit filium masculum* – ei-lo aqui nascido filho varão: *Qui recturus erat omnes gentes* – ei-lo aqui nascido para imperador do universo: *Et raptus est ad Deum, et ad thronum ejus* – ei-lo aqui, depois de nascido, subitamente arrebatado ao céu, para receber de Deus a posse do império. Onde muito se devem notar aquelas palavras *ad Deum, et ad thronum ejus*. – Não diz *ad thronum suum* – que fosse arrebatado ao céu para o seu trono, que havia e há de gozar como bem-aventurado, senão *ad thronum ejus*: ao trono de Deus – porque ia apresentar-se ao trono de Deus, onde havia de receber a



posse e investidura do império, como expressamente diz Daniel: *Donec throni positi sunt, et antiquus dierum sedit: et dedit ei potestatem, et honorem, et regnum: et omnes populi, tribus, et linguae ipsi servient.*²⁸¹

§ IV

Depois que o primeiro possuidor do império universal tomou posse no céu, quem há de governar e administrar o mesmo Império na terra? O caso maravilhoso com que Deus lançou os primeiros fundamentos à sucessão do reino de Judá, de que ele era o rei, e os fundamentos também primeiros do Império de Portugal, de que o mesmo Deus é imperador. O modo, fatal e maravilhoso pelo qual nos príncipes de Portugal – o já nascido, e o que há de nascer – de dois irmãos, à semelhança de Zara e Farés, se há de compor um só herdeiro, e de um morto e um vivo, à semelhança de Luso e Lísias, se há de formar um só rei e imperador Uma das maiores circunstâncias com que, na batalha de El-Rei Dom Sebastião em África, se perderam o rei e o reino de Portugal.

Assentado e estabelecido, com tão certos e autênticos fundamentos, que o primeiro possuidor do império universal havia de ir tomar a posse dele ao céu, como foi com efeito o nosso príncipe, saibamos agora, depois da posse tomada no céu, quem há de ser o que governe, administre, e exercite o mesmo império na terra. Porventura o mesmo príncipe, que assim como tão depressa se despediu de nós, assim haja de tornar outra vez a este mundo? Não. Ele tomou a posse dele, e o irmão que há de nascer depois dele é o que há de lograr a primogenitura, e o que há de suceder no império. De sorte que o mesmo império há de ser comum de ambos os irmãos: do primeiro, e morto, que foi tomar a posse dele ao céu; e do segundo, e vivo, que o há de administrar na

281 Até que foram postos uns tronos: e ele lhe deu o poder, e a honra, e o reino; e todos os povos, todas as tribos, e todas as línguas o servirão (Dan. 7, 9. 14).



terra. Confesso que parece coisa nova e admirável formar de dois irmãos um só herdeiro, e que seja o primeiro irmão o que tome a posse, e o segundo, que há de vir depois, o possuidor. Mas para mim, ainda que seja maravilha, não é novidade, porque assim o costuma Deus nos reinos que ele fez, e de que ele é o rei, quais foram unicamente neste mundo, primeiro o reino de Judá, e depois o de Portugal. Descreve São Mateus a descendência de Judá, e, falando não só do primeiro, senão também do segundo filho, diz assim: *Judas autem genuit Phares et Zaram* (Mt. 1, 3): Judas gerou a Farés e a Zara. – O estilo do evangelista em todo o catálogo da genealogia de Cristo é passar do pai ao primogênito, sem fazer menção do filho segundo, ainda que ambos fossem nascidos de um só parto, como Jacó e Esaú: *Isaac autem genuit Jacob* (ibid. 2). – Pois se nesta geração, e em todas as outras, só se nomeia o filho primeiro, e o segundo se passa em silêncio, com que razão ou mistério, na descendência de Judá, pai e fundador da tribo real, não só diz o evangelista que gerou a Farés, senão também a Zara: *Judas autem genuit Phares et Zaram?* – Na história maravilhosa do nascimento destes dois meninos temos a razão e o mistério. Foi o caso que, ao tempo de nascer, um deles lançou fora o braço, no qual atou a parteira um fio de púrpura, dizendo: Este há de ser o primogênito: *Iste egredietur prior* (Gên. 38, 28). – Mas, que fez o mesmo menino, que é o que se chamou Zara? Recolheu outra vez o braço, e, dando lugar ao irmão, que era o segundo, e se chamou Farés, este foi o que herdou a primogenitura. Em efeito, que Zara saindo diante só, tomou a posse da púrpura, e Farés, que nasceu depois, foi o que a vestiu e a logrou.

Este foi o caso maravilhoso com que Deus lançou os primeiros fundamentos à sucessão do reino de Judá, de que ele era o rei, e tal é o que temos presente, ou começado, nos fundamentos também primeiros do império de Portugal, de que o mesmo Deus é o imperador: *Imperium mihi*. – O príncipe nascido, e que logo se

retirou para o céu, foi como Zara, que só tomou a posse da púrpura, e recolheu o braço; o príncipe que há de nascer será como Farés, que sucedeu no lugar que lhe deixou o irmão, e logrará a mesma posse, e se vestirá da majestade da púrpura, e estenderá o braço a empunhar o cetro. Os mesmos nomes de um e outro declaram o nascimento do primeiro, e a parte que havia de ter o segundo nesta divisão do império, porque Zara quer dizer *oriens*: o que nasce – e Farés, *divisio*, o que divide. E como ambos os irmãos – tão cortês o primeiro, como venturoso o segundo – repartiram entre si estes dois primeiros atos da primogenitura e morgado real, um tomando a posse, e outro sucedendo-lhe nela, por isso São Mateus, assim como nas outras gerações nomeou um só descendente, e um só filho, do mesmo modo nesta, com novidade singular, nomeou dois. Para quê? Para reservar cada um a parte do direito que tinha à sucessão do cetro, fazendo de dois irmãos um só filho, de dois filhos um só descendente, e de dois descendentes um só herdeiro: *Voluit Evangelista honorem illis quodammodo partiri, ita Phares in genealogia Christi enumerans, ut Zaram non penitus excluderet, sed suum illi quod habere videbatur jus, quo uno poterat modo declarando reservare* – disse depois dos outros intérpretes, com maior propriedade e elegância, o doutíssimo Maldonado.

Este é pois o estado em que de presente nos achamos entre os dois irmãos, o nascido e o que há de nascer. Bem assim como entre Zara e Farés, ao tempo em que Zara, com a púrpura já na mão, retirou o braço. Não se viu caso nem fineza semelhante, se bem se considera. Tendo já começado a nascer Zara, retirou outra vez o braço, para tornar a desnascer, e com este retiro ceder ao nascimento do irmão segundo a prerrogativa de primeiro. Verdadeiramente que nascer e morrer logo, como aconteceu ao nosso príncipe, é nascer e desnascer; e se de dois irmãos, o primeiro desnascido, para que o segundo nascesse, fez o evangelista um só primogênito, muito mais admirável caso é, ou será, o dos nossos dois príncipes, o já



passado desta vida e o futuro, porque um com a posse da púrpura no céu, e outro com o cetro na terra, formarão ambos um imperador nunca visto nem imaginado, composto de dois, um vivo e outro morto. Disse nunca visto nem imaginado, porque fora de Portugal nunca se viu nem imaginou tal coisa, mas em Portugal sim. Ouçamos agora uma antiguidade antiquíssima do nosso reino, e tão notável como antiga.

Depois da morte de El-Rei Luso, de quem os portugueses se chamaram lusitanos, foram tais as saudades com que o choravam, e a estimação que fizeram daquela perda, que se resolveram todos, pois tinham perdido tal rei, de não admitir jamais outro. Chegou neste tempo a Espanha Baco, celebrando com jogos e festas, e com as lanças laureadas de parra, os seus famosos triunfos; e como passasse o Guadiana, e entrasse em Portugal, contentou-se tanto da terra e da gente, que desejou fazer rei dela um filho que tinha, chamado Lísias. Sabendo, porém, o firme pressuposto em que os portugueses estavam de não aceitar outro rei depois de Luso, que faria Baco? Às outras nações volta-lhes Baco o juízo, com o licor a que deu o nome; porém, aos portugueses – deixem-no dizer assim – com que vos parece que os podia embriagar, senão com as saudades de um rei muito amado e morto? Disse-lhes, que, agradecendo Luso ao amor e fidelidade dos portugueses, tão firme que nem a morte o pudera enfraquecer, se resolvera a passar a sua alma, e a introduzir em outro corpo, para tornar a viver entre eles e os governar, e que o sujeito que animava, e em que vivia a alma de Luso, era aquele seu filho, por isso também chamado Lísias. Que não crerá o amor, quando se lhe promete o que deseja muito! *Omnia credit.*²⁸² – Creram os portugueses, e, com este engano, aceitaram por rei a Lísias, e assim como dantes em memória de Luso tomaram o nome de lusitanos, assim dali por

282 Tudo crê (1 Cor. 13, 7).



diante, não mudando, mas continuando a mesma memória de Lísias, se chamaram também lisíades, e a Lusitânia Lísia. Enfim, que os portugueses naquele tempo, segundo a sua opinião, eram governados por um príncipe composto de dois, um vivo e outro morto: o morto, cuja alma vivia em Lísias, e o vivo, cujo corpo somente morrera em Luso.

Todos sabemos que aos triunfos de Baco, pai de Lísias, na Índia, sucederam e excederam na mesma Índia as vitórias dos portugueses. Não será logo temeridade crer que a mesma providência divina, que tinha destinado fundar o seu império no mesmo reino de Luso e Lísias, neste caso de Portugal, que sucedeu mil e quinhentos anos antes da vinda de Cristo, já então quisesse historiar ou pintar uma excelente figura do que havia de suceder em outros dois príncipes do mesmo reino, mais de mil e seiscentos anos depois. Nem o fingimento de Baco, e o engano dos portugueses, desfaz ou enfraquece de algum modo a propriedade e verdade do figurado, porque é certo que em muitas figuras do direito Senhor do mesmo reino de Portugal, Cristo, ainda que intervieram enganos, como na bênção de Jacó, nas promessas de Labão e na venda de José, nem por isso deixou de ser verdadeira depois a significação das mesmas figuras. Já vimos, pois, como a alma do primeiro príncipe, que Deus nos deu, tomou a posse do seu império no céu; e, se o segundo, que esperamos nos há de dar o mesmo Deus, for o possuidor do mesmo império na terra, como também lhe está prometido, quem não vê que, assim como o engano da alma de Luso se fez verdadeiro na alma do primeiro irmão, assim a fortuna e reinado de Lísias se verificará no segundo, compondo-se no tal caso, e inteirando-se de ambos um prodigioso imperador? Um morto e outro vivo; mas um no poder, um no cetro, e um na mão que o há de governar. Tal foi a irmandade e império de Moisés e Arão, em que de dois irmãos se compunha um só, e não dois imperadores: um no poder, porque Moisés e Arão ambos mandavam



com uma só voz; um no cetro, porque a vara, que era o cetro, uma vez se chamava de Arão, outra de Moisés; um, finalmente, na mão, porque, sendo Moisés e Arão dois príncipes, a mão com que obra-
vam, como diz Davi, era uma só mão: *In manu Moysi et Aaron*.²⁸³

Resta somente, para último e admirável complemento do nos-
so caso, que no primeiro irmão fosse a mão do morto, e no segun-
do, que a meneasse, fossem os impulsos do vivo. Mas também isto
nos prometem as esperanças de Portugal em outro sucesso fatal
do mesmo reino. Uma das maiores circunstâncias de fatalidade,
com que na batalha de El-Rei D. Sebastião, em África, se perdeu o
rei e o reino, foi que na mesma batalha morreram três reis: Molei
Maomet, rei de Marrocos; Molei Abdemelec, que lhe tinha usur-
pado o reino, e El-Rei D. Sebastião, que lho ia restituir. Estes dois
últimos foram vencidos e mortos, mas vencidos e mortos pelo
primeiro também já morto. E de que modo? Morto de uma bala
Molei Abdemelec, sem que o seu exército o soubesse, foi metido
assim morto em uma liteira, e com ele um dos seus capitães, o
qual lhe meneava a mão morta, e com voz viva dava de dentro as
ordens; e deste modo se prosseguiu sem alteração a batalha, e se
conseguiu a estupenda vitória, sendo os fatais instrumentos dela
a mão de um morto, e o mando de um vivo.

Busquemos agora a proporção que tem ou pode ter esta fatali-
dade de Portugal com a felicidade do mesmo reino, que lhe espe-
ramos. E não se agravarão os arcanos da Providência de nós lhe
investigarmos ou medirmos as proporções, pois ela, na permissão
da fatalidade passada, e na promessa da felicidade futura, observa
tal proporção e correspondência, que a fatalidade foi permitida
no décimo sexto rei, e a felicidade está prometida à décima sexta
geração. Suposto, pois, como deixamos tão largamente provado,
que o império universal do mundo se há de introduzir nele com

283 Pela mão de Moisés e de Arão (Sl. 76, 21).



a última ruína e destruição do império otomano, parece que a elegante contraposição, que a sabedoria e providência divina costuma observar na retórica de suas obras, quando nelas se quer ostentar mais maravilhosa, parece, digo, que está pedindo ou prometendo que, assim como as armas maometanas com uma mão morta, meneada por um vivo, destruíram naquela fatal batalha o rei e o reino de Portugal, assim o mesmo rei e reino, para se fazer império, com a mão do primeiro príncipe, e morto, que tomou a posse, e com a voz e impulsos do segundo, e vivo, que lhe há de suceder, sejam a destruição e ruína do poder e exércitos otomanos.

§V

Três razões pelas quais o pregador reforça a esperança do nascimento de um segundo príncipe. A razão provável: havendo emprestado Deus, e tomado outra vez, e levado para si o primeiro príncipe, assim não pode Portugal duvidar de que lhe dará outro. – A razão quase certa, fundada na obrigação e primores de São Francisco Xavier Hélice e o filho de Sunamitis. O báculo milagroso de Eliseu e o barrete de São Francisco Xavier. A energia e força com que Deus prometeu estabelecer, e não edificar, seu império na descendência de Dom Afonso Henriques.

Este é o modo fatal e maravilhoso, pelo qual nos nossos dois príncipes – o já nascido e morto, e o que há de nascer e viver – de dois irmãos, à semelhança de Zara e Farés, se há de compor um só herdeiro, e de um morto e um vivo, à semelhança de Luso e Lísias, se há de formar um só rei e imperador. E se a alguém lhe parecer que esta fábrica tão extraordinária mais parece uma idéia fingida só no desejo, que esperança segura e bem fundada, pois toda depende principalmente do nascimento do segundo irmão, e que é contingente e incerto – como já se experimentou no segundo parto do primeiro matrimônio, tão desejado e esperado, que nunca veio à luz – digo que, quando eu não tivesse outros motivos



que grandemente me confirmassem nesta esperança, bastava só aquele ato heroico no amor natural e paterno, com que Suas Majestades, assim como se alegraram com o nascimento do filho, quando Deus lho deu, assim lhe deram graças, e se conformaram com sua divina vontade, quando lhos tirou. Bastava, torno a dizer, para que a soberana liberalidade do mesmo Senhor, depois de lhe tirar o primeiro, não haja de faltar em lhe dar o segundo. Caindo a casa de Jó, matou-lhe os filhos, sendo certo, às avessas, bastar que lhe morressem os filhos, para que caísse a casa. E que fizeram Deus e Jó neste notável sucesso? Jó deu graças a Deus, dizendo: Deus os deu, Deus os levou: *Dominus dedit, Dominus abstulit: sit nomen Domini benedictum*²⁸⁴ – e Deus pagou-se tanto deste ato tão conforme com a sua divina vontade, que assim como lhe tinha dado e levado os primeiros filhos, assim lhe deu os segundos. Havendo, porém, tanta diferença entre uns e outros, que assim como os primeiros perderam a vida entre os trabalhos da primeira fortuna de Jó, assim os segundos a lograram e estenderam por muitos anos entre as felicidades da segunda.

Mas, deixado este motivo, fortíssimo em qualquer outro coração menor que o de Deus, ainda se reforça a minha esperança em três razões, uma provável, outra quase certa, e a terceira infalível. A provável, fundada no exemplo do nosso texto; a quase certa, fundada nos primores de São Francisco Xavier; a infalível, fundada na palavra e promessa divina. Quanto ao exemplo do texto, quando Ana, orando, disse a Deus: *Si respiciens videris* (1 Rs. 1, 11): Se olhando virdes – pediu um só filho varão: *Sexum virilem* (ibid.) – e se Deus, ouvindo sua oração, lhe não deu um só filho, senão depois dele muitos, por que não teremos nós a mesma confiança, principalmente tendo por fiadora a promessa do mesmo Deus, em que, pelas mesmas palavras de Ana, nos deu e empenhou a sua, de que

284 O Senhor o deu, o Senhor o tirou: bendito seja o nome do Senhor (Jó 1, 21).



olhando veria? Entre o ver, olhando ou sem olhar, há uma muito grande diferença. O ver é ação do sentido, o olhar é atenção do cuidado, e isto é o que Cristo prometeu à prole atenuada: *In ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit*. – Depois da morte do príncipe, que Deus nos deu e levou, tão atenuada ficou a prole, como dantes estava: quando o deu, pôs nela os olhos de sua misericórdia: *Posuit in te, et in semine tuo oculos misericordiae suae* – e quando o levou, ainda que lhe tirou o filho, não tirou dela os olhos, porque no tal acontecimento, se os olhos de Deus deixassem de olhar, sucederia a desatenção e descuido ao cuidado e atenção prometida. De sorte que, tendo-se cumprido o *videbit* no nascimento do primeiro filho, sempre fica o *respiciens*, para se não descuidar do segundo.

Quando Ana pediu o filho varão a Deus, fez um voto muito notável, e foi que, se Deus lhe desse o filho, ela o emprestaria a Deus. Esta foi a forma do voto, uma e outra vez repetida: *Idcirco ego commodavi eum Domino cunctis diebus, quibus fuerit commodatus Domino*.²⁸⁵ – Quem é o que empresta os filhos nestes casos, não são os pais a Deus, senão Deus aos pais. Bem se viu no nosso príncipe, dado verdadeiramente por empréstimo, e por empréstimo de tão poucos dias, que mal passadas duas semanas, no-lo tornou Deus a tomar e recolher para si. Mas o que eu neste empréstimo de Ana reparo e pondero muito, é o gênero ou espécie do mesmo empréstimo. O contrato do empréstimo, posto que a nossa língua o não distingue, divide-se em duas espécies, uma que se chama *commodato*, e a outra *mutuo*: no empréstimo de *commodato* sois obrigado a tornar aquilo mesmo que recebestes: emprestaram-vos uma espada, haveis de tornar a mesma espada; no contrato de *mutuo*, não sois obrigado a tornar, ou pagar o mesmo, senão outro tanto: emprestaram-vos dez arrobas de açúcar, não haveis de tornar o

285 Portanto eu o entrego também ao Senhor, por toda a vida que o Senhor for servido conceder-lhe (1 Rs. 1, 28).



mesmo açúcar, senão outro tanto peso. Vamos agora ao mesmo contrato entre Ana e Deus. Da parte de Ana foi empréstimo de *commodato*: *Commodavi eum Domino*²⁸⁶ – porém, da parte de Deus, depois que lhe aceitou e tomou o filho para si, foi empréstimo de *mutuo*, porque por um filho emprestado lhe deu outro e outros: *Donec sterilis peperit plurimos*.²⁸⁷ – E como a liberalidade divina é tão pontual na paga ou restituição destes empréstimos, havendo-nos emprestado Deus, e tomado outra vez, e levado para si o primeiro príncipe, assim como nos deu e levou o mesmo por *commodato*, não podemos duvidar que nos dará outro por *mutuo*.

Esta é a razão, posto que tão provada, a que só dei o nome de provável. A que chamei e chamo quase certa, é fundada na obrigação e primores de São Francisco Xavier, que comparados ficarão melhor conhecidos. Eliseu, primogênito de Elias, como Xavier de Santo Inácio – patriarcas ambos de fogo – agradecido a uma matrona muito sua devota, chamada pela pátria Sunamitis, disse desta maneira a Giesi, criado que era do mesmo profeta: – Temos tantas obrigações, como sabes, a esta Sunamitis; com que lhe pagaremos? Pergunta-lhe se tem algum requerimento com El-Rei, ou quer algum privilégio do general das armas para sua casa, e dize-lhe que eu lhe alcançarei logo tudo o que quiser. – Grande confiança, por certo, de um homem vestido de peles, que tão seguramente promettesse as mercês e favores do rei, e dos seus maiores ministros! Mas era Eliseu pregador do mesmo rei, e assim costumavam os reis daquele tempo estimar e deferir aos seus pregadores. Até de Herodes dizem os evangelistas que, sem o Batista lhe pedir nada, fazia muitas coisas só por serem ditames seus: *Audito eo multa faciebat*.²⁸⁸ – Mas, tomando ao criado,

286 Eu o entrego ao Senhor (1 Rs. 1, 28).

287 Até que a estéril teve muitos filhos (1 Rs. 2, 5).

288 Pelo seu conselho fazia muitas coisas (Mc. 6, 20).



respondeu Giesi, que não era necessário saber de Sunamitis o que queria, porque era casada, e não tinha filho, e isto é o que sobretudo devia desejar. Então a chamou Eliseu, e lhe prometeu um filho, o que ela, ainda depois de prometido, não podia acabar de crer, e assim lhe disse com palavras cheias de confiança: – Olhai, varão de Deus, não me enganeis: *Noli, vir Dei, noli mentiri ancillae tuae* (4 Rs. 4, 16). – Cumpriu-se, porém – como não podia faltar –, a palavra do profeta; teve Sunamitis o filho prometido, e no tempo sinalado; mas durou-lhe poucos dias este gosto, porque morreu o menino. E que faria a mãe, que tanto o tinha desejado ser, e o logrou tão pouco? Vai-se buscar a Eliseu, que estava ausente, lança-se a seus pés, dizendo com lágrimas: *Num quid non dixi tibi; Ne iliudas me* (ibid. 28)? E bem, varão de Deus, não vos disse e protestei eu que me não enganásseis? – Se da vossa parte não houve engano, pois me destes o filho que me prometestes, eu me acho muito enganada, porque melhor me fora não o haver tido, para o perder tão depressa – disse a mulher, e o profeta não respondeu palavra. Entregou a Giesi o seu báculo, e mandou-lhe que fosse muito depressa à casa da Sunamitis, e que o pusesse sobre o menino morto, para que o ressuscitasse; mas, como a morte estava obstinada a não se render a outro lenho que o da Cruz, o báculo, e quem o tinha levado, tornaram sem efeito. Então conheceu Eliseu quão bem-fundada era a desconfiança da Sunamitis, quando lhe disse: *Nolimentiri ancillae tuae* – pois dar um filho a uma mãe para o não lograr, era como desmentir o que tinha prometido, e roubar o que tinha dado; e para acudir o profeta pela verdade da sua palavra, não só orou fortissimamente a Deus, mas ajuntou à oração todos os meios naturais, com que o cadáver frio, tornando a receber calor, se podia dispor outra vez para se lhe introduzir a alma. Enfim, ressuscitou o menino, e Eliseu acabou de desempenhar a sua promessa, e dar de verdade à mãe o filho que tinha dado, porque lho deu outra vez.



Se eu agora esperasse que São Francisco Xavier nos ressuscitasse o nosso infante, não seria esperança extraordinária, senão muito vulgar nos seus poderes. Eliseu ressuscitou um morto em vida, e depois da morte outro; Xavier ressuscitou em vida vinte mortos, e depois da morte quarenta e seis – além dos que se não sabem; – e, sendo sessenta e seis estes ressuscitados, teria o nosso príncipe o sétimo lugar, ainda depois dos sessenta. Entre estes foram os meninos que ressuscitou perto de trinta, e alguns que os pais tinham alcançado por sua intercessão, com que o santo lhes deu duas vezes. Mas eu não quero que Xavier nos alcance a ressurreição do mesmo príncipe, senão o nascimento de outro, porque este é, como vimos, o modo mais próprio e natural do olhar e ver dos olhos de Deus. É certo que, para alcançar Xavier do mesmo Deus uma segunda vida, não seriam necessários tantos extremos de ações extraordinárias, como as que ajuntou Eliseu à sua oração, porque se uma relíquia de Eliseu – qual era o seu báculo – não pôde comunicar segundo ser ao filho de Sunamitis, bastou uma relíquia de Xavier para influir o primeiro ao primogênito de Sua Majestade. O maior tesouro que veio da Índia a Portugal, depois do braço de São Francisco Xavier, que está em Roma, foi um barrete do mesmo santo, com que, desprezadas as outras riquezas do Oriente, veio mais rico que todos o último vice-rei. Foi pois o caso, que em vinte e um de novembro de mil seiscentos e oitenta e sete, dia da Apresentação da Virgem Maria, pondo na cabeça a rainha nossa senhora este barrete, subitamente lhe correram dos olhos copiosas lágrimas e se lhe inflamou e mudou o rosto de tal sorte, que o seu confessor, que estava presente, ficou admirado. Inquirindo depois a causa, lhe revelou Sua Majestade que desde aquele ponto ficou tão certificada de que o santo lhe havia de alcançar de Deus o filho que por sua intercessão esperava, que nunca mais lhe viera ao pensamento podê-lo duvidar. As palavras do mesmo padre confessor são: *Ut nihil amplius haesitaret de impetrando*



quod petebat – e o efeito foi o que se viu aos nove meses seguintes. Que diremos agora ao báculo de Eliseu, comparando relíquia com relíquia? Não é o meu intento dizer que são mais poderosos para com Deus os barretes que os báculos. Sendo, porém, tal a profissão de São Francisco Xavier, que fazem nela voto os barretes de não aceitar os báculos, não seria maravilha ser este voto tão grato a Deus, que no concurso de uns e outros sejam menos milagrosos os báculos que os barretes. E, como ao primor e agradecimento de São Francisco Xavier lhe não falta o poder, antes lhe seja tão fácil qualificá-lo com as obras, não sendo ele menos obrigado aos reis de Portugal do que Eliseu aos de Israel, para os quais oferecia valias, e, sendo tanto maiores que os da Sunamitis, os obséquios com que a devoção da rainha, nossa senhora, tem empenhado o mesmo santo, não só em Portugal na sua imagem, senão em seu corpo na Índia, bem se conclui que, se Eliseu alcançou a segunda vida ao filho de Sunamitis, e o faria com igual e maior obrigação se fora filho do rei, assim não faltará o primor e agradecimento de Xavier em alcançar a Suas Majestades o segundo filho. Já me arrependo de ter chamado a esta razão de confiança quase certa, pois o mesmo santo certificou dela a rainha, nossa senhora, sem quase, senão com toda a certeza.

Só resta a última razão, ou argumento a que chamei infalível e é fundado na promessa e palavra divina. Quando Cristo, Senhor nosso, apareceu a El-Rei D. Afonso, as primeiras palavras com que deu princípio ao que determinava fundar naquele dia, foram: *Ego aedificator regnorum et imperiorum sum*: Que ele é o edificador dos reinos e dos impérios – e sobre este proêmio, passando à promessa, pronunciou a segunda proposição, dizendo que no mesmo rei, e na sua descendência, queria estabelecer o seu império: *Volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*. – Esta última palavra é de grandíssimo peso, e pede igual ponderação.



Suposto que no proêmio tinha dito o supremo Senhor que ele é o edificador dos reinos e dos impérios, parece que havia de dizer que em D. Afonso, e na sua descendência, queria edificar o seu império: pois, por que não disse *aedificare*, edificar, senão *stabilire*, estabelecer? Porque de edificar a estabelecer vai grande diferença: o que se edifica, pode-se arruinar; o que se estabelece, não pode deixar de permanecer. Enquanto Esaú foi à caça, fingindo Jacó que era Esaú, com as astúcias que sabemos, alcançou de seu pai Isaac a bênção e o morgado que pertencia ao mesmo Esaú, e a quem o pai o queria dar. Veio enfim Esaú poucas horas depois, conheceu Isaac o engano, e, contudo, não o desfez: omissão estupenda em um homem justo e santo! Pois, se Esaú era o primogênito, e a Esaú pertenciam a bênção e o morgado, e o mesmo Esaú descobriu o engano, e o alegou de sua justiça, por que não desfez Isaac, nem anulou a doação feita contra sua própria vontade? O mesmo Isaac o disse: *Frumento et vino stabilivi eum, et tibi post haec, fili mi, ultra quid faciam*²⁸⁹ – Não disse que tinha dado a bênção e o morgado a Jacó, senão que o tinha estabelecido nele: *stabilivi eum* – e, como a doação estava estabelecida, declarou que já não era possível fazer outra coisa: *Et tibi post haec ultra quid fatiam?* – Se a bênção fora só dada a Jacó, pudera-lha tirar Isaac; mas como a Jacó estava dada, e em Jacó estabelecida, já não podia ser tirada, senão permanecer no mesmo Jacó. Tal é a energia e força daquele *stabilire* no nosso caso. Se o império de Cristo fora só edificado na descendência de D. Afonso, morto o primeiro descendente da geração atenuada, poderia cair com a sua morte, e arruinar-se nele o edifício; porém, como o mesmo edificador dos reinos e dos impérios prometeu que havia de estabelecer o seu na mesma descendência: *In te, et in*

289 Estabeleci-o na posse do trigo e do vinho, e depois disto, meu filho, que te posso eu dar (Gên. 27, 37)?



semine tuo imperium mihi stabilire – assim como deu o primeiro filho para a posse no céu, assim está obrigado a dar o segundo para o estabelecimento na terra.

§ VI

Justificação contra algumas queixas e escrúpulos dos que se não atrevem a esperar. O modo fácil e natural com que a posse tomada no céu se pode logo verificar na terra. El-Rei Dom Pedro, herdeiro do filho morto. Quando se há de verificar a destruição da estátua de quatro metais, vista por Nabucodonosor? As consonâncias do nome Pedro, primeiro vigário de Cristo, e de El-Rei Dom Pedro de Portugal.

Parece-me – se me não engano – que o discurso desta apologia tem bastantemente consolado as nossas saudades, assegurado as nossas esperanças, e defendido a verdade das minhas promessas, muito apesar da morte, e a prazer do morto. Só restam, ou podem restar, os escrúpulos de alguma incredulidade nossa, e muitas dos estranhos, a que devo satisfazer. E creio que não faltarei em dar justa satisfação a uns e a outros, se, cerrados os olhos a todo o afeto particular, abrirem os ouvidos livres ao que ditar e provar a razão.

Ainda eu não tinha acabado de pregar, quando já se queixavam alguns ouvintes de que eu dilatasse as felicidades que prometia, para quando pudesse ser o autor delas um menino, de quem então se recebiam as novas de ser nascido, havendo de esperar as dilatações da sua infância, os vagares da sua puerícia e adolescência, e os prazos outra vez dobrados da idade de mancebo até de varão, pois, este mesmo nome pedido em umas Escrituras, e repetido em outras, não só significava o sexo, senão também o juízo, o valor, a experiência, e todas as outras qualidades de que se compõe um herói perfeito, e mais para conquistar e sustentar o peso da monarquia do mundo. Confesso que a ninguém tocava mais de perto esta queixa, que aos meus anos, pois todos os velhos nos podíamos



despedir de ver aquela felicidade em nossos dias. E a esta razão, ou desesperação, podiam ajuntar os doutos as Escrituras, porque no capítulo sétimo, tantas vezes alegado, de Daniel, se diz que ao Império Otomano tinha Deus prometido: *Tempus, et tempora, et dimidium temporis*²⁹⁰ – nas quais palavras *tempus* significa um século, *tempora*, dois séculos, *et dimidium temporis*, parte de outro século, que vêm a fazer trezentos e cinquenta anos e meio precisamente, ou alguns mais, dentro porém no quarto século. Donde se segue que, havendo começado aquele império no ano de Cristo de mil e trezentos, não pode chegar ao de setecentos, em que o príncipe nascido só teria onze anos, idade ainda de nenhum modo suficiente para as batalhas e vitórias que necessariamente hão de preceder à total ruína e extinção de uma tão dilatada e formidável potência. Finalmente, a experiência dos sucessos felicíssimos das armas católicas nestes anos, e a conquista de cidades tão capitais, com o rendimento de fortalezas que sempre se conservaram na reputação de inexpugnáveis, e com a rota de tantos e tão inumeráveis exércitos, e mortandade de tanta infinidade de bárbaros, parece que estão prometendo a breve e total destruição do império do turco, e que os prazos que a providência tem assinalado ao castigo da cristandade na sua duração, com passos não apressados só, mas precipitados, se vão chegando ao fim, porque *adesse festinant tempora*.²⁹¹

E se estas dificuldades concorriam com tanta evidência na vida do príncipe, cujo nascimento festejávamos, quanto mais depois da nova de sua morte, com que se amorteceram também as esperanças, quando se não sepultassem de todo. E ainda depois de eu provar que o levou Deus por forçosa consequência ao céu, onde necessariamente se havia de tomar a posse do império universal

290 Até um tempo, e dois tempos, e metade de um tempo (Dan. 7, 25).

291 Os momentos dela se apressam por chegar (Dt. 32, 35).



prometido, havendo de suceder à posse tomada no céu outro filho segundo, que receba o domínio, e o exercite na terra, onde está este segundo príncipe? Não só esperado – como hoje é – senão, ainda depois de nascido, por mais que os olhos divinos se apressem a no-lo dar, sempre concorrem nele as mesmas dificuldades, pois se não podem concordar os muitos anos, que há mister para a suficiência do domínio, com os poucos que promete o império que há de ser dominado.

Eu não posso negar que a solução deste argumento, e a concórdia das contrariedades que nele se representam, me pôs em grande cuidado. Nesta suspensão estive, até que o mesmo olhar e ver dos olhos divinos me abriram também os meus, e, subindo com a vista quando eu descia com ela, me mostraram o modo fácil e natural com que a posse tomada no céu se pode logo verificar na terra. E que modo é ou pode ser este? Não sendo o segundo irmão, como sucessor do primeiro, o chamado para a introdução do império, senão o pai vivo, como herdeiro do filho morto. Não é herdeiro natural do Príncipe D. João, que Deus nos deu e levou, El-Rei D. Pedro, nosso senhor, seu pai vivo, e que muitos anos viva? Sim. Pois, este é logo o príncipe fatal, em cujas prerrogativas e atributos reais não só ficam desvanecidas todas essas dificuldades, mas sobre toda a imaginação satisfeitas e cheias as medidas de quanto neste prometido herói pode fingir o desejo, e pedir a importância da empresa. Que se pode desejar no conquistador do turco, e dominador do mundo? Idade? E que idade, como a de quarenta anos cabais, a própria e consumada de verão perfeito? Forças? E que braços e pulsos tão fortes e robustos como os que, esperando-se no corro a fúria dos brutos mais bravos, com as mãos nuas e desarmadas lhe põe as duas cérvices e as agudas pontas aos pés? Valor? E que ânimo mais intrépido, mais senhor dos perigos, e mais desprezador dos temores que o seu, não só



quando conhecido, mas disfarçado; nem só na luz do dia, mas no mais escuro da noite, onde os homens todos são da mesma cor, nem distinguem ou valem aos reis os salvo-condutos da majestade? Guerreiro? E que espírito mais filho de Marte, que aquele que de idade de três anos o acalentavam para o sono com a sua espada, e nunca puderam acabar com ele que dormisse senão com ela ao lado, criado entre o estrondo das caixas e das trombetas, e crescido entre os repiques e vivas das vitórias? Experiência? Não só a das observações de toda a vida, mas de vinte e um anos de governo, em tantos acidentes prósperos e adversos, que são os que melhor ensinam, sendo mais dificultoso na paz repartir os prêmios entre os soldados vencedores, que vencer com eles os inimigos na guerra. Juízo e compreensão dos negócios? Digam-no os embaixadores e ministros estrangeiros, na admiração com que se veem respondidos de repente às propostas que eles trazem mui estudadas, sem mais consultas nem conselho, que a profunda penetração de todas as matérias, cujas resoluções, na certeza dos próprios termos de cada uma, e estilo altíloquo, e verdadeiramente real, tanto persuadem o que dizem, quanto emudecem a quem as ouve. Finalmente, a fé para uma guerra contra infiéis, e a piedade para a recuperação da Terra Santa? E quem é o rei daquele povo, a quem o mesmo Cristo chamou: *Fide parum, et pietate dilectum* – e o príncipe católico, que com o cuidado, com as leis, com os dispêndios da fazenda, e sobretudo com a eleição de ministros, os mais idôneos e provados no zelo da conversão das almas, tanto como El-Rei D. Pedro se empenhe e desvele na propagação da fé, e na piedade, culto e aumento do serviço e glória divina, exortando por si mesmo aos seus enviados, com espírito e motivos mais de apóstolo que recomendações de rei?

Assim que, para substituir desde logo, e entrar à posse do primogênito morto, não é necessário esperar pelo irmão segundo,



como sucessor, senão recorrer ao pai, como herdeiro do filho. E, verdadeiramente, que se considerarmos ao filho tomando a posse no céu, e ao pai conquistando-lhe os súditos e o império na terra, ninguém haverá que não reconheça neste império temporal de Cristo uma excelente analogia e correspondência do seu império espiritual. Morreu Cristo, subiu ao céu, e, depois que o Filho esteve no céu, que fez o Pai? O mesmo Pai, falando com ele, o disse: *Sede a dextris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum* (Sl. 109, 1): Deixai-vos estar no céu, Filho meu, que eu tomo por minha conta sujeitar e meter debaixo dos vossos pés todos vossos inimigos. – Os inimigos do Filho eram todas aquelas gentes que o não adoravam por fé nem reconheciam por obediência, das quais ele só tinha tomado a posse: *Postula a me, et dabo tibi haereditatem tuam, et possessionem tuam terminos terrae*²⁹² – mas essas mesmas gentes, rebeldes, contumazes e inimigas, ainda negavam ao mesmo Filho a sujeição e obediência devida, não querendo aceitar o jugo de sua lei, posto que jugo leve e suave, unidos seus reis e príncipes na sua desobediência e rebeldia, como diz o mesmo profeta: *Astiterunt reges terrae, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus: Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum*.²⁹³ – Neste estado, porém, o Pai, assim como tinha tomado por sua conta a conquista do império do Filho, assim o fez com maravilhosa eficácia, sujeitando a todos esses reis e príncipes rebeldes, e obrigando-os, e trazendo-os com uma não forçada, mas voluntária violência, a que viessem reconhecer e

292 Pede-me, e eu te darei as nações em tua herança, e em tua possessão as extremidades da terra (Sl. 2, 8).

293 Os reis da terra se sublevaram, e os príncipes se coligaram contra o Senhor e contra o seu Cristo. Rompamos os seus laços e sacudamos de nós o seu jugo (Sl. 2, 2 s). OS reis da terra se sublevaram, e os príncipes se coligaram contra o Senhor e contra o seu Cristo. Rompamos os seus laços e sacudamos de nós o seu jugo (Sl. 2, 2 s).



beijar o pé na terra ao Vigário do mesmo Filho, como ele mesmo disse: *Nemo venit ad me, nisi Pater meus traxerit eum.*²⁹⁴ – E se a Providência divina, que sempre se parece consigo mesma em todas suas ações, estabelecendo a posse do Filho com a conquista do Pai, pôs as coroas do mundo aos pés do seu primeiro vigário, por que não guardará o mesmo estilo com o segundo, sujeitando também o império ao filho pela conquista de seu pai, resultando nesta formosa arquitetura, com igual proporção e graça, não só a correspondência da obra em um e outro império, senão também a consonância do nome em um e outro Pedro?

Quando Nabucodonosor viu aquela estátua dos quatro metais, em que eram representados os quatro impérios do mundo, viu também que uma pedra arrancada de um monte, sem mãos, dando nos pés da estátua, a derrubava, e convertia os metais em cinzas, e ela crescia a tanta grandeza que enchia toda a terra: *Lapis autem, qui percusserat statuum, factus est mons magnus, et replevit universam terram.*²⁹⁵ – Que esta pedra fosse ou representasse a Cristo, nenhum expositor católico o duvida; mas em que tempo alcançasse Cristo, ou haja de alcançar esta vitória, em que derrube todos os impérios do mundo, e o seu se estenda e encha o mesmo mundo, é uma dificuldade tão escura e implicada com a experiência, que, depois de ter atormentado a todos os comentadores, nenhum se aquieta na exposição alheia, nem ainda na própria. Uns têm para si que a profecia se há de cumprir na segunda vinda de Cristo; mas então já não há de haver mundo, ao qual se haja de estender e encher a pedra. Outros querem que já se tenha cumprido na primeira vinda de Cristo; mas os pés de ferro, e o barro, com cujo golpe a pedra derrubou a estátua, significavam a última fraqueza do Império

294 Ninguém pode vir a mim se o Pai não o trouxer (Jo. 6, 44).

295 Mas a pedra que tinha dado na estátua fez-se um grande monte que encheu toda a terra (Dan. 2, 35).



Romano, o qual, no nascimento de Cristo, e no edito de Augusto César, se declarou por senhor universal do mundo: *Exiit edictum a Caesare Augusto, ut describeretur universus orbis.*²⁹⁶ – E é certo que no tempo e vida de Cristo de nenhum modo caiu e se desfez o Império Romano, antes cresceu a sua maior grandeza. Pois, se esta profecia se não cumpriu no primeiro advento de Cristo, nem se pode cumprir no segundo, quando se há de verificar que a pedra, que significava e representava Cristo, há de derrubar e desfazer a estátua de todos os outros impérios, e crescer e dominar o seu em todo o universo: *Replevit universam terram?* – A solução verdadeira desta grande dúvida, é que esta última e total vitória não a havia, nem há de alcançar Cristo neste mundo por sua própria pessoa, nem a primeira vez que veio, nem a segunda que há de vir a ele, senão pela pessoa do seu Vigário, no último e maior aumento da Igreja, que por isso se chama católica, quando todo o mundo, e seus impérios, professar a fé e obediência do mesmo Cristo. E foi pedra, e não raio, ou outro instrumento, a que derrubasse a estátua, porque não só Cristo era pedra: *Petra autem erat Christus*²⁹⁷ – senão também o seu vigário é pedra: *Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.*²⁹⁸

E porque aqueles impérios, não só enquanto gentílicos e idólatras, se opunham ao império espiritual de Cristo, senão também, enquanto políticos, ao temporal, o qual no mesmo tempo há de ter segundo vigário, como vimos; se este segundo vigário se chamasse Pedro, então seria ainda maior a propriedade da pedra, não só pela proporção do império, senão pela consonância do nome. Mas, se o texto exclui esta segunda pedra, maravilhosamente

296 Saiu um edito emanado por César Augusto, para que fosse alistado todo o mundo (Lc. 2, 1).

297 E esta pedra era Cristo (1 Cor. 10, 4).

298 Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja (Mt. 16, 18).

alude a ela. Diz o texto que aquela pedra que derrubou a estátua, se arrancou do monte, e fez o tiro sem mãos: *Lapis abscissus de monte sine manibus*²⁹⁹ – e assim foi, porque o império espiritual de Cristo, assim como se começou a conquistar sem armas, assim há de crescer, e conseguir a sua última e consumada grandeza sem elas. Porém, o império temporal, que primeiro há de sujeitar a potência do turco, e depois a contumácia de todos os outros inimigos do nome cristão, e por fim, não violenta, mas voluntariamente há de render o resto do mundo, não pode ser *sine manibus*, senão com mãos, e muito fortes. Davi quer dizer *manu fortis*: o forte de mãos; e esta segunda pedra há de ser como a da pedra de Davi. A outra pedra deu nos pés da estátua, esta há de dar na cabeça do Gigante: porque as estátuas mortas têm os alicerces nos pés, as vivas na cabeça. Tudo o que se opõe ao império espiritual de Cristo é morto, porque carece da vida sobrenatural; mas tudo o que se opõe ao temporal é vivo e muito vivo, porque vive na ambição, na soberba, e na cobiça, que são as três potências da alma do mundo. Para Davi vencer este gigante há de disparar a funda e cortar com a espada; e se Cristo, assim como a mandou embainhar a um Pedro, a mandar desembainhar a outro, eu fico que ninguém lhe aperte os punhos com melhores mãos, ainda que o partido contrário seja tão desigual, como a um só Pedro toda a corte romana.

§ VII

As dúvidas e escrúpulos dos muitos que zombam de crer: se há de haver no mundo um império universal, outras coroas têm o mesmo mundo, cujo âmbito seja mais capaz dessa grandeza, que a de Portugal. A prerrogativa singular da promessa de Deus a Portugal. O pequeno

299 Pedra arrancada do monte, sem intervirem mãos de homem (Dan. 2, 34).

Reino de Portugal e o pequeno Davi. Interpretação da misteriosa visão e profecia de Esdras. A destruição do império do turco confiada a Portugal.

Com estas últimas palavras acabo de satisfazer à primeira dúvida, e tenho entrado na segunda, que não é só dos poucos que se não atrevem a esperar, mas dos muitos, ou de todos os que zombam de crer. Dizem que, se há de haver no mundo um império universal, outras coroas tem o mesmo mundo, cujo âmbito seja mais capaz desta grandeza, que a de Portugal. E certo que eu sou tão amigo da verdade, e tão sem paixão nem lisonja, que também me persuadira e dissera o mesmo por parte de muitas outras nações e remos católicos, se não tivera uma só razão em contrário. Que querem ou podem querer os opositores desta monarquia que eu lhes conceda? Maior antiguidade? Maior grandeza? Maior poder? Maior política? Maior arte militar? Maiores exércitos, e tudo o que pode fazer num ou muitos estados-maiores? Tudo isso concedo sem disputa nem controvérsia. Mas haverá algum reino, ou nação, que tenha seis palavras da boca de Cristo que digam: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*: Eu quero estabelecer em ti, e na tua descendência, o meu império? – Se há algum reino ou rei, ao qual, ou do qual dissesse Cristo semelhantes palavras, funde nelas a sua fé, as suas esperanças e os seus desejos, e exclua a todos os outros. Mas, se esta prerrogativa é singular de Portugal, por que lhe hão de querer tirar o que Deus lhe prometeu? E por que hão de querer outra prova ou segurança de haver de ser, que a mesma promessa? Quando os profetas prometiam outras coisas mais dificultosas, com que provavam a certeza infalível de haverem de suceder? *Quia os Domini locutum est* (Is. 1, 20): Porque assim o disse Deus por sua sagrada boca. – E se ele, com a mesma boca, e na mesma cruz, com que disse as outras sete palavras, disse também estas seis, que importa que o desdiga ou negue todo o mundo? Isto baste por resposta aos que cortam o vestido às suas



esperanças pelas medidas da maior grandeza, ou do seu conceito, ou do seu corpo.

E quanto a ser menor o corpo de Portugal, e a primeira vitória por onde se há de introduzir o império ser a do grande poder do turco, que no mesmo texto sagrado se chama por antonomásia a potência: *Ut auferatur potentia, et dispereat usque in finem*³⁰⁰ – não carece verdadeiramente de admiração, vista a matéria com olhos humanos, que de um reino tão pequeno como Portugal, e tão dissipado e diminuto hoje nas suas conquistas, possam sair bastantes forças para efeitos tão grandes e estupendos! E, posto que eu me pudera acolher a sagrado, e responder com o exemplo de Davi, o menor entre todos seus irmãos, e por isso mesmo escolhido por Deus para derrubar o gigante Golias, e humilhar a arrogância e potência dos filisteus, só me contento com a metáfora daquela história, e não quero dela o exemplo. E se me perguntam por quê? Porque me lembro do que outros parece se esquecem, e porque de casa temos outro exemplo maior e melhor, para confirmar a esperança deste grande futuro na experiência do passado. Não era por certo menos Golias o Oceano armado de tempestades e horrores, nem menor gigante o Oriente estendido em tantos e poderosos impérios, e, contudo, para domar a braveza de um, e conquistar a potência do outro, nem Deus escolheu entre os reinos outro reino que o de Portugal, nem entre as nações outra nação que os portugueses. Eles foram para pisar o orgulho do Oceano, nunca arado de outras quilhas, os argonautas; e eles – assim poucos – os que, para deixar muito atrás as conquistas de Baco e Alexandre no Oriente, os capitães e soldados. Mas, porque o mesmo Deus tomou por sua conta responder a esta mesma objeção, de ser o reino de Portugal tão pequeno, ouçamos o que diz por boca de Esdras.

300 A fim de que lhe seja tirado o poder, e pereça para sempre (Dan. 7, 26).



Conta Esdras, nos capítulos onze e doze do seu quarto livro, que viu levantar-se do mar uma águia, a qual tinha três cabeças e doze asas: *Vidi, et ecce ascendebat de mari aquila, cui erant duodecim alae pennarum, et capita tria* (4 Esdr. 11, 1). – Esta águia, sem outra interpretação, demonstra claramente ser o Império Romano, que sempre teve por insígnia e por armas a águia. E se olharmos para o que foi antigamente, e hoje resta do mesmo império, manifestamente vemos que está dividido em três cabeças, uma em Roma, que é o pontífice, outra em Constantinopla, que é o turco, e a terceira em Viena de Áustria, que é o imperador de Alemanha. Mas, deixada qualquer outra interpretação, vamos à do mesmo Deus: *Aquilam quam vidisti ascendentem de mari, hoc est regnum, quod visum est in visione Danieli fratri tuo*: Esta águia que viste – diz Deus falando com Esdras – é aquele mesmo império que foi revelado a Daniel teu irmão. – E porque a Daniel foram revelados quatro impérios em quatro feras, logo declarou o divino Oráculo que falava do quarto império, que é o romano, significado na quarta fera, que tinha os dentes de ferro, e era a mais forte e mais terrível de todas: *Ecce dies venient, et exurget regnum super terram, et erit timor acrior omnium regnorum, quae, fuerunt ante eum*.

As doze asas da águia representavam o poder e a grandeza do mesmo Império Romano, estendido e dilatado por todo o mundo até então conhecido; e as penas das asas são os reinos e nações sujeitos e dominados, de que se compunha a grandeza e vestia a majestade do mesmo império. Destas penas viu o profeta muitos encontros e batalhas que tiveram entre si, e contra a mesma águia, com vários sucessos, cuja história é mui intrincada e confusa, e não serve a nosso propósito. O que só se deve advertir, para inteligência do texto, e de muitos outros da Escritura Sagrada, é que o corpo da águia, em que se continuou o Império Romano, não é o de Roma nem o de Alemanha, senão o de Constantinopla e do turco. E isto pela grandeza sem comparação muito maior das terras,



províncias e gentes que dominou e domina na Europa, na Ásia e na África, sujeitas dantes aos romanos. Neste mesmo sentido falou o profeta Daniel, porque, referindo a extinção do *cornu parvulum* – que é, como vimos, o império do turco –, expressamente diz que então morreu e acabou a quarta fera, que representava o Império Romano: *Aspiciebam propter votem sermonum, quos cornu illud loquebatur; et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset cornu ejus.*³⁰¹ – E diz nomeadamente *corpus ejus*, porque no império do turco se continuou o corpo do Império Romano, que em Daniel era a quarta fera, como em Esdras é a águia de três cabeças.

Isto posto, vamos ao nosso ponto. Diz o mesmo Esdras que contra esta águia se levantou um leão, o qual, com voz humana, e em nome de Deus, começou a lhe falar desta maneira: *Nonne tu es qui superasti de quatuor animalibus, quae feceram regnare in saeculo meo? etc.* (4 Esdr. 11, 39). – Não és tu o que só restaste dos quatro animais que eu fiz reinar no meu mundo? – Aqui se confirma outra vez ser o império do turco aquele em que se continuou o romano. – Não és tu – continua – o que sempre reinaste com dolo, e julgaste contra a verdade, e amaste a mentira? Não és tu o que debelaste os muros, e conquistaste as cidades, e destruístes as casas, e roubaste e despojaste os pobres do fruto dos seus trabalhos? Não és o que atribulaste e afligiste os inocentes, e tiranizaste os que te tinham ofendido, e, sobretudo, o que disseste injúrias, afrontas e blasfêmias contra o Altíssimo? Sabe, pois, que as tuas soberbas e maldades subiram até o seu divino conspecto, e por elas te tem condenado a que tu, ó águia, não apareças mais no mundo, nem as tuas asas horríveis, nem as tuas penas péssimas, nem as tuas cabeças malignas, nem as tuas unhas carniceiras, nem o teu corpo todo vão. – Assim acabou de dizer o leão executor desta justiça, e

³⁰¹ Eu olhava atentamente, por causa do estrépito das arrogantes palavras que este corno proferia, e viu que a alimária fora morta, e que o seu corpo perecera (Dan. 7, 11).



logo viu Esdras que a cabeça, que só restava no corpo da águia, e todo o mesmo corpo – como também tinha visto Daniel – foi queimado e convertido em cinzas, com horror e assombro de toda a terra: *Et vidi, et quod superaverat caput, et omne corpus aquilae incendebatur, et expavescebat terra valde* (4 Esdr. 12, 1 ss).

Já temos destruído totalmente o turco, e destruído por meio de um leão escolhido por Deus para em seu nome ser o famoso executor desta justiça, e obrador glorioso de tão estupenda façanha. Só resta saber quem seja ou haja de ser este leão. Se é representado em leão, e se chama leão, rei dos animais, claro está que há de ser rei; mas de que reino, ou de que nação? Porventura de algum dos maiores reinos, ou de alguma nação das mais populosas? Não, senão de um reino muito pequeno – que era a nossa objeção – e de uma nação não de muito número de homens, senão poucos. Ouçamos agora o texto, que é admirável, e as palavras não são menos que do mesmo Deus, interpretando a Esdras o que lhe tinha mostrado em visão: *Quoniam vidisti duas subalares trajicientes super caput, quod est in dextera parte, haec est interpretatio: Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum, regnum exile, et turbationis plenum* (4 Esdr. 12, 29 s): Viste duas penas debaixo das asas da águia, as quais se levantaram, e passaram por cima da cabeça, que ela tinha da parte direita? Pois, estes são os que conservou e guardou Deus para o seu fim, sendo um reino pequeno, atenuado, e cheio de perturbação. A cabeça da águia, que estava da parte direita – *caput quod est in dextera parte* – é Constantinopla, cabeça do império do turco, ou se considere desde Roma, que foi o princípio do Império Romano, ou se considere desde Jerusalém, que foi o lugar donde Esdras viu e escreveu a visão; porque, vista Constantinopla desde Roma, está à parte direita de Roma, e vista desde Jerusalém, está à parte direita de Jerusalém. Sobre esta cabeça, pois, que só restava no corpo da águia, e era Constantinopla, viu Esdras, que se levantavam duas penas, das que ela tinha debaixo das asas, e que



passavam, ou passeavam por cima da dita cabeça, como pisando-a, e metendo-a debaixo dos pés: *Quoniam vidisti duas subalares trajicientes super caput, quod est in dextera parte.* – E o que Deus lhe declarou foi que aquelas duas penas eram as duas partes de que constava um reino muito pequeno e atenuado: *Regnum exile* – cujos homens, porém, tinha Deus reservado e conservado para o seu fim: *Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum.* – E qual era este fim de Deus? Era que o rei do mesmo reino pequeno, representado no leão, destruísse a cabeça e o corpo da mesma águia, e com a pressa e violência de um fortíssimo vento, derrubasse aquele soberbo império, e libertasse o mundo de sua tirania:

Sicut vidisti et leonem rugientem, et loquentem ad aquilam, et arguentem eam, et injustitias ipsius. Hic est ventus quem servavit Altissimus in finem ad eos: statuet enim eos in judicio vivos: et erit, cum arguerit eos, corripiet eos: nam residuum populum meum liberabit (4 Esdr. 12, 31 ss).

Em suma, que o mesmo Deus tomou por sua conta satisfazer e desfazer a objeção que se podia opor a Portugal de ser um reino pequeno e atenuado, e por isso desigual a uma empresa tão grande ou tão imensa. E de tal maneira definiu Deus este ponto, que o ser reino pequeno, não só não é impedimento, mas é condição necessária para alcançar a vitória do turco, como, pelo contrário, o ser reino grande, não só não seria disposição ou conveniência para a mesma vitória, senão exclusiva dela, porque, havendo de ser o reino vencedor, reino pequeno – *regnum exile* – se fosse grande, ou dos grandes, a sua mesma grandeza o excluía claramente de ser o vencedor. E, finalmente, que este reino assim pequeno, profetizado e destinado por Deus para tão alto fim, seja Portugal, e não outro, as mesmas circunstâncias e sinais que acabamos de ponderar o demonstram.

Primeiramente, representou Deus este reino pequeno em duas subalares da águia, isto é, em duas penas debaixo de suas asas. E por que não em uma só, ou em mais de duas? Porque já dissemos



que as penas, de que se vestia, e tinha debaixo de suas asas a águia ou Império Romano, eram os reinos que ele dominava, e o nosso reino, como se vê no escudo de suas armas, é composto de dois reinos, o de Portugal e o dos Algarves. Nem obsta – note-se muito esta advertência e propriedade do texto: – nem obsta que o mesmo Portugal domine outros muitos reinos e nações na África, Ásia e América, como da Etiópia, Índia e Brasil, porque as tais nações e reinos conquistados pelos portugueses, em nenhum tempo estiveram sujeitos ao Império Romano, nem foram subalares da águia, senão só e unicamente os dois de Portugal e Algarves, quando os romanos dominaram toda Espanha.

Também não podemos negar que Portugal hoje não só é pequeno e debilitado, senão cheio de perturbação: *Regnum exile, et turbationis plenum* – porque toda a grandeza e opulência, que o fazia um dos mais poderosos do mundo, a invasão de quase todas as nações de Europa, assim no mar, como na terra, se lha não tem tirado em muitas partes, lha tem perturbado em todas. E, além deste gênero de perturbação externa, não menos se verifica o texto em outra mais interior e mais natural dos portugueses, os quais, como diz o provérbio castelhano, não só são poucos, senão mal-avindos: poucos: *regnum exile* – mal-avindos: *et turbationis plenum*. – Assim se viu tantas vezes em todas as guerras que Portugal teve contra cristãos, como nas de Castela, nas quais, perturbados e passados de uma parte para a outra castelhanos e portugueses, quase tantos portugueses pelejavam por Castela contra Portugal, como castelhanos por Portugal contra Castela. Porém, quando as guerras eram contra inimigos da fé e maometanos, todos os portugueses se achavam sempre tão unidos, como se foram um só homem. E isto é o que ponderou o mesmo Deus, quando, depois de dizer: *regnum exile, et turbationis plenum* – acrescentou que, sem embargo deste pouco número, e desta muita perturbação, eles eram os que Deus tinha guardado e conservado para os seus fins:



Hi sunt quos conservavit Altissimus in finem suum. – Deixo outras perturbações, que em um tempo e mundo tão perturbado como o presente, se podem também introduzir em Portugal, para que depois dessa tempestade se siga a bonança, e, por maravilha singular do Altíssimo, apareça o mesmo reino, depois de tão pequeno, o maior e o mais quieto e sereníssimo, depois de tão perturbado: *Regnum exile, et turbationis plenum.*

§ VIII

Os testemunhos de todos aqueles autores e autoridades, que a podem dar com fundamentos aos sucessos futuros. Como todos concordam em que a vitória final do império turco, e o universal de todo o mundo, está destinada por Deus a Portugal. O testemunho dos historiadores.

Satisfeitas assim as duas objeções, ou escrúpulos, que de algum modo podiam abalar nos entendimentos e discursos humanos a firmeza do nosso, por que não pareça só nosso, ou meu, nem aos naturais, nem aos estranhos, em graça unicamente dos que se não cansaram de ler o que até agora tenho dito, o quero estabelecer com testemunhos alheios, e sem suspeita. E estes, de quem? De todos aqueles autores e autoridades que a podem dar com fundamentos aos sucessos futuros. Ouviremos, pois, primeiro os históricos, logo os matemáticos, depois os políticos, após estes, e com maior veneração, os santos e varões alumiados por Deus, e, por fim, os mesmos maometanos, e veremos como todos concordam em que a vitória final do império do turco, e a universal de todo o mundo, está destinada por Deus para Portugal.

Começando pelos historiadores em todos os que escreveram a história dos nossos reis, desde seu princípio, se não pode deixar de observar nos mesmos reis um instinto e inclinação natural, ou sobrenatural, contra todos os sequazes da seita de Mafoma. Vemos que a natureza, desde a geração e nascimento, infundiu



aquele certa aversão e antipatia em uns animais contra outros, como é nos que servem à caça da volataria contra as aves, e na da montaria contra as feras, e até nos domésticos que vigiam e limpam a casa contra as sevandijas que a infestam e roubam. E tal é, e foi sempre desde o nascimento de Portugal em reino, a antipatia dos seus reis, e, antes de terem este título, dos que Deus ia preparando para o serem, porque já então tinha semeado e infundido neles esta natural aversão e sobrenaturais espíritos contra mouros e turcos, não como de homens contra homens, mas como de cristãos e professores da fé e lei divina, contra a canalha brutal dos infames seguidores da ímpia e blasfema cegueira maometana.

Foi concebido o reino de Portugal antes de o ser, no Conde D. Henrique; e, estando ainda em embrião, já estava animado com os espíritos da conquista de Jerusalém, para onde Henrique caminhava desde França, e para onde foi de Portugal por general do socorro, que El-Rei D. Afonso de Leão, seu sogro, mandou ao Papa Urbano II, pelo qual foi eleito em um dos doze capitães em que se repartiu o peso de todas as armas católicas. Nasceu o mesmo reino nos Campos de Ourique entre os braços armados de El-Rei D. Afonso, o Primeiro, e ali, com tantos impulsos dos mesmos espíritos, como se viu na prodigiosa vitória contra os imensos exércitos dos cinco reis mouros. Tornou Miramolim a inundar o reino com quatrocentos mil cavalos e quinhentos mil infantes, contra El-Rei D. Sancho I, que também foram desbaratados, repartindo-se a vitória entre a espada de Deus e a de Sancho, o qual, não contente de ter vencido a Mafoma em Portugal, o mandou vencer fora do reino, pelo seu Mestre de Aviz, na batalha de Alarcos. Contra D. Afonso Segundo se aquartelaram em Elvas, com numerosos exércitos, os dois reis mouros de Sevilha e Jaen; porém, com os espíritos do primeiro Afonso, que viviam no valoroso neto, ele não só venceu em batalha campal aos dois reis mouros, mas, entrando



com as armas vencedoras por suas próprias terras, pôs a ferro e a fogo toda Andaluzia.

El-Rei D. Sancho Segundo, posto que infamado de pouco cuidadoso, não se descuidou daquela obrigação, que nos reis portugueses parece maior ainda que a de cuidar dos vassallos; e fez tal guerra aos mouros que recuperou de sua tirania o reino dos Algarves. Tornaram sobre ele as armas da mourama, e logo viram sobre si a El-Rei D. Afonso Terceiro, que não só as desalojou dali, e das relíquias que ainda conservavam em alguns lugares de Portugal, mas os foi conquistando nas suas fronteiras, em que lhes ganhou vilas e castelos. El-Rei D. Diniz, posto que ocupado em pacificar as outras coroas de Espanha, e também a sua, ajudou poderosamente a El-Rei D. Fernando de Castela, na intentada conquista contra os mouros de Granada. Em socorro destes passou El-Rei de Marrocos com as forças de toda África, reinando já em Portugal D. Afonso Quarto, o qual em pessoa marchou logo a Sevilha, onde, duvidando-se da batalha pela multidão imensa dos bárbaros, ele só a aconselhou, e foi o primeiro que a venceu. Em El-Rei D. Pedro e D. Fernando parece que estiveram um pouco adormecidos estes espíritos, por não haver já mouros que conquistar ao perto; mas ressuscitaram tão ardentes e generosos em El-Rei D. João, o Primeiro, que, indo-os buscar a África, lhes tirou das mãos em um dia, e sujeitou à sua coroa a famosa cidade de Ceuta. Sustentou-a poderosamente El-Rei D. Duarte, e logo El-Rei D. Afonso Quinto, chamado o Africano, tendo já tomado Alcácer aos mouros, com maior e mais arriscado empenho se fez senhor de Tânger.

Prosseguiu as mesmas empresas El-Rei D. João, o Segundo, por mar e por terra, ganhando praças interiores, e fundando fortalezas; e, pondo já os pés sobre o mar, para passar a África em pessoa, bastou a fama desta resolução para conseguir o fim dela. El-Rei D. Manuel conquistou muitas cidades africanas, e fez tributárias outras, mas com os olhos em Jerusalém, e na extinção



total da seita maometana representou por seus embaixadores aos Sumos Pontífices que se fizesse a guerra ao turco juntamente por ambos os mares, e que ele tomaria à sua conta toda a do Mar Roxo, e para a do Mediterrâneo concorreria com trinta galeões. D. João, o Terceiro, ajudou a guerra de Túnis com a pessoa de seu irmão, o infante D. Luís, e competente armada; e, posto que não continuou a conquista da mourama vizinha, foi para mais estender e apertar a remota. El-Rei D. Sebastião, solicitado do Papa Pio Quinto que cessasse em França, prometeu que aceitaria o casamento, se El-Rei cristianíssimo lhe desse por dote entrar com ele em liga contra o turco; e, finalmente, só, e sem sucessor, se embarcou para África, onde provou com a vida quanto maior era o seu zelo de conquistar aqueles inimigos da fé, que todos os outros respeitos.

Nesta morte se sepultaram com o reino as empresas africanas; mas, assim como o reino ressuscitou na restituição de El-Rei D. João, o Quarto, assim nele renasceram também os mesmos espíritos, porque, no meio de tantas guerras, poupava e ia fazendo tesouro para ter – como comunicou a um seu confidente – com que fabricar armada, e passar contra o turco. Com estes gloriosos intentos atravessados no peito, acabou a vida aquele memorável rei, dos quais porém deixou por herdeiro ao príncipe, hoje rei, D. Pedro Segundo, nosso senhor, que Deus guarde, tão ardentemente inclinado a esta guerra sagrada, como já se tem começado a ver no socorro que mando contra o sítio de Orã, e nas duplicadas armadas a sitiar a barra de Argel, e correr e infestar aquelas costas, para que os seus marinheiros e soldados, tão práticos do Oceano, as reconheçam e sondem, e as proas de seus galeões se ensinem a entrar as portas, e cortar as ondas do Mediterrâneo, até o tempo meditado de chegar ao cabo dele, e aparecer formidável lá com sua real presença. A mesma ofereceu Sua Majestade para



a presente guerra do turco ao santíssimo e valorosíssimo promotor dela, Inocêncio Undécimo, nosso senhor, sendo o seu socorro, posto que desigual à grandeza do seu ânimo, o primeiro e mais pronto que apareceu em Roma.

Assim que este natural e hereditário espírito dos reis portugueses, tão singular entre todos os príncipes cristãos, e tão constantemente continuado, por mais de quinhentos anos, em tantas batalhas contra maometanos, e tão favorecido do céu em tantas vitórias, é um manifesto sinal de serem eles os destinados por Deus para últimos vingadores das injúrias de sua Igreja, e que para sempre tirem do mundo, e acabem este maior perseguidor e tirano da cristandade, donde lhe veio a Moisés aquela aversão natural contra os egípcios com que, não só depois de homem, vingava neles com a morte as injúrias que faziam aos hebreus, mas, menino ainda e inocente, metia debaixo dos pés a coroa de Faraó, senão porque já Deus ia lavrando nele o cutelo do Egito, e a ruína fatal daquele ímpio rei, e do seu império? E por que foi Sansão tão contrário dos filisteus, e Gedeão dos madianitas, senão porque aos cabelos de um, e aos fios da espada do outro, tinha Deus vinculado o castigo daquelas duas grandes nações, tão poderosas como bárbaras? E, finalmente, entre os doze exploradores das doze tribos, por que só Josué com Caleb foi o que persuadiu e facilitou a guerra e conquista das terras de Canaã, que são as mesmas que hoje domina e possui o turco, e nelas os sagrados lugares da nossa Redenção, senão porque ele as havia de sujeitar com tão milagrosas vitórias, e repartir aos seus exércitos, que eram os católicos daquele tempo? Com razão podemos logo inferir pelos cânones e regras universais da Justiça e Providência divina, que os portugueses e os seus reis hão de ser os Moisés, os Gedeões, os Sansões, e, finalmente, os Josués da potência e tirania do turco, e os libertadores gloriosos da terra e casa santa.

§ IX

O testemunho dos matemáticos e das estrelas. A estrela nova, que nasceu no ano de 604, e o nascimento de El-Rei Dom João. A astrologia, e a vitória total da religião cristã contra a seita maometana. O eruditíssimo livro do famoso matemático Keplero. As previsões do insigne astrólogo português Bocarro.

Das histórias e historiadores, passemos aos matemáticos e às estrelas. Aquela estrela nova que nasceu no ano de 604, no mesmo lugar onde morreu e desapareceu o cometa do ano de 580, já vimos como foi um sinal do céu, que apontava para El-Rei D. João, primogênito de Bragança, o qual nasceu no mesmo ano de 604, para suceder no lugar a El-Rei D. Henrique, morto no ano de 580. Esta foi a significação da pessoa, e como nela se havia de restaurar o reino, e tornar a coroa aos reis portugueses, o que tudo vimos cumprido no ano fatal de 640. E significava mais alguma coisa a mesma estrela nova? Duas coisas, e duas novidades, as maiores que nunca viu, e há muitos anos espera ver o mundo. A primeira, que na cristandade se levantaria uma nova monarquia, que dominaria e seria senhora de todo o universo. A segunda, que esta monarquia e o seu monarca, seria o que destruisse e extinguisse a seita e império maometano. Assim o diz expressamente o já alegado Keplero, matemático famoso deste século, que, com a mesma estrela diante dos olhos, observando todos os movimentos seus, e dos outros astros, compôs dela um eruditíssimo livro, no qual descendo à declaração e juízo de seus efeitos, ou influídos ou significados, o primeiro é este:

Novam ex hoc tempore rempublicam adolescere, cujus império generali regna hodie valde tumultuantia subigantur olim: ut ita mundus nimium inquietus, et ferox aliquandiu sub hujus monarchae tutela conquiescat. – Quer dizer: que desde o ano seiscentos e quatro, em que aquela estrela apareceu no céu, começava a nascer e se levantar



na terra uma nova república, a qual, crescendo com a idade, viria a formar a seu tempo um império universal, debaixo de cuja obediência todos os reinos do mundo, que ao presente tumultuavam ferozmente em guerras, deporiam as armas, e ele seria o jugo que os amansasse, e o freio que os contivesse em paz. – É o que antigamente se disse com maior lisonja que verdade, que o império de Roma, enquanto dominou o mundo, foi a âncora do gênero humano. E em prova desta universal sujeição, observou o mesmo autor que, enquanto se não escondeu à vista aquele prodigioso sinal, todos os planetas se vieram pôr debaixo dele, como reconhecendo-se inferiores, e sujeitos à nova majestade doutro poder mais alto e supremo sobre todos. Bem assim como o tinha já dito Daniel, falando do mesmo império sem metáfora: *Et omnes reges servient ei, et obedient.*³⁰²

O segundo juízo ou significação da mesma estrela é o que se contém nas palavras seguintes: *Circumferuntur passim vaticinia mahometanorum, ex quibus multi evincere volunt hoc esse tem pus, quo sit interitura eorum religio. Quibus placebit Deum hoc ipsum indicare voluisse incensa nova stella in Sagittario, quae est triplicitas Solas, et Martis cum Sol, et Jupiter Christianis favere dicatur ab astrologis – quorum conceptibus Deus uti ponitur – Mars vero Turcis. Et quidem stella magis cum Jove concordavit in latitudinis plaga, Mars vero fuit in maxima latitudine Australi, quae hac vice esse potuit, depressus igitur. Hinc victoria Religionis Christianae supra turcicam astrologice concluditur –* Vem a dizer em suma que, segundo os vaticínios que se leem a respeito da seita maometana, é juízo e parecer de muitos que o tempo e último período de sua duração se vem chegando. E como Deus, que por muitos modos costuma revelar os seus secretos, o pode também fazer usando com certeza das mesmas regras dos matemáticos, posto que incertas, considerado o sítio em que a estrela

302 Ao qual servirão e obedecerão todos os reis (Dan. 7, 27).



nova se achava com o Sol e Júpiter, que eles dizem favorecer aos cristãos, e com Marte, que também dizem favorecer aos turcos, se conclui e convence astrologicamente a vitória total da religião cristã contra a seita maometana: *Hinc victoria Religionis Christianae supra Turcicam astrologice concluditur.* – Esta é a interpretação com que Keplero concordou os astros com os vaticínios, e o seu juízo com o de muitos, inferido festiva e discretamente, que acendeu Deus aquela nova tocha no signo de Sagitário, como pondo luminárias o céu pela mesma vitória. Se não quisermos dizer mais sólida e propriamente que aquele fogo estava já ameaçando e significando a fogueira em que há de ser queimado Mafoma, como dizem em próprios termos Daniel e Esdras. E quanto a aparecer a estrela sinaladamente no signo de Sagitário, e na parte do mesmo signo que distingue a figura do Serpentário, já deixamos dito que, assim como o Sagitário astrologicamente domina sobre Espanha, assim o Serpentário dentro da mesma Espanha sinala a Portugal, por ser a serpente o timbre de suas armas, e as suas armas as chagas de Cristo, a cujo poder e virtude atribuem a vitória e triunfo de Mafoma os mesmos vaticínios.

Só faltou ao juízo deste insigne matemático nomear a pessoa que havia de ser o glorioso instrumento de uma e outra felicidade. Mas esta individuação, que não era tão fácil de ler ou soletrar nos caracteres do céu, supriu pouco depois dele outro professor da mesma ciência na nossa terra, bem conhecido nela, e mais nas estranhas, pelo nome de Bocarro. Além do livro intitulado *Fatus Astrologicus*, na língua latina, escreveu outro mais breve na portuguesa, com o título de *Anacefaleose da Monarquia Lusitana*, à qual também promete seguramente que será universal em todo o mundo, e também com vitória do turco, e total extinção do maometismo. Vindo, pois, à individuação da pessoa, diz que a restauração da dita monarquia lusitana estava reservada para a casa

e sangue real de Bragança, como descendente de El-Rei D. João, o Primeiro; porém, que a pessoa do restaurador não seria o Duque D. Teodósio, que naquele tempo era o senhor da casa, senão o seu primogênito D. João, Duque de Barcelos, diferença e distinção que então foi muito notada, e depois muito mais notável. A narração é poética e elegante. Descreve o templo da honra, e nele assentado o Duque D. Teodósio sobre o globo da Fortuna: introduz uma ninfa, a qual lhe oferece um escudo de bronze, obra de Vulcano, gravado com as quinças de Portugal, que ele não quer aceitar; e logo, passando do pai ao filho, como de Eneas a Júlio Ascânio, em cuja cabeça uma chama de fogo, que lhe não queimava os cabelos, foi prognóstico do futuro império, prossegue assim:

*Mas a ninfa dos astros incitada,
Apenas adiante um pé movia
Com o quinante escudo sobraçada
Para dá-lo a quem só lhe competia:
Quando viu junto ao duque sublimada,*

*Cujo cabelo sem queimar se ardia,
Imagem, coruscando a casa toda,
Doutro modo girar da sorte a roda.*

*Troou logo o grão-Jove à parte esquerda
Aos lusos abalou de toda a parte,
Da régia e ducal casa o sangue que herda,
O faz – se ouve uma voz – piedoso Marte:
Este restaurará do reino a perda,
Levantando por si novo estandarte,
Sendo maior que os pais sem vão receio.
Assim Aquiles foi mais que Peleu.*

A ninfa alvoroçada lhe apresenta
O reino em seu escudo debuxado,
O soberano príncipe o sustenta
Em seu braço fatal dependurado:
Cessar fez logo a mísera tormenta,
E da pátria fiel o adverso fado.
Amor é tudo já, tudo é bonança.
Com esta dos lusos única esperança.

Alvorota-se o templo, e num instante
Teatro se, formou à majestade,
Que para tanto bem criou Tonante,
Aplauda todo o povo a liberdade:
Mandou-me logo a ninfa que ao diante
Publique o que ali vi, ditosa idade:
E eu feliz também – ó caso estranho! –
Servi de precursor de um bem tamanho.

Eu o vi, lusitanos, não me engano.
Já temos o monarca descoberto.
Alvíssaras me dai do soberano
Bem que aqui vos descubro firme e certo.
Eis restaurado o reino lusitano.
O tempo se acelera breve e perto.

Por estes versos, escritos no ano de 1616, esteve preso em Lisboa Bocarro, e se lhe impediu a impressão. Mas ele, passando-se a Roma, lá os imprimiu, e no ano seguinte os mandou a Portugal, com tão constante asseveração e venturoso sucesso, que dali a vinte e quatro anos, que foi o de 1640, oferecendo a nobreza – que era a ninfa – o mesmo escudo ao Duque D. João, prometendo de o aclamar e restituir à coroa, ele a aceitou: e não o pai, senão o filho,



foi o felicíssimo restaurador da monarquia lusitana. Até aqui as estrelas.

§ X

O testemunho dos políticos. Justo Lípsio, varão incomparável nas notícias do mundo antigo e moderno, e a vitória do Império Otomano pela gente mais ocidental do Oceano. Razões pelas quais devem correr do Oriente para o Ocaso os movimentos políticos. As excelências de Lisboa, a mais bem-provida e a mais deliciosa cidade do mundo.

Do céu desçamos à terra, e das observações dos matemáticos às dos políticos, que as fazem de mais perto. Muitos pudera alegar, mas entre todos e por todos me contentarei com o juízo de um, que com as vozes e sentenças de todos professou felizmente ser mestre de política. Este é Justo Lípsio, varão incomparável nas notícias do mundo antigo e moderno, e nenhum mais diligente observador das declinações e aumentos dos reinos e impérios, e das causas por que uns se levantam, outros caem; uns dominam, outros servem; uns crescem, outros diminuem; uns nascem, outros morrem; e, quase debaixo da sepultura, alguns talvez ressuscitam.

No capítulo dezesseis do primeiro Livro da Constância, depois de mostrar esse grande autor, com um largo e eloquentíssimo discurso, que nenhuma coisa há no mundo que tenha firmeza, ou fosse já, ou pareça hoje grande, chegando à potência dos turcos, e acabando com eles, diz assim: *Adeste etiam pelliti vos Scythae – ob Turcas Bico, qui ex illis – et potenti manu paulisper habenas temperate Asiae atque Europae. Sed isti ipsi mox discedite, et sceptrum relinquite illi ad Oceanum genti. Fallor enim? An solem nescio, quem novi imperii surgente video ab Occidente?* Entrai vós também neste número, ó citas antigamente vestidos de peles, que hoje com o nome de turcos dominais com poderosa mão, e tendes nela as rédeas da Ásia e da Europa. Mas vós esses mesmos, cedo perdereis o lugar que tendes,



e o largareis àquela gente habitadora lá do Oceano. Porventura engano-me eu? Ou estou vendo que do Ocidente nasce e se levanta o sol de um novo império?

Não nomeia Lípsio nestas palavras a Portugal, mas é certo e evidente que fala dele. Bem vejo, porém, que não faltará quem diga ou cuide que fala em geral de Espanha, que não só em toda a Europa, mas em todo o mundo, é a mais ocidental. Mas o contrário se convence de todas as mesmas palavras: *Illi ad Oceanum genti* – significa uma só nação, e essa a última, a qual esteja toda metida e rodeada do Oceano, como está Portugal, sendo que Espanha é composta de muitas nações, e por um lado, e o mais principal, com muitos reinos, pertence ao Mediterrâneo. – *Solem surgentem ab Occidente* – também demonstra o mesmo com a elegância da contraposição em nascer e se levantar no Ocaso o sol, que se levanta e nasce no Oriente. E qual é o Ocidente ou Ocaso em que o sol se esconde e sepulta, senão as terras e mares de Portugal? A cláusula *novi imperii* exclui claramente a Espanha, cujo império não era novo, nem que de novo se havia de levantar, principalmente estando unida toda ela na sujeição de uma só cabeça, que foi Filipe II, para cuja fortuna, como pondera o mesmo Lípsio, tendo El-Rei D. Manuel vinte e dois herdeiros que o excluía, foi necessário que morressem todos. Finalmente – para que o mesmo autor seja o intérprete deste seu pensamento – no quarto Livro *De Magnitude Romana*, capítulo último, aludindo a este império universal, com que lida em tantas partes dos seus escritos, e indo a dizer que virá tempo e caso em que assim seja, o companheiro – com quem ali fala em diálogo – lhe foi à mão dizendo: *Per ignem sermones tui erunt, et vide ne amburare*: Repara, Lípsio, que estas tuas palavras se metem pelo fogo: olha não te queimes. – Donde se segue manifestamente que o fogo e perigo em que se metia, era esperar e prometer outro império dentro em Espanha, porque, sendo ele vassalo seu, como flamengo natural dos estados católicos de Flandres, ficaria



suspeitoso, e indiciado de menos devoto e afeto às felicidades e grandeza daquela monarquia, o que de nenhum modo se podia temer, se ele lhe prognosticasse os acrescentamentos do império universal: antes seria o maior obséquio e lisonja que podia fazer aos mesmos reis. Em suma, que em todos estes lugares fala Lípsio do futuro império universal, que se há de levantar como um novo sol na gente mais ocidental do Oceano – que são os portugueses – e que a esta gente se há de passar o cetro, e sujeitar toda a potência do Turco. Torno a repetir, como tão notáveis, as mesmas palavras: *Adeste etiam pelliti vos Scythae – ob Turcas dico, qui ex illis – et potenti manu paulisper habenas temperate Asiae, atque Europae. Sed isti ipsi mox discedite, et sceptrum relinquite illi ad Oceanum genti. Fallor enim? An solem nescio, quem novi imperü surgentem video ab Occidente?*

E se alguém com razão perguntar de que princípios se pode inferir politicamente que este império universal, e último, se haja de levantar nos últimos fins ou raias do Ocidente, respondo que da experiência havida pelas histórias, que são aquele espelho inculcado por Salomão, em que, olhando para o passado, se anteveem os futuros. E, posto que estes dependam dos decretos divinos, pelos efeitos que os olhos veem dos mesmos decretos, não só conhece o discurso humano quais eles fossem, mas infere, quase com certeza, quais hajam de ser. Assim o notou em outro lugar o mesmo Lípsio, advertindo – e pedindo se considere – que o poder e o domínio do mundo sempre vieram caminhando ou descendo do Oriente para o Ocidente: *Nescio quo providentiae decreto res et vigor ab Oriente – considera, si voles – ad Occasum eunt.* – O primeiro império do mundo, que foi o dos assírios, e dominou toda a Ásia, também foi o mais oriental. Dali passou aos persas, mais ocidentais que os assírios; dali aos gregos, mais ocidentais que os persas; e como já tem passado pelos romanos, e vai levando seu curso para o Ocidente, havendo de ser, como é de fé, o último império, aonde pode ir parar, senão na gente mais ocidental de todas?

Mas porque o mesmo autor desta advertência confessa ignorar a razão dela, e a da Providência divina em um tal decreto: *Nescio quo providentiae decreto* –, não será temeridade nem consideração supérflua dizer eu a razão que se me oferece: e é que Deus, enquanto governador do mundo, não conforma consigo mesmo enquanto criador dele. A sabedoria com que Deus governa o universo é a mesma com que o criou. Que muito logo que no modo do governo e da criação se pareça a mesma sabedoria e o mesmo Deus consigo? Deus criou o mundo em sete dias, e vemos que no governo do mesmo mundo, nas idades, nas vidas, nas doenças, nos dias críticos, e nos anos climatéricos, observa sempre os períodos do mesmo seteno. Pois, assim como Deus no governo da natureza observa a proporção dos tempos, assim é de crer que no governo dos impérios observe a proporção dos movimentos. O sol, os céus, as estrelas, os mares, todos se movem perpetuamente do Oriente para o Ocidente; e porque a roda que os ignorantes chamam da fortuna, é própria e verdadeiramente a da Providência divina, correndo sempre os movimentos naturais do universo desde o Oriente ao Ocaso, pede a proporção e harmonia do mesmo universo, que também corram do Oriente para o Ocaso os movimentos políticos. Assim que não é totalmente violenta a força que muda e desfaz os impérios antigos, e cria e levanta os novos; mas nessa mesma violência ou força tem muito de natural, pois segue os movimentos e peso de toda a natureza. No Oriente nasceu o primeiro império; no Ocidente há de parar o último. O que eu logo pudera confirmar a Portugal com um famoso texto da Escritura; mas, porque faço conta de acabar com ele, basta que fique aqui citado.

E certamente que não haverá juízo político alheio de paixão, que, medindo geometricamente o mundo, e suas partes, na suposição em que vamos, de que Deus haja de levantar nele império universal, não reconheça neste cabo ou rosto do Ocidente, assim



lavado do Oceano, o sítio mais proporcionado e capaz que o supremo Arquiteto tenha destinado para a fábrica de tão alto edifício. Como o sangue, nos corpos viventes e sensitivos, é o humor e instrumento principal, sem o qual se não puderam sustentar nem viver, assim neste vastíssimo corpo do universo, em que a terra e os penhascos são a carne e os ossos; o mar, os portos, e os rios são o sangue e as veias, por onde nas mais remotas distâncias, se pode unir o coração com os membros, e por meio dele lhes comunicar a vida, e reparar as forças, com aquela distribuição igual e contínua, sem a qual se não pode conservar, e muito menos ser um. As naus grandes e poderosas são as pontes do Oceano; as embarcações menores, as dos rios caudalosos e navegáveis; com estas se unem as províncias, com aquelas o mundo se não divide em partes, e até as mesmas ilhas se fazem continente. E que outro lugar há no universo, tão acomodado a receber ele, como de uma só fonte, todos estes benefícios vitais, mais breve e facilmente que Portugal, situado quase na boca do Mediterrâneo, não longe das gargantas do Báltico, e para o Atlântico e Etiópico, para o Eritreu e o Índico o mais vizinho? Ali se deságua o Tejo, esperando entre dois promontórios, como com os braços abertos, não os tributos, de que o suave jugo daquele império libertará todas as gentes, mas a voluntária obediência de todas que ali se conhecerão juntas, até as da terra hoje incógnita, que então perderá a injúria deste nome.

Lava o celebradíssimo Tejo, ou doura com as suas correntes as ribeiras, e faz espelho aos montes e torres de Lisboa aquela antiquíssima cidade, que na prerrogativa dos anos excede a todas as que os contam por séculos. Em seu nascimento foi fundada por Elias, filho de Javão, e irmão de Tubal, ambos netos de Noé, donde começou a ser conhecida pelo nome de Elísia; e depois, tão amplificada por Ulisses, que não duvidou a grega ambição de lhe dar, como obra própria, o nome de Ulíssipo. Tanto pelo fundador, como pelo amplificador, lhe compete a Lisboa a precedência de

todas as metrópoles dos impérios do mundo, porque, enquanto Elísia, é duzentos e vinte e dois anos mais antiga que Nínive, cabeça do primeiro império, que foi o dos assírios, e enquanto Ulíssipo, quatrocentos e vinte e cinco anos mais antiga que Roma, cabeça também do último, enquanto o dominaram os romanos. Ambas, caminhando ao Ocidente, trouxeram das ruínas de Troia as pedras fundamentais de sua grandeza; mas romana descendência de Eneias, ou vencido, ou fugitivo, e Ulíssipo, na pessoa do mesmo Ulisses, não só vencedor de Troia, mas o que a sujeitou a poder ser vencida com o despojo da imagem de Palas, a cujo agradecimento edificou na mesma Lisboa o suntuoso templo, que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne convento de Chelas.

O céu, a terra, o mar, todos concorrem naquele admirável sítio, tanto para a grandeza universal do império, como para a conveniência também universal dos súditos, posto que tão diversos. O céu na benignidade dos ares os mais puros e saudáveis, porque nenhum homem, de qualquer nação ou cor que seja, estranhará a diferença do clima: para os do polo mais frio com calor temperado, e para os da zona mais ardente com moderada frescura. A terra, na fertilidade dos frutos e na amenidade dos montes e vales, em todas as estações do ano sempre floridos; por onde, desde o nome de Elísia, se chamaram Elísios os seus campos, dando ocasião às fabulosas bem-aventuranças e paraíso dos heróis famosos. O mar, finalmente, na monstruosa fecundidade de suas águas, porque naquela campina imensa, que nem seca o sol, nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se criam sem pastor os marítimos, em inumerável multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em cotidianas frotas quase vivos, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes: sendo também nesta singular abundância Lisboa, não só a mais provida, senão a mais deliciosa do mundo.

§ XI

O testemunho dos santos. As predições de Frei Bartolomeu Salutivo, religioso da Ordem Seráfica, venerado em Roma e toda a Itália por suas grandes virtudes e zelo apostólico. Os dois vaticínios de Santo Egídio, da sagrada Ordem dos Pregadores.

Subamos agora a outra atalaia mais alta, da qual com lume mais claro descobre Deus os futuros a quem é servido, e mais ordinariamente aos que melhor o servem. Deste número foi insigne em uma e outra graça Frei Bartolomeu Salutivo, ou de Salúcio, religioso da Ordem Seráfica, tão venerado em Roma, e toda a Itália por suas grandes virtudes e zelo apostólico, como pelas luzes do céu, que resplandecem em um pequeno volume e grande livro de suas predições, reputadas comumente por profecias. O seu principal assunto são os castigos da cristandade pelas armas e tiranias do turco, como açoite de Deus; e no meio de grandes e lastimosas lamentações, que fazem horror, arrebatado do mesmo espírito, passa subitamente ao remédio que viu vir de longe, como repentino e não esperado, e rompe nestas palavras:

*Má, si volete odire una cansona,
Verrá de Lisbonna
Chiara, e illustre personna,
Adorna di ogni opera buona:
La cui fama risona
In tutta parte elido
Nel mondo dá gran grido.*

Quer dizer que, para remédio daqueles males e opressões do turco, irá de Lisboa uma clara e ilustre pessoa, adornada de todas as boas obras, cuja fama soará por todas as partes do mar e da

terra, e dará grande brado no mundo, que é o próprio termo, ou frase, com que falam os nossos vaticínios.

Cantou estas predições Salutivo na Igreja de Ara Caeli, de Roma, diante do Santíssimo Sacramento, no ano de 1606, e se tem provado com os efeitos, dos quais referirei somente dois, por tocarem a Portugal: o primeiro é:

*Divisa sará Ia Hespagna,
Che adesso é tanto magna.*

Nestas palavras prognosticou o que naquele tempo, que era o de Filipe III, de nenhum modo se podia imaginar, e querem dizer que a Espanha, que então era tão grande, seria dividida, como verdadeiramente se cumpriu no ano de 40, dividindo-se dela Portugal, e perdendo aquela monarquia em umas e outras Índias a metade da sua grandeza, e dentro da mesma Espanha uma parte tão considerável como estes reinos. O segundo efeito das mesmas predições, posto que em menor matéria, também tocante a Portugal, não é, nem foi em Roma menos admirável, porque diz assim:

*Para, para, amassa, amassa,
O tu che porta in capo una gran piassa,
Contro di té se grida amassa, amassa,
Dime, Bernardo santo,
S'é vero questo che io canto.*

Que em nosso vulgar vem a ser:

*Para, para, mata, mata,
O tu que trazes na cabeça uma grande praça,
Contra ti se grita, mata, mata,*



*Dize-me, Bernardo santo,
Se é verdade isto que eu canto.*

Foi o caso que, sendo mandado a Roma D. Miguel de Portugal, bispo de Lamego, para dar obediência ao Papa Urbano VIII em nome de El-Rei D. João, o Quarto, no princípio do seu reinado, o Marquês de los Veles, então embaixador de Castela na Cúria, afrontando-se de que nela passeasse um português com nome de embaixador de Portugal, quis impedir e desfazer com mão armada este que tinha por agravo. Para isso, encontrando-se de propósito com a carroça do bispo, saiu das ruas muita gente, dizendo, mata, mata, e disparando muitas armas de fogo, em que houve de uma e outra parte mortos e feridos; mas o bispo, que se portou com grande valor e segurança, não teve perigo. As circunstâncias notáveis que teve esta predição, foram três: a primeira, antever que aquele português, contra quem disseram mata, mata, era eclesiástico e bispo, distinguindo-o pela grande praça que trazia na cabeça, isto é, pela grande coroa, porque as dos outros clérigos em Roma são do tamanho de um tostão. A segunda que, falando em italiano, e havendo de dizer *ferma, ferma*, disse, para, para, em língua castelhana, quais eram os agressores desta assaltada. A terceira, que não só assinalou o dia deste caso, senão também o caminho que o bispo fazia, e o fim dele, porque era dia de São Bernardo, cuja igreja ia visitar: e por isso tomou a este santo por testemunha da sua verdade. Donde se colhe com evidência, que só por lume sobrenatural podia antever todo este sucesso, e suas circunstâncias, quem as disse tantos anos antes, quando o rei que mandou, ou havia de mandar o embaixador, ainda não tinha dois. Nem é matéria digna de menor consideração e consolação de Portugal, conhecer a singular providência com que Deus o assiste e favorece, ainda em coisas tão miúdas e particulares, e as revela a seus servos, aos quais também consola

com as notícias antecedentes do que tem determinado obrar pelos portugueses e seus príncipes, em socorro e remédio eficaz das calamidades que padece sua Igreja, sendo a luz destes futuros, o manifesto e certo motivo por que o mesmo Salutivo, com tantas demonstrações de júbilo e alegria, diz que de Lisboa há de ir contra o turco aquela notável pessoa, que no mundo por mar e terra dará grande brado.

A esta predição tão ilustre ajuntarei agora outras duas, tanto mais antigas no tempo, como menos distantes no lugar, pois ambas quis Deus que desde a mesma antiguidade ficassem depositadas, não só por memória e tradição, mas por escritura de seus próprios autores nos arquivos de Portugal. A primeira é de Santo Egídio, vulgarmente São Frei Gil, da sagrada Ordem dos Pregadores, conservada no real convento de Santa Cruz de Coimbra, na qual distintos os vaticínios por números, desde o número 11 até o 17, dizem desta maneira:

11 *Lusitania sanguine orbata regio, diu ingemiscet, et multipliciter patietur, sed propitius tibi Deus, salus a longinquo veniet, et insperate ab insperato redimeris.*

12 *Africa debellabitur.*

13 *Imperium Othomanum ruet.*

14 *Ecclesia martyribus coronabitur.*

15 *Byzantium subvertetur.*

16 *Domus Dei recuperabitur.*

17 *Omnia mutabuntur.*

cujo sentido, mais fácil do que costumam as Escrituras deste gênero, é o que se segue:

Portugal, órfão do sangue real, gemerá por muito tempo, e padecerá por muitos modos. Mas Deus – falo com o mesmo reino – te será propício: virá a salvação de longe, e serás remido não esperadamente por um não esperado.



A primeira parte deste vaticínio se cumpriu na sujeição de Portugal a Castela, em que gemeu por espaço de sessenta anos, e padeceu por tantos modos, que não pôde mais sofrer. No fim dos ditos sessenta anos, que se cumpriram no de mil e seiscentos e quarenta, se cumpriu também a segunda parte do mesmo vaticínio, sendo Deus tão propício a Portugal, que se viu restituído à sua coroa e liberdade em uma hora, tão pacífica e concordemente, como se D. João, o Quarto, sucedera a D. João, o Terceiro; e nota o texto, com admirável advertência, que seria o reino remido não esperadamente por um não esperado, porque o esperado era El-Rei D. Sebastião, e não o Duque de Bragança, o qual, e o mesmo reino, estava tão longe deste pensamento, como se Vila Viçosa estivesse no cabo do mundo: e isto quer dizer com energia portuguesa: *Salus a longinquo veniet.*

Sobre este fundamento tão fidedigno por todas suas circunstâncias e cumprimento delas, prossegue o santo português as felicidades da sua pátria, e as consequências da coroa remida e restaurada, prometendo-lhe as vitórias da África debelada, do Império Otomano caído, de Bizâncio – que é Constantinopla – destruída, da Casa Santa recuperada, e da Igreja, coroada, não só de triunfos, mas de martírios, que não podem faltar naquela conquista; enfim, a mudança de tudo: *Omnia mutabuntur.*

A outra predição, também doméstica de Portugal, posto que de estranha origem – se assim se pode dizer – de pai e de mãe, foi achada no antigo e sempre religioso convento de Alenquer, e escrita – como é tradição – por seu fundador, o Santo Frei Zacarias, discípulo do patriarca São Francisco, o qual, de Guimarães, onde então estava, o mandou edificar aquele convento: referindo-se, pois, a dois oráculos mais antigos, os declara por estas palavras:

Isidorus, et Cassandra, filia Priami, regis Troianorum, concordati in unum dixerunt: In ultimis diebus in Hispania maiori regnabit rex bis pie datus: et regnabit per faeminam, cujus nomen inchoabitur per Y

graecum, et terminabitur per L; et dictus rex ex partibus orientalibus veniet, et regnabit in juventute; ipse expurgabit spurcitas Hispaniarum, et quod ignis non devorabit, gladius vastabit: regnabit super domum Agar; et obtinebit Jerusalem, et super sanctum sepulchrum signum Crucifixi ponet, et erit monarcha maximus. – Até aqui a tradução latina tirada do grego. A portuguesa, tirada do latim, diz ao pé da letra: Isidoro, e Cassandra, filha de Príamo, rei dos troianos, unidos no mesmo sentido, disseram: Nos últimos dias, na Espanha maior, reinará um rei duas vezes piamente dado, e reinará por uma mulher cujo nome começará em I, e acabará em L, e o dito rei virá das partes orientais. Reinará na sua mocidade, e alimpará a Espanha dos vícios imundos, e o que não queimar o fogo, devastará a espada. Reinará sobre a casa de Agar, conquistará Jerusalém, fixará a imagem do crucificado sobre o Santo Sepulcro, e será o maior de todos os monarcas.

São tantos e tão particulares, ou individuais os mistérios destas palavras que só comentadas se podem bem entender, e assim o farei cláusula por cláusula.

Isidoro e Cassandra. – Isidoro foi Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, cujas profecias são famosas em Espanha, e o principal sujeito delas, o rei que chama encoberto, e diz que há de dominar o mundo. Cassandra, filha de Príamo, também foi igualmente famosa na certeza de seus vaticínios, como na fatalidade de não serem cridos, sinal, neste caso e união de Cassandra com Isidoro, que as coisas que ambos prometem, ou são incríveis, ou quase, posto que sejam certas. Diz que se uniram e concordaram no que ambos aqui afirmam, o que de nenhum modo deve fazer dúvida, por Isidoro ser cristão e santo, e Cassandra gentia, porque também as sibilas – entre as quais alguns contam a mesma Cassandra – eram gentias, e muitas muito mais antigas que os profetas – como também Cassandra, em comparação de Isidoro, – e os seus oráculos são tão concordes com os dos mesmos profetas, como se pode



ver em Santo Agostinho, Lactânio Firmiano, e outros doutores católicos.

Disseram que nos últimos dias. – Últimos dias não quer dizer o fim do mundo, senão depois de muitos anos. É o termo de que usam as Escrituras, falando da vinda e mistérios de Cristo, que há mais de mil e seiscentos anos que veio, e, porque ainda faltavam muitos para vir, diziam que viria *in novissimis diebus*.

Na Espanha maior – Espanha, divide-se em três Espanhas: Terraconense, Ispalense e Lusitana, e esta antigamente era maior e mais estendida que hoje, como consta de todos os cosmógrafos e historiadores.

Reinará um rei duas vezes piamente dado. – Do que acima deixamos dito, aparece facilmente quem será este rei dado duas vezes, porque já Deus no-lo deu uma vez, no príncipe que levou para o céu a tomar a posse do império, e no-lo dará outra vez, como esperamos, no que está reservado para o domínio; e uma e outra vez piamente dado, porque dado por orações.

E reinará por uma mulher, cujo nome começará em I e acabará em L. – Claramente é o nome de Isabel, e não em outra língua, senão na portuguesa, qual é o da rainha, nossa senhora. E se me perguntam a razão por que se nomeia a mãe, e não o pai, é porque foi e será duas vezes piamente dado, ambas pela piedade, devoção e oração da mãe. Podendo-se dizer propriissimamente de Sua Majestade, o que São João Crisóstomo disse de Ana, tema e figura de toda a nossa história e esperança: *Nequaquam aberrabit qui hanc mulierem pueri simul et matrem et patrem appellarit: quanquam enim et vir addiderit semen, hujus tamen deprecatio vim, efficaciamque praebuit, effectique ut Samuel auspiciis exordiis nascerentur*: De nenhum modo errará – diz o mais eloquente doutor da Igreja – quem chamar a esta matrona mãe e pai juntamente deste menino, porque, ainda que o pai concorreu para a geração do filho, a virtude e eficácia da oração da mãe foi a que lho deu.



O dito rei virá das partes orientais. – Quem tal pudera entender antes de o mostrar o efeito? Porque se, dado a primeira vez, veio de Goa na relíquia e barrete de São Francisco Xavier, como já referimos, também dado a segunda vez virá da mesma parte oriental por intercessão do mesmo santo, de cujo poder e favor tão experimentado o esperam as orações e novenas de Sua Majestade. Nos dias em que tiveram princípio os nove meses do primeiro parto, foi levada de São Roque ao paço a imagem de São Francisco Xavier, com a qual falando a rainha, nossa senhora, lhe disse com palavras muito portuguesas: – Meu Santo, dai-me um filho se Deus quiser. – Quis Deus, e não só quis que fosse dádiva sua, senão do mesmo santo. Torne ao teatro a nossa figura. Referindo o texto sagrado como Deus deu a Ana o filho que lhe pedira, diz: *Visitavit Dominus Annam, et concepit* (1 Rs. 2, 21): que visitou Deus a Ana, e concebeu. – E não é isto o mesmo que fez a imagem de Xavier, indo visitar a Sua Majestade ao paço? Oh! maravilha, e favor mais que singular! De sorte que concebeu Ana, porque visitou Deus a Ana; e concebeu a rainha de Portugal, porque a imagem de Xavier visitou a mesma rainha.

Reinará na sua mocidade. – Bom desengano, e bem necessária advertência para a imaginação vulgar dos que esperam o mesmo rei prometido, não só velho, mas depois da idade mais que decrépita.

Ele alimpará as Espanhas dos vícios imundos, usando de ferro e fogo. – No que se demonstra a justiça verdadeiramente real, e sorte deste grande príncipe, sem os respeitos e dissimulações que tanto a enfraquecem, e que na expurgação dos vícios seguirá o aforismo de Hipócrates: *Quod medicamentum non curat, ferrum curat: quod ferrum non curat, ignis curat: quod ignis non curat, immedicabile cense-tur.*³⁰³ – E note-se que, dizendo acima Espanha, agora diz Espanhas:

303 O que o remédio não cura, o ferro cura; o que o ferro não cura, o fogo cura; o que o fogo não cura é tido como incurável.

diferença que, posto se não deva desejar como provável, se infere não ser impossível.

Finalmente, que reinará sobre a casa de Agar – que são os agarenos e turcos – que conquistará Jerusalém, e porá a imagem do crucificado sobre o Santo Sepulcro, e que será o maior monarca do mundo. O que tudo vem a ser uma breve e expressa confirmação de quanto tem procurado provar o discurso desta apologia.

§ XII

As tradições e instintos dos mesmos maometanos. O que diz o prognóstico de Acã Burulei.

Prometeu ela por último complemento – posto que não necessário – que, depois dos oráculos dos santos, ouviríamos também as tradições ou instintos dos mesmos maometanos, como são prognóstico da vitória os medos dos inimigos. Assim foi, porque, quando eles deviam estar mais soberbos com a maior vitória de Portugal, nos consta que não duvidavam confessar aos mesmos portugueses vencidos esta volta fatal e futura, com que as nossas armas, não só haviam de sujeitar aquela pequena parte da África, mas todo o poder maometano. Francisco de Meneses, e Jorge de Albuquerque, que ficaram cativos em Berbéria na perda de El-Rei D. Sebastião, contavam que um alcaide mouro, em cujo poder estiveram, lhes dissera por muitas vezes, que nos seus mosefos, ou livros de tradições, estava escrito que em Portugal havia de nascer uma cobra, a qual seria muito arrogante, e queria tragar todo o mundo; e que depois de muito adelgada por vários acontecimentos, tomaria a engrossar como a nuvem que toma água, e conquistaria a África, e seria senhora da maior parte do mundo.

Quatro coisas contém esta predição, ou uma e a mesma com quatro circunstâncias. A cobra ou serpente, o adelgaçar-se, o tornar a engrossar, e o dominar os turcos. Neste último estado se



vê pintada a serpente nas tabelas ou painéis célebres de Geórgio Jordão Veneto, tabela sexta, onde ele declara toda a pintura por estas palavras: *Imperatorum Turcicorum capitibus imminet serpens sese in gyrum revolvens: supra hos vero novi imperatores christiani conspiciuntur, qui, extincta Turcarum Monarchia Constantinopoli, denuo rerum potentur*— Isto é, que sobre as cabeças dos imperadores turcos está eminente e superior a serpente, enroscando-se, e dando muitas voltas; e que do mesmo modo se veem pintados sobre eles os novos imperadores cristãos, os quais, extinta a monarquia maometana, tornarão de novo a dominar em Constantinopla. E acrescenta o mesmo autor, que no sepulcro do mesmo Constantino, que fez imperial a cidade de Constantinopla, e lhe deu o seu nome, se achou o referido em uma lâmina de prata. Onde o que mais se deve admirar é que assim estivesse já escrito ou esculpido perto de trezentos anos antes de sair ao mundo Mafoma.

Vindo pois à cobra ou serpente, primeiro adelgada, e depois engrossada, e ultimamente dominadora dos turcos: a serpente, como se vê nas suas armas, é Portugal; o adelgaçar-se, foi quando na décima sexta geração dos reis portugueses se atenuou a prole; o tornar a engrossar foi na restituição dos mesmos reis naturais à sua coroa, que começou em El-Rei D. João o Quarto. E esta mesma serpente, que os turcos e mouros dizem foi tão arrogante que quis dominar o mundo, têm eles por tradição e coisa certa, que depois de engrossada os há de conquistar, não só senhoreando toda a África, mas a maior parte do mesmo mundo. E daqui nasceu que no fim do ano de 1640, e princípios do seguinte, quando se soube em Berbéria a aclamação do novo rei português, se renovou de tal sorte entre aquela gente a memória e apreensão destes seus fados, que já as mães começavam a chorar os filhos, e os velhos, os netos, de que tirou testemunhos autênticos Rui de Moura Teles, e os apresentou a Sua Majestade, quando veio do governo de Masagão.



Donde manassem estas tradições entre homens sem verdadeira fé daquela eterna Sabedoria, que só tem presentes, e pode manifestar os futuros, nem eles o sabem com certeza. Mas o mesmo Deus, que dá instinto à garça para conhecer o falcão que a há de tomar, também o terá dado a estes bárbaros. Quando não digamos que fosse revelação feita a algum dos grandes santos cativos, ou livres, que entre eles viveram e padeceram. Podendo também ser que a divina Providência concorresse para este juízo por meio da observação de seus astrólogos, que, na Arábia principalmente, foram insignes nesta arte. Entre estes se acha o prognóstico de um chamado Acã Burulei, que ele deixou escrito no ano de 1200 em língua arábica, no qual, depois de se professar grande zelador da lei do seu falso profeta, lhe prognostica o fim, dizendo expressamente que será arruinada e destruída por um rei nascido *en los ultimos fines del poniente*, que é o mesmo que se dissera em Portugal. *Este rey – diz – será el castigo del pueblo de Mahoma, y açote del pueblo de Ismael, el qual con el favor de su religión empezará a perseguir los moros, echandolos de sus tierras, y haziendo grandes armadas contra ellos, y será el estrago que en ellos hará tan grande, que se tendrá por bienaventurada Ia esteril, viendo perecer los hijos de otras con diferentes muertes. La espada cortadora de la Morisma estará embotada de suerte, que no cortará en aquel tiempo. El cetro deste rey será la vara de Jupiter y la espada de Marte: Jerusalém saldrá de la casa y poder de Ismael, y entrará en ella el Monte Calvario, y los estandartes de Poniente.*

Isto diz, e outras muitas coisas do mesmo gênero, o prognóstico daquele mouro, em que concorda com a opinião e temor de todos. E eu, com esta última demonstração, creio que tenho descoberto bastantes fundamentos, tanto à curiosidade dos que o quisessem saber, como à incredulidade dos que o duvidassem, confirmando, como prometi, e fazendo certa, ou quando menos provável, a contingência da minha conclusão, com a fé dos históricos, com o juízo dos matemáticos, com o discurso dos políticos,

com as profecias dos santos, e até com as tradições dos mesmos maometanos, concordes todos em que a exaltação da monarquia universal do mundo, e extinção da potência do turco, a tem reservado a verdadeira fortuna, que é a Providência divina, para as vitórias e triunfos de Portugal, e para o estabelecimento nele do império de Cristo: *In te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.*

§ XIII

O oráculo de Isaías e o pequeno número dos portugueses.

E para que fechemos esta apologia com aquela mesma chave, debaixo da qual tem Deus encerrado os segredos de suas maravilhas, e escritos os nomes fatais dos heroicos instrumentos que destinou para elas, ouçamos o famoso texto que reservei para este lugar, tão temeroso nos horrores com que começa, como alegre e glorioso nas felicidades com que acaba. Nos vaticínios de Portugal se referem muitos ditos dos profetas canônicos, e entre todos se nota particularmente, e se aponta um só capítulo, que é o vinte e quatro de Isaías. Este capítulo mandava recitar a Igreja na Escritura corrente em dez de dezembro de 1688, dia da oitava de São Francisco Xavier, para mim com notável encontro, porque atualmente o estava lendo quando chegou e se ouviu na Bahia a alegre nova de que tinha nascido a Suas Majestades o filho primogênito. E que diz o oráculo de Isaías naquele capítulo? Na primeira, na segunda, e em parte da terceira lição, com temerosíssima eloquência, descreve e amplifica as horrendas calamidades e gêneros de mortes com que Deus quase despovoará o mundo, em castigo e expiação de suas maldades, que encarece com o nome de doidices. Particularmente, diz que padecerá estes grandes detrimentos a cidade da vaidade: *Attrita est civitas vanitatis*³⁰⁴ – para que

304 A cidade da vaidade está demolida (Is. 24, 10).



vejam as maiores e mais soberbas cidades do mundo, a qual delas compete ou pode competir mais propriamente a antonomásia deste sobrenome, tão alheio de toda a razão e juízo. Em suma, afirma o profeta que serão poucos os homens que ficarão vivos: *Ideo insanient cultores ejus, et relinquentur homines pauci*³⁰⁵ – e que estes serão tão poucos como, depois de varejado o olival, e vindimada a vinha, são poucas as relíquias que escapam de uma e outra colheita: *Quomodo si paucae olivae, quae remanserunt, excutiantur ex olea, et racemi, cum fuerit finita vindemia.*³⁰⁶

Oh! Deus! Oh! sabedoria, e onipotência do Altíssimo, que diferentes são os juízos humanos, dos segredos e decretos divinos! Opunha-se contra o assunto desta apologia serem poucos os portugueses, e agora diz o profeta que ainda hão de ser menos aqueles para quem Deus tem reservado a mesma empresa. Note-se muito muito a consequência do texto, porque, depois de dizer que os homens que ficarem serão poucos: *Relinquentur homines pauci* – e, depois de declarar este pouco número com a comparação e encarecimento do olival varejado, e da vinha vindimada depois da colheita: *Quomodo si paucae olivae, quae remanserunt, excutiantur ex olea, et racemi, cum fuerit finita vindemia* – imediatamente prossegue dizendo: *Hi levabunt votem suam, atque laudabunt: cum glorificatus fuerit Dominus, hinnient de mari. Propter hoc in doctrinis glorificate Dominum; in insulis maris nomem Dei Israel. A finibus terrae laudes audivimus, gloriam justii.*³⁰⁷ – Tudo isto, sendo tanto, diz o profeta que farão aqueles ou estes poucos: *Hi*.

305 Por isso enfatuar-se-ão os seus cultores, e serão deixados poucos homens (ibid. 6).

306 Como se algumas poucas de azeitonas, que ficaram, se sacudiram da oliveira, e algum par de cachos do rabisco, depois de acabada a vindima (ibid. 13).

307 Estes levantarão a sua voz, e cantarão louvores; darão rinchos desde o mar, quando o Senhor for glorificado. Por esta causa, com as verdadeiras máximas de doutrina, glorificai ao Senhor; nas ilhas do mar, ao nome do Deus de Israel. Desde as extremidades da terra nós ouvimos os louvores (ibid. 14 ss).



Hi: estes poucos são os que em louvor e honra de Deus levantarão a voz: *Hi levabunt vocem suam, arque laudabunt* – porque eles serão os soldados do príncipe que irá de Lisboa, dando grande brado em todas as partes do mundo. *Hi* – estes poucos são os que, quando Deus for glorificado, rincharão do mar: *Cum glorificatus fuerit Dominus, hinnient de mari* – porque, como diz Santo Isidoro, o futuro imperador universal irá à sua conquista em cavalos de madeira, entendendo por cavalos de madeira as naus da sua armada: *Classique immitit habenas* – os rinchos dos quais cavalos serão o estrondo da artilharia com que atroarão os mares e costas de Levante. *Hi* – estes poucos, serão os que glorificarão a Deus, e seu nome nas ilhas do mar, não só com as armas, senão com a doutrina: *Propter hoc in doctrinis glorificate Dominum, in insulis maris nomen Dei Israel* – porque as ilhas do mar são as muitas do arquipélago, de que está rodeada e como murada a barra de Constantinopla, para onde levará sua derrota a armada cristã, e a principal vitória que ali alcançará será a da fé e doutrina, com que converterá a Cristo os mesmos turcos. Assim se vê pintada entre as tabelas acima referidas, na tabela oitava, onde diz a declaração que, vencido o imperador turco pelo imperador católico: *Divina clementia spiritus sui lute animum ejus ilustrante, christianam religionem cum omnibus suis amplectetur* – E, finalmente, *hi* – estes poucos, serão manifestamente os portugueses, porque os instrumentos deste louvor e glória do Justo, que é Cristo – não só justo na severidade dos castigos, senão na benignidade das misericórdias – estes, conclui o profeta, irão, e se ouvirão desde os últimos fins da terra, que é Portugal: *A finibus terrae laudes audivimus, gloriam Justi*.

§ XIV

Razões e intentos do presente discurso, e do excesso e singularidade das esperanças do pregador:



Isto diz o famoso texto de Isaías, e este será o felicíssimo fim das nossas esperanças, para que Deus nos habilitará com os antecedentes castigos, nos quais perecerão os muitos que o mesmo profeta chama doidos: *Insanient cultores ejus* – e ficarão só os poucos que tiverem juízo, e obrarem com juízo como homens: *Relinquentur homines pauci*.

Se este papel houvera de passar às mãos dos mesmos portugueses, dissera-lhes eu que, postos entre o perigo e a esperança, em que atualmente nos põe esta profecia, visse e considerasse bem cada um se lhe estará melhor emendar as loucuras, e viver com os poucos, ou continuar nelas, e perecer com os muitos. Mas o intento desta Escritura secreta, foi só apresentar nela à rainha, que Deus guarde, nossa senhora, posto que rudemente ideada, a grandeza universal da monarquia, e a sublimidade do novo trono imperial, destinado para o segundo e felicíssimo príncipe, sucessor do primeiro, que há de dar a Portugal Sua Majestade.

A razão deste mesmo segredo me escusa de dar satisfação aos outros reinos e nações católicas – as quais eu venero quanto devo – do excesso ou singularidade desta minha esperança. Cada um sabe mais de sua casa que das alheias. Escrevi da minha pátria como português sem lisonja, e ouvirei sem inveja quanto os outros escreverem da sua. Digo, contudo, que quando o presente discurso houvesse de passar dos olhos da rainha, nossa senhora, a outra mão menos portuguesa, debaixo das palavras divinas tantas vezes repetidas: *dolo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire* – leva este papel consigo um salvo-conduto tão seguro, que ninguém lho poderá contrariar. Porque, como disse com alta sentença Plínio, falando do imperador Trajano – posto que mal aplicada a ele –, nenhum juízo pode haver tão alheio da razão, que não admita, reconheça e confesse diferença entre um imperador feito por Deus, e os que fazem os homens: *An fias erat nihil differre inter imperatorem quem homines, et quem dii, fecissent?*

REFERÊNCIAS DAS EDIÇÕES PARA A COLETÂNEA DE TEXTOS DE VIEIRA

Sermões

(Anchietana, Estante Primeira. Biblioteca Fac-similar de Autores Clássicos. 1 Sermões do Padre Antônio Vieira).

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume I Reprodução fac-similada da edição de 1679. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1943.

Sermão da Sexagésima, 1655. p. 2-86.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume II. Reprodução fac-similada da edição de 1682. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1944.

Sermão de Santo Antônio, 1654, p. 309-345.

Sermão do Mandato, 1645 (1644), p. 371-401.

Sermão do Enterro dos Ossos dos Enforcados, 1637, p. 402-427.

Sermão da Primeira Dominga do Advento, 1652, p. 428-470.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume III. Reprodução fac-similada da edição de 1683. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1943.

Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda, 1640, p. 467-496.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume IV. Reprodução fac-similada da edição de 1685. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1944.

Sermão de Nossa Senhora do Ó, 1640, p. 45-75.

Sermão das Cadeias de São Pedro em Roma, 1674, p. 106-133.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume VII. Reprodução fac-similada da edição de 1689. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1944.

Sermão da Primeira Dominga do Advento, 1650, p. 1-55.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume XI. Reprodução fac-similada da edição de 1679. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1945.

Sermão das Quarenta Horas, 1642, p. 171-205.

Sermão do Demônio Mudo, 1651, p. 281-221.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume XII. Reprodução fac-similada da edição de 1699. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1943.

Sermão na Degolação de São João Batista, 1653, p. 78-106.

Sermão das Chagas de São Francisco, 1646, p. 229-251.

Sermões do Padre Antônio Vieira. Volume XIII. Reprodução fac-similada da edição de 1690. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1945.

Palavra de Deus Desempenhada, Sermão de Ação de Graças pelo Nascimento do Príncipe D. João, Primogênito de SS. Majestades, que Deus guarde, 1688, p. 65-137.

Palavra do pregador empenhada e defendida: empenhada publicamente no Sermão de ação de graças pelo nascimento do Príncipe D. João, Primogênito de SS. Majestades que Deus guarde; defendida depois de sua morte em um discurso apologético, oferecido secretamente a Rainha N. S. para alívio das saudades do mesmo Príncipe. p. 139-276.





© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Aníbal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V658s

Vieira, Antônio, 1608-1697

Sermões: seleta / Padre Antônio Vieira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.
346 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 21).

ISBN 978-85-635-7434-3

1. Sermões em português. I. Fundação Darcy Ribeiro. II. Título. III. Série.

CDD-869.5

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica

